

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

LUIZ FERNANDO DE CARVALHO

**O ESTATUTO VARIÁVEL DO IMPERATIVO DE 2ª PESSOA DO SINGULAR EM MISSIVAS
MINEIRAS: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DE CUNHO HISTÓRICO (SÉCULOS XIX E XX)**

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

LUIZ FERNANDO DE CARVALHO

**O ESTATUTO VARIÁVEL DO IMPERATIVO DE 2ª PESSOA DO SINGULAR EM MISSIVAS
MINEIRAS: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE CUNHO HISTÓRICO (SÉCULOS XIX E XX)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva. Linha de Pesquisa: 1A - Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Cristina de Brito Rumeu

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2020

C331e

Carvalho, Luiz Fernando de.

O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras [manuscrito] : um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX) / Luiz Fernando de Carvalho. – 2020.

202 f., enc. : il., grafs., tabs., p&b.

Orientadora: Márcia Cristina de Brito Rumeu.

Area de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 196-202.

1. Sociolinguística – Teses. 2. Linguística histórica – Teses. 3. Mudanças linguísticas – Teses. 4. Língua portuguesa – Variação – Teses. 5. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 6. Cartas brasileiras – Teses. I. Rumeu, Márcia Cristina de Brito. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

O ESTATUTO VARIÁVEL DO IMPERATIVO DE 2ª PESSOA DO SINGULAR EM MISSIVAS MINEIRAS: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DE CUNHO HISTÓRICO (SÉCULOS XIX E XX)

LUIZ FERNANDO DE CARVALHO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Márcia Cristina de Brito Rumeu - Orientadora
UFMG

Prof(a). Maria de Sotero Vieira Coelho
UNIMONTES

Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral
UFMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2020.

Profa. Ana Larissa Adomo Marciotto Oliveira
Subcoordª. Programa de Pós- Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Celinha e Cassinho (*in memorian*), pela vida e pelo amor.

À professora Márcia, pela orientação e pela dedicação.

Aos professores da banca, pela disponibilidade e pela atenção.

Aos professores da Faculdade de Letras da UFMG, pelo ensino e pelo aprendizado.

Aos familiares, pelo incentivo e pelo apoio.

Aos amigos, pelo afeto e pela compreensão.

Ao Laércio, pelo mar,

Agradeço.

CARVALHO, Luiz Fernando de. **O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

RESUMO

A pesquisa investiga o estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em cartas mineiras de escritores ilustres do século XIX e XX com o objetivo de verificar a distribuição das construções imperativas em função de fatores linguísticos e extralinguísticos. Essa análise, orientada pelos princípios metodológicos da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014) inspirada nos postulados da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1994, 2001), busca reconstituir o fenômeno variável, abordado em estudos sob o viés da diacronia (FARACO, 1982; PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018), em cotejo com as pesquisas do âmbito da sincronia (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO, 2012). Este trabalho entende que a inserção do *você* no quadro pronominal do português brasileiro (LOPES, 2007; LOPES *et al.*, 2011) repercutiu na expressão das formas imperativas associadas ao indicativo (*deixa/recebe/ abre/dá/diz/vai*) e ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), cuja realização, contrariando o viés normativista, não ocorre necessariamente em distribuição complementar com as opções de sujeito de 2ª pessoa do singular do português brasileiro (*tu* e *você*). Esse cenário possibilitou o surgimento do *imperativo abrasileirado*, uma construção imperativa com forma associada ao indicativo em contexto discursivo de *você* como sujeito, distribuído diatopicamente no Brasil em sentenças como *Vem pra Caixa você também!* Nesse sentido, levando em consideração que a expressão variável do imperativo é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, visa-se compreender a manifestação do fenômeno, em busca de vestígios do *imperativo abrasileirado*, nas missivas oitocentistas e novecentistas (cartas amorosas, amistosas e familiares) assinadas comprovadamente por escritores ilustres legítimos representantes da norma culta mineira. Em linhas gerais, os resultados desta pesquisa evidenciam uma predominância das formas imperativas associadas ao subjuntivo sobre as formas imperativas relacionadas ao indicativo, haja vista a produtividade das cartas de *você* como sujeito que afetou a escrita mineira uma vez que os escreventes, detentores de um alto nível de escolaridade, deixaram-se influenciar pela norma-padrão. De todo modo, ainda que o imperativo associado ao subjuntivo tenha prevalecido, além de o estatuto variável do imperativo mostrar-se sensível aos fatores linguísticos *sujeito das cartas*, *paralelismo formal*, *paralelismo fônico*, *polaridade de estrutura* e ao fator extralinguístico *subgênero da carta pessoal*, foram encontrados rastros do *imperativo abrasileirado* tanto nas cartas de *você* como sujeito quanto nas cartas mistas, de *você* e *tu* na posição de sujeito. Esses resultados voltados ao estudo do imperativo colaboram para a compreensão de fenômenos de variação e mudança que demonstram o caráter heterogêneo das línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: *imperativo gramatical, variação tu/você, carta pessoal, sociolinguística histórica*

CARVALHO, Luiz Fernando de. **O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

ABSTRACT

This research investigates the variable status of the second person singular – Imperative Mood – in letters written by illustrious writers from the state of Minas Gerais, Brazil, from the nineteenth and twentieth century in order to verify the distribution of imperative constructions in terms of linguistic and extralinguistic factors. This analysis, guided by the methodological principles of Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014) inspired by the postulates of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV 1994, 2001), seeks to reconstitute the variable phenomenon, addressed in studies under the bias of diachrony (FARACO, 1982; PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018), in comparison with research in the scope of synchrony (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO, 2012). This paper understands that the insertion of *você* in the pronominal framework of Brazilian Portuguese (LOPES, 2007; LOPES *et al.*, 2011) has reflected on the imperative forms associated with the indicative (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) and the subjunctive (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), whose realization, contrary to the normative bias, does not necessarily occur in complementary distribution with the second-person singular subject pronoun options of Brazilian Portuguese (*tu* and *você*). This scenario enabled the emergence of the *abrasileirado* imperative, an imperative construction with the form associated with the indicator in the discursive context of *você* as the subject, diatopically distributed in Brazil in sentences such as *Vem pra Caixa você também!*. In this sense, considering that the imperative variable expression is motivated by linguistic and extralinguistic factors, it aims to understand the manifestation of the phenomenon, in search of traces of the *abrasileirado* imperative, in the nineteenth and twentieth century letters (loving, friendship and family) signed by proven illustrious writers, legitimated representatives of the standard norm in Minas Gerais. In general, the results of this research show a predominance of imperative forms associated with the subjunctive over imperative forms related to the indicative, given the productivity of the letters using *você* as a subject, which influenced the writing in Minas Gerais, once the writers, holders of a high level education, were influenced by the standard norm. In any case, even though the imperative associated with the subjunctive has prevailed, in addition to the imperative's variable status being sensitive to the linguistic factors *subject of the letters, formal parallelism, phonic parallelism, polarity of structure*, and the extralinguistic factor of the *subgenre personal letter*, traces of the *abrasileirado* imperative have been found in letters with *você* as the subject as well as in mixed letters, with *você* and *tu* in the subject position. These results focused on the study of the imperative contribute to the understanding of the phenomena of variation and change which demonstrate the heterogeneous character of natural languages.

KEYWORDS: *grammatical imperative, tu/você variation, personal letter, historical sociolinguistic*

LISTA DE SIGLAS

1SG	1ª pessoa do singular
1PL	1ª pessoa do plural
2SG	2ª pessoa do singular
2PL	2ª pessoa do plural
3SG	3ª pessoa do singular
3PL	3ª pessoa do plural
AEM	Acervo dos Escritores Mineiros
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
APM	Arquivo Público Mineiro
IHGMG	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
MAB	Museu Abílio Barreto
DMT	desinência modo-temporal
DNP	desinência número-pessoal
R	radical
VT	vogal temática
FNT	forma nominal de tratamento
oco	ocorrência(s)
PB	português brasileiro
SN	sintagma nominal

LISTA DE GRÁFICOS, IMAGENS, QUADROS, TABELAS

GRÁFICO 01	Distribuição do imperativo no território brasileiro em eventos de língua falada, cf. Scherre (2007, p. 194)	p. 047
GRÁFICO 02	Distribuição dos dados de imperativo verdadeiro e supletivo nas cartas cariocas ao longo tempo, cf. Diniz (2018, p. 122)	p. 060
GRÁFICO 03	A disposição das formas de 2SG <i>tu</i> e <i>você</i> ao longo do tempo, cf. Souza (2012, p. 90) e Rumeu (2019, p. 30)	p. 061
GRÁFICO 04	A distribuição das formas imperativas em função do tempo nas cartas mineiras (1860-1999)	p. 162

IMAGEM 01	Trecho da missiva escrita por JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891	p. 017
IMAGEM 02	Trecho da missiva escrita por RCAM. Belo Horizonte, 31.10.1978	p. 017
IMAGEM 03	Trecho da missiva escrita por JP. Caeté, 29.12.1896	p. 118
IMAGEM 04	Trecho da missiva escrita por Af. Belo Horizonte, 22.03.1917	p. 118
IMAGEM 05	Trecho da missiva escrita por RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913	p. 118
IMAGEM 06	Trecho da missiva escrita por RAAP. Lagoa Santa, 21.07.1917	p. 118
IMAGEM 07	Trecho da missiva escrita por JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927	p. 123
IMAGEM 08	Trecho da missiva escrita por CDA. s/ local, 19.08.1957	p. 124
IMAGEM 09	Trecho da missiva escrita por MBCS. São João, 17.09.1903	p. 128
IMAGEM 10	Trecho da missiva escrita por JP. Ouro Preto, 31.03.1888	p. 130
IMAGEM 11	Trecho da missiva escrita por FBN. s/ local, 1911	p. 135
IMAGEM 12	Trecho da missiva escrita por MBCS. São João, 03.12.1903	p. 139
IMAGEM 13	Trecho da missiva escrita por MBCS. São João, 09.07.1903	p. 141
IMAGEM 14	Trecho da missiva escrita por RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913	p. 144

IMAGEM 15	Trecho da missiva escrita por Carta de AAP. Rio de Janeiro, 29.12.1947	p. 150
IMAGEM 16	Trecho da missiva escrita por FAPJ. Caeté, 03.07.1917	p. 150
IMAGEM 17	Trecho da missiva escrita por AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944	p. 152
IMAGEM 18	Trecho da missiva escrita por JP. Rio de Janeiro, 02.12.1890	p. 154
IMAGEM 19	Trecho da missiva escrita por CLB. Lambari, 23.10.1924	p. 157
IMAGEM 20	Trecho da missiva escrita por AM. Rio de Janeiro, 01.10.1945	p. 157
IMAGEM 21	Trecho da missiva escrita por AM. Rio de Janeiro, 13.12.1945	p. 157
IMAGEM 22	Trecho da missiva escrita por CDA. Rio de Janeiro, 09.10.1952	p. 158
IMAGEM 23	Trecho da missiva escrita por ESM. Boa Vista, 03.09.1918	p. 158
IMAGEM 24	Trecho da missiva escrita por JP. Ouro Preto, 09.11.1890	p. 164
IMAGEM 25	Trecho da missiva escrita por JP. Nossa Senhora do Porto, 10.01.1868	p. 176
IMAGEM 26	Trecho da missiva escrita por JP. Ouro Preto, 21.12.1869	p. 176

QUADRO 01	O imperativo no latim, cf. Ravizza (1940, p. 96-97)	p. 022
QUADRO 02	Terminações do imperativo latino e português, cf. Williams (1975 [1938], p. 210-211)	p. 026
QUADRO 03	Estrutura morfológica do imperativo em comparação ao indicativo e ao subjuntivo, cf. Favaro (2016, p. 120)	p. 028
QUADRO 04	O imperativo no português, cf. Bechara (2009 [1961], p. 237)	p. 031
QUADRO 05	Fatores linguísticos e extralinguísticos de favorecimento das variantes da 2SG, cf. Scherre (2007, p. 207)	p. 046
QUADRO 06	Distribuição do imperativo no eixo diatópico em correlação com as formas de 2SG <i>tu</i> e <i>você</i> no PB, cf. Scherre (2012, p. 17)	p. 054
QUADRO 07	Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita, cf. Marcuschi (2001, p. 41)	p. 075

QUADRO 08	Relação das missivas pessoais do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM)	p. 081
QUADRO 09	Relação das missivas pessoais do Arquivo Público Mineiro (APM)	p. 082
QUADRO 10	Relação das missivas pessoais do Museu Abílio Barreto (MAB)	p. 083
QUADRO 11	Relação das missivas pessoais do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG)	p. 085
QUADRO 12	Relação das missivas pessoais do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH)	p. 086
QUADRO 13	As possibilidades de representação do imperativo de 2SG no PB atual, cf. Rumeu e Carvalho (2018, p. 396).	p. 090
QUADRO 14	Grupo de fatores selecionados pelo programa de regra variável (Varb)	p. 182

TABELA 01	O aumento imperativo verdadeiro nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica ao longo do tempo, cf. Scherre (2007, p. 211)	p. 044
TABELA 02	Distribuição geral dos dados de imperativo de 2SG nas cartas mineiras	p. 116
TABELA 03	Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do contexto de sujeito das cartas	p. 120
TABELA 04	Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do paralelismo formal e semântico	p. 125
TABELA 05	Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função da conjugação verbal	p. 131
TABELA 06	Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do paralelismo fônico	p. 133
TABELA 07	Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do tipo, posição e pessoa do pronome	p. 137
TABELA 08	Distribuição das formas imperativas em função do número de sílabas do verbo	p. 142
TABELA 09	Distribuição das formas imperativas em função da polaridade de estrutura	p. 145
TABELA 10	Distribuição das formas imperativas em função dos padrões sintáticos das sentenças	p. 148
TABELA 11	Distribuição das formas imperativas em função dos tipos de verbo	p. 151
TABELA 12	Distribuição dos verbos por tipo nas construções imperativas de 2SG nas cartas mineiras	p. 155

TABELA 13	Distribuição das ocorrências das formas imperativas em função do tempo (1860-1999)	p. 162
TABELA 14	Distribuição das formas imperativas em função do sujeito das cartas no eixo do tempo (1890-1989)	p. 163
TABELA 15	Distribuição das formas imperativas em função do sujeito e do subgênero das cartas	p. 166
TABELA 16	Distribuição das formas imperativas em função do sujeito das cartas e do gênero dos missivistas	p. 169
TABELA 17	Distribuição das formas imperativas em função do sujeito das cartas e da idade dos missivistas	p. 172
TABELA 18	O efeito do sujeito pronominal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo	p. 183
TABELA 19	O efeito do paralelismo formal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo	p. 185
TABELA 20	O efeito do paralelismo fônico sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo	p. 186
TABELA 21	O efeito da polaridade da estrutura sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo	p. 188
TABELA 22	O efeito do subgênero das cartas sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo	p. 189
TABELA 23	O efeito dos fatores estatisticamente relevantes para a aplicação do imperativo de 2SG associado ao indicativo	p. 191

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1. O IMPERATIVO EM FOCO: REVISÃO HISTÓRICO-DESCRIPTIVA DO TEMA.....	21
1.1. O imperativo: uma história do latim ao português	21
1.2. O imperativo: uma abordagem à luz da tradição gramatical	30
1.3. O imperativo: uma abordagem à luz da descrição gramatical.....	33
1.4. O imperativo: uma confluência entre verdades sincrônicas e diacrônicas à luz dos estudos linguísticos.....	36
SÍNTESE DO CAPÍTULO	63
2. O IMPERATIVO EM ESTUDO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	64
2.1. Breve percurso dos estudos linguísticos: do método histórico-comparativo à sociolinguística histórica	64
2.2. Os procedimentos metodológicos em amostras históricas: os desafios do linguista-pesquisador em análises no âmbito da Sociolinguística Histórica	70
2.3. As amostras históricas: a importância do gênero carta pessoal na pesquisa sociolinguística de caráter histórico.....	73
2.4. Descrição das amostras históricas: as missivas mineiras e os seus escreventes.....	78
2.4.1. As cartas pessoais do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM).....	79
2.4.2. As cartas pessoais do Arquivo Público Mineiro (APM)	81
2.4.3. As cartas pessoais do Museu Abílio Barreto (MAB)	82
2.4.4. As cartas pessoais do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG).....	83
2.4.5. As cartas pessoais do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH)	85
2.5. O imperativo de 2SG: critérios de análise	87
2.5.1. O imperativo de 2SG: aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos.....	88
2.5.2. O imperativo de 2SG: a regra de frequência aplicada aos tipos de verbo	92
2.5.3. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis.....	95
2.5.3.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição da variável dependente.....	96
2.5.3.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis independentes.....	96
2.5.3.2.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis independentes linguísticas	98

2.5.3.2.1.1. O sujeito nas construções de imperativo de 2SG	98
2.5.3.2.1.2. O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG.....	99
2.5.3.2.1.3. O tipo de conjugação verbal nas construções de imperativo de 2SG.....	101
2.5.3.2.1.4. O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG	102
2.5.3.2.1.5. O tipo, a pessoa e a posição do pronome pessoal nas construções de imperativo de 2SG.....	104
2.5.3.2.1.6. O número de sílabas do verbo nas construções imperativas de 2SG	105
2.5.3.2.1.7. A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG.....	106
2.5.3.2.1.8. Os padrões sintáticos das construções imperativas de 2SG	107
2.5.3.2.1.9. Os tipos de verbos nas construções imperativas de 2SG.....	109
2.5.3.2.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis independentes extralinguísticas.....	111
2.5.3.2.2.1. O período das cartas	111
2.5.3.2.2.2. Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar	112
2.5.3.2.2.3. O gênero e a faixa etária do escrevente	112
SÍNTESE DO CAPÍTULO	114
3. O IMPERATIVO EM INVESTIGAÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS.....	116
3.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição geral da variável dependente....	116
3.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição das variáveis independentes	119
3.2.1.O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição das variáveis independentes linguísticas.....	120
3.2.1.1. O sujeito nas construções de imperativo de 2SG	120
3.2.1.2. O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG.....	124
3.2.1.3. O tipo de conjugação verbal nas construções de imperativo de 2SG.....	131
3.2.1.4. O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG	133
3.2.1.5. O tipo, a pessoa e a posição do pronome nas construções de imperativo de 2SG	137
3.2.1.6. O número de sílabas do verbo nas construções imperativas de 2SG.....	142
3.2.1.7. A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG.....	145
3.2.1.8. Os padrões sintáticos das construções imperativas de 2SG	148
3.2.1.9. Os tipos de verbos nas construções imperativas de 2SG.....	150

3.2.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição das variáveis independentes extralinguísticas.....	161
3.2.2.1. O período das cartas	161
3.2.2.2. Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar	165
3.2.2.3. O gênero e a faixa etária do escrevente	168
SÍNTESE DO CAPÍTULO	177
4. O IMPERATIVO EM INVESTIGAÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES	182
4.1. O sujeito nas construções de imperativo de 2SG	183
4.2. O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG.....	184
4.3. O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG	186
4.4. A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG.....	188
4.5. Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar	189
SÍNTESE DO CAPÍTULO	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estatuto variável do imperativo de segunda pessoa do singular (doravante 2SG), amplamente estudado no português brasileiro (doravante PB) nos trabalhos de Scherre *et al.*, 1998, 2000, 2014) e Scherre (2003, 2004, 2007, 2012), é o fenômeno em foco desta pesquisa, na qual se volta o olhar ao passado a fim de compreender como essa variação se manifesta em missivas mineiras oitocentistas e novecentistas. Nesse sentido, com base nos princípios que norteiam a Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014) inspirada nas teorias da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV 1994, 2001), procura-se investigar que fatores (linguísticos e extralinguísticos) influenciariam a expressão do imperativo na escrita mineira culta dos séculos XIX e XX. Assim, ao estudar o fenômeno em uma perspectiva diacrônica, pretende-se reconstituir parte da história do imperativo no cenário de variação e mudança das línguas naturais.

O imperativo de 2SG, segundo a tradição gramatical (CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]) constrói-se com formas verdadeiras, associadas ao indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), para as quais se licencia o *tu* em posição de sujeito, e com formas supletivas, relacionadas ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), para as quais se prescreve o *ocê* como sujeito. Todavia, essa pesquisa assume, à luz de Lopes (2007) e (Lopes *et al.*, 2011), que a inserção do inovador *ocê* no quadro pronominal do PB, ocupando os espaços do *tu* como referência de 2SG, reorganizou o sistema linguístico tendo como um de seus efeitos a expressão variável do imperativo. Assim, as formas imperativas passaram a ocorrer com referências distintas na posição de sujeito, promovendo o a emergência do *imperativo abrasileirado*, que, nos termos de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121) apresenta-se com forma verdadeira em contexto de *ocê* na posição de sujeito, como no conhecido *slogan* comercial *Vem pra Caixa você também!*. Desse modo, as cartas mineiras são investigadas não apenas para detecção das construções do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo, como respectivamente nos exemplos (01) e (02)¹ com seus respectivos fac-símiles nas imagens (01) e (02), mas também em busca de rastros do *imperativo abrasileirado*.

¹ Os exemplos expostos ao longo do texto virão com as formas imperativas em itálico e o contexto analisado sublinhado. Em casos em que o contexto está presente no próprio verbo da construção imperativa, como no paralelismo fônico, as formas imperativas virão em itálico e sublinhadas.

(01) Não fôras tu, minha terna companheira e a vida para mim seria detestável! Ah! *deixa*, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento [...]. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

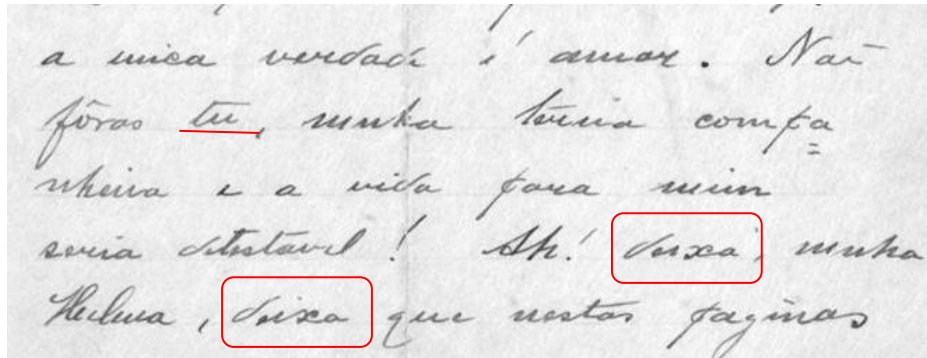


Imagem (01): Carta de JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891

(02) Agora, não concordei, quando youê assinou: - o velho Carlos. *Olhe*, Carlos, estou com tentação de parodiar uma carta que havia num livro manuscrito que a gente usava no 3º ano primário. Eu achava a carta linda. Começava assim: - “Minha irmã, no dia de teus anos...” [...]. (RCAM. Belo Horizonte, 31.10.1978)

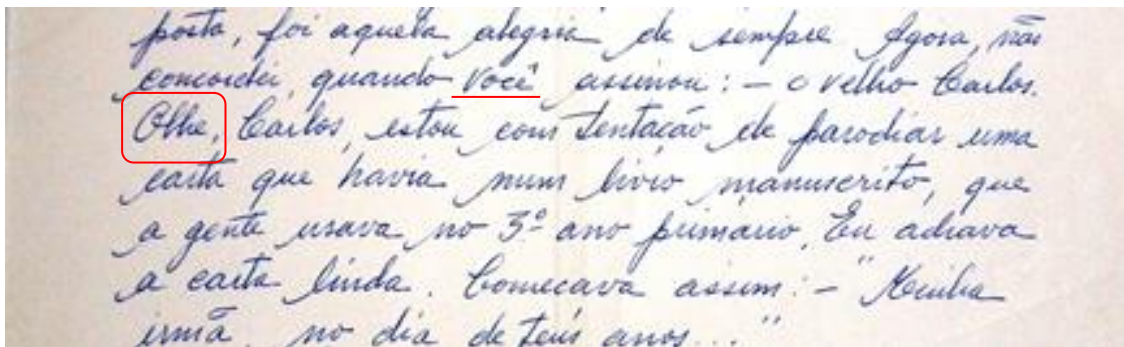


Imagem (02): Carta de RCAM. Belo Horizonte, 31.10.1978

Os 388 dados de construções imperativas de 2SG mapeados nas missivas mineiras oitocentistas e novecentistas foram analisados segundo os métodos e princípios da Sociolinguística Variacionista, com base em Weinreich, Labov, Herzog (1968), Labov (1994, 2001), Guy & Zilles (2007) e Mollica & Braga (2004). Nesse processo, a fim de verificar os fatores que influenciam a regra variável do imperativo de 2SG (verdadeiro *versus* supletivo), as ocorrências foram codificadas em função de variáveis linguísticas (sujeito de 2SG, paralelismo formal e semântico, paralelismo fônico, tipo de pronome átono, tipo de conjugação do verbo, número de sílabas do verbo em sua forma não finita, polaridade da estrutura, padrão sintático da sentença, tipo de verbo) e extralinguísticas (período de tempo, subgênero da carta, gênero e faixa etária do missivista). Os dados, rodados pelo programa GoldVarb (Pacote de Programas VARBRUL – VARIABLE RULE – adaptado ao ambiente Windows) que indica as frequências de uso e os pesos relativos das construções imperativas em relação a cada fator, foram interpretados à luz de hipóteses de trabalhos desenvolvidos sobre o tema tanto na sincronia (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004,

2007, 2012; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO, 2012) quanto na diacronia (PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018).

Tendo em vista a distribuição diatópica das formas *tu* e *você* e das formas imperativas (verdadeiras e supletivas) no PB, as hipóteses que norteiam esta pesquisa são as de que o imperativo supletivo (associado ao subjuntivo) prevaleça sobre o verdadeiro (associado ao indicativo) e de que seja possível identificar rastros do *imperativo abasileirado* na escrita mineira com base nas missivas analisadas. Considerando que, segundo Scherre (2007, p. 192, 201)², Minas Gerais, um estado que integra o Sudeste brasileiro, constitui uma região de predominância do imperativo verdadeiro e de uso exclusivo do *você* como referência discursiva de sujeito de 2SG, essas conjecturas nos levam às seguintes questões:

(a) O imperativo supletivo (associado ao subjuntivo) seria de fato a construção predileta dos missivistas nos séculos XIX e XX tendo em vista não ser essa a opção dos mineiros na atualidade, cf. Scherre (2007, p. 192)?

(b) O *imperativo abasileirado* (forma de indicativo em contexto de *você-sujeito*, cf. PAREDES SILVA *et al.* 2000, p. 121) já estaria renunciado em vestígios na escrita culta³ mineira tendo em mente que os escreventes tenderiam a privilegiar o imperativo supletivo?

Essas questões levam em consideração que a influência da norma-padrão⁴ possivelmente tenha conduzido os mineiros à prevalência do imperativo supletivo e que a produtividade do imperativo verdadeiro na atualidade talvez possa se refletir no passado nas evidências do *imperativo abasileirado*.

Assim, considerando o objetivo geral de apreender o estatuto variável do imperativo de 2SG nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas bem como a apresentação das hipóteses e das questões, procede-se aos objetivos específicos, a saber:

² Scherre (2007, p. 192) afirma que “pesquisas com dados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste revelam [...] predomínio da forma imperativa do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* – hoje associada à forma indicativa – em diálogos espontâneos, sem relação de distribuição complementar com o contexto de uso do pronome *tu* ou do pronome *você*” e que o “uso exclusivo do pronome *você* [...] é encontrado no estado de Minas Gerais – região Sudeste; em toda a região Centro-Oeste, exceto o Distrito Federal; em praticamente todo o Estado do Paraná – região Sul; e na cidade de Salvador, estado da Bahia – região Nordeste”.

³ Assume-se nesta pesquisa que escrita culta refere-se, nos termos de Faraco (2008, p. 56, 73), à norma culta, entendida como a vertente linguística praticada por indivíduos letrados relacionados à cultura escrita em situações de maior grau de monitoramento social.

⁴ A norma-padrão concebida neste trabalho, cf. Faraco (2008, p. 75, 79), como uma codificação linguística artificial e abstrata, distante do uso real da língua, que foi tomada como uma baliza pela elite letrada conservadora perante as manifestações linguísticas como um suposto ideal de língua a ser atingido.

(a) analisar e descrever, quantitativa e qualitativamente, a influência do *you* e do *tu* na posição de sujeito na expressão variável do imperativo de 2SG (*verdadeiro* versus *supletivo*) nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas, em busca de rastros do *imperativo abraçileirado*.

(b) monitorar, em termos percentuais e em pesos relativos, a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na manifestação do imperativo de 2SG na escrita mineira dos séculos XIX e XX, com o intuito de apreender os condicionamentos responsáveis pela variação.

A dissertação estrutura-se em 4 capítulos acompanhados de considerações iniciais e finais. Nas considerações iniciais, a partir do tema em análise (a expressão variável do imperativo de 2SG), são apresentadas as hipóteses, as questões e os objetivos que orientam a pesquisa. No primeiro capítulo, com base em uma revisão histórico-descritiva, busca-se traçar o percurso das formas imperativas ao longo do tempo. Nesse caso, à luz de gramáticas latinas (RAVIZZA, 1940; BERGE *et al.*, 1946; FARIA, 1958), estuda-se a transição do imperativo do latim para o português arcaico (FAVARO, 2016) e posteriormente para o português moderno (WILLIAMS, 1975 [1938]). Em seguida, analisa-se a abordagem do modo imperativo segundo a tradição (CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]) e a descrição gramatical (CASTILHO, 2014 [2010]). Por fim, são apresentados estudos linguísticos sobre o tema tanto na perspectiva sincrônica (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012) quanto diacrônica (FARACO, 1982; PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018). Adiante, no segundo capítulo, são abordados os fundamentos teórico-metodológicos que orientam o estudo. Desse modo, apresenta-se, inicialmente, uma breve história dos estudos linguísticos (FARACO, 2005; PAIXÃO DE SOUZA, 2006; CONDE SILVESTRE, 2007) para explicar a origem da Sociolinguística Histórica em que esta pesquisa se baseia. Nesse ponto, destacam-se os desafios do linguista que trabalha com *corpora* históricos (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et SCHILLING*, 2012), evidenciando a importância do gênero carta pessoal para pesquisas sociolinguísticas sob um viés diacrônico (AGUILLAR, 1998; BERLINK *et al.* 2008; RUMEU, 2008; ELPASS, 2012) bem como apresentando uma descrição das missivas e de seus escreventes por acervo utilizadas na pesquisa. Por fim, o imperativo de 2SG é apresentado tendo em vista não apenas seus aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos, mas também os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar sua variação (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; DINIZ, 2018). Posteriormente, no terceiro capítulo, realiza-se um estudo dos resultados gerais dos dados a partir de uma rodada preliminar do programa GoldVarb (*makecell*). Nesse sentido, analisa-se, em termos quantitativos e percentuais, a

distribuição das formas do imperativo de 2SG que compõem a variável dependente (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) em função dos fatores linguísticos e extralinguísticos. Em seguida, no quarto capítulo, analisam-se os resultados considerados estatisticamente relevantes com base em uma rodada multivariacional do programa (*binomial varb, Up and Down*). Desse modo, são descritos e examinados, em termos probabilísticos, por meio dos pesos relativos, as variáveis linguísticas e extralinguísticas que se mostraram relevantes para a aplicação da regra variável. Por fim, procede-se às considerações finais, nas quais os principais resultados são sintetizados tendo em vista as hipóteses, as questões e os objetivos que norteiam a pesquisa.

1. O IMPERATIVO EM FOCO: REVISÃO HISTÓRICO-DESCRIPTIVA DO TEMA

O capítulo busca reconstituir a história do imperativo do latim ao português com objetivo de traçar o percurso das formas imperativas ao longo do tempo. Nessa análise, são levados em consideração os aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem a formação e o uso desse modo verbal. O estudo aborda o imperativo em sua trajetória do latim ao português, à luz de gramáticas latinas (RAVIZZA, 1940; BERGE *et al.*, 1946; FARIA, 1958) e de estudos históricos (WILLIAMS, 1975 [1938], SILVA NETO, 1986 [1957]; CÂMARA JR, 1976 [1975], FAVARO, 2016), e especificamente no português, à luz tanto da gramática normativa (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]) quanto da perspectiva descritiva (CASTILHO, 2014 [2010]). Por fim, são apresentadas as pesquisas linguísticas, no âmbito da sincronia (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO, 2012) e da diacronia (FARACO, 1982; PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; SILVA, 2017; SILVA, 2018; DINIZ, 2018), que investigam a expressão variável do imperativo de 2SG, objeto de estudo desta dissertação.

1.1. O imperativo: uma história do latim ao português

O imperativo no latim, assim como no português moderno, era um modo verbal que, diferentemente do indicativo ou do subjuntivo, transmitia ordens ou proibições, nas quais o sujeito era necessariamente o ouvinte (CAMARA JR, 1976, p. 126). De modo geral, a passagem do imperativo latino para o imperativo português inclui um processo de redução (simplificação): no latim, havia formas imperativas de presente e de futuro na voz ativa e na voz passiva (RAVIZZA, 1940; BERGE *et al.*, 1946; FARIA, 1958), das quais apenas as do presente ativo perpetuaram no português, por meio de um processo de mudança regular, prevista no sistema linguístico (WILLIAMS, 1975 [1938], SILVA NETO, 1986 [1957]; CÂMARA JR, 1976 [1975]). Desse modo, sob uma perspectiva histórica, busca-se resgatar o percurso do imperativo do latim ao português moderno, perpassando o português arcaico (FAVARO, 2016), pondo em evidência as mudanças por que esse modo passou.

No latim, segundo Ravizza (1940), Berge *et al.* (1946) e Faria (1958), o modo imperativo (*imperativus modus*) apresentava presente e futuro, com formas ativas e passivas. As formas imperativas no latim advêm do radical *inflectum* (ação incompleta), que pode ser obtido a partir seja do infinitivo presente com a omissão da sílaba final “re” (*amare* > *ama*,

cf. RAVIZZA, 1940, p. 93), seja do tema dos verbos conjugados no presente (*ama*, cf. BERGE *et al.*, 1946, p. 84), seja da 2SG do presente do indicativo sem o morfe número-pessoal “s” (*amas* > *ama*, cf. FARIA, 1958, p. 158). No quadro (01), pode ser vista a conjugação do verbo *amare* (amar) no imperativo latino segundo Ravizza (1940, p. 96-97), com desinências em destaque.

VOZ ATIVA		VOZ PASSIVA	
PRESENTE	FUTURO	PRESENTE	FUTURO
<i>ama</i> (ama tu)	<i>amāto</i> (ama tu)	<i>amāre</i> (sê tu amado)	<i>amātor</i> (sê tu amado)
-	<i>amāto</i> (ame ele)	-	<i>amātor</i> (seja ele amado)
<i>amate</i> (amai vós)	<i>amatōte</i> (amai vós)	<i>amamini</i> (sede vós amados)	<i>amabimini</i> (sede vós amados)
-	<i>amānto</i> (amem eles)	-	<i>amāntor</i> (sejam eles amados)

Quadro (01): O imperativo no latim, cf. Ravizza (1940, p. 96-97)

A conjugação do verbo *amare* permite entender como se estruturava morficamente o imperativo do latim. As formas do imperativo latino na voz ativa não possuíam desinência própria, diferentemente das formas na voz passiva, cuja desinência por excelência é “r” (BERGE *et al.*, 1946, p. 90; FARIA, 1958, p. 164), observada em todas formas passivas (*amare*, *amator*, *amator*, *amantor*), com a exceção de duas (*amamini*, *amabimini*). O imperativo presente difere-se do imperativo futuro pelas formas que apresentam, uma vez que no presente há formas apenas para as 2SG e 2ª pessoa do plural (doravante 2PL) e, no futuro, há formas não só para as 2SG e 2PL como também para a 3ª pessoa do singular (doravante 3SG) e para a 3ª pessoa do plural (doravante 3PL), cf. Faria (1958, p. 163-164). No presente ativo, a 2SG (*ama*) representa o tema puro do verbo, sem desinências número-pessoais e a 2PL (*amate*) constitui-se a partir do acréscimo do morfe número-pessoal “te”. No presente passivo, a 2SG (*amare*) e a 2PL (*amamini*) possuem as desinências “re” e “mini”, respectivamente. Diferentemente do presente, no imperativo futuro, as 2SG (*amato*, *amator*) e as 3SG (*amato*, *amator*) ativas e passivas contêm o morfema indicador de pessoa “to”, as 3PL (*amanto*, *amantor*) ativa e passiva apresentam a desinência “nto” e, por fim, as 2PL (*amatote*, *amabimini*) ativa e passiva possuem, nesta ordem, os morfes de pessoa e número “tote” e “bimini”.

Ao averiguar os usos da diversidade de formas do imperativo latino em relação ao imperativo português, Ravizza (1940), Berge *et al.* (1946) e Faria (1958) encontram convergências e divergências. Uma diferença a ser notada é a presença de dois tipos de vozes verbais no imperativo: o ativo e o passivo. O imperativo ativo, mais comumente utilizado, faz

referência à voz ativa, entendida por Ravizza (1940, p. 85), como aquela em que o sujeito é agente da ação verbal, ou seja, a ação é praticada pelo sujeito. Diferentemente do ativo, o imperativo passivo, raramente empregado (BERGE *et al.*, 1946, p. 86), refere-se à voz passiva, que, na concepção de Ravizza (1940, p. 85), é aquela em que o sujeito é recipiente ou paciente da ação verbal, isto é, a ação é recebida pelo sujeito.

Segundo Faria (1958, p. 163), a presença de formas passivas no imperativo latino deve-se à existência de verbos depoentes, como o verbo “vehitur” em *Agricola curru vehitur*, que, em português significa *O camponês é levado de carro*, ou melhor, *O camponês anda de carro*. Berge *et al.* (1946, p. 149-150) explica que esses verbos apresentam formas passivas, mas possuem significado ativo, uma vez que depuseram historicamente a significação passiva, motivo pelo qual algumas formas verbais são aplicadas na voz passiva. Além disso, Faria (1958, p. 163) acrescenta que essas formas passivas de imperativo podem ocorrer em alguma construção estilística do autor.

Outra distinção entre o imperativo latino e o português é a existência de formas próprias de imperativo presente e de imperativo futuro no latim, das quais apenas as do presente perpetuaram no português. Na visão de FARIA (1958, p. 381), o imperativo é um modo que representa uma ação futura, que pode ser mais próxima, caso em que se usa o imperativo presente, ou mais distante, caso em que se usa o imperativo futuro. Desse modo, as formas do imperativo presente, de uso mais comum cf. Ravizza (1940, p. 270), são empregadas quando se trata de uma ação de realização imediata, como em (03), podendo ser acompanhadas de expressões como *amabo* (por favor), *quaeso* (por favor, peço) ou *obsecro* (suplico, peço), como em (04).

(03) *Pergite* ut facitis, adolescentes, atque in id studium in quos estis incumbite, ut et uobis honori et amicis utilitati et rei publicae emolumento esse possitis. (Cíc. De Or., 1,34) – *Perseverai* como vindes fazendo, jovens, e dedicai-vos inteiramente aos estudos a que vos entregastes, para que vos possais tornar ilustres para vós mesmos, servir a vossos amigos, ser úteis à república. – (cf. FARIA, 1958, p. 381)

(04) *Cura*, amabo te, ciceronem nostrum. (Cíc., At., 2,2,1) – Por favor, peço-te, *olha* pelo nosso querido Cícero. (cf. FARIA, 1958, p. 381)

Diferentemente do imperativo presente, o futuro, de utilização muito mais restrita cf. Ravizza (1940, p. 270) e Faria (1958, p. 164), é empregado para ações cujo cumprimento realiza-se depois de um intervalo de tempo essencialmente em textos do âmbito legislativo, como em (05), podendo também ser usado em uma oração principal cuja subordinada faça referência a uma ação futura, como em (06).

(05) Ad diuos *adeunto* caste, pietatem *adhibento*, opes *amolento*. (Cí. Leg., 2,19) – *Aproximai*-vos dos deuses com pureza, *oferecei*-lhes a vossa piedade, *removei* as vossas riquezas. – (cf. FARIA, 1958, p. 164)

(06) Si placebit utitor consilium, sin non pacebit, *reperitote* rectius. (Plaut., Epid., 263) – Se agradar o plano, usai-o; se não agradar, *achai* um melhor. – (cf. FARIA, 1958, p. 164)

Apesar dessa diferença de ordem temporal em relação ao imperativo, o latim e o português convergem em alguns pontos quanto às formas do imperativo afirmativo e negativo. No latim o imperativo, que poderia exprimir um mandado positivo ou negativo (RAVIZZA, 1940, p. 270-272), apresentava, assim como no português, formas próprias tão somente para o afirmativo, uma vez que, de acordo com Faria (1958, p. 382), no indo-europeu, o imperativo era aplicado exclusivamente para ordem ou súplica, não para proibição. Embora essa herança tenha gerado lacunas no paradigma de formas imperativas, o latim supre essa deficiência por meio de algumas estruturas, por exemplo, a anteposição de *ne* ao imperativo afirmativo, como em (07); o emprego do verbo *nolo* com o infinitivo presente⁵, como em (08); e a precedência de uma negação diante do presente do subjuntivo, como em (09).

(07) *Ne timete.* (T. Lív., 3,2,9) – *Não temais.* – (cf. FARIA, 1958, p. 382)

(08) *Nolitote dubitare.* (Cíc., Agr., 2,16) – *Não duvideis.* – (cf. FARIA, 1958, p. 382)

(09) *Nec vos quidem iudices... mortem timueritis.* (Cíc., Tusc., 1, 98) – *Não temais* a morte, vós também juízes. – (cf. FARIA, 1958, p. 382)

Em conformidade com o imperativo português, Faria (1958, p. 382) afirma que no latim o presente do subjuntivo pode ser empregado com valor imperativo apenas na 3SG e na 3PL do imperativo (afirmativo ou negativo), como em (10), ou na 2SG e na 2PL do imperativo negativo, como em (11). Nesse caso, trata-se de um emprego clássico, quando o presente do subjuntivo compuser uma construção de 2SG e de 2PL indeterminada, e de um emprego relativo à linguagem familiar, quando o presente do subjuntivo compuser uma construção com valor próprio de 2SG, como em (12). Camara Jr. (1976 [1975], p. 136) explica que, como o imperativo e o subjuntivo intercambiavam-se na expressão de desejo, a utilização do subjuntivo no lugar do imperativo expressava uma forma delicada de se dar uma ordem tanto no latim vulgar quanto na norma culta colonial.

(10) *Cedat consular genere praetorium nec contebdant* cum praetorio equestre locus. (Cíc., Planc., 15) – A ordem pretória ceda à consular e o lugar de cavaleiro não dispute com o do pretor. – (cf. FARIA, 1958, p. 382)

(11) *Isto bono utare, dum adsit, cum absit, ne requiras.* (Cíc., C. M. 33) – Deste bem usarás, quando estiver ao alcance, quando se for, que não seja procurado. – (cf. FARIA, 1958, p. 382)

(12) *Cautus sis, mi Tiro.* (Cíc., Fam., 16,9,4) – Sejas cauteloso, meu caro Tirão. – (cf. FARIA, 1958, p. 382)

⁵ Silva Neto (1986 [1957], p. 254) afirma que há dados que revelam a substituição do imperativo pelo infinitivo na Itália, na Gália, na Dácia e na Hispânia.

Câmara Jr. (1976 [1975], p. 136) argumenta que, já no latim, o subjuntivo estava associado ao imperativo tanto para ordens (imperativo afirmativo) quanto para proibições (imperativo negativo), usos que se mantiveram no português. Nas ordens, as formas subjuntivas supriam a 3SG e a 3PL (no tratamento do ouvinte nesta pessoa por meio de pronomes de tratamento) e a 1ª pessoa do plural (doravante 1PL, quando o falante se incluía entre os outros em uma ação) e, nas proibições, proviam obrigatoriamente todas as pessoas do discurso. Silva Neto (1986 [1957], p. 254) esclarece que, uma vez reduzido a formas próprias apenas de 2SG e 2PL do presente no português, o imperativo preencheu suas lacunas com presente do subjuntivo dado que desde o latim esse modo apresentava “cambiantes optativos e jussivos”, isto é, era empregado para exprimir desejo e ordem. Na visão de Câmara Jr. (1975, p. 89, 92), o intercâmbio entre esses modos verbais advém da sinalização de uma posição subjetiva do falante em relação ao processo de ação verbal tanto em um quanto em outro, o que motivaria, assim, o emprego das formas subjuntivas no lugar do imperativo em alguns contextos pessoais discursivos⁶.

Examinando detidamente a passagem do imperativo do latim para o português, observam-se muitas alterações, uma vez que o latim possuía inúmeros elementos que não perduraram no português. Especificamente, o imperativo latino, que apresentava presente e futuro, na voz ativa e na voz passiva, perdeu a maioria de suas formas, mantendo tão somente as de 2SG e 2PL do presente (WILLIAMS, 1975 [1938], p. 22); SILVA NETO, 1986 [1957], p. 254; CÂMARA JR, 1976 [1975], p. 136). Ao longo desse processo, a voz passiva em “-r”, cedeu lugar a formas analíticas em outros modos, e as formas de futuro foram supridas pelas formas do presente (SILVA NETO, 1986 [1957], p. 239; CÂMARA JR, 1976 [1975], p. 136). Dessa maneira, é possível notar o processo de redução desse modo verbal na passagem do latim para o português.

Ao investigar essa mudança linguística, Williams (1975 [1938], p. 210-211) explica minuciosamente os fenômenos que atuaram ao longo dessa evolução por meio da abordagem das terminações das formas imperativas latinas que originaram as formas imperativas portuguesas. Os finais dos verbos no imperativo são distintos conforme as conjugações a que pertencem. No latim, havia quatro conjugações que se reduziram a três no português em virtude da fusão entre a 2ª e a 3ª conjugação latinas na 2ª conjugação do português (WILLIAMS, 1975 [1938], p. 165). Assim, a 1ª conjugação no português corresponde à 1ª do

⁶ Câmara Jr. (1975, p. 89, 92) afirma ainda que, mesmo em contexto de 2SG, o imperativo pode apresentar forma subjuntiva, por exemplo, em *Seja teu mundo essa encurvada ponte / que, sobre o rio, trêmula, se inclina [...]*. (Ronald de Carvalho).

latim, a 2ª conjugação do português compreende a 2ª e a 3ª do latim e a 3ª conjugação do português representa a 4ª do latim. No quadro (02), há uma síntese das terminações das formas latinas e portuguesas de 2SG e 2PL, pondo em evidência as transformações ocorridas em cada conjugação.

PESSOAS DO DISCURSO	1ª CONJUGAÇÃO		2ª CONJUGAÇÃO		3ª CONJUGAÇÃO	
	latim	português	latim	português	latim	português
2SG	-a <i>louva</i>	-a <i>louva</i>	-e, -e <i>teme, uince</i>	-e <i>teme, vence</i>	-i <i>audi</i>	-i > -e <i>ouvi > ouve</i>
2PL	-ate <i>louvate</i>	-ade > -ai <i>louvade > louvai</i>	-ete, -ite <i>temete, uincite</i>	-ede > -ei <i>temede, vencede</i> > <i>temei, vencei</i>	-ite <i>audite</i>	-ide > -i <i>ouvide > ouvi</i>

Quadro (02): Terminações do imperativo latino e português, cf. Williams (1975 [1938], p. 210-211)

A análise do quadro (02) permite observar as mudanças nas terminações do imperativo da língua latina para a língua portuguesa. Na 2SG, com a exceção da 3ª conjugação, todas as formas conservaram no português as mesmas terminações do latim. Na 1ª conjugação, a forma *louva* (do verbo *louvar*) originou *louva*; na 2ª, a forma *teme* (do verbo *temer*, da 2ª conjugação latina) e a forma *uince* (do verbo *vencer*, da 3ª conjugação latina) originaram, nesta ordem, as formas *teme* e *vence*; por fim, na 3ª conjugação, a forma *audi* (do verbo *ouvir* da 4ª conjugação latina) originou a forma *ouve*. Williams (1975 [1938], p. 61) explica que a terminação da 3ª conjugação passou por um processo de mudança regular com a manutenção da vogal alta final “-i” do latim vulgar para o português arcaico e posterior evolução para média “-e” no português moderno tal como em diferentes palavras (*habui > houve; amasti > amaste*). Na 2PL, diferentemente da 2SG, as formas imperativas apresentam maior quantidade de alterações na passagem do latim para o português. Na 1ª conjugação, a forma *louvate* torna-se *louvade* no português arcaico e, posteriormente, transforma-se em *louvai* no português moderno; na 2ª, as formas *temete* e *uincite* fudem suas terminações em uma só, originando as formas *temede* e *vencede* no português arcaico para, enfim, resultar em *temei* e *vencei* no português moderno; na 3ª, por fim, a forma *audite* evolui para *ouvide* no português arcaico, tornando-se *ouvi* no português moderno. A passagem das terminações do latim (-ate, -ete, -ite) para o português arcaico (-ade, -ede, -ide), com a evolução da dental intervocálica “t” para “d”, advém de um processo de lenização (ou lenição) que, cf. Camara Jr. (1968, p. 219) consiste em uma mudança linguística regular em que um fonema de articulação forte transforma-se em outro de articulação fraca, de acordo com o sistema fonológico da língua. Logo, uma vez que uma consoante não vozeada exige um esforço maior do aparato articulatório do que uma consoante vozeada, a dental intervocálica não vozeada “t” do latim torna-se a vozeada “d” no português arcaico. A passagem das terminações do português

arcaico (-ade, -ede, -ide) para o português moderno (-ai, -ei, -i) inclui três processos: primeiro, a queda da dental “d” intervocálica, decorrente de uma mudança dialetal que promoveu a síncope da consoante, cf. Williams (1975 [1938], p. 79); segundo, a substituição da média “e” pela alta “i”, resultante de uma mudança regular uma vez que o “e” final estaria em hiato com um “a” (*louvade* > *louvae* > *louvai*), “e” (*temede* > *temee* > *temei*) ou “i” (*ouvide* > *ouvie* > *ouvii*) após a síncope da dental “d”, cf. Williams (1975 [1938], p. 60); e, terceiro, a crase das altas “i” na 3ª conjugação resultando em “i”, procedente de uma mudança também regular já que o “i” final estaria em hiato com outro “i” (*ouvii* > *ouvi*) como consequência da mudança anterior da vogal média “e” para “i”, cf. Williams (1975 [1938], p. 61).

Muitas alterações perpassam o modo imperativo em sua passagem do latim para o português moderno. Com o propósito de analisar minuciosamente essa transição, Favaro (2016) apresenta um estudo detalhado sobre o imperativo no português arcaico. Nesse trabalho, com base em 420 *Cantigas de Santa Maria*, Favaro (2016, p. 1, 4, 109) teve como intuito mostrar, por meio de aspectos morfológicos e sintáticos, se a estrutura morfológica do imperativo, uma vez apresentando formas específicas, era independente de outros modos verbais. Para tanto, Favaro (2016, p. 109, 112) detectou 217 ocorrências, das quais foram exploradas as 175 de 2SG e 2PL, dado que, desde o latim, configuram as formas próprias do imperativo. Com base nesses dados, Favaro (2016) analisou a estrutura mórfica do imperativo em comparação com outros modos verbais bem como aspectos sintáticos que distinguem o imperativo, como a ausência de sujeito, a presença de vocativo nas sentenças e a existência de clíticos adjungidos às formas imperativas.

Em relação à estrutura morfológica do imperativo, Favaro (2016, p. 120) não mapeou qualquer ocorrência que representasse, ao mesmo tempo, o imperativo, o presente do indicativo ou o presente do subjuntivo. A linguista entende, a partir de uma vasta revisão bibliográfica sobre o tema, que os verbos são constituídos de morfemas, a saber, o radical (R), a vogal temática (VT), a desinência modo-temporal (DMT) e a desinência número-pessoal (DNP). Ao comparar, o dado com suas formas correspondentes dos outros modos, Favaro (2016, p. 120) verificou que cada forma manteve sua estrutura morfológica específica, o que comprova a independência morfológica do imperativo, como pode ser visto no quadro (03), para os verbos *acorrer* (acordar, resolver, decidir) e *levar* (levar).

PESSOAS DO DISCURSO	FORMAS VERBAIS	RADICAL	VT	DMT	DNP
2SG	<i>acorre</i> (imperativo)	<i>acorr-</i>	<i>-e</i>	∅	∅
	<i>acorres</i> (indicativo presente)	<i>acorr-</i>	<i>-e-</i>	∅	<i>-s</i>
	<i>acorras</i> (subjuntivo presente)	<i>acorr-</i>	∅	<i>-a-</i>	<i>-s</i>
2PL	<i>levade</i> (imperativo)	<i>lev-</i>	<i>-a-</i>	∅	<i>-de</i>
	<i>levades</i> (indicativo presente)	<i>lev-</i>	<i>-a-</i>	∅	<i>-des</i>
	<i>levedes</i> (subjuntivo presente)	<i>lev-</i>	∅	<i>-e-</i>	<i>-des</i>

Quadro (03): Estrutura morfológica do imperativo em comparação ao indicativo e ao subjuntivo, cf. Favaro (2016, p. 120)

No que se refere à ausência do sujeito, Favaro (2016, p. 120-124) afirma, com base também em uma ampla literatura sobre o assunto, que a não expressão desse sintagma distingue o imperativo em relação ao indicativo e o subjuntivo. Ao analisar os dados de imperativo, a linguista atestou que a posição ocupada pelo sujeito é nula, comprovando a especificidade sintática do imperativo em comparação aos outros modos, o que pode ser observado em (13) e (14), para os verbos *acorrer* e *levar*, nessa ordem.

(13) Mais pois entrou na ygreja | daquesta Santa Reynna,
chorando muit' e dizendo: | “ Se[n]or, *acorre-m'* aginna [...]”
(CSM 357, v.16-17) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)

(14) Pois chegaram, rogou-lles muito chorando dos ollos seus,
dizendo: “ *Levade-me* voc'86, ay, amigos meus!”
(CSM 5,v.141-142) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)

No tocante à presença de vocativos, Favaro (2016, p. 124-126) argumenta, igualmente com base em diversos estudos teóricos, que a expressão desse termo indica a interlocução com o ouvinte, que constitui uma das características do imperativo dado seu valor ilocucionário. Nos dados mapeados nas *Cantigas*, a linguista afirma que o vocativo foi utilizado para manifestações de ordem ou desejo direcionadas a uma entidade ou pessoa a quem o eu-lírico se dirigia, em geral a Virgem Maria, representantes do clero e da nobreza ou alguém possa ter passado por um milagre. Dessa forma, diferentemente do indicativo e do subjuntivo, o imperativo no português arcaico mostra-se devidamente caracterizado pela presença de vocativos encontrados em alguns dados, como em (15), (16) e (17), respectivamente para os verbos *acorrer*, *guardar* e *dar*.

(15) “Sennor, *acorre* a tua coitada” (CSM 16,v.58) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)
Vocativo: Sennor (Senhora)

(16) “Virgen Santa Maria,
guarda-nos, se te praz,
 da gran sabedoria [...]” (CSM 47, v.3-5) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)
 Vocativo: *Virgen Santa Maria* (Virgem Santa Maria)

(17) [...] “Virgen santa, Reynna,
dá-me vingança,
 ca pris viltança
 en ta romaria [...]” (CSM 57, v.54-57) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)
 Vocativo: *Virgen santa, Reynna* (Virgem Santa Rainha)

Por fim, no que concerne à presença dos clíticos junto às formas imperativas, Favaro (2016, p. 129-134) afirma que, diferentemente dos estudos Scherre (2002, 2005) com base no português brasileiro atual, a existência dos pronomes oblíquos átonos em posição enclítica não favoreceu a ocorrência de formas subjuntivas com valor de imperativo. A linguista atesta que, nos dados mapeados, todas as formas pronominais encontradas ocorrem adjungidas aos verbos em posição enclítica, como pode ser visto em (18) e (19), para os verbos *soltar* e *levar*, nessa ordem. Assim, a expressão do clítico não marca o português arcaico tal como o português brasileiro moderno.

(18) “*Soltade-o, preste, pois sodes vingado*”. (CSM 65, v.183) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)

(19) Pois chegaram, rogou-lhes muito chorando dos ollos seus, dizendo: “*Levade-me voc*’, ay, amigos meus!”. (CSM 5, v.141-142) – (cf. FAVARO, 2016, p. 120-124)

O estudo de Favaro (2016) analisou, portanto, detalhadamente as questões relacionadas ao imperativo no português arcaico, caracterizando esse modo verbal em sua transição do latim para o português moderno. Com base nas *Cantigas de Santa Maria*, a linguista atestou que o imperativo apresentava uma estrutura morfológica que o diferenciava frente ao indicativo e ao subjuntivo. Essa independência não se restringia a aspectos morfológicos, uma vez constatada também em fatos sintáticos, como ausência do sujeito, a presença do vocativo e a expressão dos clíticos. Dessa maneira, Favaro (2016, p. 159), comprova que o imperativo no português arcaico consistia em um modo mórfica e sintaticamente independente.

Em suma, analisando o percurso do latim ao português, observa-se a manutenção de alguns fenômenos em detrimento de outros, permitindo constatar um processo de redução (simplificação) linguística. Assim como no português atual, o imperativo latino era usado para exprimir ordens e proibições a um ouvinte, marcando seu caráter ilocucionário desde a antiguidade (CAMARA JR, 1976, p. 126). Todavia diferentemente do português moderno, o latim apresentava um complexo paradigma verbal com formas imperativas que indicavam presente e futuro na voz passiva e na voz ativa (RAVIZZA, 1940; BERGE *et al.*, 1946;

FARIA, 1958), das quais apenas as do presente ativo passaram para o português por um processo de mudança regular (WILLIAMS, 1975 [1938], SILVA NETO, 1986 [1957]; CÂMARA JR, 1976 [1975]). Assim sendo, analisou-se o imperativo perfazendo a sua história do latim ao português moderno, passando pelo português arcaico (FAVARO, 2016), evidenciando as mudanças ocorridas nesse modo.

Apresentado o imperativo sob uma perspectiva histórica, segue-se, então, para a próxima seção com a abordagem do imperativo segundo a visão das gramáticas normativas.

1.2. O imperativo: uma abordagem à luz da tradição gramatical

As gramáticas normativas surgem com o intuito de preservar a norma-padrão do idioma, prescrevendo regras que tomam por base, no caso do português, o cânone literário da língua portuguesa. Nesse contexto, Bechara (2009 [1961], p. 52) afirma que a tradição gramatical “recomenda como se deve falar e escrever segundo e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos”, uma vez que, cf. Rocha Lima (2013 [1972], p. 38), as obras dos escritores aclamados revelam a língua na qual “as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição” e na qual “se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou”. Assim, à luz de um viés prescritivista (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]⁷), busca-se abordar como imperativo é tratado nas gramáticas normativas.

Na perspectiva da tradição gramatical, o imperativo é um modo derivado do presente do indicativo e do presente do subjuntivo. Conforme Bechara (2009 [1961], p. 237), Rocha Lima (2013 [1972], p. 176-177) e Cunha e Cintra (2007 [1985], p. 395; 405), do presente do indicativo advêm as formas de 2SG e 2PL do imperativo afirmativo e do presente do subjuntivo advêm as formas de 3SG, 1PL e 3PL do imperativo afirmativo e as de todas as pessoas (2SG, 3SG, 1PL, 2PL, 3PL) do imperativo negativo. O quadro (04) extraído de Bechara (2009 [1961], p. 237) reúne as formas que compõem o paradigma do imperativo para o verbo *cantar*.

⁷ É necessário ressaltar que, embora estejam associados à tradição gramatical, Cunha e Cintra (2007 [1985]) advertem seus leitores no prefácio de sua gramática que visam à descrição do português contemporâneo fundamentada nas diversas normas vigentes na língua, principalmente em Portugal e no Brasil, não se restringindo, portanto, a uma única norma-padrão.

IMPERATIVO AFIRMATIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
–	–
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores

Quadro (04): O imperativo no português, cf. Bechara (2009 [1961], p. 237)

Ao analisá-lo, percebe-se que não há formas para a 1ª pessoa do singular (doravante 1SG) dado o valor ilocutório desse modo verbal, motivo pelo qual também as formas de 3SG e 3PL só existem para expressões que a norma-padrão denomina pronomes de tratamento (*você, senhor, vocês, senhores*). Além disso, Bechara (2009 [1961], Rocha Lima (2013 [1972]) e Cunha e Cintra (2007 [1985]) afirmam que as formas advindas do presente do indicativo, formadas a partir da apócope do morfe número-pessoal “-s”, consistem, desde o latim, nas formas próprias do imperativo. Por fim, os gramáticos ressaltam que as formas de 1PL são usadas quando o falante se inclui entre aqueles que devem cumprir o processo verbal.

As gramáticas normativas são unânimes ao considerar o papel do interlocutor no emprego do modo imperativo. Nesse sentido, Bechara (2009 [1961], p. 213, 222), segundo o qual o modo consiste em uma categoria que indica a posição do falante quanto à relação entre agente e o processo verbal, entende o imperativo como o modo que revela uma ação exigida do agente. Rocha Lima (2013 [1972], p. 176-177) esclarece essa noção ao afirmar que imperativo representa um modo pelo qual um indivíduo manifesta seu desejo de que seu interlocutor faça alguma coisa. Em outras palavras, o imperativo seria, como ratificam Cunha e Cintra (2007 [1985], p. 491), o modo que tem como intuito indicar que a ação expressa pelo verbo seja realizada pelo interlocutor. Nesse sentido, observa-se que o uso do imperativo nas gramáticas normativas ressalta a importância da interlocução dada a força ilocucionária presente nesse modo verbal.

O imperativo exprime diversos valores semânticos em decorrência dos contextos em que suas formas verbais são empregadas. Nesse sentido, Cunha e Cintra (2007 [1985], p. 491-492) explicam que, mesmo estando ligado ao latim *imperare* (comandar), o emprego do imperativo não se restringe aos contextos de ordem ou comando como em, respectivamente, (20) e (21), exprimindo principalmente exortação, conselho, convite, solicitação e súplica, como em, nesta ordem, (22), (23), (24), (25) e (26).

(20) *Cala-te, não lhe digas nada.* (C. de Oliveira, AC, 98.) – *ordem*
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

(21) *Cavem, cavem depressa!* (L. Jardim, Mp, 47.) – *comando*
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

(22) *Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes.* (F. Pessoa, OP, 239.) – *exortação*
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

(23) Não *olhes* para trás quando tomares / o caminho sonâmbulo que desce. *Caminha – e esquece.* (G. de Almeida, PV, 24.) – *conselho* – (cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

(24) Georges! *Anda* ver meu país de romarias / E procissões! (A. Nobre, S, 32.) – *convite*
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

(25) *Vinde* ver! *Vinde* ouvir, homens da terra estranha! (O. Mariano, TVP, I, 273.) – *solicitação*
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

(26) Não me *deixes* só, meu filho!... (Luandino vieira, Nm, 82.) – *súplica*
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 491-492)

Em algumas situações, Cunha e Cintra (2007 [1985], p. 492) afirmam que o imperativo também pode indicar hipótese, equivalendo-se ao futuro do subjuntivo precedido pelo condicional “se”, como em (27) e (28).

(27) *Leia* este livro, e conhecerá o Brasil. (*leia = se ler*)
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 492)

(28) *Suprima* a vírgula, e o sentido ficará mais claro. (*suprima = se suprimir*)
(cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 492)

Por fim, Cunha e Cintra (2007 [1985], p. 492) evidenciam que os valores do imperativo dependem não somente do significado do verbo e do contexto como também da entonação dada à frase, uma vez que, a depender da modulação vocal, há um gradualismo desde uma noção de comando até uma ideia de súplica, como se observa em (29), (30) e (31).

(29) *Desce* daí, moço! (C. Drummond de Andrade, FA, 64.) – (cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 492)

(30) *Deixe-me* ficar sozinha. (Alves Redol BC, 56.) – (cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 492)

(31) *Saiam* da chuva, meninos! (L. jardim, MP, 47.) – (cf. CUNHA E CINTRA, 2007 [1985], p. 492)

Em síntese, a tradição gramatical (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]) toma por base as regras que orientam o bem falar e o bem escrever da língua. Nessa visão, o imperativo, abordado como um modo derivado do presente do indicativo e do presente do subjuntivo, é marcado pela interlocução entre os falantes diante de um processo verbal. Esse modo revela diversas nuances de sentido, conforme o contexto em que se insere e a entonação dada à sentença, pontos que confirmam a diversidade de empregos desse modo verbal.

Assim sendo, uma vez abordado o imperativo segundo as gramáticas normativas, segue-se à apresentação do desse modo verbal sob uma perspectiva funcionalista.

1.3. O imperativo: uma abordagem à luz da descrição gramatical

Em uma perspectiva descritiva, os linguistas visam mostrar a língua tal como é utilizada pelos falantes, registrando suas categorias, mecanismos e condições de uso sem se restringir ao conjunto de regras prescritas pela tradição gramatical. Nesse sentido, Castilho (2014, p. 44) explica que sua gramática, ao interpretar a língua como uma estrutura homogênea composta por signos organizados em enunciados, busca entrever os mecanismos dos diversos usos linguísticos concretos dos falantes. Desse modo, sob um viés descritivista (CASTILHO, 2014 [2010]), aborda-se o imperativo, considerando aspectos da sua estrutura e do seu na língua portuguesa.

Modo, na concepção de Castilho (2014, p. 437-438), é uma categoria verbal relacionada à avaliação do falante sobre um ato de fala que pode estar relacionado a um domínio real, irreal (ou possível) e até mesmo a uma ordem. Nesse caso, enquanto o indicativo expressa conteúdos do domínio das asserções, como em (32), e o subjuntivo indica situações do domínio das suposições, como em (33), o imperativo exprime processos do domínio da ordem, como em (34).

(32) O doce de leite é a oitava maravilha do mundo. (*indicativo*) – (cf. CASTILHO, 2014, p. 437-438)

(33) Quem não entende de nada diz que talvez o doce de leite *seja* a oitava maravilha do mundo. (*subjuntivo*) – (cf. CASTILHO 2014, p. 437-438)

(34) *Coma* doce de leite. Ajude as companhias de laticínios. (*imperativo*) – (cf. CASTILHO, 2014, p. 437-438)

As sentenças imperativas, cf. Castilho (2014, p. 327), podem ser diretas ou indiretas. As imperativas diretas ocorrem quando há uma assimetria na situação discursiva, na qual o locutor se encontra em uma posição superior à do interlocutor. Nessas sentenças, nucleadas por verbos e advérbios como, respectivamente, em (35) e (36), o sujeito, em geral é omitido dada a presença do seu referente no ato de fala.

(35) *Vaza! Some!* – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

(36) *Para fora! Para dentro!* – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

Além disso, essas sentenças podem se expressar com ausência de verbos, como visto em (36), mas também com formas verbais do subjuntivo, do indicativo, do gerúndio e do infinitivo como em (37), (38), (39) e (40), nessa ordem.

(37) *Ponha-se na rua! Desapareça!* – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

(38) *Dá o fora! Cai fora!* – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

(39) *Saindo, saindo! Circulando!* – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

(40) *Pode ir andando! Pode sair!* – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

Castilho (2014, p. 327) ressalta que, embora esses exemplos sejam marcados por uma noção de ordem, haja vista a hierarquia entre os interlocutores, a sentença imperativa pode evidenciar uma sugestão ou um conselho quando os interlocutores compartilham de uma mesma situação social, como em (41) e (42).

(41) *Pense* deste modo... – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

(42) *Leve* em consideração esta possibilidade... – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327)

As sentenças imperativas indiretas, diferentemente das diretas, ocorrem quando a assimetria da situação discursiva se inverte e o locutor se situa numa posição inferior a seu interlocutor, expressando pedido, como de (43) a (47).

(43) Eu lhe peço que fique lá fora. – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327-328)

(44) Eu queria que o senhor saísse. – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327-328)

(45) Eu gostaria que o senhor entrasse. – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327-328)

(46) Eu quero que você faça isso pra mim. – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327-328)

(47) Eu quero que você faz isso pra mim. – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327-328)

As imperativas indiretas, cf. Castilho (2014, p. 327-328), formam sentenças complexas, em que o sujeito, expresso na oração matriz, é omitido na oração encaixada, como em (43). Além disso, enquanto o verbo da oração matriz pode estar conjugado no presente, no imperfeito ou no futuro do pretérito do indicativo como em (43), (44) e (45), o verbo da oração encaixada mantém a correlação temporal vindo no subjuntivo (estilo formal), como se observa de (43) a (46) ou no indicativo (estilo informal), como se visualiza em (47).

O imperativo, cf. Castilho (2014, p. 439), teoricamente apresenta formas próprias apenas para as 2SG e 2PL do afirmativo, tendo suas formas restantes supridas pelo subjuntivo. O linguista afirma que, embora a tradição gramatical considere que advenham do indicativo com a queda da desinência número pessoal “-s”, as formas próprias, na verdade, seriam derivadas do imperativo latino que já as apresentava para a 2SG e a 2PL (*canta* > *canta*; *cantate* > *cantai*; *debe* > *deve*; *debete* > *devei*; *parte* > *parte*; *partite* > *parti*). Castilho (2014, p. 439) argumenta, entretanto, que no PB, em decorrência da inserção do *você* no sistema pronominal, as formas imperativas têm cedido seu lugar para as formas advindas do indicativo e do subjuntivo.

As alterações do sistema pronominal estudadas por Lopes (2014, p. 116) desencadearam a expressão variável do imperativo no PB. Castilho (2014, p. 439) explica que a mudança de *tu* por *você* (ou *senhor*) e *vós* por *vocês* (ou *senhores*) acionou a utilização das formas da 3SG e da 3PL em contextos discursivos da 2SG e da 2PL. Uma vez tendo formas

próprias apenas para a 2SG e a 2PL, o imperativo afirmativo supriu suas formas de 3SG e 3PL com formas advindas do subjuntivo. Assim, o imperativo no PB revela nos termos do linguista “um jogo entre as formas do indicativo e do subjuntivo” (CASTILHO, 2014, p. 439), como em (48) e (49).

Imperativo com formas advindas do indicativo:

(48) *Fica* quieto!

Diz aí, eu ganhei ou não ganhei no jogo do bicho? – (cf. CASTILHO, 2014, p. 339)

Imperativo com formas advindas do subjuntivo:

(49) *Fique* quieto!

Diga aí, eu ganhei ou não ganhei no jogo do bicho? – (cf. CASTILHO, 2014, p. 327-328)

A expressão variável do imperativo no PB leva Castilho (2014, p. 339) a questionar, primeiro, se o imperativo teria morfologia própria no Brasil tendo em vista que se expressa por formas tanto do indicativo quanto do subjuntivo, e, segundo, se essa expressão binária configuraria um fenômeno de variação linguística. Diante dessas indagações, Castilho (2014, p. 340) esclarece que o imperativo estaria numa espécie de “corda bamba” entre o discurso (marcado pelos atos de fala) e a prescrição gramatical (marcada pelas flexões verbais) em que os falantes, linguistas e gramáticos, estariam dependurados disputando as formas do subjuntivo e do indicativo para a formação desse modo. Além disso, Castilho (2014, p. 340) afirma que essa expressão do imperativo por formas do indicativo o do subjuntivo tem sido tratada como um fenômeno em variação conforme as pesquisas sociolinguísticas.

A fim de elucidar alguns condicionamentos para a variação do imperativo no PB, Castilho (2014, p. 340) cita o trabalho de Braga (2008) que analisa esse modo verbal em peças teatrais escritas entre 1850 e 1875. Entre os fatores linguísticos destacam-se (a) a substituição de *tu* por *você*, (b) o preenchimento e a ordem do sujeito, (c) a posição do clítico em relação ao verbo e (c) a polaridade da estrutura (*afirmativo / negativo*). Entre os fatores do extralinguísticos, encontram-se (a) o tratamento dado ao interlocutor (*tu/você*), (b) o grau de formalidade entre os indivíduos, (c) a hierarquia entre os interlocutores e (d) o gênero discursivo. Ao analisar peças oitocentistas com base nesses fatores, Braga (2008, *apud* CASTILHO, 2014, p. 440) conclui que o imperativo não dispõe de formas próprias no PB, haja vista a concorrência entre as formas indicativas e subjuntivas que revelam um processo de mudança em curso já no século XIX com predominância das formas indicativas no *corpus* analisado.

Em suma, à luz de Castilho (2014 [2010]), o imperativo é descrito como um modo do domínio da ordem, podendo exprimir pedido, sugestão ou conselho a depender do contexto. As sentenças imperativas podem ser diretas ou indiretas de acordo com a relação existente entre os interlocutores e podem se expressar por meio de verbos conjugados no indicativo, no subjuntivo, no infinitivo e no gerúndio. O imperativo teoricamente apresenta formas próprias apenas para as 2SG e 2PL advindas do latim, sendo o restante de suas formas supridas pelo subjuntivo. Entretanto, Castilho (2014 [2010]) defende a tese de que o imperativo no PB não apresenta formas próprias, uma vez que esse modo é tomado por formas indicativas e subjuntivas.

Uma vez apresentado o imperativo no PB à luz da perspectiva descritivista de Castilho (2014), passa-se à abordagem desse fenômeno, tendo em vista os resultados dos estudos sociolinguísticos.

1.4. O imperativo: uma abordagem sincrônica e diacrônica à luz dos estudos linguísticos⁸

Ao considerar a apresentação do imperativo pela gramática normativa como ponto de partida, analisam-se as manifestações do imperativo de 2SG no Brasil à luz de estudos linguísticos sobre o tema no âmbito tanto sincrônico quanto diacrônico. Se, de um lado, na visão prescritivista o imperativo de 2SG tem suas formas derivadas do presente do indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) licenciadas para o uso exclusivo em contexto de *tu* e suas formas advindas do presente do subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) consentidas para uso tão somente em contexto de *você* (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]); por outro lado, não é essa a única possibilidade de manifestação do imperativo conforme descrito por Castilho (2014 [2010]). Assim, levando em consideração a expressão variável do imperativo de 2SG, foco de análise desta dissertação, procura-se entender de maneira aprofundada o cenário do uso do imperativo no Brasil a partir dos resultados de estudos linguísticos voltados tanto para o presente (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO 2012) quanto para o passado (FARACO, 1982;

⁸ O título desta seção é está inspirado em Scherre (2007, p. 198) segundo a qual o imperativo no PB revela “uma confluência entre verdades sincrônicas e diacrônicas”. Nesse trabalho, a linguista volta seu olhar para o passado, a fim de analisar a origem das formas imperativas, e para o presente, no intuito de compreender o uso do imperativo no PB atual.

PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; SILVA, 2017, SILVA, 2018; DINIZ, 2018), a fim de evidenciar aspectos sincrônicos e diacrônicos que envolvem o tema.

Scherre (2007, p. 189-222) analisa a expressão variável do imperativo de 2SG no PB, que se realiza ora com formas do indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) ora com formas do subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*). A linguista nomeia verdadeiras (*imperativo verdadeiro*) as formas associadas ao indicativo e supletivas as relacionadas a subjuntivo (*imperativo supletivo*). Nesse sentido, ao retomar pesquisas sobre o tema, Scherre (2007) reconstitui a história do imperativo por meio da comparação entre as formas imperativas do PB com outras formas verbais do latim e do português, evidenciando os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a variação e a mudança do imperativo bem como mapeando as dimensões geográficas desse fenômeno de variação no PB.

Do ponto de vista da gramática normativa, as formas do imperativo verdadeiro advêm do presente do indicativo sem o morfe número-pessoal “-s”. Todavia, essa explicação oculta a trajetória desse modo verbal do latim ao português. Scherre (2007, p. 195-200) argumenta que as formas do imperativo verdadeiro originam-se no imperativo latino que tinha formas próprias apenas para as 2SG e 2PL. Essas formas foram obtidas, por sua vez, por meio da queda do morfema de infinito “-re” dos verbos latinos no caso da 2SG (*deixar: laxare > laxa*; *receber: recipere > recipe*; *amar: amare > ama*) e por meio do acréscimo do morfema de número e pessoa “-te” às formas de 2SG para a formação da 2PL (*deixar: laxa > laxate*; *receber: recipe > recipete*; *amar: ama > amate*). Analisando especificamente o imperativo de 2SG, para Scherre (2007), é indubitável a semelhança das formas imperativas do português (*deixa, recebe, ama*) com outras formas verbais do latim ou do português. Essa similaridade pode ser observada, por exemplo, com as formas próprias do imperativo latino (*laxa, recipe, ama*), com as formas não finitas do latim com a queda da sílaba final (*laxare, recipere, amare*), com as formas latinas de 3SG que originaram as do português com apócope do “t” (*laxat, recipit, amat*), ou com as formas do português de 2SG do indicativo sem o “-s” (*deixas, recebes, amas*). Com base nessa comparação, que a autora estende para as outras formas imperativas com relativas diferenças, Scherre (2007) atesta a coerência das explicações a respeito da obtenção das formas imperativas tanto do ponto de vista da gramática normativa quanto dos estudos históricos.

Ao refletir sobre esse surgimento das formas imperativas do PB no âmbito da diacronia, Scherre (2007) toma como base o trabalho de Faraco (1982) que foi um precursor das pesquisas linguísticas com foco na expressão variável do imperativo de 2SG. Ainda que

seu trabalho não esteja no âmbito da sociolinguística quantitativa, suas reflexões são frequentemente retomadas em pesquisas de natureza laboviana, fato que demarca a importância de sua investigação para essa área de estudo. De modo geral, Faraco (1982 *apud* CARDOSO, 2012, p. 45-49) parte do imperativo latino para reconstituir a história das formas do imperativo português, explicando sua expressão variável por meio de uma abordagem pragmática.

Na visão de Faraco (1982 *apud* CARDOSO, 2012), a origem das formas imperativas de 2SG não estaria na apócope do morfema de número e pessoa das formas de 2SG do presente do indicativo conforme prescreve a tradição gramatical, mas sim no imperativo latino, que já apresentava formas próprias para a 2SG e 2PL. Faraco (1982) explica que a homofonia entre o imperativo e o indicativo existe, na verdade, entre as formas de 2SG do imperativo com as formas de 3SG do indicativo com apócope da dental final “-t” por um processo de mudança regular. Essa correlação adquire relevância na medida em que a variação dos usos das formas imperativas de 2SG tem origem no ingresso do *você* no sistema, um pronome formalmente alinhado à 3SG. Faraco (1982) entende que essa inovação no sistema pronominal promoveu um acúmulo de usos das formas de 3SG desencadeando um processo de redução que afetou não apenas as flexões número-pessoais dos verbos como também a expressão das formas imperativas. Assim, no imperativo afirmativo, por exemplo, as formas indicativas (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), usadas apenas para *tu* passaram a se expressar com *você* também, promovendo, assim, a emergência de um fenômeno idiossincrático no português falado no Brasil.

A hipótese central de Faraco (1982) para resistência das formas originais do imperativo frente às mudanças no quadro pronominal consiste em um processo de especialização pragmática. Nesse sentido, as formas arcaicas do imperativo latino, usadas tão somente em contextos de *tu* cf. a gramática normativa, as quais passaram a se manifestar também com *você*, sobreviveram a um cenário de mudanças históricas no sistema pronominal por desenvolver marcações nas situações discursivas em que são empregadas. Faraco (1982 *apud* CARDOSO, 2012) explica que, embora as formas imperativas do subjuntivo fossem mais compatíveis com o quadro de pronomes então formado, houve um aumento da força ilocucionária das formas imperativas associadas ao indicativo, possibilitando sua preservação mesmo em contextos discursivos de *você*. Assim, as formas imperativas do indicativo desencadeariam um reforço da ordem ou do pedido em direção ao interlocutor, não acionado pelas formas imperativas do subjuntivo, que, nesse caso, seriam mais brandas e suaves.

A pesquisa de Faraco (1982) evidencia noções importantes para compreensão dos aspectos históricos e pragmáticos que envolvem a expressão variável do imperativo no PB. Todavia, uma vez que seu trabalho não estava pautado nos princípios da Sociolinguística, haja vista este não ter sido seu propósito, faz-se necessário voltar-se o foco para pesquisas labovianas em que esta dissertação se insere que, por sua vez, devem muito ao estudo de Faraco (1982) dado o seu pioneirismo no tema.

Paredes Silva *et al.* (2000, p. 115-123) realizam uma notável pesquisa sociolinguística no âmbito diacrônico a respeito da variação de 2SG no pronome sujeito (*tu versus você*) e na forma de imperativo (*verdadeiro versus supletivo*), com base em um *corpus* composto por peças cariocas⁹ cujas publicações compreendem cerca de 150 anos (1942-1992). Especificamente sobre o imperativo, Paredes Silva *et al.* (2000, p. 119) controlam a escolha do sujeito de 2SG (*tu/você*) e as próprias peças como fatores no acionamento do imperativo com formas do indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*).

Na amostra analisada, foram encontrados dados com imperativo verdadeiro combinado com sujeito *tu*, como em (50); com imperativo supletivo associado a sujeito *você*, como em (51); e com imperativo verdadeiro relacionado com sujeito *você*, o que evidencia uma suposta “mistura de tratamento”¹⁰ como em (52).

(50) Oh, querido, então *toma* uma providência, repreende os meninos. *Tu* é sempre tão severo quando os nossos filhos fazem isso. (*A garçonière do meu marido*) – (cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p.115-123)

(51) Oh, homem de Deus, deixa a portaria do jardim e *vá* se aprontar de uma vez, senão perde o trem. (*Onde canta o sabiá*)¹¹ – (cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p.115-123)

(52) Vamos fazer uma fortaleza aqui. Juquinha, *você faz* a outra. *Enterra* a pistola as bichas. [...] *Anda, vem-me ajudar.* (*O namorador*) – (cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p.115-123)

No *corpus* analisado, o imperativo verdadeiro prevalece (57%), sendo impulsionado sobretudo pelo sujeito *tu* (91%). Entretanto, Paredes Silva *et al.* (2009) revelam que, mesmo mantendo a correlação pessoal entre sujeito e forma imperativa como em (50) e (51), muitas peças apresentaram uma suposta “mistura de tratamento”, utilizando formas imperativas não

⁹ As peças analisadas foram *O namorador* (1844), de Martins Pena; *Casa de Orates* (1882), de Aluísio de Azevedo; *Onde canta o sabiá* (1922), de Gastão Tojeiro; *A garçonière do meu marido* (1949), de Silveira Sampaio; *Pedro Mico* (1954), de Antônio Callado; *Gota d'água* (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes; *No coração do Brasil* (1992), de Miguel Falabela.

¹⁰ A suposta “mistura de tratamento” não licenciada pela tradição gramatical consiste na utilização de formas que se referem a diferentes pessoas do discurso. Assim, cf. a gramática normativa, o imperativo verdadeiro (2SG) deveria estar correlacionado a *tu* (2SG) e o imperativo supletivo (3SG) deveria estar correlacionado a *você* (3SG). Todavia, quando uma forma de imperativo verdadeiro (2SG) é utilizada com *você* (3SG), há uma “mistura de tratamento”, visto que em termos formais não há uma correlação pessoal.

¹¹ Embora não esteja explícito no trecho, Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121) atestam que o tratamento na peça nesse contexto é por *você*. Além disso, nesse fragmento já se observa uma “mistura tratamental” ao considerar o *você* combinado com o imperativo verdadeiro *deixa*.

correlacionadas a seus respectivos sujeitos, como em (52). Nesse caso, ocorreu um fenômeno que Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121) denominaram “abrasileiramento” do imperativo, que consiste na utilização das formas do imperativo verdadeiro em contexto de *você* em posição de sujeito. Na visão de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 119; 122), esse fenômeno, cujos rastros pretendem ser encontrados nesta dissertação a partir da análise de missivas mineiras, decorre da inserção do *você* no sistema pronominal do PB, ocupando o espaço de expressão do *tu*, conjugada à pouca familiaridade do falante brasileiro com as formas subjuntivas, generalizando o uso do indicativo como “a forma” de imperativo.

Uma das primeiras pesquisas feitas em torno dos fatores que deflagram a variação do imperativo com formas verdadeiras (*deixa/recebe/abra/dá/diz/vai*) ou com formas supletivas (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) consiste no trabalho de Scherre *et al.* (1998, p. 63-72) voltado para a sincronia atual. Com base em um *corpus* formado por dados de fala formal (aulas em escolas e universidades), informal (conversas entre familiares e amigos), planejada (*talk book*) e de programas de TV (novelas, entrevistas, aulas de ginástica, receitas), Scherre *et al.* (1998) analisam o papel de três fatores como propulsores dessa variação: (a) tipo e formalidade do discurso, (b) polaridade da estrutura e (c) paralelismo fônico.

Como resultado em pesos relativos, Scherre *et al.* (1998) indicam, quanto ao primeiro fator, que eventos de fala informal favoreceram o imperativo verdadeiro (0.76), enquanto de fala formal desfavoreceram (0.16), que o discurso televisivo também estimulou o imperativo verdadeiro (0.79), enquanto o livro falado desestimulou (0.04). Quanto ao segundo, Scherre *et al.* (1998) afirmam que, mesmo a polaridade afirmativa não sendo determinante para acionar o imperativo verdadeiro (0.52), a polaridade negativa claramente não aciona (0.29). Por fim, quanto ao terceiro, Scherre *et al.* (1998) assinalam que verbos com vogal precedente [+aberta] (*fala, olha, espera*) propiciam o imperativo verdadeiro, enquanto verbos com vogal precedente [-aberta] (*mande, conte, tente, vire, use*) propiciam o imperativo supletivo¹².

Scherre *et al.* (2000, p. 1333-1347) ampliam esse estudo ao investigar a influência de aspectos sintáticos e fonológicos na expressão variável do imperativo de 2SG no PB atual, construído pelo imperativo verdadeiro (*Me liga*) ou pelo imperativo supletivo (*Ligue* para a Net Rio). Os dados, submetidos a uma análise quantitativa, foram retirados do mesmo *corpus* da pesquisa de Scherre *et al.* (1998), constituído por situações concretas de uso da língua em eventos de fala formal, informal, planejada e de programas de TV.

¹² Scherre *et al.* (1998) explicam que, no primeiro caso, a vogal precedente [+aberta] harmoniza-se com a vogal temática do imperativo (a [a]) favorecendo o imperativo verdadeiro, e que, no segundo caso, a vogal precedente [-aberta] que identifica o imperativo supletivo (e [i]) é uma marca do subjuntivo.

Tomando como valor de aplicação o imperativo verdadeiro, entre as variáveis controladas que merecem destaque na pesquisa estão (a) tipo e formalidade do discurso; (b) presença/ausência e tipo de clítico; (c) número de sílabas do verbo no infinitivo; e (d) paralelismo fônico (natureza da vogal precedente [\pm aberta]).

Em relação a tipo e formalidade do discurso, Scherre *et al.* (2000) evidenciam que eventos de língua falada dialógicos favorecem o imperativo verdadeiro (0.76, cf. SCHERRE *et al.* 1998), como em (53), enquanto os eventos de língua escrita não dialógicos favorecem o imperativo supletivo, como em (54).¹³

(53) *Passa o braço na frente.* – (cf. SCHERRE *et al.*, 2000, p. 1333-1347)

(54) *Passa alguns minutos com seu filho no quarto, abraça, beije, despeça-se, saia e apague a luz.* – (cf. SCHERRE *et al.*, 2000, p. 1333-1347)

Relativamente a presença/ausência e tipo de clítico, Scherre *et al.* (2000) afirmam que, em eventos de fala dialógica, o clítico *se* em posição enclítica (*Retire-se*) propicia a utilização categórica do imperativo supletivo (100%, 7 oco). Entretanto, o *se* em posição proclítica, embora continue impulsionando o imperativo supletivo, possibilita a expressão do imperativo verdadeiro (31%, 4 oco, 0.03). Além disso, a existência de um *me* proclítico (90%, 43 oco, 0.57) ou a ausência de qualquer clítico (80%, 550 oco, 0.51) favorecem ligeiramente o imperativo verdadeiro. Quanto ao número de sílabas do verbo no infinitivo, Scherre *et al.* (2000) verificam que, enquanto os monossílabos (*dar, ver, por, ir, ler*) impulsionam formas do imperativo verdadeiro (91%, 85 oco, 0.86), os polissílabos (*apresentar, aparecer, preoocupar*) favorecem formas do imperativo supletivo (44%, 19 oco, 0.11). Nesse caso, os dissílabos (*falar, virar, dizer, abrir*) e trissílabos (*apagar, escrever, repetir*) exercem influência intermediária (82%, 355 oco, 0.47 e 78%, 138 oco, 0.45, respectivamente), não propiciando nem uma forma nem a outra de maneira determinante. Por fim, no que se refere a paralelismo fônico, Scherre *et al.* (2000) atestam que verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] (*fala/fale*: 93%, 82 oco, 0.64; *olha/olhe*: 89%, 124 oco, 0.67; *espera/espere*: 75%, 42 oco, 0.59) favorecem o imperativo verdadeiro e verbos com vogal precedente [-aberta] (*manda/mande*: 78%, 18 oco, 0.41; *conta/conte*: 86%, 24 oco, 0.36;

¹³ A predominância das formas imperativas do subjuntivo em contextos não dialógicos decorre de fatores sintáticos e contextuais. Scherre *et al.* (2000) explicam que, se nessas situações fossem utilizadas formas indicativas, haveria uma ambiguidade, uma vez que a sentença poderia ser interpretada como indicativa, caso a referência de sujeito fosse *ele/ela*, ou como imperativa, caso a referência de sujeito fosse *você*. Assim, a fim de evitar a duplicidade de sentido, há uma prevalência das formas subjuntivas já que, nesse caso, essas formas só admitem a interpretação imperativa, tendo em vista que o sentido subjuntivo em orações absolutas ocorre tão somente diante de elementos do tipo *talvez* encabeçando essas sentenças.

tenta/tente: 83%, 50 oco, 0.48; *vira/vire*: 73%, 46 oco, 0.32; *procura/procure*: 65%, 43 oco, 0.22) propiciam o imperativo supletivo.

Outro trabalho relevante sobre o tema no âmbito da sincronia consiste na pesquisa de Scherre (2003, p. 177-191) sobre a expressão variável do imperativo de 2SG (*verdadeiro/supletivo*) em revistas em quadrinhos. Nas 15 revistas da *Turma da Mônica* publicadas em 1998 e 1999, foram encontradas 724 formas imperativas em contextos discursivos de *você*, entre as quais 362 (57%) eram de imperativo verdadeiro como em (55) e 274 (43%), de imperativo supletivo como em (56).

(55) É agora, Tonicão, *faz o Gol!* – *imperativo verdadeiro* (Almanaque do Cebolinha - 54, Maurício de Souza, Editora Globo, dez/1999:75) – (cf. SCHERRE, 2003, p. 178)

(56) “*Faça* essa bola se mexer AGORA!” – *imperativo supletivo* (Almanaque do Cebolinha - 54, Maurício de Souza, Editora Globo, set/1999:75) – (cf. SCHERRE, 2003, p. 178)

Tomando as formas do imperativo verdadeiro como parâmetro para o cálculo das frequências e pesos relativos, Scherre (2003) analisa, como variáveis linguísticas, (a) polaridade da estrutura; (b) presença, localização e pessoa dos pronomes; (c) presença/ausência de vocativo; (d) paradigma verbal, tipo de oposição entre as formas verbais, paralelismo fônico, (e) número de sílabas do verbo no infinitivo; (f) paralelismo discursivo (presença/ausência de outra forma imperativa no contexto); e, como variável não linguística, (g) as características dos personagens dos quadrinhos.

Na análise dos dados, favoreceram o imperativo verdadeiro (a) estruturas afirmativas, como em “*Faz o gol!*” (61%, 342 oco, 0.54); (b) estruturas com pronome reto depois do verbo como em “*Hum... Deixa eu ver*” (96%, 22 oco, 0.97) e estruturas com *me* proclítico como em “*Agora, me conta...*” (60%, 24 oco, 0.62); (c) presença de vocativo nas estruturas como em “*Psst! Não faz escândalo, Cebolinha!!*” (63%, 138 oco, 0.59); (d) verbos com menos sílabas na forma infinitiva (*dar, ir, vir, ler*: 69%, 63 oco, 0.57; *olhar, deixar*: 64%, 229 oco, 0.59); (e) paradigmas irregulares de oposição menos marcada (*dá/dê, sai/saia, vem/venha* – *paradigma irregular*: 77%, 72 oco, 0.68, *esquece/esqueça, sobe/suba* – *paradigma especial*: 56%, 22 oco, 0.66) e verbos regulares da 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] na forma conjugada (*espera, fala, olha*: 63%, 114 oco, 0.63); (f) imperativo precedido por imperativo verdadeiro como em “*Volta o filme, Mônica! Volta!*” (88%, 38 oco, 0.81); e (g) fala de personagens que simbolizam o vernáculo (*Chico Bento*: 92%, 47 oco, 0.90; *demais personagens de fala rural*: 89%, 41 oco, 0.81) ou que têm mais destaque nas histórias (*Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali*: 63%, 135 oco, 0.55).

Em contrapartida, favoreceram relativamente o imperativo supletivo: (a) estruturas negativas como em “Da próxima vez, não fale a verdade!” (25%, 20 oco, 0.23); (b) estruturas com *se* enclítico como em “Então se prepara para comer!” (11%, 2 oco, 0.14) ou estruturas com pronomes em ênclise como em “Bem... Deixe-me ver”, “Divirta-se”, “Leve-os de volta para casa”, “Segure esta colda e tile-os daqui!” (0%, 21 oco, efeito categórico); (c) ausência de vocativo nas estruturas como em “Volte aqui!” (54%, 224 oco, 0.45); (d) verbos trissílabos (*esperar, apertar, desculpar*: 39%, 61 oco, 0.30) e polissílabos (*imaginar; experimentar; aproximar*: 28%, 9 oco, 0.37); (e) paradigmas irregulares com oposição mais marcada (*faz/faça, traz/traga, diz/diga*: 27%, 14 oco, 0.16), paradigmas regulares com oposição mais marcada (*come/coma; abre/abra*: 27%, 6 oco, 0.36) e verbos regulares da 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta] (*manda/mande; conta/conte; tenta/tente; vira/vire*: 53%, 134 oco, 0.42); (f) imperativo precedido por imperativo supletivo com em “Volte, Marina! Volte!!” (55%, 34 oco, 0.50); e (g) fala de personagens que simbolizam o vernáculo como Cafuné, Papa-capim, Dona Morte, Penadinho, Zé Vampir (*indígenas e pré-históricos*: 40%, 8 oco, 0.26; *virtuais*: 33%, 11 oco, 0.26) ou que têm menos destaque na histórias (*pais e tios de personagens principais e personagens secundários com nome*: 51%, 62 oco, 0.44; *pais e tios de personagens secundários e personagens secundários sem nome*: 34%, 32 oco, 0.23).

Ao analisar pesquisas anteriores sobre o imperativo de 2SG no PB, Scherre (2004, p. 231-260) discute as relações entre a norma e o uso do imperativo de 2SG comparando os dados obtidos por Scherre *et al.* (1998, 2000), baseados em eventos naturais de fala formal e informal de Brasília, com os levantados por Scherre (2003), retirados das revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Nessa comparação, tomando as formas do imperativo verdadeiro como parâmetro, Scherre (2004) analisa, como fatores: polaridade de estrutura; tipo, posição do pronome, tipo de paradigma verbal e de oposição verbal, paralelismo fônico e número de sílabas do verbo na forma infinitiva; e papel do vocativo. Como resultado, Scherre (2004) afirma que as pesquisas com base na escrita das histórias em quadrinhos de Scherre (2003) confirmam as restrições que orientam a manifestação do imperativo já comprovadas no trabalho com base nos eventos de fala de Scherre *et al.* (1998, 2000). Na visão de Scherre (2004), a convergência desses resultados, que destoa do imperativo prescrito pela tradição gramatical, reforça um processo de mudança em curso em torno da consolidação do

imperativo brasileiro, com forma verdadeira em contexto discursivo de *você-sujeito* nos termos de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121).¹⁴

A pesquisa realizada em histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica* é ampliada em um estudo diacrônico em tempo real com base em dados compilados de 1970 a 2010 por Scherre (2007), Scherre *et al.* (2010, *apud* SCHERRE, 2012). Nesse estudo, a linguista revela aspectos importantes sobre a expressão variável de 2SG do imperativo cf. a tabela (01) retirada de Scherre (2012).

ANO OU PERÍODO	FREQUÊNCIA DAS FORMAS DE IMPERATIVO VERDADEIRO <i>(deixa/recebe/abre/dá/diz/vai)</i>		PESO RELATIVO
1970 e 1971	11/153	7%	0.02
1983	15/84	18%	0.06
1985	145/260	56%	0.40
1986 e 1987	135/229	59%	0.38
1988 e 1999	361/637	57%	0.44
2001	360/507	71%	0.62
2002	579/794	73%	0.61
2004	333/489	68%	0.52
2005	365/478	76%	0.69
2010	119/147	81%	0.76
TOTAL	2423/3778	81%	-

Tabela (01): O aumento imperativo verdadeiro nas revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* ao longo do tempo, cf. Scherre (2007, p. 211)

Na tabela (01), observa-se a evolução do imperativo ao longo do tempo de 1970 a 2010. Ao analisar os pesos relativos, Scherre (2007) atenta para uma mudança brusca na década de 1980 com o favorecimento do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), em detrimento do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), que só aumentou ao longo dos anos, chegando a uma diferença de 0.74 entre as décadas de 1970 a 2010. Scherre *et al.* (2007, p. 4-6, *apud* SCHERRE, 2012) atribuem o avanço acentuado das formas do imperativo verdadeiro na década de 1980 tanto às *Diretas já*, movimento que exaltou a expressão da brasilidade, quanto à admissão do personagem Chico Bento como sócio honorário da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) em resposta ao

¹⁴ Posteriormente, Scherre *et al.* (2014, p. 87-105) aborda a entrada de fenômenos de variação e mudança linguística, por exemplo a expressão variável do imperativo de 2SG na escrita brasileira em diversos gêneros discursivos, como nas revistinhas da *Turma da Mônica*. Nesse caso, diferentemente do senso comum, segundo o qual a escrita seria regulada pela tradição gramatical, o uso das formas do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo, uma vez consistindo em mudança não marcada abaixo da consciência social, é regido pelos usos dos falantes dessas formas na fala espontânea conforme inúmeras pesquisas sobre o tema.

preconceito linguístico sofrido por ele quando o Conselho Nacional de Cultura cogitou proibir as publicações de suas revistinhas.

Levando em consideração que as histórias da *Turma da Mônica* são escritas em contexto discursivo de *você*, é possível afirmar, à luz de Sherre (2007), que na atualidade o *imperativo abraçeirado*, com formas de imperativo verdadeiro em contexto de *você-sujeito*, encontrado por Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121) na peça *Onde canta o sabiá* (1922), do modernista Gastão Tojeiro, tenha-se espraído pelo PB de acordo com evidências de trabalhos sociolinguísticos.

Por meio dessas e outras tantas pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas sobre o assunto com base em eventos de língua falada no presente, já é possível mensurar, de acordo com Scherre (2007, p. 26), os fatores linguísticos e extralinguísticos que impulsionam de maneira geral a expressão variável do imperativo de 2SG no PB, cf. o quadro (05).

FATORES QUE FAVORECEM AS FORMAS DO IMPERATIVO DE 2SG	
IMPERATIVO VERDADEIRO <i>(deixa/recebe/abre/dá/diz/vai)</i>	IMPERATIVO SUPLETIVO <i>(deixe/receba/abra/dê/diga/vá)</i>
Eventos de fala menos formais e de natureza explicitamente mais dialógica (SCHERRE et al., 1998, p.65, 68; LIMA, 2005, p.50-57; SCHERRE, 2007)	Eventos de fala mais formais e de natureza explicitamente menos dialógica (SCHERRE et al., 1998, p.65, 68; LIMA, 2005, p.50-57; SCHERRE, 2007)
Construções afirmativas (SCHERRE et al., 1998, p.66; SAMPAIO, 2001, p.96, 111)	Construções com negação pré-verbal (SCHERRE et al., 1998, p.66; SAMPAIO, 2001, p.96, 111; LIMA, 2005, p.82; JESUS, 2006, p.80)
Contexto com tu explícito no contexto na fala de Recife (JESUS, 2006, p.80) ou sem você explícito no contexto na fala de Campo Grande (LIMA, 2005, p.82)	Contexto com você explícito no contexto próximo (JESUS, 2006, p.80; LIMA, 2005, p.82)
Construções com pronome na forma reta em posição de objeto: deixa eu ir/chama ele (SCHERRE et al., 2000a; SCHERRE, 2004, p.242; SAMPAIO, 2001, p.88, 113; LIMA, 2005, p.78; JESUS, 2006, p.94)	Construções com pronome na forma oblíqua em posição de objeto: deixe-me ir/ chame-o/aproxime-se (SCHERRE et al., 2000; SCHERRE, 2004, p.242; LIMA, 2005, p.78)
Paradigmas irregulares com posição menos marcada: dá/dê; vai/vá; vem/venha; põe/ponha (SCHERRE, 2004, p.249) ou verbos específicos: deixar e dar (JESUS, 2006, p.107);	Paradigmas irregulares com posição mais marcada: faz/faça; diz/diga; sê/seja (SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71; JESUS, 2006, p.107) e paradigmas regulares mais marcados (de 2a e 3a conjugações): esquece/esqueça; sobe/suba; come/coma (SCHERRE, 2004, p.249)
Verbos de até duas sílabas: dar, ir, vir, ter, por; olhar, deixar, falar, ficar, abrir (SCHERRE, 2004, p.247; 251; LIMA, 2005, p.66)	Verbos de mais de duas sílabas: esperar, apertar, perguntar, desculpar, respirar, imaginar, aproveitar (SCHERRE, 2004, p.251; LIMA, 2005, p.66)
Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente aberta: fala/olha/espera (SCHERRE et al., 1998, p.67; SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71)	Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente fechada: use/ abuse/ imagine (Scherre et al., 1998, p.67; Scherre, 2004, p.249; Lima, 2005, p.71)
Formas verbais em série precedidas de formas associadas ao indicativo (deixa/recebe/abre/dá/diz/vai) (SAMPAIO, 2001, p.88; LIMA, 2005, p.75; JESUS, 2006, p.97)	Formas verbais em série precedidas de formas associadas ao subjuntivo (deixe/receba/abra/dê/diga/vá) (SAMPAIO, 2001, p.88; LIMA, 2005, p.75; JESUS, 2006, p.97)
Falantes mais jovens (SCHERRE et al.; 2000b; SAMPAIO, 2001, p.102,121; LIMA, 2005, p.59)	Falantes menos jovens (SCHERRE et al.; 2000b; SAMPAIO, 2001, p.102,121; LIMA, 2005, p.59)
No Rio de Janeiro, falantes menos escolarizados; em Salvador e Recife, falantes mais escolarizados (SAMPAIO, 2001, p.104,119; ALVES; ALVES, 2001, p.41; JESUS, 2006, p.65)	No Rio de Janeiro, falantes mais escolarizados. Em Salvador Recife, falantes menos escolarizados (SAMPAIO, 2001, p.104,119; ALVES; ALVES, 2001, p.38-40; JESUS, 2006, p.65)

Quadro (05): Fatores linguísticos e extralinguísticos de favorecimento das variantes da 2SG do imperativo em termos de grandes oposições, cf. Scherre (2007, p. 207)

No intuito de compreender essa variação do imperativo no eixo diatópico cujos fatores já se mostram em diversos trabalhos, Scherre (2007, p. 192), em consonância com o levantamento de pesquisas com base em diálogos espontâneos relacionadas ao imperativo no PB, afirma que, enquanto o imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) predomina nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) predomina na região Nordeste. O gráfico (01), retirado de Scherre (2007, p. 192), explicita essa distribuição.

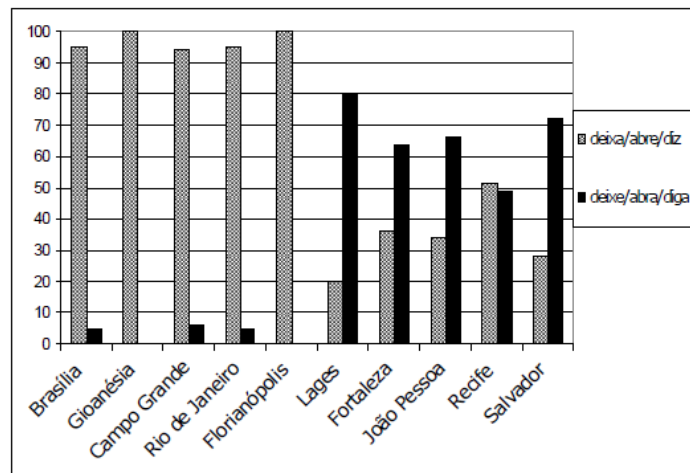


Gráfico (01): Distribuição do imperativo no território brasileiro em eventos de língua falada, cf. Scherre (2007, p. 194)

Ao analisá-lo, observa-se que a cidade de Lages, no interior do estado de Santa Catarina, é uma exceção à predominância do imperativo verdadeiro tendo em vista a região em que se encontra. Scherre (2007) explica que a existência dos pronomes *você* e *tu* com o traço [\pm distanciamento] na fala espontânea da região Sul pode ter levado à preferência pelas formas do imperativo supletivo, o que não deixa de ser inusitado sobretudo porque nessa localidade paradoxalmente as formas do imperativo supletivo são utilizadas em contexto de menor intimidade. Outra exceção a ser discutida é a existência de um equilíbrio na distribuição do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo na cidade de Recife, na região nordestina. Sobre esse fato, Scherre (2007) argumenta que a prevalência do imperativo supletivo pode estar relacionada ao maior uso do subjuntivo pelos falantes nordestinos nas orações encaixadas, fenômeno que provavelmente incidiu com menor intensidade na cidade de Recife.

Embora o entendimento da expressão variável do imperativo em Recife careça de mais pesquisas voltadas especificamente para essa localidade, o fenômeno em Lages foi amplamente estudado por Cardoso (2012).

Sob um viés sincrônico, Cardoso (2012) pesquisa a expressão variável do imperativo no Sul do Brasil, especificamente as diferenças de usos do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) entre as cidades de Florianópolis e Lages. Diferentemente de Florianópolis, a cidade de Lages, cf. os trabalhos divulgados por Scherre (2007, p. 194), constitui uma exceção à região Sul pela prevalência do imperativo supletivo. A fim de investigar esse cenário, Cardoso (2012, p. 83) utiliza, como amostra, 48 entrevistas sociolinguísticas do projeto Varsul estratificadas com as variáveis sexo (masculino e feminino), idade (25 a 49 anos e mais de 50 anos), tempo de escolarização (até quatro anos, até oito anos, até dez anos) e etnia. A hipótese é a de que os diferentes usos das formas imperativas entre Florianópolis e Lages refletissem um encaixamento linguístico propiciado pelas relações de poder e solidariedade manifestas nas formas de tratamento que motivaram a utilização de diferentes construções imperativas.

Na análise geral dos 464 dados levantados, prevaleceu as formas do imperativo verdadeiro (75%) sobre as formas do imperativo supletivo (25%), cf. Cardoso (2012, p. 96). Ao conjugar esses resultados ao fator cidade, a divergência de pesos relativos é evidente: em Florianópolis (86%, 184 oco, 0.70) a probabilidade de uso das formas do imperativo verdadeiro é muito maior do que a de em Lages (66%, 167 oco, 0.30). Cardoso (2012, p. 106) explica que essa disparidade decorre das diferenças históricas de colonização entre as duas cidades. Ao passo que, em Florianópolis, por ter passado por uma colonização portuguesa, houve um processo de *tuteamento* que promoveu a utilização do *tu* nas formas tratamentais, ativando o uso das formas do imperativo verdadeiro; em Lages, uma vez tendo uma colonização de influência paulista, graças aos tropeiros que passavam pela região, houve um processo de *voceamento*, fomentando a utilização do *você*, propiciando um menor uso das formas do imperativo verdadeiro em comparação a Florianópolis.

A fim de demonstrar essa diferença com base nas relações de poder e solidariedade, Cardoso (2012, p. 121) cruza o fator tipos de relações (simétricas, assimétricas) com as cidades. Como resultado, em Florianópolis, há uma uniformidade na predominância das formas do imperativo verdadeiro (*nas relações simétricas: 86%, 62 oco; nas relações assimétricas de superior para inferior: 83%, 25 oco; nas relações assimétricas de inferior para superior: 80%, 24 oco*), enquanto em Lages há uma visível variação em decorrência do tipo das relações (*nas relações simétricas: 69%, 38 oco; nas relações assimétricas de superior para inferior: 50%, 34 oco; nas relações assimétricas de inferior para superior:*

38%, 9 oco). Assim, embora a fala de Florianópolis não seja afetada pelos tipos de relações, a de Lages se mostra sensível a esse fator.

Dessa forma, ao considerar que a utilização de *você* e *tu* podem expressar diferentes graus de distanciamento a depender da situação discursiva e da localidade, Cardoso (2012, p. 130) evidencia que cruzamentos estatísticos entre variáveis, como cidade *versus* forma imperativa ou cidade *versus* tipos de relações, revelam comportamentos linguísticos bastante diferenciados entre Florianópolis e Lages que, uma vez inseridas em processos de encaixamento na estrutura linguística e social cada uma a seu modo, constituem diferentes comunidades de fala.

Além da pesquisa de Cardoso (2012) como base na expressão variável do imperativo em Lages e em Florianópolis, é válido destacar também no eixo diatópico em sincronias do PB os estudos de Cardoso (2009), com base em dados de fala de Brasília, e de Evangelista (2010), com base em dados de fala de Vitória.

Cardoso (2009), em sua pesquisa com foco em um grupo de fortalezenses que se muda para Brasília, analisa a influência que os fatores “gênero” e “identidade dos falantes” exercem sobre a expressão variável do imperativo de 2SG. Nesse sentido, partindo dos resultados de pesquisas sobre a utilização das formas do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abra/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) em Fortaleza e no Distrito Federal, a linguista investiga o processo de mudança em relação às construções imperativas no grupo de controle.

Em Fortaleza, há uma média de 40% de utilização do imperativo verdadeiro e, no Distrito Federal, essa média sobe para 90% (SCHERRE *et al.*, 1998; FERREIRA e ALVES, 2001; SILVA, 2003 *apud* CARDOSO 2009, p. 74). Entretanto, esses dados não se conservam na análise do grupo de controle do Distrito Federal, formado por 16 falantes, 9 do mulheres e 7 homens, entre os quais 13 são migrantes de Fortaleza e 3 são brasileiros descendentes de famílias fortalezenses. Dos 972 dados de imperativo de 2SG obtidos por meio de entrevistas com esse grupo, 664 foram do imperativo verdadeiro, o que corresponde a uma média de 68% de utilização dessas formas.

Especificamente em relação à variável gênero, em uma rodada preliminar com dados referentes a 11 falantes, o uso das formas do imperativo verdadeiro foi maior entre as mulheres (74%, 309 oco, 0.61) do que entre os homens (31%, 148 oco, 0.33). Cardoso (2009, p. 84) argumenta que, no processo de deslocamento geográfico, enquanto os homens mantêm

suas formas imperativas originais, as mulheres, uma vez pressionadas pela necessidade de adaptação ao novo espaço, tendem a promover a mudança de modo mais rápido. Entretanto, ao acrescentar os dados referentes aos outros 5 falantes, a distribuição das frequências, em vista dos diferentes usos das formas imperativas entre os indivíduos de cada grupo, sofreu alterações, mesmo mantendo uma incidência maior entre as mulheres (77%, 449 oco, 0.59) do que entre os homens (56%, 215 oco, 0.37). A não uniformidade deve-se à variação dos pesos relativos de indivíduos tanto entre o grupo feminino (0.22, 0.27, 0.42, 0.42, 0.45, 0.78, 0.81, 0.92, 0.94) quanto entre o grupo masculino (0.10, 0.15, 0.15, 0.22, 0.46, 0.58, 0.66). Ainda que a diferença entre os pesos relativos seja menor entre os homens do que entre as mulheres, fato que confirma um maior avanço quanto à mudança no grupo feminino, Cardoso (2009, p. 86) assinala que a compreensão dessa heterogeneidade requer a análise de outros fatores que compõem a identidade do falante, como sua idade e escolaridade bem como sua localidade e seu tempo de moradia no Distrito Federal.

Com o intuito de verificar a influência da variável identidade dos falantes, Cardoso (2009, p. 105) divide os informantes em três grupos para análise dos dados do imperativo. O primeiro grupo, com o traço [-Brasília], é formado por indivíduos que apresentam hábitos e costumes mais distantes de Brasília, conservando sua proximidade com os aspectos socioculturais de Fortaleza; o segundo, com o traço [±Brasília], é composto por integrantes que, embora mantenham contato com a cultura fortalezense, revelam pouco apego aos costumes cearenses, habituando-se à vida no Distrito Federal; e o terceiro grupo, com o traço [+Brasília], é constituído por falantes totalmente inseridos e adaptados aos hábitos e comportamentos brasilienses, sem contato com Fortaleza. Analisando a incidência das formas do imperativo verdadeiro em cada grupo, Cardoso (2009, p. 109) atesta uma gradação, uma vez que os informantes com o traço [-Brasília] (54%, 172 oco, 0,28) utilizam menos as formas do imperativo verdadeiro do que os informantes com o traço [±Brasília] (68%, 301 oco, 0.47), que, por sua vez, as utilizam com uma frequência ainda menor do que a dos informantes com o traço [+Brasília] (91%, 191 oco, 0.89).

Ao conjugar a variável identidade dos falantes com o gênero, dividindo cada grupo indentitário entre homens e mulheres, Cardoso (2009, p. 119) apresenta resultados também gradativos. Entre os informantes do gênero feminino, o grupo com o traço [-Brasília] (62%, 132 oco, 0,36) utiliza em menor quantidade as formas do imperativo verdadeiro do que o grupo [±Brasília] (78%, 126 oco, 0.53), que, por seu turno, as utiliza em um número ainda menor do que a do grupo [+Brasília] (91%, 191 oco, 0.89). Entre os informantes do gênero

masculino, o grupo com o traço [-Brasília] utiliza menos as formas do imperativo verdadeiro do que o grupo [\pm Brasília], mas que não pode ser comparado com o grupo [+Brasília], que não dispõe de falantes masculinos. Desse modo, embora haja uma gradação em termos de uso do imperativo verdadeiro nos dois grupos, esse processo expressa-se de forma mais acentuada entre as mulheres do que entre os homens, ratificando o comportamento inovador das mulheres frente à mudança na pesquisa.¹⁵

Assim, tanto do ponto de vista do gênero, quanto do ponto de vista da identidade, Cardoso (2009) destaca a influência dessas variáveis na opção por uma ou outra forma imperativa em seu grupo de controle avaliado.

Diferentemente de Cardoso (2009), Evangelista (2010) avalia a alternância entre as formas do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Nesse sentido, com objetivo de averiguar o posicionamento da cidade no cenário de variação do imperativo no Brasil, Evangelista (2010) utiliza, como *corpus*, (a) entrevistas do projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVIX) – fala espontânea; (b) propagandas e títulos de colunas dos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta* – escrita não dialógica; (c) tirinhas de *Marly, a solteirona* – escrita dialógica; e (d) fala da mídia televisiva dos programas locais *Balanço Geral* e *Tribuna Notícias*.

Na análise dos dados de fala espontânea do PortVIX, Evangelista (2010, p. 55) atesta um resultado próximo de uma invariação, com predominância das formas do imperativo verdadeiro (97%, 233 oco) em relação às formas do imperativo supletivo (3%, 6 oco), alinhando-se aos resultados de Scherre (2007) que infirmam a predominância do imperativo verdadeiro na região Sudeste. Nesse *corpus*, entre as variáveis que mais influenciaram a expressão das formas do imperativo verdadeiro em pesos relativos, Evangelista (2010, p. 58-68) destaca, como fatores linguísticos, a polaridade afirmativa da sentença (98%, 224 oco,

¹⁵ Esses resultados são confirmados por Scherre *et al.* (2012) na investigação do papel da variável gênero nos processos de mudança linguística, tomando como ponto de partida o *Paradoxo do Gênero*, segundo o qual as “mulheres desviam menos das normas linguísticas do que os homens quando os desvios são publicamente proibidos, mas desviam mais do que eles quanto os desvios não são proibidos.” (LABOV, 2001, p. 367, *apud* SCHERRE *et al.*, 2011, p.16). Especificamente sobre a expressão variável do imperativo de 2SG, Scherre *et al.* (2011, p. 138-139) sintetizam suas propostas em duas proposições: (a) traços linguísticos menos marcados, no sentido de serem mais aceitos socialmente (não necessariamente mais prestigiados), como as formas do imperativo verdadeiro em contatos dialetais, tendem a ser favorecidos pelas mulheres; (b) traços linguísticos mais marcados, no sentido de serem menos aceitos socialmente, como as formas do imperativo supletivo em contatos dialetais, tendem a ser favorecidos pelos homens.

0.52) e a presença de marcador discursivo¹⁶ (99%, 104 oco, 0.70); e, como fatores extralinguísticos, a faixa etária acima de 26 anos do falante (98%, 87 oco, 0.53), a escolaridade de nível médio (95%, 39 oco, 0.57) e o sexo feminino (98%, 108 oco, 0.55).

No trabalho com dados de escrita não dialógica, com base nos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*, Evangelista (2010, p. 70) confirma uma predominância das formas do imperativo supletivo em coerência com Scherre (2007), uma vez que em contextos não dialógicos a forma subjuntiva, diferentemente da indicativa, garantiria a leitura imperativa da sentença. Nessa amostra, as variáveis que impulsionaram as formas do imperativo verdadeiro foram a polaridade afirmativa da sentença e a presença de âncoras discursivas¹⁷ (0.98).

No estudo com os dados de escrita dialógica retirados de tirinhas de *Maly, a solteirona*, Evangelista (2010, p. 79) encontra uma predominância das formas do imperativo supletivo, cenário que contradiz o uso do imperativo na fala capixaba. Nesse *corpus*, a linguista destaca o efeito dos fatores personagens e tempo na deflagração das formas do imperativo verdadeiro. Entre os personagens, a protagonista Marly (54%, 22 oco, 0.56) e seu papagaio Prepúcio (72%, 5 oco, 0.82) são os que mais favorecem o imperativo verdadeiro. Em relação ao tempo, Evangelista (2010, p. 85) atesta um uso maior do imperativo verdadeiro nas tirinhas dos anos 1970 (54%, 7 oco, 0.64) do que nas tirinhas dos anos 2000 (36%, 19 oco, 0.50).

Na investigação dos dados da mídia televisiva, a partir de um jornal mais popular *Balanço Geral* e outro mais tradicional *Tribuna Notícias*, Evangelista (2010, p. 95) também encontra uma predominância das formas do imperativo supletivo (42%, 53 oco), situação que também contradiz os dados da fala espontânea de Vitória em relação ao uso do imperativo. Nessa amostra, a linguista evidencia, como fatores que impulsionam as formas do imperativo verdadeiro, os jornais e o contexto discursivo (dialógico ou não). Nesse sentido, o jornal mais popular *Balanço Geral* (42%, 40, 0.53) e o contexto discursivo dialógico (86%, 38 oco, 0.95) influenciaram a expressão das formas do imperativo verdadeiro.

Assim, por meio da análise dos *corpora* relacionados a diferentes situações discursivas, Evangelista (2010) evidencia o posicionamento da cidade de Vitória em relação

¹⁶ Evangelista (2010, p. 61) entende marcador discursivo como uma forma verbal que demarca a troca de um turno de fala ou a introdução de um novo assunto, como em “*Olhe* eu vou dizer uma coisa pra você” ou “*Nossa olha* como desenha bem”.

¹⁷ Evangelista (2010, p. 79) explica que âncoras discursivas são elementos que simulam diálogos ou que simulam a fala (SCHERRE, 2005, p. 127), podendo ser balões, vocativos, rimas, ícones (SCHERRE, 2007, p. 213) e também pontos de exclamação (SCHERRE *et al.*, 2008).

ao uso do imperativo, que, a depender da situação discursiva, se aproxima ou se distancia dos resultados de Scherre (2007).

Uma vez expostas as pesquisas que analisam a expressão variável do imperativo de 2SG considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos que deflagram essa variação e sua disposição geográfica no território brasileiro, faz-se necessário analisar como esse cenário dialoga com a distribuição das formas tratamentais de 2SG *tu* e *você* no PB.

Ao conjugar o mapeamento do imperativo nas regiões brasileiras com a utilização dos pronomes *você* e *tu* pelos falantes, Scherre (2007) percebe que as formas imperativas não se encontram em distribuição complementar com as formas tratamentais no PB, fenômeno que promove a variação das construções imperativas sem necessariamente seguir os preceitos da norma-padrão. À luz de Scherre (2007, p. 201), existem 5 subsistemas de utilização de *tu* e *você* no Brasil: o subsistema 1, com uso exclusivo de *você*, é observado Minas Gerais, toda região Centro-Oeste (exceto Distrito Federal), praticamente todo o Estado do Paraná e a cidade de Salvador; o subsistema 2, com uso predominante do *tu* com baixa concordância, é encontrado na região Sul; o subsistema 3, com uso predominante do *tu* com alta concordância, é visto as regiões Sul, Norte e Nordeste; o subsistema 4, com alternância dos pronomes *tu* e *você* sem concordância com o *tu* é verificado nas cidades de Rio de Janeiro e de Santos, em áreas bilíngues do Rio Grande do Sul e do Paraná e em áreas rurais da Bahia; e o subsistema 5, com alternância dos pronomes *tu* e *você* com concordância com o *tu*, é constatado nas regiões Sul e Nordeste. Levando em consideração a ampla variação de *tu* e *você*, pronomes que, a depender do subsistema, revezam-se em situações de maior ou menor distanciamento, é lícito afirmar, cf. Scherre (2007, p. 205), que a existência de uma expressão variável entre as formas do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) promoveu a emergência do *imperativo abraileirado* nos termos de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), constituído de formas do imperativo verdadeiro em contextos discursivos de *você* como sujeito.

Scherre (2012, p.17) sintetiza diversos estudos realizados sobre a expressão variável do imperativo de 2SG em 17 localidades, possibilitando entrever, por meio das relações entre as formas imperativas e as formas tratamentais *tu* e *você* cf. o quadro (06), evidências do *imperativo abraileirado* no Brasil.

DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DO IMPERATIVO EM CORRELAÇÃO COM O SUJEITO DE 2SG (TU E VOCÊ)
1) Distrito Federal (DF): Brasília – você e tu (de 20% a 90% de <i>você</i> e 95% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. SCHERRE; DIAS, E.; ANDRADE, C.; LUCCA; ANDRADE, A, 2011; RODRIGUES, 1993; LEITE, 1994; MORAIS, 1994; SCHERRE; DIAS, J.; FREITAS.; JESUS; OLIVEIRA H., 1998; SILVA, C. 2003);
2) Goiás (GO): Goianésia – você (100% de <i>você</i> e 100% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. FERREIRA; ALVES, E. 2001);
3) Mato Grosso (MS): Campo Grande – você (100% de <i>você</i> e 97% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. LIMA, 2005);
4) Rio de Janeiro (RJ): Rio de Janeiro – você e tu (pelo menos 35% a 94% de <i>VOCÊ</i> e 95% de <i>imperativo fala/diz/vai</i> , cf. PAREDES SILVA, 2003; LOPES; MARCOTULIO; SILVA.; SANTOS, 2011; SAMPAIO, 2001);
5) Espírito Santo (ES): Vitória – você (100% de <i>você</i> e 97% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. CALMON, 2010; EVANGELISTA, 2010);
6) Santa Catarina (SC): Florianópolis – tu (76% de <i>tu</i> e 100% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004; BONFÁ; PINTO; LUIZ, 1997);
7) Santa Catarina (SC): Lages você (84% de <i>você</i> e 20% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004; BONFÁ; PINTO; LUIZ, 1997);
8) Bahia (BA): Poções – você e tu (91% de <i>você</i> e 84% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. OLIVEIRA, L., 2007; SANTOS, L., 2007);
9) Bahia (BA): Helvécia – você e tu (97% de <i>você</i> e 89% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
10) Bahia (BA): Cinzento – você e tu (79% de <i>você</i> e 87% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
11) Bahia (BA): Rio de Contas – você e tu (99% de <i>você</i> e 88% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
12) Bahia (BA): Sapé – você e tu (79% de <i>você</i> e 75% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. OLIVEIRA, L., 2005; SANTOS, L., 2006);
13) Bahia (BA): Santo Antônio de Jesus – você e tu (80% de <i>você</i> e 56% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. OLIVEIRA, L., 2007; SANTOS, 2007);
14) Bahia (BA): Salvador - você (100% de <i>você</i> e 25% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. SAMPAIO, 2001; ALVES, A; ALVES, J. 2005; ALVES, J. 2008a);
15) Ceará (CE): Fortaleza – tu e você; você e tu (possivelmente 60% <i>você</i> e 40% de <i>imperativo verdadeiro</i> , cf. SOARES, 1980: 79; CARDOSO, 2006; 2009);
16) Paraíba (PB): João Pessoa – tu e você; você e tu (possivelmente de 60% <i>você</i> e 34% de <i>imperativo</i> , cf. ALVES, G. 2001);
17) Pernambuco (PE): Recife – tu e você, você e tu (possivelmente de 60% <i>você</i> e 34% de <i>imperativo</i> , cf. SETTE, 1980; JESUS, 2006).

Quadro (06): Distribuição do imperativo no eixo diatópico
em correlação com as formas de 2SG *tu* e *você*
no PB, cf. Scherre (2012, p. 17)

Com base nesses estudos, Scherre (2012) destaca um corte geográfico claro em termos regionais, em que as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste tendem a favorecer as formas do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) enquanto a região Nordeste tende a favorecer as formas do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), independentemente da presença dos pronomes *você* ou *tu* de 2SG.

Uma vez expostos os trabalhos principalmente no âmbito da sincronia, que revelam os fatores que condicionam a variação e a mudança retratados no presente, volta-se o foco para o passado para uma abordagem no âmbito da Sociolinguística Histórica, em que esta dissertação se insere, a fim de compreender o percurso das formas imperativas sob o viés da diacronia em trabalhos linguísticos desenvolvidos sobre o tema.

Rumeu (2016, p. 310-341) analisa a expressão variável do imperativo de 2SG (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) em cartas pessoais que contemplam o século XIX e XX, em busca de rastros do *imperativo abasileirado*, que, cf. Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), consiste no emprego de uma forma do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/ abre/dá/diz/vai*) em contexto discursivo de *você* em posição de sujeito. Desse modo, a partir de um *corpus* composto por 170 cartas escritas por falantes cultos da família carioca Pedreira Ferraz-Magalhães, Rumeu (2016) considera, como fatores para a variação das formas imperativas, a forma de tratamento na função de sujeito (cartas de *tu-sujeito* exclusivo, de *você-sujeito* exclusivo e cartas mistas: de *tu-sujeito* e *você-sujeito* concomitantemente) bem como as categorias gênero (masculino ou feminino) e faixa etária dos missivistas (jovem adulto ou idoso).

Na análise das 545 ocorrências das formas imperativas, de maneira geral, o imperativo verdadeiro (45%, 242 oco), como em (57), prevaleceu, por 5 pontos percentuais, sobre o imperativo supletivo (55%, 302 oco), como em (58).

(57) [...] *Pede* aDeos minha [...] Filha pela saude de teu Pae [...] sendo provável que a esta hora já Você tenha recebido. [...] (JPF. Rio de Janeiro, 16.07.1879) – (cf. Rumeu, 2016, p. 323)

(58) [...] Como tens Você, a tua Mãe e Marido e Pae eirmãos passado? [...] Aceite o coração e a benção [...] (JPF. Rio de Janeiro, 07.02.1877) – (cf. Rumeu, 2016, p. 321)

Ao conjugar esse resultado com o fator forma de tratamento, as ocorrências do imperativo verdadeiro, embora maiores nas cartas de *tu-sujeito* exclusivo (73%, 94 oco), são significativas nas cartas de *você-sujeito* exclusivo (5%, 13 oco, 0.14) e, principalmente, nas cartas mistas (55%, 129 oco, 0.53). A significância desses dados está na confirmação da existência de rastros do *imperativo abasileirado* em sincronias passadas. Nesse contexto, Rumeu (2016, p. 322) destaca a incidência do imperativo verdadeiro sobretudo nas cartas de *tu/você-sujeito*, uma vez que a concorrência entre as formas tratamentais no processo de reorganização do quadro pronominal, cf. Lopes e Cavalcante (2011, p. 29), influenciou de maneira determinante a variação das formas imperativas, deflagrando o processo de *abasileiramento* do imperativo.

Rumeu (2016, p. 328) também analisa a ação das variáveis gênero (masculino e feminino) e faixa etária (jovens, adultos e idosos) sobre a variação do imperativo de 2SG. Como resultado, tendo em vista os percentuais e ocorrências do imperativo verdadeiro, entre os jovens há uma acirrada disputa pelas formas imperativas com uma relativa preferência pelas formas do indicativo principalmente pelo gênero masculino (*homens*: 56%, 28 oco; *mulheres*: 51%, 41 oco). Entre os adultos, essa disputa diminui com pequena inibição das formas do imperativo verdadeiro pelo gênero feminino (*homens*: 55%, 52 oco; *mulheres*: 41%, 96 oco). Por fim, entre os idosos, a taxa de uso das formas imperativas do indicativo diminui de maneira considerável em ambos os gêneros (*homens*: 37%, 20 oco, *mulheres*: 14%, 4 oco). Esses resultados prenunciam um processo de mudança em curso encabeçada pelos mais jovens que, ao preferirem as formas imperativo do indicativo, impulsionam uma inovação nos usos das formas imperativas já em fins do século XIX e início do século XX. Desse modo, Rumeu (2016) atesta não apenas o fenômeno de variação do imperativo de 2SG no *corpus* motivado por fatores linguísticos (referência de sujeito de 2SG) e extralinguísticos (gênero e faixa etária), como também a existência de rastros do *imperativo abrigado* como evidência de uma mudança em curso no PB.

Silva (2017) apresenta outro estudo no âmbito da diacronia que merece destaque na investigação da variação do imperativo de 2SG também com base em cartas de escritores cariocas que contemplam o século XIX e XX. Seguindo os pressupostos da Sociolinguística laboviana, o trabalho tem como objetivo verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a expressão variável do imperativo (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) no *corpus* analisado. Em sua pesquisa, Silva (2017) busca atestar se a frequência de uso de uma ou outra variante do imperativo está relacionada a expressões formulaicas que compõem o gênero carta bem como se o predomínio de uma forma por outra está associado a itens verbais específicos (*types*) ou ao número de ocorrência de um mesmo item (*token*).

Na análise geral da amostra, constituída de 787 dados retirados de mais de 500 cartas de escritores cariocas no período de 1840 a 1980, houve um equilíbrio no uso das formas imperativas, com uma relativa prevalência do imperativo verdadeiro (50,8%, 400 oco), como em (59), sobre o imperativo supletivo (49,8%, 287 oco), como em (60).

(59) *Sê bom menino, ouve* muito o que a tua mamae te disser, *estuda* bem nas horas do collegio, *brinca* bastante no resto do dia, e não deixes de querer bem. (Carta 01-VO-22-12-1879) – (cf. SILVA, 2017, p. 61)

(60) *Passeie, ande, apanhe* sol, se *alimente* bem, *coma* bem muita gordura, *tome* o fosforo da homeopatia, se sentires algo vá ao Dr. Belo (EB-20-01-1980) – (cf. SILVA, 2017, p. 61)

A fim de investigar a influência da regra de frequência (BYBEE, 2003) na variação das formas imperativas, Silva (2017, p. 75-80) conjuga os tipos de verbos (*type frequency*) e a ocorrência de cada verbo (*token frequency*) aos paradigmas de conjugação verbal. Como resultado, na 1ª conjugação, os tipos de verbos que ocorrem no imperativo supletivo (paradigma mais marcado) são relativamente mais numerosos que do que os tipos de verbos que ocorrem no imperativo verdadeiro (paradigma menos marcado). Na segunda conjugação, os tipos de verbos bem como as ocorrências de cada verbo promoveram uma forte variação na expressão das formas imperativas verdadeiras ou supletivas. Por fim, na 3ª conjugação, assim como na 2ª, manteve-se o equilíbrio entre as formas variantes relativamente aos tipos e ocorrências de verbos, evidenciando uma concorrência semelhante.

No estudo da relação entre as expressões formulaicas e a variação das formas imperativas, Silva (2017, p. 132-135) analisa a localização das formas imperativas nas seções do gênero carta (saudação inicial, núcleo, saudação final e *post scriptum*). A fim de verificar essa relação, a linguista considera que as saudações iniciais e finais, nas quais as expressões formulaicas são frequentes por serem seções mais fixas, são menos dialógicas, motivo pelo qual as formas do imperativo supletivo tendem a prevalecer; e que o núcleo e o *post scriptum*, nas quais as expressões formulaicas são menos frequentes por serem seções mais livres, são mais dialógicas, contexto que favoreceria a prevalência das formas do imperativo verdadeiro. Como resultado em pesos relativos, Silva (2017) atesta que principalmente no núcleo da carta houve um relativo favorecimento do imperativo verdadeiro (0.52) sobre o imperativo supletivo nas saudações iniciais e finais. Essa diferença ratifica que, em contexto de maior liberdade, o escrevente opta por formas imperativas verdadeiras e em contexto de maior rigidez, o missivista prefere as formas imperativas supletivas.

Assim, Silva (2017) atesta não apenas que a expressão variável do imperativo de 2SG é guiada por fatores linguísticos e extralinguísticos, uma vez que essa variação ocorre com maior frequência com alguns tipos de verbos específicos em partes menos rígidas do texto epistolar.

Enquanto Silva (2017) concentra sua análise nas seções de núcleo e *post scriptum* da carta, Silva (2018) tem como foco as outras partes constitutivas do gênero. O linguista analisa as ocorrências das formas imperativas em cartas pessoais, tendo em vista o modelo de Tradição Discursiva (KOCH, 1997; KABATEK, 2006; COSTA, 2012), que caracteriza os textos e suas formas de dizer segundo as manifestações sociais e históricas que compõem uma comunidade linguística. Nessa perspectiva, as cartas pessoais são entendidas como gêneros

cujas seções evocam em maior ou menor grau as formas imperativas. Assim, ao considerar que as cartas apresentam saudações iniciais e finais como partes constitutivas nas quais expressões formulaicas são frequentes, Silva (2018) focaliza essas seções que, por apresentarem pedidos, ordens e exortações recorrentes, possibilitam a expressão das formas imperativas.

A amostra da pesquisa, que compreende os anos de 1873 a 1950 (9 décadas), é constituída de 27 cartas encontradas em acervos públicos escritas por escritores cultos de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Entre os verbos analisados, encontram-se casos de formas que denotam passividade, como em (61), e de formas em elipse como em (62).

(61) *Aceite* lembranças e saudades de seu mano amigo sempre. (Carta 1, 1873) – (cf. SILVA, 2018, p. 87)

(62) Abraços e saudades do pai e amigo. (Carta 16, 1922) – (cf. SILVA, 2018, p. 87)¹⁸

Especificamente na seção de saudação final das cartas, foram encontradas 15 ocorrências de formas imperativas ao longo das nove décadas (1870:1 oco, 1880: 5 oco, 1890: 1 oco, 1900: 4 oco, 1910: 1 oco, 1920: 0 oco, 1930: 1 oco, 1940: 1 oco, 1950: 1 oco). Ao analisar a distribuição dessas formas em relação ao tempo, Silva (2018, p. 89) atesta uma redução da utilização do imperativo no século XX, em decorrência do aumento de elipses verbais da substituição do imperativo pelo indicativo como em “Mãe *envia-te* a paz do senhor e Vivi também”, cf. Silva (2018, p. 89).

Em suma, por meio de sua pesquisa, Silva (2018) comprova a correlação das seções de saudação e recomendação das cartas com a expressão das formas imperativas, uma vez que essas seções funcionam como contextos discursivos propulsores do imperativo.

Diniz (2018) também analisa a expressão variável do imperativo de 2SG sob um viés histórico com base em cartas pessoais de escritores cariocas cultos que contemplam o século XIX e XX. Orientada pelos princípios da Sociolinguística Histórica, Diniz (2018, p. 18) busca, além de verificar a distribuição quantitativa das formas imperativas na amostra analisada (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) e os principais fatores que influenciam essa expressão variável, encontrar vestígios do *imperativo abasileirado* (forma imperativa indicativa em contexto de *você-sujeito*, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121).

¹⁸ Silva (2018, p. 88) entende que essas sentenças omitem verbos imperativos como *receber, aceitar, mandar ou enviar*, por exemplo, (*Mando*) abraços [...] (*sic*). Sentenças com elipse verbal são frequentes em contextos de saudação final de gêneros como cartas pessoais, e-mail, conversações telefônicas, uma vez que, segundo a Tradição Discursiva, é comum que formas de dizer tenham algumas expressões omitidas em decorrência do uso frequente.

No *corpus* analisado, constituído por dados provenientes de 226 missivas de acervos públicos distribuídas entre os anos de 1869 e 1980, foram encontrados 732 dados de formas imperativas, com predominância do imperativo supletivo (60%, 442 oco), como em (63), sobre o imperativo verdadeiro (40%, 290 oco), como em (64).¹⁹

(63) “[...] Naotinho recebido letras suas, mas como Você tem podido ser mais frequente em a estimavel correspondencia com a vossa mãe e irmã [...] Nas suas orações ao Alto *recommende* sempre o Pae que é tam amigo seu [...]” (JPCF. Rio de Janeiro, 20.05.1886) – (cf. DINIZ, 2018, p. 81)

(64) “[...] *Fazi* com que o teu marido e Pae não me mandem o carro sem animal de montaria porque temos logo no dia seguinte precisão de que os muares estejam vigorosos para conduzir nos. [...] Já encommendei as velas bentas que me pediste. [...]” (JPCF. Rio de Janeiro, 05.02.1877) – (cf. DINIZ, 2018, p. 81)

A fim de perseguir os rastros do *imperativo abraileirado* nas cartas cariocas, Diniz (2018, p. 80) analisa a referência de sujeito das formas imperativas por meio da divisão da amostra em cartas mistas (de *tu/você-sujeito*), cartas de *você-sujeito* exclusivo e cartas de *tu-sujeito* exclusivo. Uma vez que o *imperativo abraileirado* é formado a partir de uma forma de imperativo verdadeiro em contexto de *você-sujeito*, saltam aos olhos as ocorrências de formas imperativas do indicativo nas cartas de *você-sujeito* (14%, 44 oco, 0.18) e, principalmente, nas cartas mistas (45%, 85 oco, 0.46), nas quais a convivência das formas de referência à 2SG (*tu e você*) parecem impulsionar a ocorrência das formas do imperativo verdadeiro. Nesse sentido, Diniz (2018, p. 81) comprova a existência de vestígios do *imperativo abraileirado*, como de (65) a (67), em sincronias passadas.

(65) “[...] Mano, se voce pudesse me arranjar um d’esse aparelho de ouvir melhor como Mãe deu a Amalia eu ficaria muito contente e nossa Madre pagaria a importancia. [...] Já emprimiram a terceira edição da beographia de Mãe? se não *ve* se me arranja uns esemplares [...]” (MBPCAM. SP, 28.12.1926.) – (cf. DINIZ, 2018, p. 81)

(66) “[...] Mande-me dizer se você nasceu 85 ou 86. [...] Amanhã vou comeeçar uma novena á *Santo Ignacio*; as suas intencções estaram de certo. *Tem* todo o cuidado comsigo, para melhor poder louvar a Nosso Senhor. [...]” (MLPCAM. 21.07.1926.) – (cf. DINIZ, 2018, p. 81)

(67) “[...] Si faltar volumes você peça ao Caio mas não deixe de mandar para todos. Vou começãr a fazer força para o Premio Felipe de Oliveira. Para o Gulhermino você *repara* que eu mandei na lista manuscrita. [...]” (MR. Rio de Janeiro, 26.10.1947.) – (cf. DINIZ, 2018, p. 81)

Como fatores que, em pesos relativos, influenciaram a expressão do imperativo de 2SG por formas relacionadas ao indicativo, Diniz (2018, p. 141-152) destaca (a) a polaridade da estrutura em sentenças afirmativas (46%, 283 oco, 0.671); (b) o paralelismo fônico encontrado em verbos de paradigma especial das 2ª e 3ª conjugações com oposição menos marcada como *corre/corra*, *segue/siga*, *sobe/suba* (53%, 67 oco, 0.62) e verbos de paradigma irregular com oposição mais marcada como *diz/diga*, *vê/veja*, *sê/seja* (44%, 78

¹⁹ A prevalência das formas do imperativo supletivo pode ser explicada, segundo Diniz (2018), pela composição da amostra, cujos dados refletem uma grande influência do padrão gramatical, tendo em vista a origem culta dos missivistas que refletem a inserção do *você* no sistema pronominal no uso das formas imperativas.

oco, 0.48); (c) o número de sílabas no infinitivo de verbos polissílabos (53%, 31 oco, 0.72) e trissílabos (47%, 110 oco, 0.61), (d) as relações sociais de avô-neto (57%, 8 oco, 0.99), pai-filho (78%, 46 oco, 0.98), mãe-filho (89%, 32 oco, 0.97), tia-sobrinho (80%, 4 oco, 0.63) e marido-mulher (43%, 18 oco, 0.80); e, por fim, (e) os períodos entre anos 1900-1909 (56%, 10 oco, 0.679), 1920-1929 (47%, 131 oco, 0.68) e 1930-1939 (34%, 34 oco, 0.70).

Assim, Diniz (2018, p. 155) atesta não apenas o estatuto variável do imperativo de 2SG na escrita carioca culta dos séculos XIX e XX como também vestígios do *imperativo abrazeirado* que prenunciam uma mudança na língua motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

No intuito de atestar a influência da inserção da forma *você* no quadro pronominal como fenômeno propulsor da expressão variável do imperativo de 2SG, Silva (2017) e Rumeu (2019), ao comparar os dados dessas pesquisas sociolinguísticas no âmbito da diacronia, analisam no eixo do tempo o processo de introdução do *você* no sistema *pari passu* à variação das formas imperativas. Essa investigação, baseada nos dados históricos de Silva (2012, 2017) e Diniz (2018) entende que a consolidação do *você* como uma forma legítima de 2SG repercutiu no uso variável do imperativo, seja verdadeiro (*deixa/recebe/ abre/dá/diz/vai*) seja supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*), nas amostras analisadas.

Na distribuição das formas imperativas no eixo temporal, Rumeu (2016), Silva (2017) e Diniz (2018) são unânimes em apresentar a existência de 4 fases que demonstram a concorrência entre as formas imperativas, cf. pode ser observado a título de análise no gráfico (02), de Diniz (2018, p. 122).

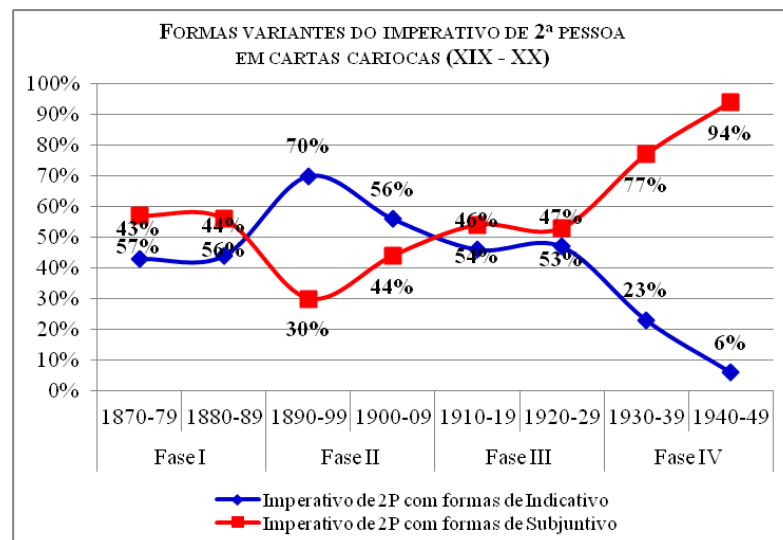


Gráfico (02): Distribuição dos dados de imperativo verdadeiro e de imperativo supletivo nas cartas cariocas ao longo tempo, cf. Diniz (2018, p. 122)

A disposição das formas imperativas no eixo temporal com base nos dados levantados por Diniz (2018) revela 4 fases: fase I (1860-1870), com predominância das formas imperativas do indicativo; fase II (1880-1909), com ascendência das formas imperativas do subjuntivo; fase III (1910-1939) com alta competitividade entre as formas imperativas do indicativo e do subjuntivo; e fase IV (1949-1989), com preponderância das formas imperativas indicativo.

Na distribuição das formas pronominais de 2SG *tu* e *você* no eixo do tempo, Silva (2017) e Rumeu (2019), com base em dados históricos do estudo de Silva (2012), examinam as fases que revelam a inserção do *você* no sistema pronominal, cf. o gráfico (03) de Silva (2012, p. 90 *apud* SILVA 2017, p. 55) e retomado também por Rumeu (2019, p. 30).

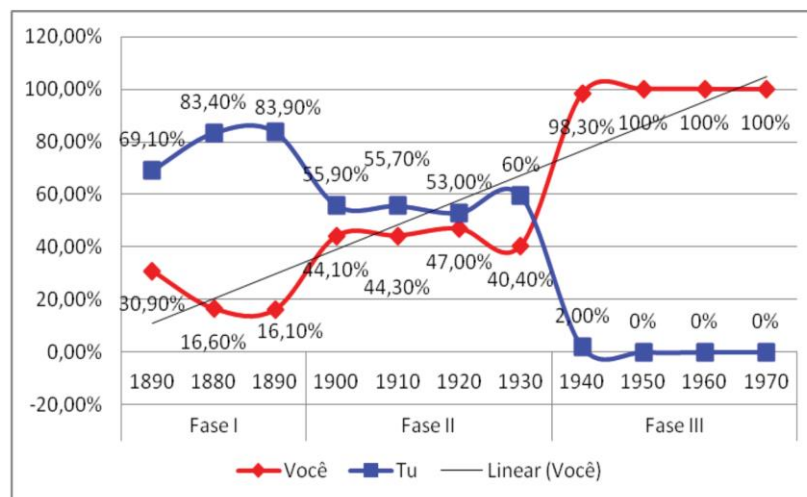


Gráfico (03): A disposição das formas de 2SG *tu* e *você* ao longo do tempo, cf. Souza (2012, p. 90)

A análise do gráfico (03), com base me Silva (2017) e Rumeu (2019), possibilita entrever três fases para a distribuição dos pronomes de 2SG ao longo do tempo: fase I (1870-1899), com predominância do *tu* sobre o *você* sem que fossem variantes uma vez usadas em contextos discursivos diferentes; fase II (1900-1939), com concorrência entre as formas *tu* e *você*, período em que o *você* começa a ocupar os contextos discursivos do *tu*; e a fase III (1940-1979) com a prevalência do uso do *você* sobre o *tu*, ratificando a mudança no quadro pronominal do PB.

Ao cotejar os dados expostos no gráfico (02), referentes à distribuição do imperativo, aos dados apresentados no gráfico (03), relacionados à disposição dos pronomes *você* e *tu*, é possível traçar um paralelo entre as formas imperativas e as formas pronominais. A compreensão desse paralelo pressupõe que os missivistas ilustres que compõem a amostra, por serem cultos, são influenciados pela tradição gramatical segundo a qual, em decorrência

de aspectos formais, o imperativo verdadeiro (2SG) é licenciado exclusivamente em contexto de *tu* (2SG) e que o imperativo supletivo (3SG) é licenciado tão somente em contexto de *você* (3SG). Desse modo, se o *você* inicia sua ocupação dos espaços discursivos do *tu* no início do século XX paralelamente à concorrência entre as formas imperativas, consolidando-se com uma referência legítima de 2SG por volta da década de 1930 concomitantemente à prevalência do imperativo supletivo, é lícito afirmar, à luz de Silva (2017) e Rumeu (2019) que a inserção do *você* no sistema pronominal repercutiu na expressão variável do imperativo de 2SG nas amostras analisadas.

Assim, Silva (2017, p. 137) e Rumeu (2019, p. 34) atestam, com base na análise de dados históricos no âmbito da diacronia, que o comportamento das formas do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo acompanha *pari passu* as alterações do sistema de pronomes de 2SG, evidenciando, portanto, uma correlação entre a incorporação do *você* no quadro pronominal e a expressão variável do imperativo.

Em suma, partindo da visão prescritiva (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]), observa-se, à luz dos estudos linguísticos desenvolvidos na sincronia e na diacronia, um fenômeno variável de expressão do imperativo no PB, influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos, que constitui o objeto de estudo desta dissertação. Enquanto na tradição gramatical o imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e o imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) são licenciados tão somente para os contextos de *tu* e *você*, nessa ordem, em posição de sujeito; nos estudos linguísticos essa correlação, a depender dos *corpora*, nem sempre é atestada, na medida em que, de acordo com os dados analisados, não existe necessariamente uma distribuição complementar entre as formas imperativas e as referências de sujeito de 2SG. Essa distância entre a norma e o uso pode ser averiguada em trabalhos que lidam com o fenômeno tanto no presente (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO, 2012) quanto no passado (FARACO, 1982; PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; SILVA, 2017; SILVA, 2018; DINIZ, 2018), revelando, de fato, à luz de Scherre (2007, p. 198), que o imperativo representa “uma confluência entre verdades sincrônicas e diacrônicas”.

Desse modo, uma vez analisados os trabalhos sobre a expressão do imperativo tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico, segue-se à síntese do capítulo.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

O capítulo iniciou-se com a reconstituição da história do imperativo, por meio da qual pode-se verificar um processo de redução linguística (simplificação). Enquanto no latim existiam formas imperativas de presente e futuro na voz ativa e na voz passiva (RAVIZZA, 1940; BERGE *et al.*, 1946; FARIA, 1958), no português, perpetuaram-se apenas as formas do presente ativo em um processo de mudança regular (WILLIAMS, 1975 [1938], SILVA NETO, 1986 [1957]; CÂMARA JR, 1976 [1975]), evidenciando que no português arcaico o imperativo constituía mórfica e sintaticamente um modo independente do indicativo e do subjuntivo (FAVARO, 2016).

Posteriormente, abordou-se o imperativo à luz da não só da prescrição tradicional (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA E CINTRA, 2007 [1985]), mas também da descrição gramatical proposta por Castilho (2014 [2010]). Sob o viés prescritivista o imperativo de 2SG apresenta formas advindas do indicativo e do subjuntivo em distribuição complementar, respectivamente, com os pronomes *tu* e *você*. Todavia, essa disposição é questionada na descrição proposta por Castilho (2014 [2010]), ao considerar que, no imperativo de 2SG, em decorrência da inserção do *você* no sistema pronominal, ocorre uma livre associação entre as formas indicativas e subjuntivas, ratificando a existência de um fenômeno variável.

Por fim, discutiu-se a expressão variável do imperativo de 2SG que pode se manifestar por meio do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) em estudos linguísticos voltados para a sincronia (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO 2009; EVANGELISTA, 2010; CARDOSO, 2012) e para a diacronia (FARACO, 1982; PAREDES SILVA *et al.*, 2000; RUMEU, 2016, 2019; SILVA, 2017; SILVA, 2018; DINIZ, 2018). Sob a perspectiva sincrônica, os trabalhos atestaram, segundo os princípios da Sociolinguística laboviana, a existência da variação do imperativo no PB motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Sob a perspectiva diacrônica, as pesquisas reconstituíram, com base nos fundamentos da Sociolinguística Histórica, a expressão do fenômeno em *corpora* históricos, investigando os fatores responsáveis pela variação bem como buscando evidências do *abrasileiramento* do imperativo.

Assim, uma vez apresentada a trajetória do imperativo do latim ao português, promovendo uma revisão histórico-descritiva desse modo verbal, passa-se no próximo capítulo aos pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam esta dissertação.

2. O IMPERATIVO EM ESTUDO: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo inicia-se com uma breve história dos estudos linguísticos (FARACO, 2005; PAIXÃO DE SOUZA, 2006; CONDE SILVESTRE, 2007) com objetivo de explicar o surgimento da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014), corrente da linguística que embasa esta dissertação. Em seguida, abordam-se as questões que desafiam os sociolinguistas em seus trabalhos acadêmicos com *corpora* históricos (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012), evidenciando a relevância do gênero carta pessoal (PAREDES SILVA, 1997; AGUILLAR, 1998; MARCUSCHI, 2001; BERLINK *et al.* 2008; RUMEU, 2008; ELPASS, 2012) que compõe a amostra desta pesquisa, baseada na escrita culta de mineiros oitocentistas e novecentistas, como será descrito apropriadamente. Por fim, apresenta-se o imperativo de 2SG, cuja expressão variável constitui o objeto em análise deste trabalho, discorrendo-se sobre suas características pragmáticas, morfológicas e sintáticas, sobre os métodos de contagem de frequência (BYBEE, 2003, 2013) bem como sobre os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem em sua variação (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; DINIZ, 2018).

2.1. Breve percurso dos estudos linguísticos: do método histórico-comparativo à sociolinguística histórica

A preocupação com a história das línguas sempre esteve presente nas pesquisas relacionadas às línguas naturais, haja vista o trabalho daqueles que remexem o passado em busca de respostas para o surgimento, desenvolvimento e consolidação das línguas humanas (MATTOS E SILVA, 1999; PAIXÃO DE SOUZA, 2006). Todavia, embora durante o século XIX essa tônica se pautasse quase que exclusivamente em trabalhos de cunho historicista, baseados na reconstituição histórica das línguas de origem latina; a partir do século XX, com a elevação da Linguística à título de ciência, as pesquisas no âmbito da descrição e análise das línguas tomaram fôlego e rigor metodológico sobretudo em decorrência dos trabalhos de Saussure (1995 [1916]), Chomsky (1975 [1955]) e Labov (1963). Nesse sentido, tempos depois, surge, no campo das análises históricas, a Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014), corrente assumida neste trabalho a qual dialoga com os interesses da Linguística Histórica para o entendimento da variação e mudança linguística em sincronias pretéritas.

A Linguística Histórica, como uma reflexão das mudanças da língua ao longo do tempo apoiada em práticas científicas modernas de fundamentação empírica para a construção de modelos teóricos, teve a sua origem há cerca de 200 anos no final do século XVIII (FARACO, 2005, p. 129). Esses dois séculos de análise linguística compreendem, duas grandes fases: a primeira, do final do século XVIII ao final do século XIX, com a instituição do método histórico-comparativo; e a segunda, do início do século XX até a contemporaneidade, com os estruturalistas (SAUSSURE, 1995 [1916]) e os gerativistas (CHOMSKY, 1975 [1955]), de um lado, e os sociolinguistas (LABOV, 1963), de outro.

Na primeira fase desses estudos, as pesquisas em Linguística Histórica voltaram-se para origens e desenvolvimento dos idiomas na Europa (PAIXÃO DE SOUZA, 2006). Nessa perspectiva, a reflexão linguística visou traçar o percurso de línguas românicas, como o italiano, o francês, o espanhol e o português, demonstrando suas semelhanças e diferenças em relação à língua latina. A Linguística dessa época pautou-se pela análise e pela categorização das línguas neolatinas no sentido de compor a genealogia da Família Romance (CAMPBELL, 2000, *apud* PAIXÃO DE SOUZA, 2006, p. 16). Nesse processo, os estudiosos consideravam as evidências de relações de herança entre as línguas que tinham o latim como uma origem comum.

Do final dessa primeira fase (segunda metade do século XIX), cabe salientar o papel dos neogramáticos que criticaram a falta de rigor metodológico de seus predecessores e contribuíram para a sofisticação do método histórico-comparativo. Segundo Faraco (2005, p. 139), os neogramáticos representaram “um divisor de águas para a Linguística Histórica”, na medida em que direcionariam as pesquisas linguísticas realizadas a partir de então, que ora convergiriam ora divergiriam em relação a suas teorias linguísticas. Faraco (2005) salienta que os neogramáticos entendiam que as línguas neolatinas tinham sido investigadas pelos seus antecessores sem levar em consideração o papel do falante ao longo do processo. Na visão desses linguistas, a investigação da língua não poderia prescindir da investigação do indivíduo que fala, logo a língua tinha de ser vista, necessariamente como ligada ao falante. Todavia, apesar de demarcar a importância da atuação do falante, os neogramáticos consideravam a mudança linguística como um evento regular motivado exclusivamente por fatores internos ao sistema linguístico. Assim, para esses linguistas a regularidade da mudança era analisada sob uma perspectiva imanentista de língua.

Na segunda fase dos estudos linguísticos (a partir do século XX), há uma rivalidade entre duas correntes que moldaram os trabalhos desenvolvidos sobre a língua, dando, cada

uma a seu modo, contribuições significativas para o estudo da história linguística (FARACO, 2005). De um lado, estavam as correntes imanentistas, representadas por Saussure (1995 [1916]) e Chomsky (1975 [1955]) e, de outro, as correntes integralistas representadas por Labov (2006 [1966]). Para além das especificidades, cada teoria diferenciava-se em relação à concepção de língua e mudança linguística que defendiam. Enquanto as correntes imanentistas entendiam que os processos de variação e mudança devem-se a fatores intralinguísticos, internos ao sistema; as correntes integralistas concebiam esses processos como decorrentes de uma associação entre fatores intra e extralinguísticos, internos e externos ao sistema.

Saussure (1995 [1916]), considerado “o pai da linguística moderna”, revolucionou os estudos linguísticos com a instituição de duas perspectivas para análise língua: o eixo sincrônico e o eixo diacrônico (CONDE SILVESTRE, 2007). Na visão saussuriana, as pesquisas linguísticas deveriam optar por analisar a língua ora a partir da sincronia (eixo das simultaneidades), analisando a língua com foco no seu atual estágio, ora a partir da diacronia (eixo das sucessões), examinando os estágios da língua ao longo do tempo. Embora se reconheça a importância dos estudos estruturalistas em torno da linguística histórica, sobretudo sob o ponto de vista diacrônico, Paixão de Souza (2016, p. 21) considera que, após Saussure, os estudos históricos assumiram um papel coadjuvante na linguística moderna, uma vez que os linguistas dessa época tenderam a pautar seus trabalhos principalmente no âmbito das sincronias com a descrição da estrutura interna da língua.

Os estruturalistas saussurianos, ao focalizarem as distinções entre a análise da língua (*langue*) e análise da fala (*parole*) de uma comunidade linguística pareciam desconsiderar, para efeito de análise, a dimensão social da língua. Essa dinâmica revela uma aparente contradição, enunciada por Labov (1991[1972], p. 186) como o *Paradoxo Saussuriano*.

Se todos possuem o conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (SAUSSURE, 1962, p. 30), seria possível se obter os dados através do testemunho de qualquer pessoa – mesmo uma única pessoa. Por outro lado, dados da *parole*, ou fala, poderão apenas ser obtidos através do exame do comportamento dos indivíduos ao fazerem uso da língua. Assim, temos o “Paradoxo Saussuriano”: o aspecto social da língua é estudado através da observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente através da observação da língua em seu contexto social (LABOV, 1991[1972], p. 186).²⁰

²⁰ Tradução do original: If everyone possesses a knowledge of language structure, if *langue* is “un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau” (SAUSSURE, 1962, p. 30), one should be able to obtain the data from the testimony of any one person – even oneself. On the other hand, data on *parole*, or speech, can only be obtained by examining the behavior of individuals as they use the language. Thus we have the Saussurian Paradox: the social aspect of language is studied by observing any one individual, but the individual aspect only by observing language in its social context (LABOV, 1991[1972], p. 186).

A Saussure (1995 [1916]) importava, então, descrever o funcionamento interno da língua, pensada como um sistema abstrato, homogêneo e invariável, dispensando em certa medida a dimensão sócio-histórica da fala, vista como o uso exclusivo e variável que o falante faz do sistema linguístico. Entretanto, entender o funcionamento interno do sistema excluindo a dimensão social seria decerto contraditório, na medida em que o acesso à língua (sistema abstrato) só se realiza por meio da fala (uso da língua). Desse modo, não haveria meios para se descrever o sistema (*langue*), sem *a priori* considerar a existência e os efeitos do uso (*parole*), motivo pelo qual as descrições estruturalistas foram criticadas principalmente pelas correntes integralistas.²¹

Chomsky (1975 [1955]) propõe a construção de um modelo de gramática gerativa universal, para o entendimento da linguagem humana (CONDE SILVESTRE, 2007). Diferentemente dos estruturalistas, que parecem se restringir à descrição da língua, os gerativistas visavam à compreensão dos princípios que regiam a linguagem, concebida como a capacidade inata que torna o ser humano propenso à comunicação por meio da aquisição de uma língua. Os gerativistas, assim como os estruturalistas, tediavam a se limitar a questões de ordem intralinguística, encarando a mudança de maneira imanentista, interna ao sistema. Conde Silvestre (2007, p. 23) explica que, ao propor a separação entre competência e desempenho focalizando o entendimento da competência, os gerativistas concentravam seus trabalhos na descrição e análise do sistema interno da língua a partir de um falante ideal, dispensando aparentemente os aspectos sócio-históricos em torno do falante real. Dessa maneira, ao buscar a compreensão de uma gramática que estruturasse as línguas, os gerativistas tenderiam a excluir de seus estudos as questões de ordem extralinguística vinculadas aos processos de variação e mudança linguísticas.

Todavia, o foco sobre os princípios que regiam a linguagem não impediu que trabalhos gerativistas fossem desenvolvidos sob uma perspectiva diacrônica. Na visão de Faraco (2005, p.168) e Paixão de Souza (2016, p. 22), as pesquisas gerativistas, uma vez se voltando para uma análise da diacronia linguística com o intuito de entender o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, expandiram o conhecimento sobre o funcionamento das

²¹ Fiorin (2014) relativiza essa visão ao afirmar que as críticas a Saussure (1995 [1916]) pela exclusão da dimensão sócio-histórica da análise linguística são fruto de uma análise equivocada de sua obra. Ao propor cisão entre língua (*langue*) e fala (*parole*), Saussure (1995 [1916]) pretendia separar a linguagem da realidade, entendendo a língua como uma criação humana, não um reflexo da realidade. Dessa maneira, uma vez que está centrada no falante, marcada por questões políticas, ideológicas e culturais, a língua teria, portanto, obrigatoriamente uma dimensão sócio-histórica. Assim, ainda que privilegiasse os estudos do funcionamento do sistema interno, no entendimento de Fiorin (2014, p. 70), Saussure (1995 [1916]) não desconsiderava a historicidade da língua.

línguas naturais, considerando essenciais os processos de variação e mudança ao longo do tempo. Nesse sentido, cf. afirma Conde Silvestre (2007), ao desenvolver pesquisas em uma perspectiva diacrônica, com foco nos processos de variação e mudança, ainda que em uma perspectiva imanentista, a tradição gerativa teve um importante papel no desenvolvimento da de estudos posteriores no âmbito da Linguística Histórica.

A corrente integralista da segunda fase das pesquisas linguísticas surge com os trabalhos em dialetologia do final do século XIX aliada à preocupação com os aspectos intra e extralinguísticos nos estudos linguísticos (FARACO, 2005, p. 178). Os dialetologistas estudavam a fala compartilhada por indivíduos de uma comunidade linguística, entendendo que a língua varia diatopicamente, ou seja, conforme a distribuição geográfica de seus falantes. A princípio, associados às visões imanentistas dos neogramáticos, os estudos dialetológicos pretendiam comprovar que a mudança nos dialetos de cada comunidade linguística ocorreria de modo regular. No entanto, essa tese não obteve o êxito esperado, uma vez que a realidade da língua, marcada por questões políticas, sociais e históricas, mostrou-se muito mais complexa e heterogênea do que supunham os dialetologistas.

A perspectiva integralista, que concebia a língua como um sistema marcado por aspectos intra e extralinguísticos, dá suporte ao desenvolvimento da Sociolinguística, iniciada por Labov (1963) em sua pesquisa sobre as mudanças fonéticas na ilha de Martha's Vineyard em Massachusetts. Na Sociolinguística, a língua passa a ser entendida como um objeto multi-sistêmico heterogêneo, em que pesam, como questões de interesse central, cf. Paixão de Souza (2016, p. 23), os planos regional, social e temporal nos processos de variação e mudança. Desse modo, diferentemente dos estruturalistas e dos gerativistas, que entendiam a língua como um sistema homogêneo cuja mudança se deve em grande parte a fatores intralinguísticos, os sociolinguistas buscam compreender não apenas os fatores internos, mas também os fatores externos responsáveis pelos processos de variação e mudança na língua.

Na Sociolinguística, os trabalhos em torno dos fenômenos linguísticos foram marcados pelo rigor metodológico e estatístico a partir da utilização de dados de língua em uso com amostras robustas no processo de detecção de rastros de fatos de variação e mudança (CONDE SILVESTRE, 2007). Nesse processo, como atenta Faraco (2005, p. 184), os sociolinguistas lidam com fatores internos e externos como condicionantes da mudança e evidenciam o processo de transição e implementação do fenômeno a partir da observação do encaixamento da mudança e da avaliação dos falantes sobre o evento. Por esse motivo, ao considerar que as línguas humanas constituem um sistema ordenado e heterogêneo, cuja

mudança é motivada por fatores internos e externos ao sistema, as pesquisas sociolinguísticas protagonizaram as análises linguísticas que vinculam o fator linguístico ao aspecto social (LABOV, 1963, p. 275), expondo, assim, as bases para o desenvolvimento de uma Sociolinguística que se queira histórica.

A Sociolinguística Histórica nasce no bojo das pesquisas de variação e mudança de fenômenos linguísticos do passado em cotejo com os do presente. Nesse contexto, cabe destacar principalmente as pesquisas de Romaine (1982, 1988 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007), responsável por conceber a metodologia necessária para o desenvolvimento de trabalhos que aliassem a Sociolinguística à Linguística Histórica. Romaine (1982 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007), ao propor essa união, tem como intuito investigar os fenômenos de variação e mudança ocorridos em sincronias pretéritas que, muitas vezes, impactam a realidade linguística na atualidade. Assim, considerando os fatores internos e externos responsáveis pelo desenvolvimento das línguas, a linguista procura resgatar, em seus trabalhos, situações concretas de uso linguístico que se preservaram ao longo do tempo.

Esse retorno ao passado torna-se possível ao considerar, cf. Milroy (1992 *apud* CONDE SILVESTRE 2007, p. 41), o *Princípio do Uniformitarismo* (*The Uniformitarian Principle*), segundo o qual os fenômenos de variação e mudança são constantes: sempre existiram e sempre existirão nas línguas vivas. Esse princípio baseia-se no fato de que as mudanças linguísticas do passado se refletem no presente: se os processos de variação e mudança ocorrem em sincronias atuais, eles também ocorreram em sincronias pretéritas de modo que, para melhor compreensão dos fenômenos de variação e mudança da atualidade, é lícito voltar o olhar para passado a fim de investigar como esses fenômenos desenrolaram-se no decorrer do tempo. Desse modo, assentada no *Princípio do Uniformitarismo*, a Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014) surge com o objetivo de vasculhar o passado em busca dos rastros dos fenômenos de variação e mudança que possibilitam a reconstituição histórica e linguístico-social da língua.

Em suma, as pesquisas voltadas para compreensão da história das línguas sempre povoaram o cenário das investigações linguísticas com menor ou maior intensidade através dos anos (MATTOS E SILVA, 1999; PAIXÃO DE SOUZA, 2006). Ao longo do tempo, cf. Faraco (2005), o *modus operandi* da Linguística História passou por mudanças consideráveis, dividindo-se basicamente duas fases: uma calcada no método histórico-comparativo, da qual se destaca o papel dos neogramáticos; e outra marcada pelo estruturalismo (SAUSSURE,

1995 [1916]) e pelo gerativismo (CHOMSKY, 1975 [1955]) de um lado e pela Sociolinguística (LABOV, 2006 [1966]) de outro. Todas essas correntes, na visão de Faraco (2005), Paixão de Souza (2006) e Conde Silvestre (2007), tiveram significativa contribuição para o surgimento da Sociolinguística Histórica, disciplina que norteia o trabalho desenvolvido nesta pesquisa.

Isso posto, discutem-se, na próxima seção, os desafios que cercam o linguista-pesquisador em seu minucioso trabalho sociolinguístico com base em em sincronias pretéritas para a apreensão do processo histórico da mudança linguística.

2.2. Os procedimentos metodológicos em amostras históricas: os desafios do linguista-pesquisador em análises no âmbito da Sociolinguística Histórica

A Sociolinguística Histórica parte do presente para analisar os fenômenos linguísticos no passado, reconstituindo a história dos processos de variação e mudança da língua ao longo do tempo. Nesse sentido, cabe ao linguista-pesquisador a árdua tarefa de construir seus *corpora* para uma análise criteriosa desses fenômenos. Sobre essa questão, Labov (1972, *apud* HERNÁNDEZ- CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 66) apropriadamente observa que os textos de uma análise linguística voltada para o passado resultam de

[...] uma série de acidentes históricos; amadores podem reclamar dessa difícil situação, mas o historiador sofisticado é grato por qualquer texto que tenha sobrevivido à ação do tempo. A grande arte do linguista histórico é fazer o melhor uso dos maus dados, “maus” no sentido de que os dados podem ser fragmentários, corrompidos, ou muitas vezes removidos das produções reais dos falantes nativos (LABOV, 1972 *apud* HERNÁNDEZ- CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 66).²²

O linguista-pesquisador vai ao “reino das traças” (LOBO, 2009) à procura por documentos históricos que restaram no interior de arquivos públicos e privados para a composição de amostras linguísticas expressivas (CONDE SILVESTRE, 2007; ROMAINE, 2010; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2012). Feito isso, o linguista ainda precisa, com clareza e rigor metodológico, selecionar criteriosamente seu *corpus* na intenção de constituir uma amostra que possibilite o trabalho com o fenômeno em investigação e o levantamento dos perfis sociais dos seus escreventes.

²² Tradução do original: [...] are produced by a series of historical accidents; amateurs may complain about this predicament, but the sophisticated historian is grateful that anything has survived at all. The great art of the historical linguist is to make the best of this bad data, “bad” in the sense that it may be fragmentary, corrupted, or many times removed from the actual productions of native speakers (LABOV, 1972 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 66).

Ao longo desse processo, o linguista-pesquisador depara com os desafios próprios ao trabalho com sincronias passadas. Nesse sentido, Hernández-Campoy e Schilling (2012, p. 63-79) discutem a interferência das questões de representatividade (*representativeness*), de validade empírica (*empirical validity*), de invariação (*inveriation*), de autenticidade (*authenticity*), de autoria (*authorship*), de validade social e histórica (*social and historical validity*) e de ideologia padrão (*standard ideology*) nas pesquisas com amostras históricas. Neste trabalho, serão abordadas especificamente as questões da *autenticidade*, da *autoria* e da *validade social e histórica*, por desempenhar um papel significativo no processo de reconstituição do perfil social dos escreventes das missivas mineiras que integram o *corpus* em análise.

A questão da *autenticidade* está relacionada à possibilidade de os documentos históricos não refletirem o vernáculo dos escritores, uma vez sendo textos escritos e não falados (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68). Em muitos casos, os manuscritos não são autógrafos (escritos pelo próprio autor), mas sim cópias cujos originais perderam-se ao longo do tempo, não exibindo, assim, os possíveis “erros” do escriba, bem como as possíveis evidências de hipercorreção e de mistura dialetal (LABOV, 1994 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012). Entretanto, é válido ressaltar que a presença de hipercorreções e de misturas dialetais não se restringem à escrita, já que podem surgir também na oralidade, cabendo ao linguista estar alerta sobre essa possibilidade em sincronias quer do presente, quer do passado (SCHILLING-ESTES, 2004 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68). Além disso, apesar das críticas direcionadas às pesquisas em sincronias pretéritas em razão da possível ausência da *autenticidade* dos *corpora*, não se pode perder de vista o fato de as amostras históricas constituídas por cartas pessoais tenderem a revelar características do vernáculo dos informantes, uma vez que se trata de um gênero textual voltado para a intimidade das relações interpessoais. Neste trabalho, a preocupação em certificar a *autenticidade* do *corpus* está respaldada na escolha de amostras constituídas por cartas pessoais, em seus subgêneros *amorosas*, *amistosas* e *familiares*, por meio das quais acredita-se ser possível entrever evidências do vernáculo de seus escreventes dada a função social do gênero.

A questão da *autoria* está relacionada à necessidade de asseverar se o manuscrito é autógrafo (escrito pelo próprio autor) ou apógrafo (escrito por um amanuense) (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68). Nesse contexto, a Filologia é uma importante aliada do linguista-pesquisador na análise dos aspectos tipográficos e

paleográficos do texto, ao permitir atestar não somente a época em que o manuscrito foi redigido, bem como o *modus operandi* do escrevente com base nos tipos de suporte e de caligrafia do manuscrito (ACIOLI, 1994; CASTRO, 1992, 1995; MEGALE *et* CAMBRAIA, 1999). Assim, ao confrontar criteriosamente os manuscritos entre si, atentando-se aos aspectos filológicos que os constituem, o linguista-pesquisador consegue constatar a autoria da amostra. Neste trabalho, há a preocupação de certificar a autoria das cartas analisadas com base em um aporte filológico criterioso do projeto de pesquisa que transcreveu essas cartas, asseverando que a assinatura presente no manuscrito de fato pertence ao mineiro que o subscreve.

A questão da *validade social e histórica* do *corpus* está associada à reconstituição dos perfis sociais dos representantes que compõem as amostras históricas (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 70). Labov (1994 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012) observa que, em geral, pouco se sabe sobre a posição social dos informantes e da estrutura social em que se inserem, à custa da distância temporal estabelecida entre o presente e o passado. Nesse sentido, por mais que encontre textos e dados em profusão, o linguista precisa obter informações de cunho biográfico sobre escreventes bem como reconstruir, com o auxílio da História, da Sociologia, da Filosofia, da Antropologia e da Filologia, a estrutura social do meio em que se inserem. Essa necessidade leva o pesquisador a museus, cartórios, igrejas e acervos em busca de documentos que reconstruam a historiografia social dos representantes de suas amostras. Nesta pesquisa em questão, a reconstituição dos perfis biográficos está certificada graças, em sua maioria, ao renome dos redatores mineiros cujas histórias de vida tendem a ser mais facilmente resgatadas no interior dos acervos públicos, privados e em índices genealógicos.

Em síntese, o trabalho em Sociolinguística Histórica, diferentemente das propostas com base nas análises linguísticas sob o viés sincrônico, impõe uma série de questões metodológicas específicas do trabalho com manuscritos históricos. Nesse contexto, HERNÁNDEZ-Campoy e Schilling (2012, p. 63-79) atentam criteriosamente para as questões de representatividade (*representativeness*), de validade empírica (*empirical validity*), de invariação (*invariation*), de autenticidade (*authenticity*), de autoria (*authorship*), de validade social e histórica (*social and historical validity*) e de ideologia padrão (*standard ideology*), que influenciam a análise dos *corpora* voltados para sincronias pretéritas. Para esta pesquisa, as questões da *autenticidade*, da *autoria* e da *validade social e histórica* são as que mais se

mostraram pertinentes às análises a serem realizadas, entendendo que o linguista-pesquisador deve redobrar a atenção e o cuidado ao desenvolver trabalhos que se voltam para o passado.

Uma vez expostas as questões teórico-metodológicas voltadas a constituição de amostras históricas, passa-se à análise do gênero *carta pessoal*, tendo em vista a busca pelo vernáculo dos escreventes em sincronias passadas.

2.3. As amostras históricas: a importância do gênero carta pessoal na pesquisa sociolinguística de caráter histórico

A Sociolinguística tem como objetivo o estudo da variação e da mudança no vernáculo da língua motivadas pela interrelação entre fatores linguísticos e sociais. Nessas pesquisas, o estudo da fala espontânea é desenvolvido com base em amostras colhidas de gravações dos falantes de uma determinada época com um rígido controle do linguista ao longo do processo (MOLLICA, 2017, p. 9-14). No entanto, tendo em vista a ausência de testemunhos linguísticos históricos gravados, o linguista que se volta para o passado precisará recorrer aos textos que sobreviveram ao acaso no “reino das traças” (LOBO, 1999) a fim de detectar rastros do vernáculo de uma dada época na língua escrita. Nesse sentido, a *carta pessoal* constitui *corpora* legítimos para as pesquisas no âmbito da Sociolinguística Histórica, tendo em vista a forma e a função desse gênero textual (PAREDES SILVA, 1997) que permitirem não apenas evidenciar traços do vernáculo de escritores antepassados (AGUILLAR, 1998; ELPASS, 2012), como também levantar informações para reconstituição do perfil biográfico dos missivistas (BERLINK *et al.* 2008; RUMEU, 2008).

Bakhtin (2003 [1953], p. 262-263) entende que a língua realiza-se por meio de enunciados orais e escritos organizados com características sociointeracionais relativamente estáveis que dão origem aos gêneros textuais. É relevante destacar que Bakhtin (2003 [1953]) usa o termo gênero discursivo em vez de gênero textual. Nesta dissertação, reconhece-se a existência de diferenças entre as duas expressões tal como Rojo (2005, p. 185), segundo a qual a teoria dos gêneros discursivos enfatiza as situações sociocomunicativas de produção dos enunciados e a teoria dos gêneros textuais focaliza a descrição da materialidade do texto. Entretanto, apesar dessa distinção, adota-se a expressão gênero textual para descrição dos aspectos formais e funcionais da carta pessoal, assumindo, com base em Marcuschi (2008, p. 154), que esses termos podem ser usados intercambialmente para os prósitos desta pesquisa. Marcuschi (2008, p. 155) salienta que os gêneros textuais são entidades empíricas

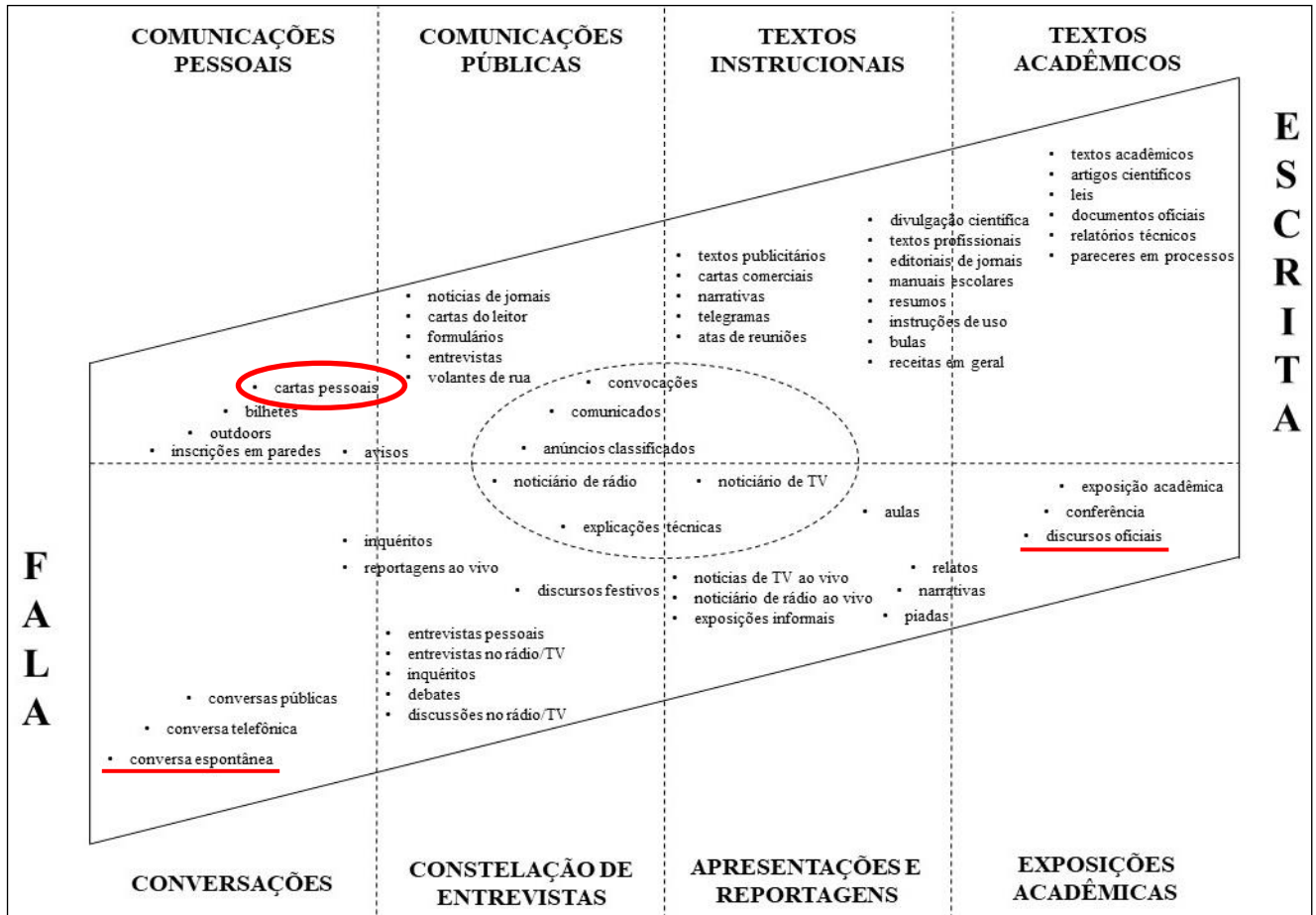
concretamente realizadas em consonância com suas respectivas situações comunicativas²³ caracterizadas por questões sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, os gêneros textuais permeiam a comunicação humana de modo que cada situação de atividade linguística se realiza por meio de um gênero, isto é, por meio de enunciados estáveis que apresentam características de acordo com os contextos discursivos em que se inserem. Assim, assumindo que cada situação de interação é marcada por contexto de interlocução e por objetivos sociointeracionais, os gêneros textuais, por meio dos quais a comunicação se concretiza, revelam características intrínsecas das situações comunicativas em que são utilizados.

As cartas pessoais constituem gêneros textuais com padrões enunciativos relativamente estáveis que refletem as características dos contextos de produção em que são utilizadas. Esses textos surgem da necessidade de estreitar as relações sociais por meio de um diálogo entre aqueles que procuram manter algum laço afetivo à distância (SILVA, 2002 *apud* GALVÃO *et* SILVA 2012, p. 312), sendo usados em situações tipicamente íntimas que dão vazão à expressão vernacular comum às situações comunicativas marcadas pela informalidade. Desse modo, à luz da proposta de Paredes Silva (1997, p. 94), segundo a qual os gêneros podem ser descritos em aspectos formais e funcionais, a carta pessoal é um gênero que tem por base uma estrutura dialógica permeada por traços da oralidade em sua escrita e que funciona como um canal íntimo e informal de estreitamento da relação entre indivíduos que se encontram à distância. Assim, a fim de aprofundar as características do gênero tendo em vista sua situação de interlocução como propícia à expressão vernacular, procura-se localizar a carta pessoal no contínuo de gêneros falados e escritos, legitimando, desse modo, seu estudo em pesquisas sociolinguísticas.

Fala e escrita, duas modalidades distintas por meio das quais comunicação verbal se concretiza em diferentes gêneros textuais, podem se interseccionar em função da situação comunicativa em evidência. Embora sob um viés tradicional, a *fala* possa ser, em alguma medida, imprecisa, não normatizada e fragmentada enquanto a *escrita*, ao contrário, precisa, normatizada e planejada; numa perspectiva menos dicotômica, essas características não se sustentam totalmente. *Fala e escrita*, na visão de Marcuschi (2001, p. 27), devem ser tomadas, para além de polos estanques, como um contínuo entre polaridades, que compartilham elementos comuns a depender, entre outros aspectos sociointeracionais, do grau de formalidade dos gêneros textuais situados entre esses polos. O quadro (07), retirado de

²³ Entende-se por situação comunicativa, cf. Cavalcante (2014), o contexto de produção em que o gênero textual se materializa em uma situação concreta de uso, marcada por fatores que englobam os sujeitos sociais envolvidos (interlocutores), o espaço (contexto de circulação) e os objetivos comunicativos envolvidos na situação.

Marcuschi (2001, p. 41), ilustra esse contínuo em que os gêneros textuais estão distribuídos entre *fala* e *escrita* com base em contextos sociodiscursivos que contemplam situações de produção com maior ou menor grau de formalidade.



Quadro (07): Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita, cf. Marcuschi (2001, p. 41)

A partir da análise do quadro (07), é possível perceber que a distribuição dos gêneros leva em consideração não apenas as duas modalidades de expressão linguística em análise (fala e escrita), como também o gradualismo de formalidade das situações comunicativas. No âmbito da escrita, há gêneros mais voltados para domínio da informalidade, como os das comunicações pessoais e das comunicações públicas, e gêneros mais relacionados ao domínio da formalidade, como os dos textos instrucionais e dos textos acadêmicos. Esse paralelo se mantém no âmbito da fala, em que também há gêneros mais associados ao domínio da informalidade, como os das conversações e entrevistas, e gêneros mais vinculados ao domínio da formalidade, como os das apresentações, reportagens e exposições acadêmicas. Nesse sentido, a análise desse *continuum* permite atestar a posição da carta pessoal como um gênero da modalidade escrita, mas próximo da fala e pertencente ao domínio da informalidade das comunicações pessoais. Essa posição implica, por exemplo, uma maior proximidade da

carta pessoal com uma *conversa espontânea* do que com um *discurso oficial*. Ainda que a *carta pessoal* e o *discurso oficial* pertençam à modalidade escrita e a *conversa espontânea* à modalidade oral, a distância ou a proximidade entre esses gêneros decorre do contexto de formalidade em que se situam: enquanto a *carta pessoal* e a *conversa espontânea* pertencem ao domínio da informalidade das comunicações pessoais e das conversações, o *discurso oficial* constitui um gênero comum a situações de elevada formalidade como as das exposições acadêmicas. Dessa forma, se as pesquisas sociolinguísticas em geral se nutrem de dados da expressão oral dos indivíduos em busca do vernáculo de uma comunidade de falantes, a carta pessoal, dada a sua proximidade com gêneros informais típicos da modalidade oral, poderia constituir um gênero legítimo para a busca do vernáculo em sincronias passadas.

A validade da carta pessoal para constituição de *corpora* de pesquisas sociolinguísticas de caráter histórico não está certificada exclusivamente pela disposição dos gêneros textuais no contínuo entre fala e escrita proposto por Marcuschi (2001, p. 41). Nesse mesmo sentido, Aguillar (1998 *apud* RUMEU, 2008, p. 61) assevera a possibilidade de detectar traços de oralidade mesmo por meio de textos escritos por falantes cultos²⁴, questão que atormenta o sociolinguista que baseia suas pesquisas no passado (*authenticity*, cf. HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68). Em sua visão, os textos, ainda que escritos por indivíduos letrados, podem permitir entrever traços do vernáculo, consolidando o seu valor em pesquisas sociolinguísticas de caráter histórico. Aguilar (1998 *apud* RUMEU, 2008) ressalta que, embora sejam escritos, os *corpora* históricos são naturalmente “impuros”, permitindo entrever traços da oralidade em meio à escrita. Desse modo, a existência da “mistura” de traços orais no decorrer dos textos escritos, que possibilitam o rastreamento do vernáculo de épocas passadas, validam o trabalho linguista-pesquisador com as cartas pessoais que sobreviveram à ação do tempo. Nesse sentido, Elpass (2012, p.157) entende que a dicotomia entre “língua falada” e “língua escrita” é simplista e, até mesmo, enganosa²⁵. A fim de defender sua posição sob um viés menos dicotômico, o linguista oferece o modelo de

²⁴ O perfil social do missivista interfere no grau de formalidade do texto produzido, de modo que a escrita de um falante culto tende a ser mais formal que a de um falante não culto, uma vez que a ideologia padrão (*standard ideology*) age sobre um e outro, com maior ou menor intensidade (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012). Ainda assim, não deve se desprezar a existência de traços informais nas cartas pessoais em decorrência do contexto de produção do gênero, mesmo porque, se vestígios do vernáculo são mais comuns à fala do que à escrita, pode-se supor que o falante culto que manifesta traços de informalidade, em sua escrita, provavelmente apresenta ainda mais evidências dessa informalidade em sua fala. Desse modo, a escrita culta em cartas pessoais surge, ao menos, indiretamente como um reflexo do vernáculo do escrevente.

²⁵ The traditional distinction between “spoken language” and “written language” is simplistic and even misleading. To arrive at an adequate understanding of the nature of the “speech”, “spoken language” and / or “orality”, it is essential to place these notions into an integral model (ELPASS, 2012, p. 157).

Koch e Oesterreicher (1985, 1994, *apud* ELPASS, 2012, p. 157) que divide as produções textuais entre a “linguagem do imediatismo” (*Sprache der Nähe*), em que se concentram os textos da informalidade, e a “linguagem da distância” (*Sprache der Distanz*), em que se concentram os textos da formalidade. Assim, ainda que escrito por falante culto, a carta pessoal figuraria entre os textos da linguagem do imediatismo, em virtude do traço de informalidade de sua situação de produção baseada no estreitamento de laços afetivos e íntimos à distância, diferentemente do que ocorre, por exemplo, com uma ata ou uma escritura de cartório, gêneros marcados pela formalidade em seu contexto de produção por se relacionarem a situações de elevado monitoramento linguístico.

Os traços de informalidade presente nas cartas pessoais devem-se à situação comunicativa em que esse gênero está inserido, já que sua forma e função (PAREDES SILVA, 1997) sugerem um diálogo à distância, em forma escrita, entre dois ou mais indivíduos, constituindo um texto que representa um material próximo da fala real. Berlink *et al.* (2008, p. 2) confirma essa questão ao afirmar que a carta pessoal constitui

um tipo de texto bastante rico e complexo que pode ser utilizado como corpus para as pesquisas de variação/mudança não só sob uma perspectiva diacrônica, mas também sincrônica [...]. A correspondência, além de servir como meio de comunicação entre pessoas distantes, registra as memórias e as condições de vida (aspectos sociais) de uma época, servindo como fonte de estudos linguísticos, sócio históricos, etc. [...] Além disso, na carta podemos encontrar diferentes graus de formalidade, que podem variar do mais formal ao informal (ou até mesmo pessoal) dependendo da situação (contexto) em que se encontra o emissor, e, principalmente, de quem será o seu destinatário. Essa característica peculiar possibilita que o sociolinguista realize pesquisas que levem em conta o grau de formalidade ou estilo, fator cuja relevância para o estudo da variação e mudança já está bem estabelecida na literatura [...] (BERLINK *et al.*, 2008, p. 2).

Assim, de acordo com Berlink *et al.* (2008, p. 2), para além de constituir um gênero legítimo para apreensão do vernáculo, a *carta pessoal* possibilita a identificação de informações extralinguísticas essenciais aos estudos no âmbito da sociolinguística, em decorrência de sua composição estrutural (*social and historical validity*, cf. HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68). A respeito desse ponto, Paredes Silva (1988, p. 77 *apud* Rumeu, 2008, p. 73) afirma que a *carta pessoal* apresenta uma macroestrutura constituída por cabeçalho (com local e data), contato inicial (com saudação e captação da benevolência), núcleo da carta (com o corpo do texto e seu assunto principal) saudação final (com despedida e assinatura). Essas informações são muito bem-vindas para um trabalho de sociolinguística histórica, na medida em que permitem a reconstituição do perfil do

missivista²⁶ por meio da assinatura bem como o controle das variáveis extralinguísticas relacionadas ao tempo, ao lugar e à relação entre os correspondentes.

Em resumo, embora a Sociolinguística Variacionista tenha surgido a partir da análise de amostras faladas como representativas do vernáculo de uma língua, os trabalhos em Sociolinguística Histórica não dispõem de *corpora* da fala espontânea para a realização de pesquisas. Nesse sentido, ao perseguir manuscritos que resistiram ao acaso sob a ação impetuosa do tempo, o linguista-pesquisador busca encontrar, nas cartas pessoais, traços do vernáculo que se prestam a uma análise sob o viés sociolinguístico. Assim, a carta pessoal é um gênero que apresenta características formais e funcionais (PAREDES SILVA, 1997) que validam seu trabalho em pesquisas sociolinguísticas de caráter histórico. Esse texto se estrutura como um diálogo à distância com o intuito estreitar os laços entre indivíduos, não apenas possibilitando a expressão, em alguma medida, de traços da oralidade (MARCUSCHI, 2001) na expressão do vernáculo de sincronias passadas (AGUILLAR, 1998; ELPASS, 2012), como também permitindo a reconstituição do perfil social dos escreventes a partir do resgate de informações sobre sua época e seu contexto de escritura (BERLINK *et al.* 2008; RUMEU, 2008).

Assim sendo, uma vez legitimado o trabalho com cartas pessoais em pesquisas sociolinguísticas voltadas para o passado, procede-se à apresentação e à descrição das missivas que constituem o *corpus* em análise deste trabalho.

2.4. Descrição das amostras históricas: as missivasmineiras e os seus escreventes

A Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014) promove um retorno ao passado em busca de fenômenos de variação linguística motivados por fatores linguísticos e extralinguísticos com base em textos históricos. Assim, uma vez orientada por essa disciplina da Linguística, esta dissertação utiliza como *corpus* 202 missivas mineiras autógrafas oitocentistas e novecentistas disponíveis em acervos públicos com dados do imperativo de 2SG. O termo “missiva”, palavra do francês *lettre missive*, pode significar dois gêneros diferentes: carta ou bilhete. Todavia, nesta pesquisa, em concordância com Houaiss *et al.* (2011, p. 639) e com outros trabalhos sociolinguísticos com *corpora* composto por cartas

²⁶ Certamente é necessário verificar previamente a autoria da missiva por meio de uma análise filológica do manuscrito (*authorship*, cf. HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68), porém essa questão não invalida a legitimidade do gênero para as pesquisas linguísticas que se voltam para sincronias pretéritas.

personais (RUMEU, 2008, 2016, 2019; SOUZA, 2012; SILVA, 2018; DINIZ, 2018) carta e missiva são tomados como formas sinônimas. Nesta seção, são descritas as cartas pessoais mapeadas, neste trabalho, em seus subgêneros (amorosa, amistosa, familiar²⁷), bem como os seus escreventes, mineiros ilustres, legítimos representantes da expressão culta da língua portuguesa. As missivas, localizadas no Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), no Arquivo Público Mineiro (APM), no Museu Abílio Barreto (MAB), no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) e no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), foram editadas por meio do projeto de pesquisa *Para uma sociolinguística histórica do português brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica*.²⁸

2.4.1. As cartas pessoais do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM)

No Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), foram encontradas 105 missivas autógrafas com dados do imperativo de 2SG, escritas por mineiros ilustres, legítimos representantes do português culto de Minas Gerais. Trata-se da correspondência dos escritores Abgar Renault (AR), Henriqueta Lisboa (HL), Murilo Mendes (MM), Murilo Rubião (MR) e Aníbal Machado (AM) trocadas com familiares e amigos.

Abgar Renault (AR), cf. Figueiredo (2013, p. 33), nasceu em Barbacena (MG), em 15 de abril de 1901 e morreu no Rio de Janeiro (RJ), em 31 de dezembro de 1995. Estudou latim, francês, inglês e alemão. Em 1924, formou-se em Direito. Foi professor de Inglês, Literatura e Português em escolas e universidades de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, consolidando-se como membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia. Na política, foi Deputado Estadual, Secretário de Educação e membro do Conselho Federal de Educação e do Conselho Federal de Cultura. Da coleção do escritor, foram selecionadas as cartas do escritor destinadas ao irmão Lívio (L) e à escritora Henriqueta Lisboa (HL).

Henriqueta Lisboa (HL), cf. Figueiredo (2013, p. 30), nasceu em Lambari (MG), em 15 de julho de 1901, e faleceu em Belo Horizonte (MG), em 9 de outubro de 1985. Foi

²⁷ O gênero carta pessoal, cf. Souza (2012, p. 14), pode se manifestar em subgêneros de acordo com as relações travadas entre os missivistas. Desse modo, as cartas amorosas são enviadas entre cônjuges, noivos e pretendentes, as cartas amistosas são trocadas entre amigos e colegas, e as cartas familiares são produzidas entre os membros de uma família. Essas relações podem revelar marcas linguísticas diferentes em razão do grau de maior ou menor intimidade entre os missivistas, podendo afetar o uso do imperativo de 2SG que pode variar a depender de cada subgênero.

²⁸ O projeto de pesquisa, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), investiga fenômenos morfossintáticos do PB associados à reorganização do quadro pronominal com base na produção de edições conservadoras de textos oitocentistas e novecentistas disponíveis em acervos públicos da cidade de Belo Horizonte. As informações sobre o projeto estão disponíveis no site http://www.lettras.ufmg.br/sistemas/cpq/projeto_site.php?id=9.

professora de Literatura de escolas e universidades em Minas Gerais bem como ensaísta e tradutora, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Mineira de Letras. Do acervo da escritora, foram selecionadas as correspondências dela, de seus familiares Maria Rita Vilhena Lisboa (MRVL), Abigail Lisboa (AL), João Lisboa Junior (JLJ), José Carlos Lisboa (JCL), Maria de Jesus Lisboa Bacha (MJLB), Abigail Valladão Pires (AVP), Clélia Lisboa Bacha (CLB), Maria Antônia Valladão Pires (MAVP), Lucília (L) e de seus amigos Pedro Pinto amigo (PP) e Alphonsus de Guimaraens Filho (AGF).

Murilo Mendes (MM), cf. Souza (2006, p. 40), nasceu em Juiz de Fora (MG), em 13 de maio de 1901, e faleceu em Lisboa (Portugal), em 13 de agosto de 1975. Iniciou seus estudos em Minas Gerais e os concluiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou como arquivista do Ministério da Fazenda, como funcionário do banco Mercantil e como inspetor escolar. Anos mais tarde, mudou-se para a Europa, onde lecionou Literatura na Itália e em Portugal. Ao longo da vida, teve uma estreita relação com o movimento modernista, consolidando-se como um expoente do surrealismo brasileiro e da poesia religiosa introspectiva. Do arquivo do escritor, foram utilizadas as missivas de sua autoria e de seu irmão Walfrido Mendes (WM).

Murilo Rubião (MR), cf. Cabral (2016, p. 316), nasceu em Carmo de Minas (MG), em 1 de junho de 1916, e morreu em Belo Horizonte (MG), em 16 de setembro de 1991. Foi contista, jornalista, professor e advogado. Estudou direito na Universidade de Minas Gerais, onde fundou a revista literária *Tentativa*. Foi redator da *Folha de Minas*, diretor da *Rádio Inconfidência* e presidente da seção mineira da Associação Brasileira de Escritores. Na política, foi Oficial de Gabinete do Interventor do Estado e Chefe de Gabinete do então governador Juscelino Kubitschek. Da coleção do escritor, foram usadas as cartas de seu irmão Alfredo Gorgulho Nogueira (AGN) e de seu renomado amigo e também escritor Otto Lara Resende (OLR).

Aníbal Machado (AM), cf. Vale (2011, p. 14), nasceu em Sabará (MG), em 9 de dezembro 1894, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 20 de janeiro de 1964. Estudou em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, formando-se no curso de Direito em 1917. Escreveu para revistas e suplementos literários, como *O Correio da Manhã* e *Diário do Povo*, sendo eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores em 1944. Do arquivo do escritor, foram utilizadas as missivas de sua autoria e de sua irmã, também escritora, Lúcia Machado de Almeida (LMA).

No quadro (08), há uma quantificação das cartas disponíveis no AEM com as iniciais do nome do missivista, local e data de nascimento e quantidade do subgênero das cartas produzidas (amorosa, amistosa, familiar).

Missivista	Local e data de nascimento	Quantidade de cartas por subgênero		
		Amorosa	Amistosa	Familiar
AR	Barbacena (MG), 15/04/1901	-	1	15
HL	Lambari (MG), 15/07/2001	-	14	6
MRVL	Campanha (MG), 1879	-	-	7
AL	Ibiracy (MG), 04/09/1931	-	-	1
JLJ	Lambari (MG), 1894	-	-	1
JCL	Lambari (MG) 04/11/1902	-	-	5
MJLB	Lambari (MG), 18/09/1898	-	-	4
AVP	Campanha (MG), 13/09/1957	-	-	2
CLB	Lambari (MG), 04/04/1931	-	-	4
MAVP	Campanha (MG), 15/04/1932	-	-	1
L	-	-	-	1
PP	-	-	2	-
AGF	Mariana (MG), 03/06/1918	-	2	-
MM	Juiz de Fora (MG), 13/05/1901	-	7	-
WM	Belo Horizonte (MG), 04/11/1950	-	-	1
AGN	-	-	-	2
OLR	São João Del Rei (MG), 01/05/1922	-	22	-
AM	Sabará (MG), 09/12/1894	-	-	6
LMA	Nova Granja ²⁹ (MG), 04/05/1910	-	-	1
		0	48	57
			105	

Quadro (08): Relação das missivas pessoais do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM)

2.4.2. As cartas pessoais do Arquivo Público Mineiro (APM)

No Arquivo Público Mineiro (APM), foram obtidas 23 missivas com dados do imperativo de 2SG. As cartas são de autoria do ilustre João Pinheiro (JP), um legítimo representante do português culto de Minas Gerais.

João Pinheiro (JP), cf. Luz (2015, p. 44-53), nasceu na cidade do Serro (MG), em 16 de dezembro de 1860, e faleceu em Belo Horizonte (MG), em 25 de outubro de 1908. Foi professor, advogado, político e industrial. Fez o ginásio no Seminário de Mariana e estudou

²⁹ Nova Granja é atualmente conhecida como São José da Lapa, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG) que faz divisa com Vespasiano, Confins, Pedro Leopoldo e Ribeirão das Neves.

engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto (MG). cursou direito na Faculdade de Direito de São Paulo e trabalhou como professor da Escola Normal Superior da mesma cidade. Anos mais tarde abriu um escritório de advocacia em Ouro Preto. Entrou para a política envolvido com a causa republicana, sendo nomeado Secretário e, posteriormente, Presidente do Estado de Minas Gerais. Foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte da República, mas optou por retirar-se da política e dedicar-se à atividade industrial com a qual trabalhou até o fim da vida. Do acervo do político, foram utilizadas as correspondências de João Pinheiro trocadas com familiares e amigos.

No quadro (09), as cartas disponíveis no APM estão distribuídas com as iniciais do nome, local e data de nascimento do escrevente bem como quantidade do subgênero das cartas.

Missivista	Local e data de nascimento	Quantidade de cartas por subgênero		
		Amorosa	Amistosa	Familiar
JP	Serro (MG), 16/12/1860	7	13	3
		23		

Quadro (09): Relação das missivas pessoais do Arquivo Público Mineiro (APM)

2.4.3. As cartas pessoais do Museu Abílio Barreto (MAB)

No Museu Abílio Barreto (MAB), foram localizadas 3 missivas com dados do imperativo de 2SG. Trata-se da correspondência dos ilustres Abílio Velho Barreto (AVB) e Raul Tassini (RT), legítimos representantes do português mineiro culto.

Abílio Velho Barreto (AVB), cf. Duarte (2010, p. 18-19), nasceu em Diamantina (MG) em 22 de outubro de 1883, e morreu em Belo Horizonte (MG), em 17 de julho de 1959. Foi escritor, poeta, jornalista e homem público. Trabalhou na imprensa recém-fundada de Belo Horizonte como tipógrafo, revisor e, posteriormente, como redator do jornal *Minas Gerais*. Ocupou o cargo de Primeiro Oficial do Arquivo Público Mineiro e foi convidado, anos mais tarde, a organizar o Museu Histórico de Belo Horizonte que futuramente receberia seu nome. Além de poesias e romances, também publicou obras sobre a história belorizontina. Do acervo escritor, foi mapeada uma carta de sua autoria endereçada ao filho.

Raul Tassini (RT), cf. Andrade (2008, p. 215), nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1909, onde também faleceu em 1992. Foi desenhista, ilustrador poeta e museólogo. Estudou na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte e na Academia de Belas Artes, em Roma. Trabalhou como técnico em museologia do Museu Histórico Abílio Barreto (MG) e no Museu

Nacional de Belas Artes (RJ). Registrou em cartões e recortes de papel aspectos significativos da cidade. Da coleção do artista, foram selecionadas as cartas de suas irmãs Stella (S) e Violeta (V).

No quadro (10), há uma distribuição das cartas disponíveis no MAB com as iniciais do nome, local e data de nascimento do missivista bem como quantidade do subgênero das cartas.

Missivista	Local e data de nascimento	Quantidade de cartas por subgênero		
		Amorosa	Familiar	Amistosa
AVB	Diamantina (MG), 22/10/1983	-	-	1
S	-	-	-	1
V	-	-	-	1
		3		

Quadro (10): Relação das missivas pessoais do Museu Abílio Barreto (MAB)

2.4.4. As cartas pessoais do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG)

No Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), foram mapeadas 58 missivas com dados do imperativo de 2SG, escritas e assinadas por mineiros ilustres que representam o português culto de Minas Gerais. Trata-se das cartas do acervo do escritor Carlos Drummond de Andrade (CDA) e do Pe. Agenor (PA) trocadas com familiares e amigos.

Carlos Durmmond de Andrade (CDA), cf. Duarte (2010, p. 106-108), nasceu em Itabira (MG), em 31 de outubro de 1902, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 17 de agosto de 1987. Foi um célebre escritor que produziu poemas, contos e crônicas que marcaram a história da literatura brasileira. Concluiu seus anos iniciais no Colégio Arnaldo de Belo Horizonte (MG) e seus anos finais no Colégio Anchieta (RJ), formando-se, anos mais tarde em Farmácia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em sua maior parte da vida, trabalhou como funcionário público, mas nunca deixou de escrever, entrando para a história como um dos maiores poetas do século XX. Do acervo do escritor, foram utilizadas as cartas de sua autoria bem como as de sua amiga Rita de Cássia de Andrade Melo (RCAM).

Pe. Agenor (PA), cf. Corrêa (2010, p. 16-18), nasceu em Caeté (MG), em 30 de novembro de 1980, e morreu em Belo Horizonte (MG), em 12 de fevereiro de 1968. Foi um sacerdote que se destacou na Igreja por sua inteligência e probidade, atendendo e

esclarecendo os fiéis a partir de sua formação religiosa. Filho de professores, iniciou seus estudos em casa em Ibertioga (MG), depois matriculou-se no Asilo Arquiepiscopal Nossa Senhora do Patrocínio, mudando-se, anos mais tarde para Mariana, onde foi ordenado. O padre desde cedo revelou-se um aluno aplicado, merecendo o apoio e a admiração de seus pares. No sacerdócio, desempenhou diversas funções eclesiais nas Arquidioceses de Mariana, Belo Horizonte e Sete Lagoas, dedicando sua vida aos fiéis e à Igreja. Da coleção do sacerdote, foram selecionadas as cartas de seus familiares Ricardo de Assis Alves Pinto (RAAP), Álvaro Alves Pinto (AAP), Orlinda Augusta Alves Pinto (OAAP), Francisco Alves Pinto Junior (FAPJ), J. Pinto (JPT), Rosalina Adelina Pinto (RAP), Affonso (A), Maria dos Anjos Pinto (MAP), Bernarda Moreira Pinto (BMP), amigos Marciliano Francisco Peixoto (MFP), Manoel Eusebio (ME), Pe. Acacio Marques (PAM), Pe. Manoel (PM), Pe. Theodorico Marques (PTM), Eustásio dos Santos Maia (ESM), Francisco Bertholdo Nogueira (FBN), Hildebrando Moreira Vargas (HMV), João Baptista Lopes de Assis (JBLA) e uma cujo autor não foi identificado (ANI).

No quadro (11), estão dispostas as cartas disponíveis no IHGMG com as iniciais do nome do escrevente, local e data de nascimento e quantidade do subgênero das missivas produzidas.

Missivista	Local e data de nascimento	Quantidade de cartas por subgênero		
		Amorosa	Amistosa	Familiar
CDA	Itabira (MG), 31/10/1902	1	-	15
RCAM	Belo Horizonte (MG), 01/03/1957	-	-	3
RAAP	Senhora do Porto (MG), 11/05/1836	-	1	11
AAP	Ibertioga (MG), 23/03/1900	-	1	1
OAAP	Ibertioga (MG), 12/09/1892	-	-	1
FAPJ	Senhora do Porto (MG), 23/02/1875	-	-	6
JPT	-	-	-	2
RAP	-	-	-	1
A	-	-	-	1
MAP	-	-	-	2
BMP	-	-	-	1
MFP	-	-	-	1
ME	-	-	2	-
PAM	-	-	1	-
PM	-	-	1	-
PTM	-	-	1	-
ESM	-	-	1	-
FBN	-	-	1	-
HMV	-	-	1	-
JBLA	-	-	1	-
ANI	-	-	1	-
		1	12	45
			58	

Quadro (11): Relação das missivas pessoais do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG)

2.4.5. As cartas pessoais do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH)

No Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), foram encontradas 13 missivas com dados de imperativo de 2SG, que constituem a correspondência do ilustre Nelson Coelho de Senna (NCS), um legítimo representante do português culto de Minas Gerais.

Nelson Coelho de Senna (NCS), cf. Duarte (2010, p. 290-291), nasceu na cidade do Serro (MG), em 11 de outubro de 1876, e faleceu em Belo Horizonte, em 2 de junho de 1952. Foi escritor, professor, político e jornalista. Ainda jovem trabalhou nas Secretarias de Polícia, agricultura, Comércio, Obras Públicas e Viação na cidade de Ouro Preto (MG). Foi professor do Ginásio Mineiro ministrando aulas de História do Brasil. Como escritor, publicou livros

sobre a história de sua cidade natal e de literatura ficcional. Trabalhou como colaborador do jornal *O Estado de Minas* e como redator-chefe de *O Belo Horizonte*. Foi Deputado Estadual por diversas legislaturas, elegendo-se depois Deputado Federal. Afastou-se da política anos depois e retomou suas atividades intelectuais, tornando-se correspondente de diversas instituições culturais do Brasil, com destaque para o Arquivo Público Mineiro (APM). Da correspondência do escritor, foram utilizadas as cartas de sua autoria, de sua mãe Maria Brasilina Coelho de Senna (MBCS) e de seus amigos Pinheiro Brandão (PB) e João Damasceno Pereira (JDP).

No quadro (12), as missivas disponíveis no APCBH estão distribuídas com as iniciais do nome do escrevente, local e data de nascimento e quantidade do subgênero das cartas produzidas.

Missivista	Local e data de nascimento	Quantidade de cartas por subgênero		
		Amorosa	Amistosa	Familiar
NCS	Serro Frio (MG), 11/10/1876	-	-	1
MBCS	São Miguel (MG), 25/01/1847	-	-	9
PB	Serro (MG), 17/01/1861	-	2	-
JDP	-	-	1	-
		-	3	10
			13	

Quadro (12): Relação das missivas pessoais do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH)

Em suma, foram mapeadas, ao todo 202 missivas com dados de imperativo de 2SG escritas por mineiros ilustres que representam o português culto de Minas Gerais. As missivas, em seus subgêneros amorosa, amistosa e familiar, estão disponíveis no Acervo do Escritores Mineiros (AEM): 105 cartas, no Arquivo Público Mineiro (APM): 23 cartas, no Museu Abílio Barreto (MAB): 3 cartas, no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG): 58 cartas e no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH): 13 cartas.

Desse modo, uma vez apresentada a descrição da amostra utilizada neste trabalho, discute-se, na próxima seção, a abordagem do imperativo de 2SG segundo os parâmetros utilizados nesta pesquisa.

2.5. O imperativo de 2SG: critérios de análise

Esta dissertação está orientada pelos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2014) que, por sua vez, deixou-se inspirar pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1994). Desse modo, há o interesse não apenas na constatação do estatuto variável do imperativo de 2SG nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas como também na investigação da incidência dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa variação. Essa análise é realizada com base na regra variável segundo a qual o imperativo no PB pode estruturar-se com formas do indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) ou com formas do subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*).

Nesta seção, partindo do princípio de que a língua é um sistema ordenadamente heterogêneo passível de variação em decorrência de aspectos estruturais e sociais (LABOV, 1994), são discutidos inicialmente os aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos que envolvem o imperativo de 2SG e os métodos de contagem de frequência para aplicação aos tipos sintático-semânticos dos verbos. Posteriormente, são abordados a variável dependente em análise nesta pesquisa (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) bem como os grupos de fatores internos e externos que podem condicionar essa variação. Em relação a cada condicionamento, levantam-se hipóteses, tendo por base os estudos sobre a expressão do imperativo de 2SG em trabalhos sincrônicos e diacrônicos.

O mapeamento dos dados de imperativo de 2SG serão computados por meio do Pacote de Programas Goldvarb³⁰ (GUY E ZILLES, 2007; MOLLICA *et* BRAGA, 2004), um confiável modelo estatístico para o cálculo das frequências de uso e dos pesos relativos de aplicação de uma regra variável. O GoldVarb (Pacote de Programas VARBRUL – VARiAble RULE – adaptado ao ambiente Windows) gera não somente os índices percentuais que definem a frequência de uso da regra variável em consonância com os fatores sociolinguísticos fornecidos ao programa, como também os pesos relativos que, em termos probabilísticos, permitem mensurar a contribuição de cada fator para a aplicação da regra variável.

³⁰ GoldVarb (Pacote de Programas VARBRUL – VARiAble RULE – adaptado ao ambiente Windows) é um programa para cômputo de variáveis sociolinguísticas desenvolvido por pesquisadores canadenses disponível para acesso do endereço eletrônico <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

Tendo retomado os princípios teóricos metodológicos da Sociolinguística que norteiam esta pesquisa bem como tendo apresentado o programa de cômputo da regra variável que calcula percentual e probabilisticamente as variantes e seus condicionamentos, passa-se, nas subseções seguintes, à caracterização do modo imperativo em termos pragmáticos, morfológicos e sintáticos, à abordagem dos métodos de contagem de frequência bem como à descrição da variável dependente e das variáveis independentes relacionadas à expressão variável do imperativo gramatical no PB.

2.5.1. O imperativo de 2SG: aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos

A tradição gramatical (CUNHA e CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009) entende o imperativo como o modo da ordem, do pedido e da súplica, que se expressa como afirmativo ou negativo, formado a partir da conjugação de outros dois modos verbais: o indicativo e o subjuntivo. Do indicativo, surgem as formas verdadeiras que compõem a 2SG e a 2PL do imperativo afirmativo, enquanto, do subjuntivo, surgem as formas supletivas que compõem as demais pessoas do imperativo afirmativo e todas as pessoas do imperativo negativo. Assim, cf. Bechara (2009 [1961], p. 237), o imperativo para o verbo *cantar* apresenta as formas *canta*, *cante*, *cantemos*, *cantai* e *cantem* para o imperativo afirmativo e as formas *cantes*, *cante*, *cantemos*, *canteis*, *cantem* para o imperativo negativo, entre as quais apenas as formas *canta* e *cantai*, derivadas do indicativo, constituem o imperativo verdadeiro e as demais, provenientes do subjuntivo, compõem o imperativo supletivo. Tomando tão somente como ponto de partida o imperativo segundo as gramáticas normativas, descrevem-se os aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos do imperativo tendo em vista os trabalhos sobre o tema desenvolvidos por Faria (2006), Scherre (2004, 2007), Paredes Silva *et al.* (2000), Lopes (2007), Lopes e Cavalcante (2011), Cardoso (2006), Rumeu (2007, 2013, 2016) e Diniz (2018).

Pragmaticamente, o imperativo é marcado por um ato directivo que interpela o interlocutor de modo a sugerir, pedir ou obrigar que algo seja feito (SEARLE, 1969 *apud* FARIA, 2006). Por isso, esse modo verbal possui uma força ilocucionária que o faz manifestar-se exclusivamente em situações de interlocução, como em diálogos presenciais ou à distância, por exemplo, por meio de cartas, cf. os exemplos (68) e (69).

(68) Peço que telephone <↑(48495 ou 20334)> a Maria Casasanta e diga a ella que ainda não retornei porque C. M. está doente e só agora começa a melhorar. (AR. Belo Horizonte, 05.07.1960)

(69) Podes reformar o Directorio *consulte* o Dr Jose Pedro Araujo, *consulte* a quem quizer; *ve* si o Sabino entra na rasã tudo combinado *me-passe* um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data)

Nos termos de Faria (2006, p. 74, *apud* MATEUS *et al.*, 2006), o ato ilocutório tem a intenção de levar o interlocutor a realizar uma ação (verbal ou não verbal) com base no reconhecimento daquele a quem a mensagem se dirige na proposição proferida pelo locutor. Assim, enquanto em (68) o escrevente leva seu destinatário a telefonar para alguém a fim de dizer alguma coisa, em (69), a escrevente requisita de seu destinatário a ação de consultar alguém, ver e lhe passar alguma coisa. Desse modo, fica evidente a força ilocutória do imperativo presente em contextos de interlocução, como nas missivas analisadas nesta dissertação.

Em termos pragmáticos, importa dizer, portanto, que a apreensão do imperativo neste trabalho parte do potencial ilocucionário das formas imperativas de 2SG utilizadas em situações sociocomunicativas de interlocução entre os indivíduos, neste caso, missivistas mineiros cultos que tecem entre si uma expressiva correspondência.

Morfologicamente, o imperativo é um modo derivado a partir de tempos específicos de outros dois modos verbais: o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. As formas verdadeiras (*canta, cantai*), utilizadas para os pronomes de segunda pessoa *tu* e *vós* do imperativo afirmativo advêm das formas verbais de 2SG do presente indicativo (*cantas, cantais*) com apócope do morfe número-pessoal *-s* constante nos verbos conjugados no indicativo (SCHERRE, 2004, 2007). As formas supletivas (*cantes, cante, cantemos, cantei, cantem*), usadas para o paradigma restante do imperativo afirmativo e para todo o imperativo negativo, descendem das formas verbais do presente do subjuntivo sem nenhuma alteração mórfica (SCHERRE, 2004, 2007).

Diante desse contexto, é importante ressaltar três pontos:

- (a) não existem formas imperativas de 1SG, tendo em vista o caráter ilocucionário desse modo verbal que restringe a ocorrência do imperativo a situações de interlocução;
- (b) as formas imperativas de 1PL (*cantamos*) existem na medida em que é possível impelir um coletivo do qual o locutor faça parte da realização de uma ação, promovendo uma situação de interação;
- (c) as formas imperativas de 3SG e 3PL (*cante* e *cantem*) são usadas em contextos de interação com formas pronominais (os inovadores *você* e *vocês*), tratamentais (como *Senhor* e *Senhores*) ou nominais (como os nomes próprios *João* e *João e Maria*).

Em termos morfológicos, importa afirmar, então, que a identificação do imperativo nesta pesquisa considera as formas verdadeiras e supletivas de 2SG que constituem a formação e aplicação *sui generis* desse modo verbal nas cartas mineiras.

Sintaticamente, o imperativo de 2SG em geral é um modo representado por três construções diferentes, tendo em vista sua referência de sujeito, expresso ou não. Há o imperativo verdadeiro, com forma de imperativo verdadeiro (descendente do indicativo) correlacionada ao sujeito *tu* (*cante tu!*); o imperativo supletivo, com forma de imperativo supletivo (herdada do subjuntivo) correlacionada ao sujeito *você* (*canta você!*); e o *imperativo abrasileirado*, nos termos de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), com forma de imperativo verdadeiro (advindo do indicativo) correlacionado ao sujeito *você* (*cante você!*). As construções do imperativo verdadeiro, supletivo e abrasileirado estão sintetizadas no quadro (13), cf. discutido inicialmente por Diniz (2018) e, na sequência, por Rumeu e Carvalho (2018, p. 396).

REPRESENTAÇÃO DO IMPERATIVO NO PB		
PRONOME-SUJEITO	FORMA VERBAL	CLASSIFICAÇÃO
<i>Tu</i>	indicativo	verdadeiro
<i>Você</i>	subjuntivo	supletivo
<i>Você</i>	indicativo	abrasileirado

Quadro (13): As possibilidades de representação do imperativo de 2SG no PB atual, cf. Rumeu e Carvalho (2018, p. 396).

O quadro (14) permite observar as inter-relações entre as possibilidades de expressão do imperativo com base nas formas verbais e sua referência a sujeito de 2SG. O surgimento do *imperativo abrasileirado* dá-se em virtude pronominalização da forma *você*, antiga forma de tratamento *Vossa Mercê*, que passa a figurar entre os pronomes do PB como forma legítima de referência à 2SG (LOPES, 2007; LOPES E CAVALCANTE, 2011; RUMEU, 2007, 2013, 2016). Ao longo do seu processo de gramaticalização, o *você* passa a ocupar os espaços do convencional *tu* em alguns contextos sociointeracionais, apresentando traços semânticos, embora não sintáticos, de referência à 2SG (LOPES E CAVALCANTE, 2011, p. 61). A identidade semântica entre o *você* e o *tu* possibilitou que a permuta entre o uso dessas duas formas pronominais ocorresse sem que houvesse uma avaliação depreciativa pela comunidade linguística (SCHERRE, 2007). Entre os contextos sociointeracionais em que o *você* ocupou os espaços do *tu*, está a referência de sujeito de 2SG das formas imperativas associadas ao indicativo, promovendo, assim, a emergência do *imperativo abrasileirado* (PAREDES SILVA *et al.* 2000, p. 121). Em suma, o processo de *abrasileiramento* do

imperativo decorre de um fenômeno em que o *você* invadiu os lugares de ocorrência do *tu*, a partir de um processo pronominalização exclusivo do PB.

Ainda sobre os aspectos sintáticos, é importante ressaltar que as construções imperativas expressam-se, na maioria dos casos, por meio da ausência de um sujeito explícito, motivo pelo qual sentenças com sujeito exposto podem gerar ambiguidade, como nos exemplos de fala espontânea (70) e (71), cf. Cardoso (2006, p. 328).

(70) *Você faz o dever.* – (cf. CARDOSO, 2006, p. 326)

(71) *Faz o dever!* – (cf. CARDOSO, 2006, p. 326)

Uma sentença como a (70) pode tanto constituir uma sentença indicativa, quanto imperativa, a depender do contexto em que está inserida que indicará a interpretação mais adequada da forma verbal. Diferentemente, em (71) o duplo sentido não parece ocorrer, uma vez que nessa sentença não há sujeito exposto. Nesse caso, Cardoso (2006, p. 328) admite a possibilidade de que em sentenças imperativas a força ilocucionária seja maior naquelas com sujeito não exposto e menor naquelas com sujeito exposto.

Além disso, é igualmente relevante afirmar que construções com sujeito nulo também podem gerar duplicidade de sentido a depender da origem geográfica do falante, cf. os exemplos (72) e (73) de Scherre (2006, p. 15).

(72) *Ganha um cartão com teu nome [...]* – (cf. SCHERRE, 2006, p. 15)

(73) *Prova o Nesquik Líquido [...]*³¹ – (cf. SCHERRE, 2006, p. 15)

As sentenças (72) e (73), extraídas de folhetos de propaganda de Portugal, embora estejam no imperativo com referência ao sujeito *tu*, podem ser interpretadas por falantes brasileiros como sentenças indicativas com referência ao sujeito *ele*. Desse modo, Scherre (2006, p. 15) afirma que a ausência da expressão do sujeito permite que uma mesma forma verbal seja interpretada como imperativa por um falante português ou indicativa por um falante brasileiro, caso que ilustra diferenças sintáticas entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) em torno do imperativo

Assim, em uma análise sob uma perspectiva sintática, a fim de evitar interpretações equivocadas motivadas pela expressão ou não do sujeito nas sentenças, não se pode prescindir dos aspectos pragmáticos do imperativo que envolvem seu contexto de ocorrência, como a maior incidência força ilocucionária em uma sentença (CARDOSO, 2006) ou a origem geográfica do falante que determina variações linguísticas (SCHERRE, 2006).

³¹ Exemplo de um folheto de propaganda de português europeu (PE) extraído de Scherre (2008, p.15) em que a autora tece considerações sobre as diferenças entre o imperativo no Brasil e em Portugal.

Em termos sintáticos, importa esclarecer, por fim, que a apreensão do imperativo nesta dissertação, considera a expressão binária das formas imperativas em correlação com a referência de sujeito de 2SG no intuito de atestar o número de ocorrência do imperativo verdadeiro, do supletivo e do *abrasileirado* nas cartas mineiras.

Uma vez expostos os aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos do imperativo que orientam a análise desse modo verbal, procede-se à apresentação dos métodos de contagem de frequência e sua relação com os tipos sintático-semânticos dos verbos que manifestam o imperativo de 2SG.

2.5.2. O imperativo de 2SG: a regra de frequência aplicada aos tipos de verbo

Na Teoria baseada no Uso, cf. Bybee (2013, p. 52), a gramática, entendida como a organização cognitiva a partir da experiência do indivíduo com a linguagem, possibilita que as representações cognitivas sejam construídas à medida que os falantes decodificam e categorizam enunciados (LANGACKER, 1987, 2000; KEMMER e BARLOW, 2000, *apud* BYBEE, 2013, p. 52). Nesse contexto, a frequência do uso de determinadas estruturas promove consolidação de construções na língua que podem ser contabilizadas por meio de dois métodos: a frequência do dado (*token frequency*) e a frequência do tipo (*type frequency*). Esses procedimentos, ao serem aplicados aos tipos sintático-semânticos dos verbos cf. proposto por Castilho (2014 [2010]), podem esclarecer com quais verbos e quais tipos de verbos as formas imperativas, verdadeiras (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) ou supletivas (*deixe/receba/ abra/dê/diga/vá*), são mais frequentes.

A frequência do dado (*token frequency*), com base em Bybee (2003, p. 604; 2013, p. 58), consiste na frequência de ocorrência de uma determinada unidade linguística (fonema, morfema, palavra, expressão) executada no texto, evidenciando a quantidade de vezes (incluindo repetições) que um item específico ocorre em um *corpus*. Por exemplo, o verbo *broke* (“quebrou”, em inglês) ocorre 66 vezes por milhão em Francis e Kucera (1982 *apud* Bybee, 2003) enquanto o verbo *damaged* (“danificou”, em inglês) ocorre 5 vezes por milhão no mesmo *corpus*. Isso significa que a frequência de dado (*token frequency*) de *broke* é significativamente maior do que a de *damaged*, ainda que o passado regular de *damaged* (com acréscimo do sufixo *-ed*) seja muito mais produtivo no inglês que o passado irregular de *broken*.

A frequência do tipo (*type frequency*), ancorada em Bybee (2003, p. 604; 2013, p. 58), refere-se à frequência de ocorrência de um padrão específico (uma afixo ou uma expressão) em um texto (*dictionary frequency*), permitindo destacar, por exemplo, a quantidade de itens diferentes (excluindo repetições) que podem ocorrer em uma construção. Assim, ao considerar que o passado regular de *damaged* (com acréscimo do sufixo -ed ao verbo em sua forma não finita) é muito mais produtivo que o passado irregular de *broken* ou outros de verbos como *said*, *wrote*, *rode* (“disse”, “escreveu”, “montou”), constata-se que no inglês a frequência do tipo (*type frequency*) passado regular (sufixo -ed) é muito maior em termos quantitativos do que a do tipo passado irregular.

A fim de ilustrar as relações entre frequência de dado (*type frequency*) e frequência de tipo (*type frequency*), Bybee (2003, p. 605-614) aborda detalhadamente o processo de gramaticalização do modal *can* (“poder”) em inglês, analisando dados do inglês antigo (Old English) e do inglês medieval (Middle English). Segundo Bybee (2003), o verbo modal *can* (“poder”) do inglês atual tem sua origem em um longo processo de gramaticalização a partir do verbo principal *cunnan* (“saber”) do inglês antigo. Assim como em outros processos de gramaticalização, o *can* perdeu características específicas de seu significado, tornando-se mais genérico e abstrato, à medida que passou a ser utilizado com maior frequência, generalizando seu uso e significado em diferentes contextos.³²

No inglês antigo, embora tenha se manifestado como verbo principal em alguns casos, *cunnan* aparece como auxiliar diante de verbos não finitos em contextos restritos, compondo a construção *cunnan* + *infinitivo*, que evidencia o início de seu processo de gramaticalização. Como auxiliar, *cunnan* ocorre basicamente com verbos de estado mental ou atividade (*understand*, *distinguish*, *comprehend*), verbos de comunicação (*say*, *confess*, *speak*) ou verbos de habilidade (*touch a harp*, *hunt*, *cut a wound*). Nessa época, Bybee (2003) afirma que já se entrevê o início da perda de significado específico de *cunnan*, uma vez sendo um verbo de estado mental utilizado com outros verbos com traços semânticos similares.

No inglês medieval, *can* passa a ser utilizado frequentemente como auxiliar, mantendo os contextos existentes do inglês antigo e angariando novos contextos. Em *corpus* baseado nas obras de Geoffrey Chaucer, Bybee (2003) encontra

³² A gramaticalização consiste em um processo de generalização em que características específicas do significado de um elemento são perdidas enquanto ocorre um aumento de contextos em que esse elemento passa a ser usado (MEILLET, 1912; LEHMANN, 1982 *apud* BYBEE, 2003, p. 605)

- (a) 52 ocorrências (*token frequency*) com 18 verbos diferentes (*type frequency*) de *can* com verbos estado mental ou atividade (*judge, believe, see*);
- (b) 102 ocorrências (*token frequency*) com 31 verbos diferentes (*type frequency*) de *can* com verbos comunicação (*thank, say, tell*); e
- (c) 26 ocorrências (*token frequency*) com 18 verbos diferentes (*type frequency*) de *can* com verbos de habilidade (*dance, paint, read*).

Além disso, Bybee (2003) identifica *can* sendo utilizado em outros contextos semânticos como:

- (a) verbos que denotam estados mentais que não são estritamente intelectuais (*love, suffer, have patience*);
- (b) verbos que denotam estados que não são mentais ou emocionais (*be wrye, be rotten*);
- (c) verbos indicando uma mudança de estado em outra pessoa (*teach, heal, comfort, disturb*);
- (d) verbos indicando uma ação evidente (*ride, go, send, climb, steal*).

Apesar da significativa expansão em diferentes contextos verbais, Bybee (2003) salienta que *can* no inglês medieval ainda preserva o traço [+humano] do sujeito, generalizando-se para expressar a capacidade humana em todos os aspectos, mas, salvo raras situações³³, ainda não denota a ideia de “ter possibilidade” (*root possibility*) como verificado no inglês contemporâneo.

Em fins do inglês medieval, Bybee (2003) comprova, enfim, a existência de sentenças que prenunciam o uso do *can* no contexto de “ter possibilidade” (*root possibility*) que permitiam o traço [-humano] no sujeito, concluindo seu processo de gramaticalização. Segundo Bybee (2003), a noção de habilidade está relacionada semântica e funcionalmente à ideia de possibilidade, dado que algo só é possível de ser feito caso haja habilidade para tal. É o que ocorre em sentenças como: (a) *No worldely thyng can be wythout stryfe*³⁴ (1509 Hawes Past. Pleas.xvi.xlix); (b) *There is great number that fayne would aborde our ship can holde no more*³⁵ (Barclay Ship of Fooles 1570). Nesses fragmentos, *can*, além de figurar predicados estativos em construções passivas, deixa-se interpretar ambigualmente como “ter capacidade”

³³ Bybee (2003, p. 614) analisa a sentença *Til we be roten, kan we nat be rype*. “Até que estejamos podres, não podemos (é possível) estarmos maduros” (A. Rv. 3875) do mesmo *corpus* das obras de Geoffrey Chaucer, como evidência do *can* com traço semântico de “ter possibilidade” (*root possibility*) no inglês medieval.

³⁴ Exemplo extraído de Bybee (2003, p. 614) que pode ser traduzido como “Nenhum homem mundano pode (é possível) estar fora do caminho”.

³⁵ Exemplo extraído de Bybee (2003, p. 614) que pode ser traduzido como “Há grande número à bordo que nosso navio não pode (é possível) conter mais.”

e “ter possibilidade” (*root possibility*), ocupando muitas vezes o lugar do modal *may*. Esses exemplos constituem rastros que demonstram o prolongado e gradativo processo de gramaticalização que deu origem ao atual *can* do inglês.

Em suma, Bybee (2003, p. 614), sintetiza o processo de gramaticalização do *can*, a partir de dois fenômenos, evidenciando um aumento significativo de sua frequência. O primeiro consiste na expansão gradual da construção gramatical *can + infinitivo*, sendo usada com mais tipos de verbos e de sujeitos. O segundo está no aumento dos contextos semânticos de ocorrência de *can + infinitivo*, apresentando uma alta frequência de dado (*token frequency*) e de tipo (*type frequency*). O resultado desses dois processos é a generalização dos usos e dos significados de *can*, haja vista a expressiva mudança do significado do ancestral *cunnan* que, ao originar o *can*, deixa de significar “saber”, dando espaço para que seu sucessor seja compreendido como “ter capacidade” ou “ter possibilidade” (*root possibility*).

Os métodos de contagem de frequência desempenharam um papel significativo no processo de gramaticalização do *can*, uma vez que a expansão do verbo em diferentes contextos semânticos verbais (*type frequency*) e em grande quantidade de verbos (*token frequency*) demonstrou a generalização do uso e do significado do *can* em diferentes sentenças da língua inglesa (BYBEE, 2003). Com base nesses métodos de contagem, propõe-se a análise dos tipos sintático-semânticos dos verbos, de acordo com a classificação de Castilho (2014 [2010]), que representam as formas verdadeiras (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e supletivas (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) do imperativo de 2SG em análise nesta dissertação. Desse modo, procura-se atestar em quais verbos (*token frequency*) e em quais tipos de verbos (*type frequency*) as formas imperativas fazem-se mais frequentes nas cartas mineiras.

Uma vez explicadas a frequência de dado (*token frequency*) e a frequência de tipo (*type frequency*), procedimentos de contagem baseados em Bybee (2003, 2013), a serem aplicados aos tipos sintático-semânticos dos verbos das construções imperativas de 2SG, segue-se à descrição da variável dependente e das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas utilizadas nesta pesquisa.

2.5.3. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis

Nesta seção, são apresentadas e descritas as variáveis que compõem a pesquisa sobre o imperativo de 2SG nas missivas mineiras. A partir da variável dependente (imperativo

verdadeiro *versus* imperativo supletivo), abordam-se os grupos de fatores que podem condicionar o fenômeno variável, tomando como base estudos linguísticos desenvolvidos sobre o tema.

2.5.3.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição da variável dependente

A variável dependente em um trabalho de sociolinguística quantitativa consiste em formas linguísticas que compõem uma regra variável condicionada a fatores linguísticos e extralinguísticos (GUY E ZILLES, 2007). Neste trabalho, a variável dependente é binária, composta pelas formas do imperativo relacionadas ao indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*). Nos termos de Scherre (2007, p. 190), as formas imperativas advindas do indicativo (verdadeiras) e as formas emprestadas do subjuntivo (supletivas) são legítimas variantes do imperativo, uma vez que representam formas utilizadas em um mesmo contexto, sem distinção de sentido (LABOV, 1972 *apud* GUY E ZILLES, 2007) para a referência à 2SG, como se constata em (74) e (75), exemplos que ilustram o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo, respectivamente.

(74) *Dize* ao [inint.] que estou á espera dos cobres. Não mandes a carta do Cashley, que já paguei. (AR. Belo Horizonte, 15.01.1930) – *imperativo verdadeiro*

(75) *Diga* a Papae que vou entender-me com o Frederico sobre os cobres aqui deixados. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937) – *imperativo supletivo*

Apresentada a variável dependente (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo), procede-se, nas próximas subseções deste capítulo, à descrição das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que tendem a condicionar a expressão variável do imperativo de 2SG no PB, cf. já amplamente discutido por Scherre (2000, 2004, 2007), Scherre *et al.* (2004), Cardoso (2009) em trabalhos voltados para sincronias atuais e por Rumeu (2016), Silva (2017) e Diniz (2018) em pesquisas orientadas para sincronias pretéritas.

2.5.1.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis independentes

A preferência por uma ou outra forma do imperativo (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) pode ser influenciada por grupos de fatores que compõem as variáveis independentes, que representam os condicionamentos para expressão do imperativo de 2SG. Nesse caso, por se tratar de uma pesquisa de natureza sociolinguística, a análise da expressão variável do imperativo de 2SG pressupõe a existência de condicionamentos linguísticos e

extralinguísticos que tendem a impulsionar a aplicação da regra variável em foco. Neste trabalho, os condicionamentos que compõem as variáveis independentes linguísticas são representados pelos seguintes grupos de fatores:

- (a) o sujeito de 2SG (cartas exclusivas de *tu-sujeito*; cartas exclusivas de *você-sujeito*; cartas de alternância *tu/você-sujeito*);
- (b) o paralelismo formal e semântico;
- (c) o tipo de conjugação do verbo;
- (d) o paralelismo fônico;
- (e) o tipo de pronome átono;
- (f) o número de sílabas do verbo em sua forma não finita;
- (g) a polaridade da estrutura (negativa ou afirmativa);
- (h) o padrão sintático da sentença (oração encaixada ou não encaixada: isodada, coordenada, matriz)
- (i) o tipo de verbo;

Adicionalmente, os condicionamentos que compõem as variáveis independentes extralinguísticas são representados pelos seguintes grupos de fatores:

- (a) os períodos em que as cartas foram escritas entre fins do século XIX e fins do século XX;
- (b) o subgênero da carta (amorosa, amistosa, familiar);
- (c) o gênero do missivista;
- (d) a faixa etária do escrevente.

Nesta pesquisa, são analisados, portanto, 9 grupos de fatores linguísticos e 4 grupos de fatores extralinguísticos, configurando um total de 13 variáveis independentes que estão associadas à análise da aplicação da regra variável em foco: a expressão binária do imperativo gramatical de 2SG em cartas mineiras históricas.

2.5.3.2.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis independentes linguísticas

Nesta seção, são descritas as variáveis independentes linguísticas que compõem os grupos de fatores com potencial de condicionar a aplicação da regra variável do imperativo de 2SG (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo). Cada grupo será descrito levando em consideração a possibilidade de influência sobre a expressão binária do imperativo tendo por base a literatura sobre o fenômeno apresentado em pesquisas sincrônicas e diacrônicas.

2.5.3.2.1.1. O sujeito nas construções de imperativo de 2SG

As construções imperativas de 2SG nas cartas mineiras podem se manifestar com as formas pronominais *tu* e *você*, ou com uma forma nominal de tratamento (*Quequeta*³⁶, *Lívio*³⁷) na posição de sujeito. Especificamente em relação às formas pronominais, Lopes e Cavalcante (2011), com base em Scherre *et al.* (2009), indicam resumidamente três subsistemas pronominais no PB. Neste trabalho, esses três subsistemas são observados nas cartas exclusivas de *tu-sujeito*, nas cartas exclusivas de *você-sujeito*, e, por fim, nas cartas mistas, ou seja, nas missivas de alternância de *tu* e *você* na posição de sujeito.

Nesse sentido, busca-se analisar a associação entre as formas imperativas de 2SG e o sujeito de 2SG na escrita mineira, cf. é possível observar, respectivamente, de (76) a (78).

Construção imperativa em carta de *tu-sujeito* exclusivo:

(76) Nada li até hoje tão bom, tão bem escrito, tão profundo. Esse [inint.] tem uma cultura de pôr a gente de queixo caído. *Dize* ao [inint.] que estou á espera dos cobres. Não *mandes* a carta do Cashley, que já paguei. (AR. Belo Horizonte, 15.01.1930)

Construção imperativa em carta de *você-sujeito* exclusivo:

(77) Você tem escrito? A Lucia Miguel Pereira gostou muito do seu livro, – o que não é de admirar. Adeus; *mande-nos* notícias da sua saúde. (AM. Rio de Janeiro, 12.07.1944)

Construção imperativa em carta de mista (*tu/você-sujeito*):

(78) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, *vem* desde já; se não, espera que a nova tribu Delio – Celina volta, o que se dará dentro de poucos dias. Para nós, em qualquer hipótese, é um prazer ter-te aqui; tu resolverás. Pretendemos seguir para Minas na primeira quinzena de fevereiro. O teu livro ficou muito bom, e tive a impressão de que está amplamente expedido pela livraria. És uma escritora para crianças... e adultos. Como vai o Antonio? Acharo-lo bem disposto. Afinal, vocês voltaram à nova casa, não é? Tipo de residencia simpática. (AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944)

O objetivo dessa análise, à luz de Lopes e Cavalcante (2011) bem como de Scherre *et al.* (2009), é verificar se as construções imperativas de 2SG estariam ou não em distribuição

³⁶ Forma carinhosa de como a escritora Henriqueta Lisboa é chamada por seus familiares em algumas cartas.

³⁷ Nome do irmão de Abgar Renault a quem o escritor destinou suas cartas.

complementar em relação à posição de sujeito. O controle dessa variável tem, assim, como intuito verificar a produtividade das formas imperativas associadas ao indicativo (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), e ao subjuntivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) em relação à referência de sujeito de 2SG: cartas de *tu-sujeito* exclusivo, cartas de *você-sujeito* exclusivo e cartas de alternância *tu/você-sujeito*. Em outras palavras, procura-se averiguar em que medida o pronome-sujeito de 2SG aciona uma dada construção imperativa formal e semanticamente a ele vinculada. Assim, ao perseguir os dados de imperativo com forma indicativa associados à forma pronominal *você* na posição de sujeito (*vem você!*), busca-se vestígios do *imperativo abrasileirado* nas missivas mineiras dos séculos XIX e XX, um dos objetivos que norteiam esta pesquisa.

A esse respeito, Diniz (2018, p. 78), constata que, nas cartas do Rio de Janeiro (séculos XIX e XX), as formas imperativas de 2SG em distribuição complementar com o pronome-sujeito. Nas cartas de *você-sujeito*, houve prevalência do imperativo com formas do subjuntivo (86%, 266 oco); nas cartas de *tu-sujeito*, houve a preferência pelas formas do indicativo (70%, 161 oco); e, nas cartas mistas, houve uma significativa alternância entre as formas associadas ao indicativo (45%, 85 oco) e as formas associadas ao subjuntivo (55%, 106 oco). Assim, resta saber se a análise das cartas mineiras ratificará ou não as evidências das construções imperativas de 2SG nas cartas cariocas.

2.5.3.2.1.2. O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG

O paralelismo formal e semântico é entendido, à luz de Schffrin (1981 *apud* SCHERRE, 1998, p. 42), como uma tendência à conservação da similaridade de ocorrência entre as formas linguísticas, promovendo, cf. Scherre (1988 *apud* SCHERRE, 1998, p. 301, 385), “uma harmonia discursiva formal”, que confere coesão ao discurso. Scherre (1998) afirma que a utilização de formas de um paradigma semelhante pode ser explicada por uma força mental que atua sobre os falantes, levando-os a promover essas associações, fato que já foi comprovado por Omena (2003) e Lopes e Viana (2012), ao estudarem o paralelismo entre as formas associadas ao *a gente* pronominal. Desse modo, a hipótese que norteia essa análise é a de que a sequência discursiva iniciada pelo paradigma de *tu* ou pelo paradigma de *você* seja um contexto promissor para a produtividade das formas imperativas verdadeiras ou das formas imperativas supletivas, respectivamente. Em outros termos, procura-se verificar se prevalecem, nas cartas mineiras, o imperativo associado ao indicativo ou o imperativo associado ao subjuntivo paralelamente aos contextos formais de ocorrência de cada dado.

Sobre essa questão, Diniz (2018, p. 87), em sua análise sobre o imperativo nas cartas cariocas, confirma a hipótese do paralelismo formal e semântico ao atestar que estruturas semelhantes contribuem para a ocorrência de forma imperativa a elas relacionadas. Em seu trabalho, as formas imperativas do subjuntivo foram precedidas por formas do paradigma de *você* (82%, 288 oco) e as formas imperativas do indicativo foram antecedidas por formas do paradigma de *tu* (61%, 223 oco). Diante desses resultados, busca-se verificar em que medida a variável paralelismo formal e semântico influenciaria as construções imperativas de 2SG nas cartas mineiras.

A fim de que essa análise seja feita, avalia-se a manutenção do paradigma em termos formais e semânticos entre as formas imperativas e os contextos paradigmáticos que as antecedem, quer pertençam ao paradigma de *tu*, quer pertençam ao paradigma de *você*. De maneira mais específica, analisa-se se a forma imperativa constitui a (a) primeira ocorrência ou é precedida por (b) *você-sujeito* pleno, (c) *você* em outras funções sintáticas, (d) formas de 3ª pessoa do singular (*se, o/a, lhe, seu/sua*), (e) *tu-sujeito* nulo ou pleno, (f) *tu* em outras funções sintáticas (*de ti, para ti, contigo*), (g) formas de 2ª pessoa do singular (*te, teu/tua*), (h) formas de 2PL *vocês* (*seus, lhes, de vocês – possessivos, clíticos, sintagmas complementos*), (i) formas de 2PL *vós* (*vos, vossos, vossas, convosco*), (j) forma imperativa supletiva (*do subjuntivo*), forma imperativa verdadeira (*do indicativo*). Ilustram-se, de (79) a (89), os contextos controlados por Scherre (1998, 2007), por Cardoso (2009) e também por Diniz (2018) em relação às construções imperativas de 2SG desta análise.

Primeira ocorrência da construção imperativa:

(79) *Avis* ao Delzo que, sob registro nº 29.018, mandeia casimira hontem, seguindo pelo Bento 300\$000. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1937)

Construção imperativa precedida por *você-sujeito* pleno:

(80) [...] Você deseja *lhe* de arranjar-se mais qualquer para o envio. Não *deixe* de ir ver o Axel Munthe. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

Construção imperativa precedida por *você* em outras funções sintáticas:

(81) Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma casa do Chile para você. *Mande* dizer-nos. (AVP. Santiago, 06.11.196)

Construção imperativa precedida por formas de 3ª pessoa do singular (*se, o/a, lhe, seu/sua*):

(82) [...] se lhe parecer razoável, *junte* ao cartão uma palavrinha sua a êle, que queria muito a Papai e que sempre me pediu notícias dele e suas. (JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947)

Construção imperativa precedida por *tu-sujeito* nulo ou pleno:

(83) Dize ao [inint.] que estou á espera dos cobres. Não *mandes* a carta do Cashley, que já paguei. (AR. Belo Horizonte, 15.01.1930)

Construção imperativa precedida por *tu* em outras funções sintáticas (de ti, para ti, contigo):

(84) Tudo que eu digo para a minha negra também pertence a elle e por isso lembrando a todo o momento de ti, minha Helena, eu lembro do nosso bemsinho. *Manda* o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro; veio a casa-ca e elle não veio elle. (JP. Ouro Preto, 09.11.1890)

Construção imperativa precedida por formas de 2ª pessoa do singular (te, teu/tua):

(85) Lucia: como vae a tua alergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. *Consóla-te* commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos! (AM. s/ local, s/ data)

Construção imperativa precedida por 2PL *vocês* (seus, lhes, de vocês – possessivos, clíticos, sintagmas complementos):

(86) Selma e todas as meninas se [inint.] a vocês. Com o Antonio e a sobrinha, *receba* um abraço fraternal do Anibal. (AM. Rio de Janeiro, 01.01.1941)

Construção imperativa precedida por formas de 2PL *vós* (vos, vossos, vossas, convosco):

(87) não julge. Vossa merce enterecei-ras estas exprecões, a franqueza hé quem as dita; *Envieme* outra de amizade e benevolencia e todos os meos dezejos ficarão satisfeitos. (JP. Ouro Preto, 21.12.1869)

Construção imperativa precedida por forma imperativa supletiva (do subjuntivo):

(88) Não deixe de ir ver o Axel Munthe. *Traga* autographos. Não deixe tambem de ir à França. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

Construção imperativa precedida por forma imperativa verdadeira (do indicativo):

(89) Não fôras tu, minha terna compa-nheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! deixa, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento [...]. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

2.5.3.2.1.3. O tipo de conjugação verbal nas construções de imperativo de 2SG

O fator tipo de conjugação verbal diz respeito à influência exercida pelo paradigma da conjugação do verbo sobre as construções imperativas de 2SG. A partir dessa variável, procura-se averiguar se a conjugação verbal (1ª, 2ª ou 3ª conjugação) – ou se o verbo *por* (inclusive derivados) – influencia a prevalência do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) ou do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) na amostra em análise.

A hipótese, alicerçada por Scherre (2004, p. 15-23), é a de que os verbos de 1ª conjugação (*olhar, deixar, esperar*) favoreçam as formas do imperativo associadas ao indicativo e os verbos de 2ª e 3ª conjugação (*comer, abrir*) contribuam para a produtividade das formas de imperativo relacionadas ao subjuntivo. No tocante a esse ponto, Diniz (2018, p. 81-82) atesta que, nas missivas cariocas, não houve, de modo evidente, influência da conjugação do verbo na variação do imperativo. De fato, tanto os verbos do paradigma de 1ª conjugação (65%, 243 oco), quanto os verbos dos paradigmas de 2ª e de 3ª conjugações (67%, 12 oco) favoreceram a ocorrência de formas imperativas supletivas. Sendo assim, busca-se compreender o que ocorre nas cartas mineiras quanto à influência da conjugação verbal na produtividade das construções imperativas de 2SG. Para exemplificar, selecionam-se de (90) a

(93) evidências de construções de imperativo verdadeiro e supletivo, tendo em vista verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações bem como o verbo *por* (ou derivados), respectivamente.

Construção imperativa com verbo de 1ª conjugação:

(90) *Compre* uma para criança de 9 ou 10 anos para durar até elle crescer mais. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

Construção imperativa com verbo de 2ª conjugação:

(91) *Diga*-lhe tambem que o 4º vol. dos documentos hollandêses irá breve... Lembranças a todo. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1937)

Construção imperativa com verbo de 3ª conjugação:

(92) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e *vá* a sebo com sua historia de amor à paz. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

Construção imperativa com verbo *por* (ou derivados):

(93) *Disponha* dos nossos préstimos aqui. Aceite os afetuosos abraços de Saüdade do seu velho amigo e admirador Murilo. (MM. Roma, 26.10.1960)

2.5.3.2.1.4. O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG

O paralelismo fônico está relacionado à influência dos fonemas das formas verbais como fator que pode impulsionar a produtividade das construções imperativas de 2SG sejam por formas verdadeiras sejam por formas supletivas, cf. Scherre (1998, p. 67; 2004, p. 18; 2007, p. 207).

As hipóteses são as de que

(a) verbos de paradigma regular de 1ª conjugação de paradigma mais marcado (com vogal precedente [+aberta]) tendam a favorecer o imperativo verdadeiro (SCHERRE, 1998, p. 67; 2004, p. 18; 2007, p. 207);

(b) verbos de paradigma regular de 1ª conjugação de paradigma menos marcado (com vogal precedente [-aberta]) tendam a disseminar o imperativo supletivo (SCHERRE, 1998, p. 67; 2004, p. 18; 2007, p. 207);

(c) verbos de paradigma regular de 2ª e 3ª conjugações (*come/coma, abre/abra*) tendam a impulsionar o imperativo supletivo (SCHERRE, 2004, p. 18; 2006, p. 13);

(d) verbos de paradigma irregular de oposição mais marcada (*faz/faça, traz/traga, diz/diga*) tendam a induzir o imperativo supletivo (SCHERRE, 2004, p. 18; 2006, p. 13; 2007, p. 207);

(e) verbos de paradigma irregular de oposição menos marcada (*dá/dê, vai/vá, sai/saia*) tendam a estimular o imperativo supletivo (SCHERRE, 2004, p. 18; 2006, p. 13); e de que

(f) verbos de paradigma especial de oposição menos marcada (*esquece/esqueça, corre/corra, segue/siga, sobe/suba, recebe/receba*) tendam a beneficiar as construções do o imperativo verdadeiro (SCHERRE, 2004, p. 18; 2006, p. 13; 2007, p. 207).

Sobre essa variável, Diniz (2018), em sua pesquisa com missivas cariocas, confirma os resultados de Scherre (2004, 2006) baseados em dados do imperativo em revistas em quadrinhos. Nos termos de Diniz (2018, p. 87), os condicionamentos que demarcaram a prevalência do imperativo com formas supletivas consistem em (a) verbos de 1ª conjugação de paradigma menos marcado (*vira/vire, use/usa, imagina/imagine*), (b) verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações com oposição mais ou menos marcada (*come/coma, abre/abra*), (c) verbos irregulares de oposição mais marcada (*faz/faça, traz/traga, diz/diga, vê/veja, sê/seja*). Desse modo, pretende-se monitorar o comportamento das construções imperativas de 2SG em relação ao paralelismo fônico das suas estruturas também nas cartas mineiras.

À guisa de ilustrar esse grupo de fator, de (94) a (99), expõem-se evidências dos contextos tendo em vista principalmente as discussões de Scherre (2004) acerca do potencial do *paralelismo fônico* sobre a expressão variável das construções imperativas de 2SG.

Construção imperativa com verbo de paradigma regular 1ª conjugação mais marcado (com vogal precedente [+aberta]):

(94) Lucia: como vae a tua alergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. Consóla-te commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos! (AM. s/ local, s/ data)

Construção imperativa com verbo de paradigma regular de 1ª conjugação menos marcado (verbo com vogal precedente [-aberta]):

(95) Mande um grande abraço a M. Celina, que esperamos em dezembro. (AM. Rio de Janeiro, 18.10.1946)

Construção imperativa com verbo de paradigma regular de 2ª e 3ª conjugações mais marcado:

(96) [...] portanto, queira enviar-me dois exemplares dessa obra, pelo reembolso postal [...]. (AGN. Silvestre Ferraz, 06.07.1949)

Construção imperativa como verbo de paradigma irregular com oposição menos marcada (*dá/dê, vai/vá, sai/saia*):

(97) Dê notícias nossas aos daí. (JCL. Rio de Janeiro, 07.04.1945)

Construção imperativa com verbo de paradigma irregular com oposição mais marcada (*faz/faça, traz/traga, diz/diga*):

(98) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, yem desde já [...]. (AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944)

Construção imperativa com verbo de paradigma especial de oposição menos marcada (*esquece/esqueça, corre/corra, segue/siga, sobe/suba, recebe/receba*):

(99) Saudade as meninas e com o nosso querido Antonio. receba o abraço fraternal do Anibal (AM. Rio de Janeiro, 13.12.1945)

2.5.3.2.1.5. O tipo, a pessoa e a posição do pronome pessoal nas construções de imperativo de 2SG

O tipo de pronome (reto ou oblíquo, de 1^a, 2^a ou 3^a pessoa do singular ou do plural) e a posição em relação ao verbo (próclise ou ênclise) pode influenciar, segundo Scherre (2004, 2007), a prevalência do imperativo de 2SG com forma indicativa ou com forma subjuntiva, motivo pelo qual esse fator deve ser analisado.

A primeira hipótese é a de que, em contexto dialógico, as construções imperativas com a presença do clítico impulsionem a ocorrência do imperativo supletivo (*mande/coloque*, cf. SCHERRE, 2000, p. 1348). A segunda hipótese é a de que as construções imperativas com próclise propiciem a prevalência do imperativo verdadeiro (“*Me deixa, Mônica!*”, cf. SCHERRE, 2007, p. 212) e as construções imperativas com ênclise privilegiem a ocorrência do imperativo supletivo (“*Deixa-me ver!*”, cf. SCHERRE, 2007, p. 212). No que concerne ao controle do tipo de pronome, da pessoa do discurso e da sua posição sintática, Diniz (2018, p. 94) verifica que, nas cartas cariocas, as duas hipóteses não foram comprovadas. Ao considerar a presença e a ausência dos clíticos, o imperativo supletivo prevaleceu em sentenças em que os clíticos estavam presentes (65%, 148 oco). Ao se analisar a posição proclítica ou enclítica dos pronomes, por um lado, a próclise favoreceu a expressão do imperativo supletivo (93%, 71 oco); por outro, a ênclise evidenciou um maior nível de concorrência entre as formas de imperativo verdadeiro (49%, 74 oco) e de imperativo supletivo (51%, 77 oco). Assim sendo, procura-se testar o efeito da variável *tipo, pessoa e posição* do clítico pronominal diretamente vinculado às construções imperativas de 2SG nas missivas mineiras.

Para a realização desse estudo, pretende-se evidenciar, de acordo com os resultados das análises de Scherre (2000, 2004, 2007) e Sampaio (2001), que formas imperativas ocorrem em relação ao tipo e posição do pronome presente nas sentenças. Assim sendo, apresentam-se, de (100) a (111), evidências de construções imperativas de 2SG cujos contextos expõem os pronomes oblíquos átonos, as pessoas do discurso a que estão vinculados e as suas posições em relação ao verbo.

Construção imperativa com presença de pronome átono proclítico *me*:

(100) Vou vêr si acho. Me *mande* resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e vá a sebo com sua historia de amor à paz (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

Construção imperativa com presença de pronome átono proclítico *te*:

(101) Nelson meu filho, não façás extravagancia, nem trabalhe com excessos, pois Deus te dará sempre com que passar decentemente; não estrague tua saude e nem te *exponha* a este sol ardente (MBCS. São João, 03.12.1903)

Construção imperativa com presença de pronome átono proclítico *se*:

(102) De qualquer forma, convém que elle se trate seriamente. Não se esqueça de minhas perguntas ao [inint.]. (AR. Belo Horizonte, 10.06.1936)

Construção imperativa com presença de pronome átono enclítico *me*:

(103) Guarde reserva disso para não alarmar ninguém. Escreva-me para o [inint.], cujo endereço o Albano tem. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

Construção imperativa com presença de pronome átono enclítico *te*:

(104) Lucia: como vae a tua alergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. Consóla-te commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos! (AM. s/ local, s/ data)

Construção imperativa com presença de *lhe* enclítico:

(105) Diga-lhe tambem que o 4º vol. dos documentos hollandêses irá breve... Lembranças a todo. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1937)

Construção imperativa com presença de pronome átono enclítico *o/a*:

(106) Quanto ao outro, “[inint.] of man’s Knowledge”, que é [inint.], será remetido diretamente pelo [inint.]. Leia-o cuidadosamente o Dr Mario leu-o e caiu de queixo [...]. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

Construção imperativa com presença de pronome átono enclítico *nos*:

(107) Se tiver interêsse em alguma outra obra, mande-nos dizer, que teremos muito prazer em lhe enviar. (CLB. Santiago, 19.07.196)

Construção imperativa com presença de pronome do caso reto:

(108) Veja si elle recebeu e diga-lhe que os outros irão amanhã ou depois. (AR. Belo Horizonte, 13.01.1931)

Construção imperativa com presença de SN, isso/aquilo, pronome preposicionado:

(109) Diga ao Liffert que ‘soccer’ (k) é tambem a pronuncia adoptada na Inglaterra. (AR. Belo Horizonte, 07.03.1940)

Construção imperativa com presença de pronomes, preposições e SNs afastados do verbo:

(110) Diga ao Antonio a nossa tristeza pelo desaparecimento da D. Angelina. (AM. Rio de Janeiro, 01.10.1945)

Construção imperativa com ausência de um pronome ou SN:

(111) Guarda na geladeira. (AR. Belo Horizonte, 05.07.1960)

2.5.3.2.1.6. O número de sílabas do verbo nas construções imperativas de 2SG

O número de sílabas do verbo é uma variável que diz respeito à influência que a quantidade de sílabas da forma imperativa em sua versão não finita exerce sobre a expressão variável do imperativo de 2SG (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo). Nesse sentido, por meio desse fator, pretende-se medir o grau de interferência dos verbos

monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos sobre a produtividade do imperativo (verdadeiro ou supletivo) nas missivas mineiras.

A hipótese, tendo em vista as considerações de Scherre (2000, p. 1339) sobre o imperativo em dados de fala de sincronias atuais, consiste no fato de que, enquanto os verbos monossilábicos tendem a determinar a expressão do imperativo com forma indicativa, os verbos polissilábicos colaboram para a ocorrência do imperativo com forma subjuntiva. Sobre essa variável, Diniz (2018, p. 106) constata que, nas missivas históricas do Rio de Janeiro, as hipóteses de Scherre (2000, p. 1339) não foram comprovadas. Nas cartas analisadas, enquanto os verbos monossílabos pareceram disseminar as formas imperativas supletivas (57%, 57 oco), os polissílabos propiciaram a realização das formas de imperativo verdadeiro (53%, 31 oco). À vista desses resultados, busca-se investigar a atuação do número de sílabas do verbo nas construções imperativas das cartas dos missivistas de Minas Gerais. A título de ilustração, de (112) a (115), expõem-se evidências de construções imperativas estruturadas, respectivamente, com formas verbais monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas.

Construção imperativa com verbo monossílabo:

(112) Dê uma abraço em Viantina. (AVP. Uberlândia, 09.11.1981)

Construção imperativa com verbo dissílabo:

(113) Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma casa do Chile para você. Mande dizer-nos. (AVP. Santiago, 06.11.1962)

Construção imperativa com verbo trissílabo:

(114) Caso Você não queira falar-lhe, provoque um encontro d'elle com o Baêta, deixando-os a sós para que o Baêta lhe fale novamente. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

Construção imperativa com verbo polissílabo:

(115) Murilo, compreenda-me, sim? (WM. s/ local, s/ data)

2.5.3.2.1.7. A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG

A polaridade de estrutura está relacionada à ocorrência do imperativo tanto em sentenças afirmativas (*faz/faça isso!*) quanto em sentenças negativas (*não faz/faça isso!*). Considerando que a tradição gramatical (CUNHA *et* CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009) prescreve que o imperativo verdadeiro ocorra em sentenças de afirmação e o imperativo supletivo em sentenças de negação, visa-se analisar, assim como Scherre (2004, 2007), em que polaridade (afirmativa ou negativa) as construções imperativas em foco ocorrem.

A hipótese é a de que as construções com polaridade afirmativa impulsionem a ocorrência do imperativo verdadeiro, enquanto as construções com polaridade negativa favoreçam a expressão do imperativo supletivo (SCHERRE, 2004, p. 8; 2007, p. 207). Em relação a essa variável, Diniz (2018, p. 102), ao analisar as cartas cariocas, comprova que os escreventes nem sempre se ativeram ao padrão prescrito pelos gramáticos da tradição. Ainda que em sentenças negativas haja uma prevalência das formas do subjuntivo (96%, 94 oco), o imperativo em sentenças afirmativas mostra-se em explícita variação com formas do indicativo (46%, 283 oco) e com formas do subjuntivo (54%, 338 oco). Diante disso, procura-se pesquisar como a polaridade da sentença afeta a ocorrência de uma ou de outra forma imperativa nas missivas mineiras. Para ilustrar, em (116) e (117), expõem-se dados de construções imperativas que exemplificam os contextos de polaridade analisados nesse grupo de fator à luz de Scherre (2004, 2007).

Construção imperativa em sentença afirmativa:

(116) No tocante ao livro, *mande-me* instruções meticolosas por que, dentro do possível, a parte material corresponda á literaria e artistica. (PP. s/ local, 12.12.1924)

Construção imperativa em sentença negativa (negação pré-verbal):

(117) [...] Você deseja lhe de arranjar-se mais qualquer para o envio. Não *deixe* de ir ver o Axel Munthe. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

2.5.3.2.1.8. Os padrões sintáticos das construções imperativas de 2SG

Os padrões sintáticos constituem uma variável relacionada aos tipos de sentença em que as construções imperativas podem se manifestar. Na visão de Castilho (2014, p. 313, 337), uma sentença é uma unidade gramatical que pode ser simples ou complexa. São sentenças simples as orações isoladas, que constituem os períodos simples, e complexas, as orações coordenadas, matrizes ou encaixadas (completivas, relativas ou adverbiais³⁸), que constituem os períodos compostos. Nesse sentido, o controle dessa variável tem como objetivo investigar a influência que esses tipos de sentenças, divididas entre o grupo de orações encaixadas (completivas, relativas e adverbiais) e o grupo de orações não encaixadas (isoladas, coordenadas e matrizes), teriam sobre a variação do imperativo de 2SG.

³⁸ Castilho (2014, p. 340) entende que as orações subordinadas adverbiais relacionam-se às suas respectivas orações principais por meio de uma relação de adjunção e não de encaixamento. Todavia, para controle dessa variável, as orações adverbiais foram consideradas encaixadas uma vez que exercem uma função sintática na oração a que se referem.

As hipóteses, com base em Silva (2017, p. 49) à luz de Câmara Jr. (1979, p. 132), são as de que as construções imperativas ocorram em maior número em orações não encaixadas do que em orações encaixadas e de que, enquanto as orações não encaixadas favoreçam a expressão do imperativo verdadeiro, as orações encaixadas propiciem a ocorrência do imperativo supletivo. Essas hipóteses têm como base o fato de que o imperativo, em decorrência de sua força ilocucionária (SEARLE, 1969 *apud* FARIA, 2006), tende a não se expressar comumente em orações encaixadas e de que, quando ocorrem nessas orações, dado o potencial de subordinação próprio do modo subjuntivo, o imperativo de 2SG assume a forma supletiva.

A respeito dessa variável, Diniz (2018, p. 117) atesta que, nas missivas históricas do Rio de Janeiro, o imperativo ocorreu preferencialmente em orações isoladas e coordenadas (57%, 180 oco) bem como em orações matrizes (63%, 259 oco), mas todos os padrões sintáticos das sentenças favoreceram as formas imperativas supletivas. Nesse sentido, não apenas orações matrizes, isoladas e coordenadas, mas também as orações encaixadas (75%, 03 oco) deflagraram o imperativo associado ao subjuntivo. Desse modo, busca-se analisar como os padrões sintáticos das orações, sejam elas encaixadas (completivas, relativas ou adverbiais) ou não encaixadas (isoladas, coordenadas, matrizes), afetam as formas imperativas constantes nas missivas mineiras. A fim de ilustrar esse grupo de fator, de (118) a (121), apresentam-se evidências de construções imperativas que exemplificam os padrões sintáticos das construções imperativas.

Construção imperativa em oração isolada:

(118) Elvina já melhorou? Faça uma visita por mim. (MRVL. s/ local, 08.02.1951)

Construção imperativa em oração coordenada:

(119) Como não quero pôr em falta, peço-lhe que telephone para a Imprensa e diga a elle que recebi e apanhei já há vários dias. (AR. Belo Horizonte, 19.12.1935 CARTA 7)

Construção imperativa em oração matriz:

(120) [...] Você deseja lhe de arranjar-se mais qualquer para o envio. Não deixe de ir ver o Axel Munthe. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

Construção imperativa em oração encaixada (completiva, relativa ou adverbial):

(121) Assim solicito a Vossa Excelência, respeitosamente, se digne conceder-lhe licença, por tempo ainda indeterminado, com autorização para celebrar, para que êle possa permanecer aqui no Rio e submeter-se ao tratamento especializado que lhe é indicado. (AAP. Rio de Janeiro, 29.12.1947)

2.5.3.2.1.9. Os tipos de verbos nas construções imperativas de 2SG

Os tipos de verbos constituem um grupo de fator por meio do qual pretende-se checar, à luz dos métodos de contagem de frequência cf. Bybee (2003, p. 64), com quais verbos (*token frequency*) e com quais tipos de verbos (*type frequency*) as formas imperativas de 2SG (*verdadeiras* ou *supletivas*) mostram-se mais produtivas nas missivas mineiras oitocentistas e novecentistas. Como instrumento para essa análise, utiliza-se a classificação proposta por Castilho (2014, p. 593-595), que descreve os verbos segundo critérios sintático-semânticos. Seguindo essa classificação, os verbos podem ser

(a) de movimento/direção: verbos que promovem o deslocamento de um sujeito em direção a determinado ponto de referência (*ir, vir, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se*);

(b) de transferência: verbos que envolvem um sujeito que dirige sua força a uma entidade manipulada por ele e deslocada para o âmbito da entidade representada pelo sintagma preposicional (*dar, oferecer, fornecer, levar, trazer, enviar, proporcionar, deixar, comprar, vender, pagar, dever*);

(c) de comunicação: verbos que apresentam um objeto direto comum à informação que se desloca virtualmente de sujeito para um participante representado pelo sintagma preposicional (*dizer, falar, prometer, contar, aplear, rogar, declarar, avisar (percepção auditiva), mostrar, ensinar, apresentar, expor, indicar, apontar, provar, exibir (percepção visual)*);

(d) de criação/produção: verbos que apresentam um objeto direto com uma entidade não preexistente formada como produto da ação verbal (*fazer, escrever e produzir*);

(e) de complemento final: verbos que promovem uma relação de finalidade com o sintagma preposicional (*trabalhar, prestar, servir, preparar-se, adaptar-se, concorrer, contribuir, subscrever, esforçar-se*);

(f) de aproximação/união/semelhança: verbos que apresentam uma relação baseada na aproximação, ligação ou semelhança (física ou metafórica) entre uma figura e um ponto de referência (*agregar, unir, ligar, telefonar, aproximar-se, aplicar-se, acrescentar, inserir, aderir, interessar*).

Além desses, existem outros verbos na língua, como *pertencer, morar, ficar, faltar, assistir, convir, competir, convidar, gratificar, satisfazer* etc., que, cf. Castilho (2014 [2010]), não se encaixam nessa classificação.

Diferentemente desta dissertação, Diniz (2018) adota a classificação de Garcia (2004) para análise dos tipos sintático-semânticos dos verbos presentes nas missivas cariocas. Em linhas gerais Garcia (2004, *apud* Diniz, 2018, p. 70) classifica os verbos como *relacionais*, que podem ser *afetivos*, *comunicativos*, *designativos* ou *locativos*, e como *ativos*, que podem ser *efetivos*, *efetivo-relacionais*, *factivos*, *operativos* ou *transferenciais*. Seguindo essa proposta, Diniz (2018, p. 110-119) atesta uma acirrada concorrência entre os verbos do tipo ativos (51%, 372 oco) e do tipo relacionais (49%, 360 oco) nas construções imperativas em geral. Entre os resultados relevantes, vale destacar a frequência de formas imperativas com verbos comunicativos (49%, 178 oco) e afetivos (41%, 148 oco) no caso dos verbos relacionais, bem como a frequência de verbos transferenciais (50%, 186 oco) e operativos (41%, 153 oco) no caso dos verbos ativos. Em relação à expressão binária do imperativo, é válido ressaltar que houve uma maior produtividade do imperativo supletivo tanto para os verbos relacionais (64%, 232 oco) quanto para os verbos ativos (56%, 210 oco). Diante desses resultados, procura-se verificar como as formas imperativas das cartas mineiras serão afetadas em relação aos métodos de contagem de frequência de Bybee (2003) segundo a proposta de classificação de verbos de Castilho (2014 [2010]), visando apurar não apenas com que o tipo de verbo (*type frequency*), como feito por Diniz (2018), mas também com que verbo (*token frequency*) as formas imperativas (verdadeiras ou supletivas) vão prevalecer. A título de ilustração, de (122) a (127) mostram-se exemplos dos tipos sintático-semânticos dos verbos presentes no *corpus* em análise.

Construção imperativa com verbo do tipo *movimento/direção*:

(122) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e vá a sebo com sua historia de amor à paz. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

Construção imperativa com verbo do tipo *transferência*:

(123) Não deixe de ir ver o Axel Munthe. Traga autographos. Não deixe tambem de ir à França. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

Construção imperativa com verbo do tipo *comunicação*:

(124) O Arthur recebeu carta minha? Diga-lhe (não se esqueça) que já lhe respondi, e que espero tenha elle procurado o Ezequiel para pagar a metade [...]. (AR. Belo Horizonte, 13.01.1936)

Construção imperativa com verbo do tipo *craiação/produção*:

(125) Até agora não recebí resposta do Gionnetti, mas espero que ele nos atenda, especialmente tendo em conta o interesse e atenção manifestados pelo Ney, nas duas vezes em que falei com êle 80 sôbre o caso. Escreva-me a respeito. (JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947)

Construção imperativa com verbo do tipo *complemento final*:

(126) Compre uma *para* criança de 9 ou 10 anos *para* durar até ele crescer mais. Lembre a Papae [*inint.*] *para* o Capa. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

Construção imperativa com verbo do tipo *aproximação/semelhança/união*:

(127) E você, quando vem? Caso surja por aqui, *telefone* para o Co-mité: 22-6294. Não preciso dizer que estou inteiramente às ordens para tudo que 0 desejar ou 0 necessitar. (AGF. Rio de Janeiro, 04.05.1955)

2.5.3.2.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: descrição das variáveis independentes extralinguísticas

A Sociolinguística entende a língua como um sistema heterogêneo e ordenado, cuja variação e mudança linguísticas são motivadas por fatores não só linguísticos, mas também regionais, sociais e temporais (PAIXÃO DE SOUZA, 2016, p. 23). Tendo em vista a relevância dos fatores extralinguísticos em uma pesquisa sociolinguística, são expostas nesta seção os grupos de fatores que podem condicionar a aplicação da regra variável do imperativo de 2SG, construído seja com forma indicativa (imperativo verdadeiro), seja com forma subjuntiva (imperativo supletivo). Desse modo, são descritos, nas subseções seguintes (a) o período das cartas; (b) o subgênero das missivas (amorosa, amistosa, familiar); (c) o gênero e (d) a faixa etária do escrevente. Cada grupo de fator será abordado tendo por base o referencial teórico sobre a expressão binária do imperativo investigada em pesquisas sincrônicas e diacrônicas sobre o fenômeno.

2.5.3.2.2.1. O período das cartas

O *corpus* deste trabalho compreende as décadas de 1860 a 1990. Por esse motivo, pretende-se acompanhar a produtividade das construções imperativas de 2SG ligadas ao indicativo e ao subjuntivo década por década pelo período em que as missivas da amostra estão distribuídas. A análise baseia-se no fato de que, nas cartas dos escritores cariocas, cf. atestado por Rumeu (2016, p. 324) e Diniz (2018, p. 122), no período de 1870 a 1929 houve intensa alternância entre as formas verdadeiras e supletivas do imperativo com consolidação das formas do imperativo associado ao subjuntivo nas décadas posteriores. Desse modo, a partir da investigação do recorte temporal da amostra desta pesquisa, busca-se analisar a incidência do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo nas cartas dos escritores mineiros.

2.5.3.2.2.2. Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar

A análise dos subgêneros das missivas pessoais diz respeito às possibilidades expressão e uso desse gênero textual de acordo com a relação estabelecida entre os correspondentes, uma vez que as cartas pessoais são gêneros textuais que podem se expressar em cartas amorosas, cartas amistosas ou cartas familiares. Nesse sentido, busca-se evidenciar a ação que cada subgênero das cartas pessoais pode exercer sobre as construções imperativas vinculadas ao indicativo ou ao subjuntivo, tendo em vista o grau de maior ou menor intimidade estabelecido entre os missivistas. A hipótese é a de as cartas amorosas favoreçam as construções do imperativo com formas do indicativo, enquanto as amistosas e familiares propiciem as construções do imperativo com formas do subjuntivo, cf. atestado por Pereira (2012, p. 68, 134) na correspondência da família Penna e por Silva (2013, p. 20-21) na correspondência dos noivos cariocas. A respeito dessa variável, Diniz (2018, p. 130), atesta que, enquanto nas cartas amistosas, as formas imperativas subjuntivas (96%, 120 oco) prevaleceram sobre as formas imperativas indicativas (4%, 5 oco); nas cartas amorosas e nas cartas familiares, houve uma concorrência entre as formas indicativas (amor: 47%, 18 oco; familiar: 47%, 266 oco) e subjuntivas (amor: 53%, 20 oco; familiar: 53%, 302 oco) do imperativo. Diante desses resultados, pretende-se investigar a atuação do subgênero das cartas nas formas imperativas das missivas mineiras.

2.5.3.2.2.3. O gênero e a faixa etária do escrevente

O gênero do missivista pode determinar a escolha pelas formas imperativas ligadas ao indicativo ou ao subjuntivo, uma vez que mulheres e homens tendem a performar as variantes imperativas de maneira diferente. Em relação a esse fator, Cardoso (2009) argumenta, com base nos estudos da fala espontânea em Brasília (DF), que, enquanto o imperativo supletivo esteve mais presente fala de indivíduos do gênero masculino, o imperativo verdadeiro predominou na fala de indivíduos do gênero feminino. Desse modo, a hipótese, cf. Cardoso (2009), é a de que as mulheres utilizem com maior frequência as formas verdadeiras, enquanto, os homens façam o uso predominante das formas supletivas. Além disso, uma vez que os falantes do gênero feminino tendem a incorporar as formas inovadoras em um processo de mudança linguística desprovida rechaço social (LABOV, 2001 *apud* BERGS, 2012, p. 89)³⁹ e que o *imperativo abraçileirado* não constitui uma variante estigmatizada na

³⁹ Do original: For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men. (LABOV, 2001, p.266 *apud* BERGS, 2012, p. 89)

avaliação do falante (SCHERRE, 2007, p. 2012), espera-se que as as mulheres promovam com maior frequência o processo de *abrasileiramento* do imperativo.

A respeito desse fator, Diniz (2018, p. 124), constata que, nas missivas do Rio de Janeiro, os indivíduos do gênero masculino e do gênero feminino deixaram-se guiar pela norma-padrão, na medida em que, nas cartas de *tu-sujeito*, prevaleceram as formas do imperativo verdadeiro (homens: 70%, 88 oco; mulheres: 69%, 73 oco); nas cartas de *você-sujeito* predominaram as formas do imperativo supletivo (homens: 83%, 147 oco; mulheres: 89%, 119 oco); e, nas cartas de *tu/você-sujeito*, houve uma concorrência entre o imperativo verdadeiro (homens: 48%, 29 oco; mulheres: 43%, 56 oco) e o imperativo supletivo (homens: 52%, 31 oco; mulheres: 57%, 75 oco).

A idade do missivista – *criança* (menos de 14 anos), *jovem* (de 14 a 30 anos), *adulto* (de 31 a 50 anos) ou *idoso* (mais de 50 anos) – também pode influenciar a opção por uma construção imperativa associada ao indicativo ou ao subjuntivo, uma vez que um falante tende a optar por variáveis diferentes conforme o passar dos anos. Nesse sentido, a hipótese, cf. Scherre (2007, p. 207), é a de que os jovens prefiram as formas imperativas do indicativo enquanto os adultos e os idosos optem pelas formas imperativas do subjuntivo.

A respeito dessa questão, Diniz (2018, p. 129), na análise das correspondências dos cariocas, atesta (a) uma predominância do imperativo associado ao indicativo em missivas de *tu-sujeito* assinadas por adultos (71%, 115 oco) e idosos (79%, 34 oco) e em missivas de *tu/você-sujeito* de escreventes idosos (69%, 42 oco); (b) uma concorrência entre as formas verdadeiras e supletivas nas missivas de *tu-sujeito* (52%, 13 oco) e de *tu/você-sujeito* (58%, 19 oco) subscritas por jovens; e (c) uma prevalência do imperativo associado ao subjuntivo nas missivas de *tu/você-sujeito* de escreventes adultos (71%, 68 oco) bem como nas missivas de *você-sujeito* assinadas por jovens (71%, 72 oco), adultos (93%, 152 oco) e idosos (95%, 36 oco). Em relação a esses resultados, é válido destacar as evidências do *imperativo abrasileirado* encontradas em maior número principalmente entre os jovens (29%, 30 oco), que prenunciam o processo de implementação dessa inovadora construção imperativa no PB. Nesse sentido, busca-se averiguar como o gênero e a faixa etária do escrevente atuam sobre as formas imperativas presentes nas missivas mineiras.

Assim, uma vez descrito o imperativo de 2SG com seus aspectos pragmáticos, morfológicos e semânticos bem como sua expressão variável seguida dos fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a conduzir a variação, procede-se à síntese do capítulo.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

O capítulo se iniciou com um breve resgate do percurso da Linguística Histórica (FARACO, 2005; PAIXÃO DE SOUZA, 2006; CONDE SILVESTRE, 2007) do seu surgimento à contemporaneidade, evidenciando as principais correntes de estudos linguísticos que se pautaram na investigação de fenômenos de sincronias pretéritas, possibilitando o nascimento da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* CONDE SILVESTRE, 2014). A Linguística Histórica como uma área da ciência surgiu a partir do método histórico-comparativo que se ateuve à explicação das semelhanças entre a língua latina e suas descendentes. Uma mudança desse modelo ocorreu com Saussure, que revolucionou a Linguística com a proposição dos eixos sincrônicos e diacrônicos de análise da língua. Outra mudança significativa deve-se à teoria chomskiana que, ao difundir o conceito de gramática universal, desenvolveu inúmeros trabalhos de natureza linguística a partir da sua perspectiva. Nesse contexto, a Sociolinguística Histórica, que norteia este trabalho, surgiu no bojo dos trabalhos de variação e mudança propostos por Labov, propondo aos linguistas o retorno do olhar ao passado em busca dos rastros de fenômenos de variação e mudança que ocorrem no presente.

Em seguida, foram aventados os desafios impostos o linguista-pesquisador no seu trabalho com as amostras históricas (HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012). Nesse sentido, foram analisadas as questões de *autenticidade, da autoria e da validade social e histórica*, pontos que embora não impeçam a realização de pesquisas de natureza sociolinguística, servem de alerta ao linguista-pesquisador que deve redobrar a atenção e o cuidado ao desenvolver estudos baseados no passado.

Posteriormente, abordou-se a importância do trabalho com gênero carta pessoal na constituição dos *corpora* para o trabalho em Sociolinguística Histórica (PAREDES SILVA, 1997; AGUILLAR, 1998; MARCUSCHI, 2001; BERLINK *et al.* 2008; RUMEU, 2008; ELPASS, 2012). Nessa perspectiva, a carta pessoal mostra-se um gênero valioso, na medida em que, por meio de sua análise, é possível entrever rastros do vernáculo de épocas passadas dada a proximidade que esse gênero tem com a oralidade, ainda que se constitua da modalidade escrita. Na sequência, procedeu-se à descrição da amostra utilizada na pesquisa (SOUZA, 2006; ANDRADE, 2008; CORRÊA, 2010; DUARTE, 2010; VALE, 2011; FIGUEIREDO, 2013; LUZ, 2015; CABRAL, 2016), composta por missivas pessoais amorosas, amistosas e familiares, escritas por escritores mineiros cultos do século XIX e XX que se encontram disponíveis em acervos públicos.

Por fim, foi realizada uma descrição detalhada da variável dependente e das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas assumidas neste trabalho, tendo em mente os aspectos pragmáticos, morfológicos e sintáticos do imperativo de 2SG no PB bem com os métodos de contagem de frequência (*token frequency* e *type frequency*) a serem aplicados aos tipos sintático-semânticos dos verbos (SCHERRE *et al.*, 1998, 2000, 2014; SCHERRE, 2003, 2004, 2007, 2012; CARDOSO, 2009; DINIZ, 2018). A variável dependente, nesse caso, consiste na expressão binária do imperativo composto pelas formas verdadeiras e supletivas. As variáveis independentes linguísticas são (a) sujeito de 2SG; (b) paralelismo formal e semântico; (c) tipo de conjugação do verbo; (d) paralelismo fônico; (e) tipo de pronome átono; (f) número de sílabas dos verbos em sua forma não finita; (g) polaridade da estrutura (negativa ou afirmativa); (h) padrão sintático das sentenças (oração encaixada ou não encaixada: isodada, coordenada, matriz); (i) tipo de verbo. As variáveis independentes extralinguísticas são (a) período das cartas; (b) subgênero da missiva (amorosa, amistosa, familiar); (c) gênero e (d) faixa etária do escrevente. São analisados, portanto, 9 grupos de fatores linguísticos e 4 grupos de fatores extralinguísticos, compondo um total de 13 variáveis independentes.

Em vista disso, procede-se, no próximo capítulo, à descrição e análise dos resultados gerais, com base nos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos analisados.

3. O IMPERATIVO EM INVESTIGAÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS

O capítulo analisa a distribuição dos dados do imperativo de 2SG nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas a partir de uma rodada geral das construções imperativas no programa do computacional GoldVarb (Pacote de Programas VARBRUL – VARiABle RULe – adaptado ao ambiente Windows). Nesta rodada (*makecell*), o programa gera, em termos quantitativos e percentuais, as ocorrências das formas do imperativo verdadeiro e do supletivo que compõem a regra variável (imperativo do indicativo *versus* imperativo do subjuntivo) para os fatores sociolinguísticos investigados nesta pesquisa. Nesse sentido, são apresentados os resultados gerais dos dados das construções imperativas de 2SG para a variável dependente e para as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas tendo em vista as hipóteses para cada variável aventadas no capítulo anterior.

3.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição geral da variável dependente

A variável dependente em análise consiste na expressão binária do imperativo de 2SG composta, nos termos de Scherre (2007, p. 190), por formas do indicativo, que constituem o imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), ou por formas do subjuntivo, que integram o imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*). Na rodada inicial do programa GoldVarb, a partir do mapeamento de 388 dados, foram encontrados, em termos quantitativos, os resultados expostos na tabela (02).

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG	
INDICATIVO (TU)	SUBJUNTIVO (VOCÊ)
73/388	315/388
(19%)	(81%)

Tabela (02): Distribuição geral dos dados de imperativo de 2SG nas cartas mineiras

Observa-se uma predominância das formas do imperativo com formas subjuntivas (81%, 315 oco) sobre o imperativo com formas indicativas (19%, 73 oco). Essa distribuição assemelha-se em parte à encontrada por Diniz (2018, p. 79) nas cartas cariocas, nas quais as formas de subjuntivo (60%, 442 oco), ainda que em percentuais diferentes, suplantaram as formas de indicativo (40%, 290 oco) nas construções imperativas de 2SG.

O predomínio das formas do imperativo com forma subjuntiva nas cartas mineiras parece decorrer da implementação do *você* no português mineiro culto em sincronias passadas, forma que na atualidade constitui, segundo Scherre (2007, p. 201), referência exclusiva de 2SG na fala espontânea de Minas Gerais. Assim, considerando que a tradição gramatical prescreve a utilização do *você* para o imperativo com forma de subjuntivo e do *tu* para o imperativo com forma de indicativo bem como admitindo que os mineiros ilustres signatários das missivas analisadas parecem apresentar forte influência da norma-padrão, é possível explicar a prevalência do imperativo supletivo na amostra como um possível reflexo da alta produtividade do *você-sujeito* na fala mineira atual. A fim de ilustrar a distribuição geral dos dados, em (128) e (129), apresentam-se construções imperativas verdadeiras (com formas de indicativo) e construções imperativas supletivas (com formas do indicativo)⁴⁰.

Construção imperativa com forma do indicativo:

(128) *Imagina*, agora, Agenor em que condições vou ficar seduzido sem ter quem olhe para os meus pequenos e ainda com genros duvidosos! (RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913)

Construção imperativa com formas do subjuntivo:

(129) *Faça* de conta que debaixo de sua janela, da calçada de sua rua, sobe para você este canto de amizade, com os melhores desejos de paz, saúde e vida, junto dos seus. (RCAM. Belo Horizonte, 20.10.1977)

Entre os dados levantados durante a pesquisa, cabe destacar alguns que, mesmo manifestando a marca ilocucionária característica do imperativo, parecem divergir em termos formais da regra variável (imperativo do indicativo *versus* imperativo do subjuntivo) em análise. Essas ocorrências estão exemplificadas de (130) a (133) com os seus respectivos fac-símiles nas imagens de (03) a (06) que atestam os dados.

(130) Você não deixaria também sofrer nunca um filho meo [...] olha as tuas crianças, beija-as, podes misturar o nome dos meos filhos como irmãos dellas; *ensinas*-lhes bem o meo nome, diz-lhes que eu vivo nunca rejeitei o cumprimento d. deveres austeros que fossem, (JP. Caeté, 29.12.1896)

⁴⁰ Os exemplos deste capítulo foram pinçados por um programa especialista desenvolvido por Cunha (2019), engenheiro de softwares sênior da empresa Hotmart (<https://www.linkedin.com/in/edsoncunha>). O programa, a partir do arquivo de dados (.tkn) do GoldVarb, gerou um arquivo em formato interoperável (JSON) em que as ocorrências foram organizadas com três atributos: código, conteúdo e metadados. Esse arquivo, operado com uma interface de programação Javascript em formato .html, possui um filtro de busca que encontra o dado requerido por meio de uma expressão regular (regex), que mapeia a linha de código de cada ocorrência.

fache misturar o nome dos
 meus filhos com os meus filhos;
 ensinas - hee hee o meu nome
 hee hee que eu viro mais
 regerter o cumprimento de obra
 nos assuntos que fossem, e que

Imagem (03): Carta de JP. Caeté, 29.12.1896

(131) *Olhas*, é bem certo o adagio, “O homem põe e Deus dispõe, e nós, pobres mortaes, temos de nos curvar resignados aos altos decretos da Providencia. (Af. Belo Horizonte, 22.03.1917)

Olhas é bem certo o adagio, O ho-
 mem põe e Deus dispõe, e nós,
 pobres mortaes, temos de nos
 curvar resignados aos altos de-
 cretos da Providencia.

Imagem (04): Carta de Af. Belo Horizonte, 22.03.1917

(132) Aceita de cada um de teus irmãos um abraço e *queiras* dispôr de teu pai muito amante [...]. (RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913)

Meus negocios vão bem. Recibe a importância
 de cada um e valeu-me muito. Daria um beijo
 de cada um de vós e a todos os vossos.
 Aceita de cada um de teus irmãos um
 abraço e *queiras* dispôr de
 teu pai m. amante.
 Ricardo José A. Pinto

Imagem (05): Carta de RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913

(133) E não poderás vir por essa ocasião? [...] Faze um sacrificio, e *vens*. (RAAP. Lagoa Santa, 21.07.1917)

gr. ando feytor aqui em Agosto - feytor sacro e profano, e
 é não poderás vir p. essa ocasião? Faze um sacrificio, *vens*.
 Recommendações ao benemérito Sr. P. Raymundo e a
 sua Sr.ª Fam. De teus irmãos - recommendações saud.
 e dous. Aceita um aperto abraço m. saud. de
 teu pai e am. -
 Ricardo.

Imagem (06): Carta de RAAP. Lagoa Santa, 21.07.1917

Nos exemplos de (130) a (133), é possível perceber a força ilocucionária que, cf. Searle (1969, *apud* FARIA, 2006), marca o modo imperativo, evidenciando uma ordem ou um

pedido ao interlocutor. Todavia, os verbos *ensinas*, *olhas*, *queiras* e *vens* parecem não se enquadrar na configuração formal do imperativo de 2SG pela presença morfe número pessoal de 2SG “-s” que marca a referência do *tu* em posição de sujeito. Nesses casos, o imperativo verdadeiro tenderia a se expressar com as formas *ensina*, *olha*, *quer*, *vem* e o imperativo supletivo com as formas *ensine*, *olhe*, *queira*, *venha*. A presença do morfe “-s” nessas ocorrências parece consistir em um “erro” do escriba (LABOV, 1994 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY *et* SCHILLING, 2012, p. 68) durante a produção da carta, haja vista a semelhança com as formas verbais do modo indicativo e do modo imperativo preconizadas pela gramática normativa em contexto de *tu-sujeito*. Esses exemplos merecem destaque uma vez que, ainda que tenham sido produzidos por escritores cultos, evidenciam a influência da informalidade na escrita típica do gênero carta pessoal.

Assim, uma vez exposta a distribuição geral dos dados da regra variável, segue-se à análise e à descrição dos fatores que compõem as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

3.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição das variáveis independentes

Nesta seção, analisam-se quantitativamente as ocorrências do imperativo de 2SG nas cartas mineiras em função das variáveis independentes que podem condicionar a expressão variável das construções imperativas de 2SG. As variáveis linguísticas consistem nos seguintes fatores: (a) sujeito de 2SG; (b) paralelismo formal e semântico; (c) paralelismo fônico; (d) tipo de pronome átono; (e) tipo de conjugação do verbo; (f) número de sílabas do verbo em sua forma não finita; (g) polaridade da estrutura (negativa ou afirmativa); (h) padrão sintático da sentença; e (i) tipo de verbo. As variáveis extralinguísticas consistem nos seguintes fatores: (a) período das cartas; (b) subgênero da missiva (amorosa, amistosa, familiar); (c) gênero e (d) faixa etária do escrevente.

Apresentada a seção, procede-se à análise da distribuição dos dados do imperativo de 2SG tendo em vista, primeiramente, as 9 variáveis linguísticas e, posteriormente, as 4 variáveis extralinguísticas adotadas nesta pesquisa.

3.2.1. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição das variáveis independentes linguísticas

Esta seção é dedicada à descrição e à análise dos resultados gerados pelo Goldvarb das variáveis independentes linguísticas que afetam a expressão variável do imperativo de 2SG nas cartas mineiras.

3.2.1.1. O sujeito nas construções de imperativo de 2SG

As formas imperativas foram analisadas em relação à referência ao sujeito de 2SG das cartas mineiras, as quais podem ser de *tu-sujeito* exclusivo, de *você-sujeito* exclusivo, de alternância de *tu/você-sujeito* ou de outras formas nominais de tratamento (FNT). Essa análise, ao verificar a associação entre as formas imperativas e o contexto de sujeito, tem como objetivo medir não apenas os índices dessa variação como também encontrar rastros do *imperativo brasileiro*, constituído por forma do imperativo verdadeiro em contexto de *você-sujeito*, cf. Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121). A distribuição dos dados em função do sujeito das cartas pode ser averiguada na tabela (03).

SUJEITOS DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
Cartas de <i>tu</i> e <i>você</i>	21/35 (60%)	14/35 (40%)	35/388 (9%)
Cartas de <i>você</i>	9/191 (5%)	182/191 (95%)	191/388 (50%)
Cartas de <i>tu</i>	23/48 (48%)	25/48 (52%)	48/388 (12%)
Cartas de FNT	20/114 (18%)	94/114 (82%)	114/388 (29%)
TOTAL	73/388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (03): Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do contexto de sujeito das cartas

A tabela (03) permite assinalar uma predominância do imperativo de 2SG em cartas de *você-sujeito* exclusivo (50%, 191 oco) seguida pelas cartas de FNT (29%, 114 oco), pelas cartas de *tu-sujeito* exclusivo (12%, 48 oco) e, por último, pelas cartas mistas, de alternância entre *tu/você-sujeito* (9%, 35 oco). Enquanto nas cartas mistas prevaleceu o imperativo verdadeiro (60%, 21 oco), nas missivas de *você-sujeito*, predominou o imperativo supletivo (95%, 182 oco). Já nas cartas de *tu-sujeito*, houve uma notável concorrência entre as formas do imperativo supletivo (52%, 25 oco) e as formas do imperativo verdadeiro (48%, 23 oco). Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Diniz (2018, p. 78) nas cartas cariocas, nas quais houve predominância do imperativo supletivo nas cartas de *você-sujeito*. A

prevalência do imperativo supletivo nas cartas de *você-sujeito* parece atestar a influência da norma-padrão na escrita dos escreventes cultos de Minas Gerais, uma vez que, segundo a gramática normativa, o imperativo supletivo é construído com *você* em posição de sujeito. De (134) a (139), selecionam-se ocorrências do imperativo supletivo nas cartas mineiras de *você-sujeito*.

Construções imperativas com forma subjuntiva em cartas de *você-sujeito*:

(134) Caso Você não queira falar-lhe, *provoque* um encontro delle com o Baêta, deixando-os a sós para que o Baêta lhe fale novamente. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936) – *imperativo supletivo*

(135) Agora, não concordei, quando você assinou: - o velho Carlos. *Olhe*, Carlos, estou com tentação de parodiar uma carta que havia num livro manuscrito [...]. (RCAM. Belo Horizonte, 31.10.1978) – *imperativo supletivo*

(136) Não sei se você já pode fazer leituras na cama se já pode escrever. Se puder, *dite* umas linhas a M. Clara, para mim. (AM. Rio de Janeiro, 01.10.1945) – *imperativo supletivo*

(137) *Queira* você por mim transmittir ao Doutor Gorceix o meu desvanecimento pela sua visita á fabrica que eu desejo tão demorada quanto seja possível. (JP. Caeté, 30.12.1904) – *imperativo supletivo*

(138) Você sabe o que é uma vida inteiramente [inint.] à burocracia? É ridículo mas trágico: afinal, tem uma certa grandeza [...]. *Abrace* este seu velho e grato Carlos (CDA. Rio de Janeiro, 01.06.1938) – *imperativo supletivo*

(139) Como você anda ocupado e eu estou deliciosamente à toa, aguardo o seu sinal. *Deixe* por em instante a burocracia! (OLR. Rio de Janeiro, 09.01.1957) – *imperativo supletivo*

Nas cartas de *tu-sujeito*, a expressiva alternância entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo tende a revelar que, embora sejam influenciados pela tradição gramatical, os escreventes cultos em questão nem sempre pareceram se ater às regras da gramática normativa. A não obediência à tradição gramatical, nesse caso, pode ser motivada pelo contexto informal típico das cartas pessoais, gênero que, cf. Marcuschi (2001), Galvão et Silva (2012), mostra-se profícuo à expressão vernacular, cuja apreensão motiva o linguista-pesquisador em suas análises acerca de fenômenos de variação e mudança e do seu percurso histórico (ELPASS, 2012). De (140) a (145), apresentam-se dados do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo nas cartas mineiras de *tu-sujeito*.

Construções imperativas com forma indicativa em cartas de *tu-sujeito*:

(140) Podes reformar o Directorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer *ve* si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data) – *imperativo verdadeiro*

(141) Não fôras tu, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! *deixa*, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891) – *imperativo verdadeiro*

(142) É um grande favor que me prestarás e desde já te agradeço. *Acceita* lembrança de minha familia e de diversas pessoas de tua amisade. *Desculpa*-me a [inint.] desta. Espero ser sempre honrado com tuas gentis e amaveis cartinhas. *Aceita* um abraço deste Teu tio e muito Amigo, Francisco Alves Pinto (FAPJ. Caeté, 19.08.1917) – *imperativo verdadeiro*

Construções imperativas com forma subjuntiva em cartas de *tu-sujeito*:

(143) Podes reformar o Directorio *consulte* o Dr Jose Pedro Araujo, *consulte* a quem quizer ve si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-*passse* um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data) – *imperativo supletivo*

(144) Podes despachar a bagagem para Ouro Preto (e *faça* com dinheiro não posso mandar o passe). (JP. Rio de Janeiro, 09.11.1890) – *imperativo supletivo*

(145) Quanto ao dinheiro que necessitas e que me encarregaste de arranjar-t'o aqui com alguns de meus amigos, não me foi possivel obtel-o, visto a minha situação financeira, actualmente, ser a mais precaria possivel! [...] *Tenha* a bondade de mandar-me noticias de Mandinha, aquem muito me recommendo. (FAPJ. Caeté, 14.10.1916) – *imperativo supletivo*

A predominância do imperativo com forma indicativa nas cartas de *tu/você-sujeito* e a presença dessa forma nas cartas de *você-sujeito* revelam possíveis indícios da expressão do *imperativo abasileirado* nas cartas mineiras. Trata-se, cf. Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), das construções imperativas formadas pelo imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), em contexto de *você-sujeito*. Ainda que com aparentemente poucos dados (8%, 30/388 oco)⁴¹, por meio dessas ocorrências, é possível entrever os rastros desse fenômeno, cuja depreensão é um dos objetivos desta pesquisa, que, cf. Scherre (2012, p. 17) encontra-se disseminado diatopicamente no PB atual. De (146) a (151), elencam-se as possíveis ocorrências do *imperativo abasileirado* nas cartas mineiras de *tu-sujeito* e de *tu/você-sujeito*.

Construções imperativas com forma indicativa em cartas de *tu/você-sujeito*:

(146) Se soubesses a a afflicção com que espero o correio para ler as tuas cartas, me mandarias menos cartões! Mas as cartas assim pedidas não tem valor! *Escreve* mesmo os teos cartões! [...] Você não quiz mandar medida para um vestido; mas comprei um corte d. seda para você [...]. (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891) – *imperativo abasileirado*

(147) Tambem foram logo aproveitadas as photographias dos vasos que Você mandou. [...] Se quiseres poderás voltar no outro dia. Eu avisarei por telegramma. *Desculpa* o cumprimento da carta. Ao menos verás que as ideias aqui fructificão logo, e não se-transformão em conversa fiada. (JP. Caeté, 28.01.1901) – *imperativo abasileirado*

(148) Muito te agradeço a parte que estás tomando em meus soffrimentos, conforme se deprehe de tua carta acima referida, por mim lida por diversas vezes e com a devida attenção. Peço-te encarecidamente *lembra-te* sempre de mim e dos meus em tuas fervorosas orações, pois tenho certeza que Deus ouvirá os teus rogos e concertará a minha vida trabalhosa e cheia de contrariedades e dissabores de toda ordem. [...] Tenho fé em Deus que você ha de ser muito felizem tua melindrosa carreira. (FAPJ. Caeté, 03.07.1917) – *imperativo abasileirado*

Construções imperativas com forma indicativa em cartas de *você-sujeito*:

(149) Mas, você a maior de nossas poetisas vivas, não precisa de crítica de um velho que [inint.] se empenhar bem na poesia... Beije em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto. (PP. s/ local, 14.05.1955) – *imperativo abasileirado*

(150) Aposto sem medo de perder como foi voçe quem pintou o palhacinho no cartão? [...] *Recebe* lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos. [...] *Abraça* por mim a tia Sinhá e as meninas. (L. Thebas-MG, 24.01.1925) – *imperativo abasileirado*

⁴¹ Esses números foram obtidos pela soma dos dados de imperativo associado ao indicativo nas cartas de *você-sujeito* (9 oco) e nas cartas mistas (*tu/você-sujeito*: 21 oco), totalizando 30 oco em números absolutos.

(151) João disse que você pode repetir o remédio, que não tem inconveniente. Espero breve uma cartinha com as novidades [...] Como vai passando Alaide Lourenço e a criançada? Benedito tem desempenhado bem o trabalho? Lembra seu Pae que no dia 28 acabou o mez della. Saudades a Uzica e familia. Abraços dos manos e sobrinhos para você e seu Pae. (MRVL. s/ local, 02.02.1946) – *imperativo brasileiro*

Nas cartas de *tu/você-sujeito*, embora o imperativo com forma indicativa tenha sido percentualmente mais produtivo, evidenciando prováveis rastros do *imperativo brasileiro* como de (146) a (148), há também ocorrências de imperativo supletivo como é possível constatar de (152) a (154). Nessas cartas, que possuem duas referências na posição de sujeito de 2SG, o nível de variação é maior, haja vista que 60% dos dados (14 oco) são associados ao indicativo e 40% dos dados (21 oco) são associados ao subjuntivo.

Construção imperativa com forma subjuntiva em cartas de *tu/você-sujeito*:

(152) Quanto ao Thesouro do Estado *fale* ao Augusto d. Lima para se entender com o Doutor Augustinho Carneiro que eu não conheço pessoalmente e nem sei que relações você mantém com o mesmo: não descuides disto. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891)

(153) (Se achares conveniente.) Receberão minhas lembranças? Adeus! Milota *aceite* um saudoso abraço, você eos meninos uma amorosa benção de Tua saudosa mãe. (MBCS. São João, 25.06.1903)

(154) Adelaide, como sabes, é nervosa em excesso e está em uso de remedios; eu; por minha vez, sou tambem nervoso, a nossa casa é pequena e mal nos comporta; o que hei depois fazer?! [...] Você não *deixe* de vir aqui passar uns dias connosco. (FAPJ. Caeté, 02.08.1913)

A produtividade de formas imperativas nas cartas com alguma forma nominal de tratamento (FNT) indica, cf. Cardoso (2006, p. 328) e Scherre (2006, p. 15), que o imperativo pode se manifestar em contexto sem referência explícita a um sujeito *tu* ou *você*. Nesse caso, a posição de sujeito é ocupada por um nome próprio indicado geralmente na seção de saudação inicial por meio de um vocativo que remete ao destinatário das missivas. Em (155) e (156), selecionam-se ocorrências de imperativo verdadeiro e imperativo supletivo nas cartas de FNT com os seus respectivos fac-símiles nas imagens (07) e (08) que comprovam os dados.

Construção imperativa com forma indicativa em carta de FNT:

(155) Bôa Quequeta, Recebi meus livros e com eles tua cartinha ha muito já, desejava que me informasse sobre si “Pandora” Do Da Costa e Silva ficou ali porque não recebi e veio fracturada da Livraria. Manda-m’a, sim? (JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927)

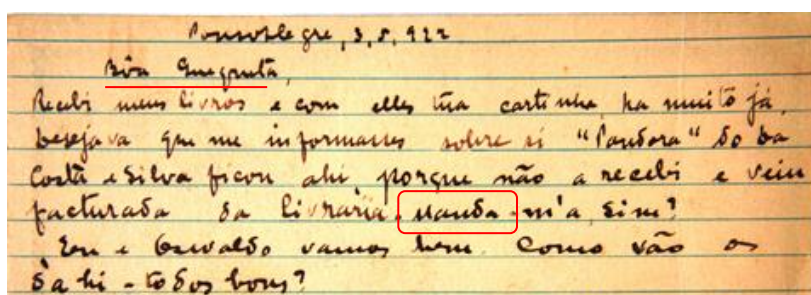


Imagem (07): Carta de JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927

Construção imperativa com forma subjuntiva em carta de FNT:

(156) *Lembre-se, Senhora Minha*, que eu sou como o Outro, aquele nosso Poeta que dizia também, eu repito [...]. (CDA. s/ local, 19.08.1957)

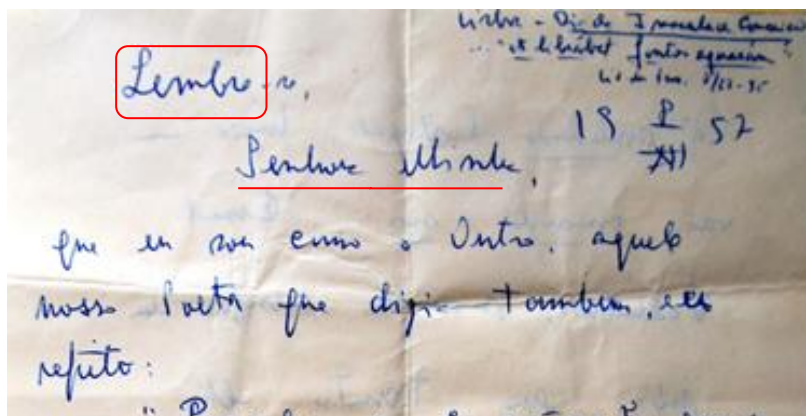


Imagem (08): Carta de CDA. s/ local, 19.08.1957

Desse modo, uma vez examinadas as ocorrências das formas imperativas em função do contexto de sujeito de 2SG nas cartas mineiras, segue-se à análise da distribuição do imperativo em correlação com o paralelismo formal.

3.2.1.2. O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG

As construções imperativas foram examinadas quanto ao paralelismo formal e semântico do contexto de cada ocorrência. Nesse sentido, procura-se controlar a distribuição das formas do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) em função da precedência por formas paradigmáticas de 2SG de *você*, de 2SG de *tu* e de 2PL (*vocês* e *vós*). A hipótese, à luz de Scherre (1998, 2007) e Cardoso (2009), é a de que, em contextos de paradigma *você*, predominem as formas do imperativo associado ao subjuntivo e, em contexto de paradigma *tu*, predominem as formas imperativas relacionadas ao indicativo. A distribuição das formas imperativas em relação ao paralelismo formal pode ser observada na tabela (04).

PARALELISMO FORMAL		CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG			
		INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL	
1 ^a OCORRÊNCIA	Primeira ocorrência	4/23 (17%)	19/23 (83%)	23/386 (6%)	23/388 (6%)
	PARADIGMA DO VOCÊ (2SG)	Precedida por <i>você-sujeito pleno</i>	11/65 (7%)	54/65 (83%)	65/273 (24%)
Precedida por <i>você não-sujeito</i>		-	27/27 (100%)	27/273 (10%)	
Precedida por formas pronominais de 3SG		3/80 (4%)	77/80 (96%)	80/273 (29%)	
Precedida por formas imperativas no subjuntivo		8/102 (8%)	94/102 (92%)	102/273 (37%)	
		22/274 (8%)	252/274 (92%)		
PARADIGMA DO TU (2SG)	Precedida por <i>tu-sujeito</i> (nulo ou pleno)	11/16 (69%)	5/16 (31%)	16/75 (21%)	75/388 (19%)
	Precedido por <i>tu não-sujeito</i>	2/3 (67%)	1/3 (33%)	3/75 (4%)	
	Precedida por formas pronominais de 2SG	22/41 (54%)	19/41 (46%)	41/75 (55%)	
	Precedida por formas imperativas no indicativo	9/15 (60%)	6/15 (40%)	15/75 (20%)	
		44/75 (59%)	31/75 (41%)		
PARADIGMA DA 2PL	Precedida por formas do paradigma de <i>vocês</i>	2/7 (29%)	5/7 (71%)	7/16 (44%)	16/388 (4%)
	Precedida por formas do paradigma de <i>vós</i>	1/9 (11%)	8/9 (89%)	9/16 (56%)	
TOTAL		73/388 (19%)	313/388 (81%)	388/388 (100%)	

Tabela (04): Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do paralelismo formal e semântico

A hipótese a respeito da influência do paralelismo formal sobre as formas imperativas pode ser comprovada por meio dos dados, na medida em que, antepostas pelo paradigma de *você*, houve uma significativa prevalência das formas do imperativo supletivo (92%, 252 oco) e, antepostas pelo paradigma de *tu*, houve, ainda que por pouco, uma predominância das formas do imperativo verdadeiro (59%, 44 oco). Esses dados coadunam com os resultados de Diniz (2018, p. 87) para as cartas cariocas, nas quais as formas do imperativo supletivo prevaleceram quando precedidas pelo paradigma de *você* (82%, 288 oco) e as formas do imperativo verdadeiro predominaram quando precedidas pelo paradigma de *tu* (61%, 223 oco).

Diante desse quadro, parte-se para a descrição minuciosa de todos os contextos paradigmáticos.

Em contexto de primeira ocorrência (6%, 23 oco), houve uma visível predominância das formas imperativas associadas ao subjuntivo (83%, 19 oco) sobre as formas relacionadas ao indicativo (17%, 4 oco). De (157) a (160), exemplifica-se esse contexto.

Construções imperativas com forma indicativa em contexto de 1ª ocorrência:

(157) *Manda* com urgencia a lista dos objectos que faltam para a tipographia. (JP. S/local, 29.01.1891)

(158) A 26 sahio d'aqui o gogo com as loucas que estou com medo cheguem quebradas em grande parte, pela inexperiencia do acondicionador. *Avisa-me* do desastre (JP. Caeté, 05.03.1905)

Construções imperativas com forma subjuntiva em contexto de 1ª ocorrência:

(159) Em primeiro lugar, *venha* de lá um abraço pelo súbito, imprevisto e feliz resultado do affare Lisboa, que assinala a primeira e modesta vitória de um mineiro sôbre a [inint.] na lista, nestes 450 anos de vida brasileira. (CDA. Rio de Janeiro, 20.02.1954)

(160) *Imagine* que Haroldo está á sua Espera – segundo me disse Pina Monaco – para inaugurar uma limousine comprada de fresco [...]. (HL. Rio de Janeiro, 14.05.1930)

No paradigma de *você*, houve maior produtividade das formas imperativas associadas ao subjuntivo do que das formas imperativas relacionadas ao indicativo. Em contexto precedido de *você-sujeito pleno*, foram mapeadas 11 oco (7%) de imperativo verdadeiro contra 54 oco (83%) de imperativo supletivo. Em contexto antecedido por formas de *você não-sujeito*, não foram mapeadas ocorrências de imperativo verdadeiro, apenas 27 oco (100%) de imperativo supletivo. Já antepostas por formas pronominais de 3SG (*se, o/a, lhe, seu/sua*), foram encontradas tão somente 3 oco (4%) de imperativo verdadeiro contra 77 oco (96%) de imperativo supletivo. Por fim, antecidas por imperativo com forma de subjuntivo, foram identificadas 8 oco (8%) de imperativo verdadeiro e 94 oco (92%) de imperativo supletivo. De (161) a (175), os contextos do paradigma de *você* são exemplificados.

Construções imperativas com forma indicativa precedida por *você-sujeito pleno*:

(161) Quando eu te telegraphar você *manda* fazer a mudança será uns dous dias antes de eu chegar. (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891)

(162) Hontem recebi carta de Dos Anjos, de 5 deste, de Serra Agrol de Stavina (Estado Federal Oeste de Minas), onde [inint.] e á professora: queixa-se de que você não lhe escreve. *Aceita* lembrança de minha família e de mais alguns parentes e pessoas de nossa amisade. (FAPJ. Caeté, 14.10.1917)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por *você-sujeito pleno*:

(163) Caso Você não queira falar-lhe, *provoque* um encontro delle com o Baêta, deixando-os a sós para que o Baêta lhe fale novamente. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

(164) Quanto ao Thesouro do Estado fale ao Augusto d. Lima para se entender com o Doutor Augustinho Carneiro que eu não conheço pessoalmente e nem sei que relações você mantem com o mesmo: não *descuides* disto. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por *você não-sujeito*:

(165) Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma casa do Chile para você. *Mande* dizer-nos. (AVP. Santiago, 06.11.1962)

(166) Em Lagôa Santa estão afflictos por você uma vez alli como vigario, *trate* com igualdade ou melhor mesmo os que não assignaram na missiva em seu favor. (RAAP. Belo Horizonte, 03.04.1924)

Construções imperativas com forma indicativa precedida por formas pronominais de 3SG:

(167) Foi minha alumna e aproximeime pelo talento della. Hontem assimo cargo d. secretario do governo tendo sido mais nomeado 1ºvice-governador. Helena de Barros é o nome da sua sobrinha. *Desculpa* a carta escripta assim aos trambulhões. (JP. Ouro Preto, 04.03.1890)

(168) Quanto á louça, parece mesmo brincadeira, o enttusiasmo que vai despertando, por que algumas ainda sahem bem defeituosas e tortas; mas deixão dinheiro adiantado para garantia d. compra. Está-se tambem duplicando a instalação. [Vê] que não é possível deposito. (JP. Caeté, 13.07.1900)

(169) Comprimento-lhi e desejando boa saude e tranquilidade, Nos vamos indo bem grasas a Deus. [...] Ja resolveu ver pasar a qui alguemes días commigo que munto praser me dará ver quando é que venha me *avisa* que mando [inint.] em Ilhéos. (HMV. Ibertioga, 06.11.1913)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por formas pronominais de 3SG:

(170) Não se *incomode* com a importancia das passagens para as empregadas, porque darei a D. Bellinha o que fôr preciso. (AR. Belo Horizonte, 02.10.1925)

(171) Suas notícias circunstanciadas da gente mineira vieram satisfazer aquela minha necessidade de ternura de que lhe falei na carta anterior. Obrigado, e *mande* outras. (CDA. Rio de Janeiro, 04.08.1936)

Construções imperativas com forma indicativa precedida por imperativo supletivo:

(172) Beije em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto (PP. s/ local, 14.05.1955)

(173) Podes reformar o Dirictorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer *ve* si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Dirictorio criado. (JP. s/local, s/ data)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por imperativo supletivo:

(174) Peça sempre a Deus que nos ampare e *receba* meu grande abraço carinhoso e amigo. (MJLB. Lambari, 25.06.1951)

(175) No fundo, somos todos umas bestas. Conclúa o seu livro e *venha* ao Rio, como prometeu. Lembranças ao doce Emilio e ao sábio Gui. (CDA. Rio de Janeiro, 22.07.1936)

No paradigma de *tu*, ainda que com pequena margem percentual, houve a prevalência das formas associadas ao indicativo sobre as formas relacionadas ao subjuntivo. Em contexto precedido por *tu-sujeito* (nulo ou pleno), foram mapeadas 11 oco (69%) de imperativo verdadeiro e 5 oco (31%) de imperativo supletivo. Antecedidas por *tu não-sujeito* (*de ti, para ti, contigo*), foram identificadas 2 oco (67%) de imperativo verdadeiro e tão somente 1 oco

(33%) de imperativo supletivo, como pode ser visto exemplo (182) com seu respectivo fac-símile na imagem (09) para verificação. Em contexto anteposto por formas pronominais de 2SG (*te, teu/tua*), foram encontradas 22 oco (54%) de imperativo verdadeiro e 19 oco (46%) de imperativo supletivo. Por fim, precedidas por imperativo com forma de indicativo, foram localizadas 9 oco (60%) de imperativo verdadeiro e 6 oco (40%) de imperativo supletivo. De (176) a (190), os contextos do paradigma de *tu* são ilustrados.

Construções imperativas com forma indicativa precedida por *tu-sujeito* (nulo ou pleno):

(176) Não fôras tu, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! *deixa*, minha Helena, deixa que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

(177) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, *vem* desde já; se não, espera que a nova tribu Delio – Celina volta, o que se dará dentro de poucos dias. Para nós, em qualquer hipótese, é um prazer ter-te aqui; tu resolverás. (AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por *tu-sujeito* (nulo ou pleno):

(178) Podes despachar a bagagem para Ouro Preto (e *faça* com dinheiro não posso mandar o passe). (JP. Rio de Janeiro, 09.11.1890)

(179) (Se achares conveniente.) Receberão minhas lembranças? Adeus! Milota *aceite* um saudoso abraço, você e os meninos uma amorosa benção de Tua saudosa mãe. (MBCS. São João, 25.06.1903)

Construções imperativas com forma indicativa precedida por *tu não-sujeito*:

(180) Tudo que eu digo para a minha negra também pertence a elle e por isso lembrando a todo o momento de ti, minha Helena, eu lembro do nosso bemsinho. *Manda* o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro veio a casaca e elle não veio elle. (JP. Ouro Preto, 09.11.1890)

(181) Ah! que tempos, meo deos! que tempos! Entretanto a tua imagem apesar d. tudo eu a-trouxe dentro d´alma para longe d. ti; e nas horas das grandes afflições eu a evocava como uma esperança por ventura vacilante [...] *Recebe* nesta carta o coração que neste mundo só tem amado a você e a você amará para sempre. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

Construção imperativa com forma subjuntiva precedida por *tu não-sujeito*:

(182) Vou ser franca, mas (peço-te reserva) não tenho te escripto por que teu pae não quer que eu me explique assim, quer q' faça que eu fique louca como elle, e, abandone tudo; seria um desgosto para ti depois de estarmos lá nos ver Contrariados mas *faças* de conta que não te escrevi isto, não toques) em cousa alguma quando me escreves, ouviu? (MBCS. São João, 17.09.1903)

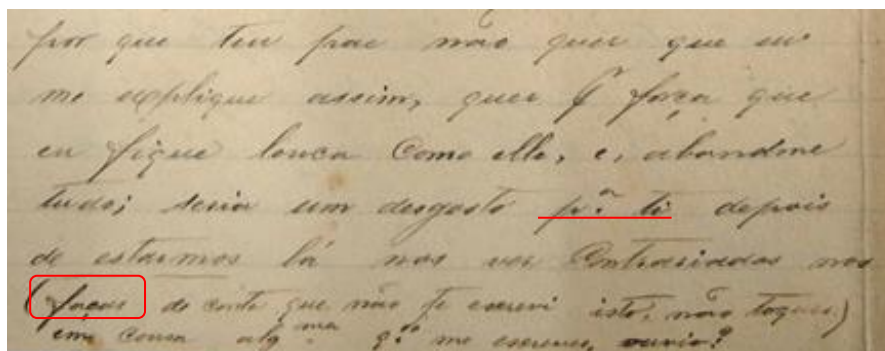


Imagem (09): Carta de MBCS. São João, 17.09.1903

Construções imperativas com forma indicativa precedida por formas pronominais de 2SG:

(183) Envio-te estas pratinhos para comprares dôce, é o que tive para mandar-te, *aceita* como lembrança de tua saudosa Mãe que te abençôa com amôr. (MBCS. São João, 06.10.1891)

(184) Ontem foi uma feliz casualidade, liguei o radio as 9 horas para a Inconfidência e ainda pude ouvir a declamação das duas últimas poesias, uma justamente, sôbre a pátria, e no final tuas palavras de agradecimentos pela homenagem que te acabaram de prestar: tive tempo de chamar tua afilhada que ainda estava preparando uma lição para hoje, e ela também ouviu com satisfação. *Dize* ao J. Carlos que apreciei escrever a peça de ontem. (MJLB. Lambari, 04.08.1941)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por formas pronominais de 2SG:

(185) Raul dê por nós muitas recomendações aos teus companheiros e um apertadissimo abraço ao Ary, *diga* a elle que a familia de Mamãe e os paes e irmaos delles amndam lembranças. Raul, Adeus até a tua volta aceite muitos abraços da mana Violeta e do cunhado Alfredo (V. Belo Horizonte, 30.11.1931)

(186) Eu como sabes gozo saude mas sempre pelejando com os filhos na maior difficuldade da vida; ha tempos que não te escrevo mas nunca *reparaes* pois não tenho idéas para escrever mais, papae te dará noticias e te contará os meus trabalhos. (OAAP. Lagoa Santa, 28.02.1918)

Construções imperativas com forma indicativa precedida por imperativo verdadeiro:

(187) Não fôras tu, minha terna compa-nheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! deixa, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento [...]. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

(188) É um grande favor que me prestarás e desde já te agradeço. Acceita lembrança de minha familia e de diversas pessoas de tua amisade. *Desculpa*-me a [inint.] desta. Espero ser sempre honrado com tuas gentis e amaveis cartinhas. Aceita um abraço deste Teu tio e muito Amigo, Francisco Alves Pinto (FAPJ. Caeté, 19.08.1917)

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por imperativo verdadeiro:

(189) Dize ao [inint.] que estou á espera dos cobres. Não *mandes* a carta do Cashley, que já paguei. (AR. Belo Horizonte, 15.01.1930)

(190) Ja resolveu ver pasar a qui alguemes días com migo que munto praser me dará ver quando é que venha me avisa que mando [inint.] em Ilhéos, o día que saei da hi não tive tempo de chegar em casa. *Veija* quando é que venha câ; Peço desculpas = mi a demora escrever, e peço para arrearpar a letra e ‘us erros ahi quera corrigir; (HMY. Ibertioga, 06.11.1913)

Por fim, no paradigma de 2PL (*vocês* e *vós*), embora tenham sido computados poucos dados, prevaleceram as formas imperativas associadas ao subjuntivo sobre as formas imperativas associadas ao indicativo. Enquanto precedidas por formas do paradigma de *vocês* (seus, lhes, de vocês), foram identificadas 2 oco (29%) de imperativo verdadeiro e 5 oco (71%) de imperativo supletivo; antecedidas por formas do paradigma de *vós* (vos, vosso, convosco), foram mapeadas apenas 1 oco (11%) de imperativo verdadeiro – presente no exemplo (195) e atestada pelo fac-símile na imagem (10) –, e 8 oco (89%) de imperativo supletivo. De (191) a (197), os contextos do paradigma de 2PL são exemplificados.

Construções imperativas com forma indicativa precedida por paradigma de *vocês*:

(191) Quando virão vocês passar algum tempo comnosco? Já estou bem saudoso de uma prosa ahi com vocês. [...] Lucia: como vae a tua alergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. *Consóla*-te commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos! (AM. s/ local, s/ data)

(192) A melhor cousa que se faz és não vingar de pessôa alguma. E eles os que por ventura não quizeram assignar é que ficarão envergonhado, vendo que se trata de um padre-vigario exemplarissimo, digno da estima qual de seus parochianos. *Desculpa-me estas advertencias, embora parta do coração de um pae [...]*. (RAAP. Belo Horizonte, 03.04.1924)

Construções imperativas com forma subjuntiva em precedida por paradigma de *vocês*:

(193) Admirava-o por mim e queria-lhe, por intermédio de Vocês de casa, de outros amigos dêle. Quase todos escreveram sôbre êle. [...] Dê notícias nossas aos daí. Tenho estado com Lúcia, Helinho e Lucinha, mais por telefone do que pessoalmente, em virtude do acúmulo de coisas que achei aqui para fazer. (JCL. Rio de Janeiro, 07.04.1945)

(194) Vocês não apanharam no ar a minha proposta de combinar um plano estratégico de encontro. Nem quiseras aparecer em Bruxelas, onde eu os receberia com feu d'artifice. [...] Lucy como vai? A moça é tímida, *dê* um jeito de puxar por ela, saia um pouco de sua casmurrice, se está casmurro (não sei se está), e dê uns empurrões nela, que precisa de patrono. (OLR. Bruxelas, 30.07.1959)

Construção imperativa com forma indicativa em precedida por paradigma de *vós*:

(195) [...] alegre-me por muito o vosso parabéns que é minha mai – a quem devo a coragem e resignação de tio, irmão da santa e virtuosa mulher [...] *Pergunta* pelo Araújo – é meu muito amigo. E sem uma [inint.] excepção os meus companheiros d. academia, e mesmo desde o Seminario estimam-me: o Araújo em particular. (JP. Ouro Preto, 31.03.1888)

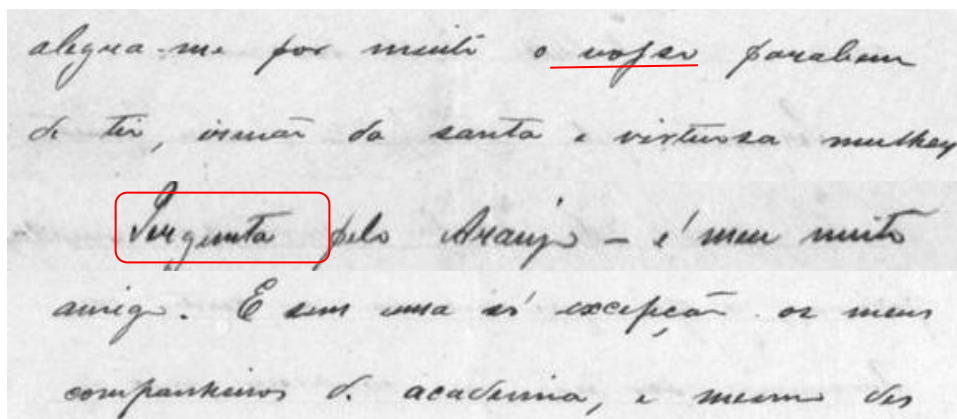


Imagem (10): Carta de JP. Ouro Preto, 31.03.1888

Construções imperativas com forma subjuntiva precedida por paradigma de *vós*:

(196) Hontem a tarde fui a casa do Senhor Ricardo vosso digno Pai, a quem dei vossas noticias; Não só elle, mas toda a Excelentíssima família, passam saudaveis felismente, todos se recommendam a vós. *Queira* diser ao Olyntho, que não deiche de nos escrever de 15 em 15 dias. (ME. Lagoa Santa, 18.10.1916)

(197) Participo-lhe que a vossa encommenda já está prompta. Estava com tenção de ir pessoalmente leval-a, porém, como e tempo não m'o permite, devido a chuva, *queira* ter a bondade dizer-me si posso envia-la pelo correio. (BMP. Belo Horizonte, 13.12.1921)

Assim, apresentada a distribuição das formas de imperativo em relação ao paralelismo formal e semântico, passa-se à análise do imperativo de 2SG segundo o tipo de conjugação das formas verbais.

3.2.1.3. O tipo de conjugação verbal nas construções de imperativo de 2SG

As formas imperativas foram mapeadas em função do paradigma de conjugação a que pertence o verbo em sua manifestação imperativa. Nesse contexto, buscou-se verificar quantitativamente as ocorrências das formas do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) em correlação com as conjugações verbais (1ª, 2ª e 3ª conjugações) e com o verbo *por* (ou derivados). A hipótese, à luz de Scherre (2004, p. 15-23), é a de que verbos de 1ª conjugação favoreçam a prevalência das formas imperativas associadas ao indicativo e os verbos de 2ª e de 3ª conjugações impulsionem as ocorrências das formas imperativas associadas ao subjuntivo. A distribuição das formas imperativas em relação à conjugação verbal pode ser vista na tabela (05).

CONJUGAÇÃO VERBAL	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
1ª conjugação	50/214 (23%)	164/214 (77%)	214/388 (55%)
2ª conjugação	18/148 (12%)	130/148 (88%)	148/388 (38%)
3ª conjugação	5/23 (23%)	18/23 (77%)	23/388 (6%)
Verbo "por" e derivados	-	3/3 (100%)	3/388 (1%)
TOTAL	73/388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (05): Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função da conjugação verbal

Os dados expostos confirmam parcialmente a hipótese sobre o tipo de conjugação verbal em relação as formas do imperativo de 2SG. Embora os verbos de 2ª e de 3ª conjugações tenham fomentado, como esperado, as construções do imperativo supletivo (2ª conj.: 88%, 130 oco; 3ª conj.: 77%, 18 oco), os verbos de 1ª conjugação não prevaleceram, tal como se supunha, com construções do imperativo verdadeiro (23%, 50 oco). Desse modo, o imperativo com formas do subjuntivo mostrou-se mais produtivo em todos os contextos, inclusive com o verbo *por* e seus derivados: com verbos de 1ª conjugação (imperativo verdadeiro: 23%, 50 oco; imperativo supletivo: 77%, 164 oco); com verbos de 2ª conjugação (imperativo verdadeiro: 12%, 18 oco; imperativo supletivo: 88%, 130 oco); com verbos de 3ª conjugação (imperativo verdadeiro: 23%, 5 oco; imperativo supletivo: 77%, 18 oco); com o verbo *por* e seus derivados (somente imperativo supletivo: 3 oco, 100%). Esses dados, ainda que não comprovem totalmente a hipótese de Scherre (2004, p.15-23), dialogam com os resultados de Diniz (2018, p. 81-82), segundo a qual, nas cartas cariocas, tanto os verbos de 1ª conjugação (65%, 243 oco), quanto os verbos de 2ª e de 3ª conjugações (67%, 12 oco)

mostraram-se produtivos em relação às formas imperativas supletivas. Nesse sentido, de (198) a (212), elencam-se as ocorrências de imperativo em função do tipo de conjugação do verbo.

Construções de imperativo verdadeiro com verbos de 1ª conjugação:

(198) Não fica mal commigo não vir? Eu comprei para meo bem hoje um relógio d. ouro e uma pulseira com brilhante. (JP. Rio de Janeiro, 02.12.1890)

(199) Aceita lembrança de minha família e de mais alguns parentes e pessoas de nossa amizade. FAPJ. (Caeté, 14.10.1917)

Construções de imperativo supletivo com verbos de 1ª conjugação:

(200) Não se incomode com a importancia das passagens para as empregadas, porque darei a D. Bellinha o que fôr preciso. (AR. Belo Horizonte, 02.10.1925)

(201) Imagine que Haroldo está á sua Espera – segundo me disse Pina Monaco - para inaugurar uma limousine comprada de fresco [...]. (HL. Rio de Janeiro, 14.05.1930)

Construções de imperativo verdadeiro com verbos de 2ª conjugação:

(202) Podes reformar o Dirictorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer ve si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Dirictorio criado. (JP. s/local, s/ data)

(203) No dia 1º ou 2 do próximo mez de Julho mando-te a conducção a Ilhéos em todo o caso escreve-me (se hou-ver tempo) primeiro. (RAAP. Ibertioga, 15.06.1907)

Construções de imperativo supletivo com verbos de 2ª conjugação:

(204) Diga a Papae que vou entender-me com o Frederico sobre os cobres aqui deixados [...]. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

(205) Agradeça por mim as bondosas Nêne e Giomar tudo que 15 tem feito por voce. (MRVL. s/ local, s/data)

Construções de imperativo verdadeiro com verbos de 3ª conjugação:

(206) Ao Christian, tramsmitte um saudoso abraço e mil saudades, dizendo-lhe que, volente Deo, brevemente lhe escreverei. (FBN. s/ local, 1911)

(207) Pede ao João para madar-me uma biographia sobre as aguas mineiras (JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927)

Construções de imperativo supletivo com verbos de 3ª conjugação:

(208) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e vá a sebo com sua historia de amor à paz (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

(209) Peça sempre a Deus que nos ampare e receba meu grande abraço carinhoso e amigo. (MJLB. Lambari, 25.06.1951)

Construções de imperativo supletivo com verbo *por* (ou derivados):

(210) Nelson meu filho, não faças extravagância, nem trabalhe com excessos, pois Deus te dará sempre com que passar decentemente; não estrague tua saude e nem te xponha a este sol ardente (MBCS. São João, 03.12.1903)

(211) Devemos partir a 13 de Janeiro para Roma. Disponha dos n/ préstimos lá: o enderço é a/c do Consulado do Brasil, Via Balaria, 83. (MM. Rio de Janeiro, 20.12.1956)

(212) Disponha dos nossos préstimos aqui. Aceite os afetuosos abraços de Saüdade do seu velho amigo e admirador Murilo. (MM. Roma, 26.10.1960)

Assim, uma vez apresentada a distribuição do imperativo de 2SG quanto ao paradigma de conjugação verbal, procede-se à análise da influência do paralelismo fônico sobre as formas imperativas.

3.2.1.4. O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG

Os dados de imperativo de 2SG foram codificados em seis grupos para apreensão da variável paralelismo fônico: (a) verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta], (b) verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta], (c) verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação, (d) verbos irregulares com oposição mais marcada, (e) verbos irregulares com oposição menos marcada, (f) verbos de paradigma especial. Nesse sentido, tendo em vista as hipóteses de Scherre (1998, p. 67; 2004, p. 18; 2007, p. 207) para cada caso, buscou-se averiguar a influência dos fonemas que constituem os verbos na produtividade da expressão variável do imperativo, seja com formas associadas ao indicativo, seja com formas associadas ao subjuntivo. A relação entre as ocorrências de imperativo e o paralelismo fônico pode ser averiguada na tabela (06).

PARALELISMO FÔNICO	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Verbo regular de 1ª conj. com vogal precedente [+aberta]= {fala/fale, olha/olhe, espera/espere}	10/40 (25%)	30/40 (75%)
Verbo regular de 1ª conj. com vogal precedente [-aberta]= {vira/vire, use/usa, imagina/imagine}	42/163 (26%)	121/163 (74%)
Verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações {come/coma, abre/abra}	1/10 (10%)	9/10 (90%)
Verbos irregulares com oposição mais marcada {faz/faça, traz/traga, diz/diga, vê/veja, sê/seja}	10/104 (10%)	94/104 (90%)
Verbos irregulares com oposição menos marcada {dá/dê, vai/vá, sai/saia}	-	15/15 (100%)
Paradigma especial {esqu[ε]ce/esqu[e]ça, c[ɔ]rre/c[o]rra}	10/56 (18%)	46/56 (82%)
TOTAL	73/388 (19%)	315/388 (81%)

Tabela (06): Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do paralelismo fônico

Em todos os contextos as formas do imperativo associado ao subjuntivo suplantam quantitativamente as formas do imperativo associadas ao indicativo. Esses resultados corroboram a pesquisa de Diniz (2018, p. 83) com base em missivas cariocas, nas quais, ainda

que com índices percentuais diferentes, as formas do imperativo supletivo também apresentaram maior produtividade em relação às formas do imperativo verdadeiro nos fatores do paralelismo fônico. Diante desses números, procede-se à análise de cada contexto do paralelismo fônico, tendo em vista as hipóteses Scherre (1998, p. 67; 2004, p. 18; 2007, p. 207) para esse caso.

A hipótese de que os verbos de 1ª conjugação de com vogal precedente [+aberta] favoreceriam o imperativo com formas de indicativo não foi confirmada, uma vez que foram registradas 30 oco (75%) de imperativo supletivo e 10 oco (25%) de imperativo verdadeiro para esses verbos. De (213) a (216), selecionam-se ocorrências que ilustram esse contexto.

Construções do imperativo verdadeiro com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta]:

(213) Lucia: como vae a tua allergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. *Consóla*-te commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos! (AM. s/ local, s/ data)

(214) Chorar! é bom chorar meo amigo, *chora* o anjo da tua existencia que se-foi para a tua alma não sei que grosseira consolação inventaria senão esta [...]. (JP. Caeté, 29.12.1896)

Construções do imperativo supletivo com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta]:

(215) Não se *incomode* com a importancia das passagens para as empregadas, porque darei a D. Bellinha o que fôr preciso. (AR. Belo Horizonte, 02.10.1925)

(216) Mas *considere* que o nosso maior commercio é ainda menos homem, e que estes na sua quasi [inint.] nos desapontam ou nos ofendem [...]. (CDA. Rio de Janeiro, 04.08.1936)

A hipótese de que os verbos de 1ª conjugação de com vogal precedente [-aberta] tenderiam a impulsionar o imperativo com formas de subjuntivo foi comprovada, já que, nesse caso, foram identificados 121 oco (74%) de imperativo com forma supletiva 42 oco (26%) de imperativo com forma verdadeiro. De (217) a (220), apresentam-se evidências desses tipos de verbos.

Construções imperativas do imperativo verdadeiro com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta]:

(217) Helena de Barros é o nome da sua sobrinha. *Desculpa* a carta escripta assim aos trambulhões. (JP. Ouro Preto, 04.03.1890)

(218) Machado e meus filhos muito te recommenda e *aceita* um abraço de sua irmã que muito te estima (OAAP. Lagoa Santa, 28.02.1918)

Construções do imperativo supletivo com verbos de 1ª conjugação de com vogal precedente [-aberta]:

(219) *Imagine*, titia, que há poucos dias, o tio do Ivan que mora no Rio, comprou um apartamento na Praia de Botafogo [...]. (MAVP. Campanha, 29.10.1953)

(220) Recebida a encomenda, *mande*-me com urgencia amostra do papel e material necessario e tambem a quantidade precisa para eu despachar logo. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891)

A hipótese de que os verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação favoreceriam o predomínio do imperativo com formas de subjuntivo também foi comprovada, pois, com esses verbos, ainda que com poucos dados, foram mapeadas 9 oco (90%) de imperativo supletivo e apenas 1 oco⁴² (10%) de imperativo verdadeiro. De (221) a (223), evidenciam-se ocorrências para exemplificar esses verbos.

Construção do imperativo verdadeiro com verbo regular de 2ª e 3ª conjugações:

(221) Ao Christian, transmitte um saudoso abraço e mil saudades, dizendo-lhe que, volente Deo, brevemente lhe escreverei. (FBN. s/ local, 1911)

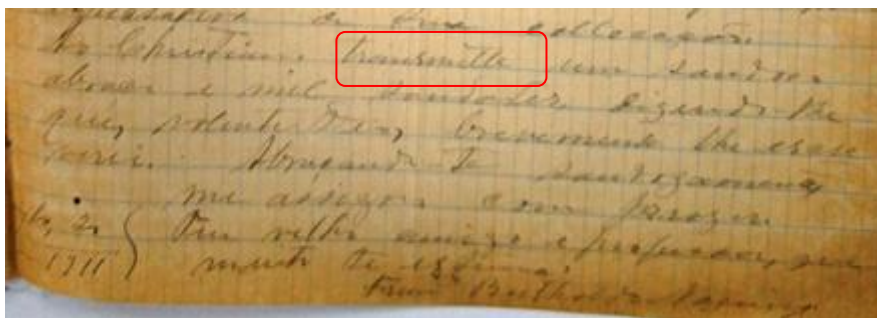


Imagem (11): Carta de FBN. s/ local, 1911

Construções do imperativo supletivo com verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações:

(222) Comunique isso ao Presidente da Associação, escolha a data e escolham-me para assentar isto definitivamente. (AR. s/ local, s/ data)

(223) No fundo, somos todos umas bestas. Conclua o seu livro e venha ao Rio, como prometeu. Lembranças ao doce Emilio e ao sábio Gui. (CDA. Rio de Janeiro, 22.07.1936)

A hipótese de que os verbos irregulares com oposição mais marcada tenderiam a estimular o imperativo com formas de subjuntivo pôde ser efetivamente atestada, haja vista que, no *corpus* analisado, foram codificadas 94 oco (90%) de formas supletivas de imperativo e 10 oco (10%) de formas verdadeiras de imperativo. De (224) a (227), evidenciam-se dados para ilustrar esses verbos.

Construções do imperativo verdadeiro com os verbos irregulares de oposição mais marcada:

(224) Pede ao João para madar-me uma biographia sobre as aguas mineiras. (JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927)

(225) Podes reformar o Dirictorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer ve si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Dirictorio criado. (JP. s/local, s/ data)

Construções do imperativo supletivo com os verbos irregulares de oposição mais marcada:

(226) Não deixe de ir ver o Axel Munthe. Traga autographos. Não deixe tambem de ir à França. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

⁴² Essa única ocorrência pode ser vista no exemplo (221) com seu fac-símile na imagem (11) para verificação do dado na respectiva carta.

(227) *Peça* sempre a Deus que nos ampare e receba meu grande abraço carinhoso e amigo. (MJLB. Lambari, 25.06.1951)

A hipótese de que os verbos irregulares com oposição menos marcada conduziram à prevalência do imperativo com formas subjuntivas foi categoricamente comprovada, considerando que, nesse caso, não houve ocorrências do imperativo verdadeiro, somente do imperativo supletivo (100%, 15 oco). Em (228) e (229), evidenciam-se dados para ilustrar esse contexto.

Construções do imperativo supletivo com os verbos irregulares de oposição menos marcada:

(228) Mas chega de notícias ruins. *Dê*-me agora as de sua viagem, que tendo compreendido uma descida em Paris, deve ter sido um grato acontecimento. (CDA. Rio de Janeiro, 11.06.1954)

(229) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e *vá* a sebo com sua história de amor à paz (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

Por fim, diferentemente da maioria dos contextos anteriores, a hipótese de que os verbos regulares de paradigma especial promoveriam a emergência de formas do imperativo do indicativo não foi confirmada, uma vez que, nesse caso, foram registradas 46 oco (82%) de imperativo supletivo e 10 oco (18%) de imperativo verdadeiro. De (230) a (233), elencam-se dados para ilustrar esses verbos.

Construções do imperativo verdadeiro com verbos de paradigma especial:

(230) Se soubesses a a aflicção com que espero o correio para ler as tuas cartas, me mandarias menos cartões! Mas as cartas assim pedidas não tem valor! *Escreve* mesmo os teos cartões! (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891)

(231) *Recebe* abraços e benções de Mamãe, assim como a expressão da affectuosa amizade de sua irmã Henriqueta (HL. Lambari, 10.04.1933)

Construções do imperativo supletivo com verbos de paradigma especial:

(232) *Receba* afetuoso abraço com votos de completa felicidade. (HL. Belo Horizonte, 31.12.1954)

(233) *Agradeça* por mim as bondosas Nêne e Giomar tudo que tem feito por voce. (MRVL. s/ local, s/data)

De modo geral, os estudos de Scherre (2004, p. 18; 2006, p. 13; 2007, p. 207) a respeito do paralelismo fônico foram parcialmente comprovados nas missivas mineiras. A prevalência das formas imperativas associadas ao subjuntivo com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [–aberta], verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação, verbos irregulares com oposição mais marcada e verbos irregulares com oposição menos marcada atestam as hipóteses. Entretanto, o predomínio das formas imperativas relacionadas ao subjuntivo com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] e verbos de paradigma especial contrariam as hipóteses. Diante disso, procede-se à análise das formas imperativas correlacionadas ao tipo, posição e pessoa dos pronomes átonos.

3.2.1.5. O tipo, a pessoa e a posição do pronome nas construções de imperativo de 2SG

As ocorrências de imperativo nas cartas mineiras foram mapeadas conforme os pronomes presentes no contexto de cada dado. O controle dessa variável tem como intuito, cf. Scherre (2004, 2007), averiguar a influência que o tipo (reto ou oblíquo), a pessoa (de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa do singular ou do plural) e a posição do pronome (próclise ou ênclise) podem exercer sobre o imperativo de 2SG. As hipóteses são as de que (a) a presença do clítico, independentemente da sua posição, estimule as construções do imperativo supletivo (SCHERRE, 2000, p. 1348) e de que (b) as construções imperativas com próclise propiciem as formas do imperativo verdadeiro enquanto as construções imperativas com ênclise favoreçam o imperativo supletivo (SCHERRE, 2007, p. 212). A relação entre as ocorrências de pronomes e as formas imperativas pode ser vista na tabela (07).

TIPO, POSIÇÃO E PESSOA DOS PRONOMES ÁTONOS		CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
		INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
PRÓCLISE	Presença de <i>me</i> proclítico	-	8/8 (100%)	
	Presença de <i>te</i> proclítico	-	1/1 (100%)	14/388
	Presença de <i>se</i> proclítico	-	5/5 (100%)	(3%)
		-	14/14 (100%)	
ÊNCLISE	Presença de <i>me</i> enclítico	8/39 (21%)	31/39 (79%)	
	Presença de <i>te</i> enclítico	2/2 (100%)	-	
	Presença de <i>lhe</i>	1/8 (12,5%)	7/8 (87,5%)	65/388
	Presença de <i>o/a</i> enclítico	3/9 (33%)	6/9 (67%)	(17%)
	Presença de <i>nos</i> enclítico	-	7/7 (100%)	
	14/65 (22%)	51/65 (78%)		
Presença de pronome do caso reto		-	1/1 (100%)	
Presença de SN, isso/aquilo, pronome preposicionado		36/186 (19%)	150/186 (81%)	
Demais casos (<i>pronomes, preposições e SNs afastados no verbo</i>)		8/35 (23%)	27/35 (77%)	308/388
Ausência de pronome ou de SN		15/86 (17%)	71/86 (83%)	(80%)
		59/308 (19%)	250/308 (81%)	
TOTAL		73/388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (07): Distribuição dos dados de imperativo de 2SG em função do tipo, posição e pessoa do pronome

As hipóteses levantadas para esse fator por Scherre (2000, p. 138; 2007, p. 212) podem ser parcialmente atestadas pela interpretação dos dados da tabela (07). Por um lado, a

presença do clítico, independentemente de sua posição, favoreceu, como previsto, a predominância do imperativo com formas do subjuntivo (82%, 65 oco) em relação ao imperativo com formas do indicativo (18%, 14 oco)⁴³. Além disso, as construções imperativas com pronomes em ênclise pareceram propiciar, como conjecturado, a forma imperativa associada ao subjuntivo (78%, 51 oco) em detrimento da forma imperativa relacionada ao indicativo (22%, 14 oco). Por outro lado, diversamente do esperado, as construções imperativas com pronomes em próclise não impulsionaram a forma do imperativo ligado ao indicativo, uma vez que se manifestaram tão somente por forma do imperativo vinculado ao subjuntivo (100%, 14 oco). Esses resultados dialogam em parte com a pesquisa de Diniz (2018, p. 94), uma vez que, tal como nas missivas mineiras, nas cartas cariocas a presença do clítico deflagrou a prevalência do imperativo ligado ao subjuntivo (65%, 148 oco), todavia, enquanto as construções imperativas com pronomes proclíticos também favoreceram o imperativo com formas subjuntivas (93%, 71 oco), as construções imperativas com pronomes enclíticos manifestaram uma intensa concorrência entre as formas imperativas do indicativo (49%, 74 oco) e as formas imperativas do subjuntivo (51%, 77 oco). Desse modo, procede-se à descrição minuciosa das ocorrências do imperativo de 2SG em função do tipo, posição e pessoa dos pronomes.

Em contexto de próclise, embora não tenham sido identificados dados com imperativo verdadeiro na amostra analisada, foram mapeadas ocorrências de imperativo supletivo nos casos de *me* proclítico (100%, 8 oco), *te* proclítico (100%, 1 oco⁴⁴) e *se* proclítico (100%, 5 oco). De (234) a (238), selecionam-se alguns exemplos para ilustrar essas ocorrências.

Construções do imperativo supletivo com *me* proclítico:

(234) Me diga uma coisa clara e francamente: como é a vida aí em Madrid? (OLR. Bruxelas, 01.10.1958)

(235) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e vá a sebo com sua historia de amor à paz [...]. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

Construção do imperativo supletivo com *te* proclítico:

(236) Nelson meu filho, não façás extravagancia, nem trabalhe com excessos, pois Deus te dará sempre com que passar decentemente; não estrague tua saude e nem te exponha a este sol ardente [...]. (MBCS. São João, 03.12.1903)

⁴³ Esses números foram obtidos pela soma das ocorrências totais de formas imperativas com presença de clítico tanto em próclise (14 oco) quanto em ênclise (65 oco), resultando em 79 oco, entre as quais 65 oco (82%) foram de imperativo supletivo e 14 oco (18%) foram de imperativo verdadeiro.

⁴⁴ Essa única ocorrência pode ser vista no exemplo (236) com seu fac-símile na imagem (12) para verificação do dado na respectiva carta.

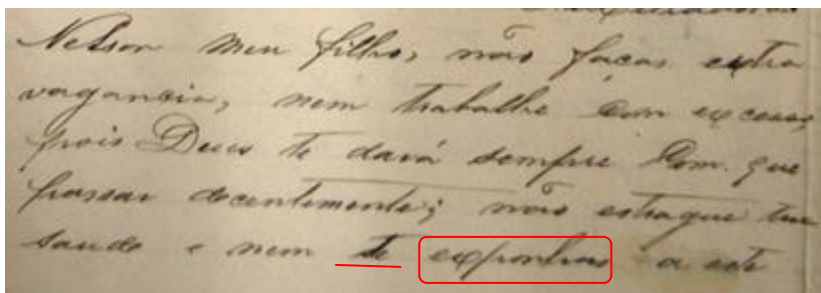


Imagem (12): Carta de MBCS. São João, 03.12.1903

Construções do imperativo supletivo com *se* proclítico:

(237) Velho Murilo: Escreva, não se desestimule com o meu silêncio. (OLR. Rio de Janeiro, 01.09.1948)

(238) Assim solicito a Vossa Excelência, respeitosamente, se digne conceder-lhe licença, por tempo ainda indeterminado, com autorização a para celebrar, para que êle permanecer aqui no Rio e submeter-se ao tratamento especializado que lhe é indicado. (AAP. Rio de Janeiro, 29.12.1947)

Em contexto de ênclise, enquanto com formas imperativas verdadeiras foram encontradas ocorrências com *me* enclítico (21%, 8 oco), *te* enclítico (100%, 2 oco), *lhe* enclítico (12,5%, 1 oco) e *o/a* enclítico (33%, 3 oco); com formas imperativas supletivas foram identificados dados com *me* enclítico (79%, 31 oco), *lhe* enclítico (87,5%, 7 oco), *o/a* enclítico (67%, 6 oco) e *nos* enclítico (100%, 7 oco). Assim, a não ser no caso de *te* em que não se registraram dados com forma de subjuntivo, em todos os outros o imperativo supletivo prevaleceu. De (239) a (254), foram elencadas algumas ocorrências para exemplificar esse contexto.

Construções do imperativo verdadeiro com *me* enclítico:

(239) No dia 1º ou 2 do próximo mez de Julho mando-te a condução a Ilhéos em todo o caso escreve-me (se hou-ver tempo) primeiro. (RAAP. Ibertioga, 15.06.1907)

(240) Manda-me noticias de Milota e dos meninos [...]. (MBCS. São João, 17.09.1903)

Construções do imperativo supletivo com *me* enclítico:

(241) No tocante ao livro, mande-me instruções meticolosas por que, dentro do possível, a parte material corresponda á literaria e artistica. (PP. s/ local, 12.12.1924)

(242) Murilo, compreenda-me, sim? (WM. s/ local, s/ data)

Construções do imperativo verdadeiro com *te* enclítico:

(243) Lucia: como vae a tua alergia? Tive urticaria quasi o anno inteiro. Consóla-te commigo. Agora, só com reza brava. Venceremos! (AM. s/ local, s/ data)

(244) Peço-te encarecidamente lembra-te sempre de mim e dos meus em tuas fervorosas orações, pois tenho certa que Deus ouvirá os teus rogos e concertará a minha vida trabalhosa e cheia de contrariedades e dissabores de toda ordem. (FAPJ. Caeté, 03.07.1917)

Construção do imperativo verdadeiro com *lhe* enclítico⁴⁵:

(245) Você não deixaria também soffrer nunca um filho meo [...] olha as tuas crianças, beija-as, podes misturar o nome dos meos filhos como irmãos dellas; ensinas-lhes bem o meo nome, *diz-lhes* que eu vivo nunca rejeitei o cumprimento d. deveres austeros que fossem [...]. (JP. Caeté, 29.12.1896)

Construções do imperativo supletivo com *lhe* enclítico:

(246) O Arthur recebeu carta minha? *Diga-lhe* (não se esqueça) que já lhe respondi, e que espero tenha elle procurado o Ezequiel para pagar a metade [...]. (AR. Belo Horizonte, 13.01.1936)

(247) Agradeço-lhe a remessa da carta do Montello. Se êle ainda está aí, *dê-lhe* um abraõ, a que junto meus agradecimentos pela simpática sugestão. (OLR. Bruxelas, 01.10.1958)

Construções do imperativo verdadeiro com *o/a* enclítico:

(248) [...] *mandal-as* á Mossaiha, em nome dos meos filhinhos aqui junctos d. mim, no mesmo pensamento da infinita miseria deste mundo [...]. (JP. Caeté, 29.12.1896)

(248) Você não deixaria também soffrer nunca um filho meo [...] olha as tuas crianças, *beija-as*, podes misturar o nome dos meos filhos como irmãos delas [...]. (JP. Caeté, 29.12.1896)

(250) [...] não *deves apertal-o*⁴⁶, quando tenha de continuar seja somente 2 oras de estudo para elle não se aborrecer. (MBCS. São João, 09.07.1903)

Construções do imperativo supletivo com *o/a* enclítico:

(251) Quanto aos livros do Manual do Vinicultor, *deixe-os* na typographia até que eu chegue. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891)

(252) [...] decidí comunicar o feito imediatamente a você. *Faça-o* agora, indagando pelo porto em que acaso o Capitão terá ancorado sua Corveta. OLR. Rio de Janeiro, 02.12.1948

Construções do imperativo supletivo com *nos* enclítico:

(253) Adeus *mande-nos* notícias da sua saúde. (AM. Rio de Janeiro, 12.07.1944)

(254) Excelente retrato o do Francisco de Assis no seu velocípede. Obrigado. *Lembre-nos* a Lilita. Para Você, o melhor abraço do Carlos (CDA. Rio de Janeiro, 20.02.1954)

Além dos contextos de pronomes átonos em próclise ou ênclise, as formas imperativas também foram mapeadas em cotejo com outros casos relacionados à presença de pronomes. Na análise da amostra, enquanto no imperativo verdadeiro, foram codificados dados com *presença de SN, isso/aquilo, pronome preposicionado* (19%, 36 oco) e de *pronomes, preposições e SNs afastados no verbo* (23%, 8 oco); no imperativo supletivo, foram detectadas ocorrências com presença de *pronome reto* (100%, 1 oco⁴⁷), de *SN, isso/aquilo,*

⁴⁵ O fac-símile dessa ocorrência pode ser encontrado para verificação na imagem (03), aliada ao exemplo (130), na seção (3.1).

⁴⁶ A expressão *deves apertal-o* foi selecionada para esse contexto, pois trata-se, cf. Castilho (2014, p. 444), de uma estrutura perifrástica modal com um verbo auxiliar e um verbo auxiliado pleno. Esse contexto permite o entendimento de que o imperativo, uma vez marcado formalmente em *deves* e semanticamente em *apertar*, não é exclusivo de uma ou outra forma e sim construído na união de ambas. Desse modo, pode-se afirmar, que neste caso, o pronome *o* encontra-se enclítico à estrutura perifrástica que compõe expressão imperativa.

⁴⁷ Essa única ocorrência pode ser vista no exemplo (255) com seu fac-símile na imagem (13) para verificação do dado na respectiva carta.

pronome preposicionado (81%, 150 oco) e de *pronomes, preposições e SNs afastados no verbo* (77%, 27 oco). Além disso, também foram coletados dados com ausência de pronomes ou SN, tanto no imperativo verdadeiro (17%, 15 oco), quanto no imperativo supletivo (83%, 71 oco). Em todas essas situações, o imperativo construído com forma de subjuntivo superou quantitativamente o imperativo com forma de indicativo. De (255) a (267), são apresentadas ocorrências que ilustram esses contextos.

Construção do imperativo supletivo com *pronome reto*:

(255) Admirei-me muito o Mucio com 3 anos e 3 mezes na escola, acho que está muito novinho é uma pena, coitadinho, deixe ele brincar mais 2 annos [...]. (MBCS. São João, 09.07.1903)

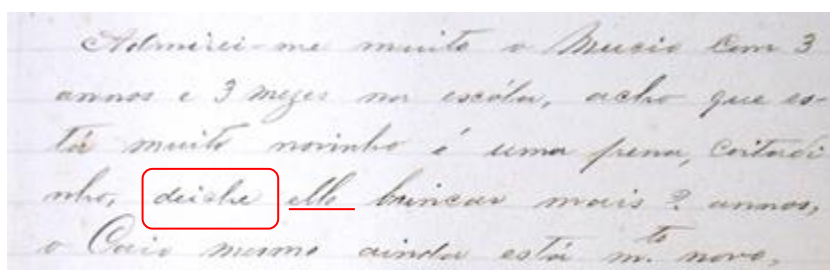


Imagem (13): Carta de MBCS. São João, 09.07.1903

Construções do imperativo verdadeiro com *SN, isso/aquilo, pronome preposicionado*:

(256) *Recebe* lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos 55 das meninas. (L. Thebas-MG, 24.01.1925)

(257) Helena de Barros é o nome da sua sobrinha. *Desculpa* a carta escripta assim aos tram-bulhões. (JP. Ouro Preto, 04.03.1890)

Construções do imperativo supletivo com *SN, isso/aquilo, pronome preposicionado*:

(258) Não deixe de ir ver o Axel Munthe. *Traga* autographos. Não deixe tambem de ir à França. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

(259) *Julgue* o caso e, se lhe parecer razoável, junte ao cartão uma palavrinha sua a êle [...]. (JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947)

Construções do imperativo verdadeiro nos demais casos (*pronomes, preposições e SNs afastados no verbo*):

(260) No maes *aceita* de seus irmãos muitos recomendações e uma carrada de abraços de sua Irma Stella. (S. Belo Horizonte, 18.01.1932)

(261) *Recebe* nesta carta o coração que neste mundo só tem amado a você e a você amará para sempre. [...]. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

Construções do imperativo supletivo nos demais casos (*pronomes, preposições e SNs afastados no verbo*):

(262) [...] se lhe parecer razoável, *junte* ao cartão uma palavrinha sua a êle, que queria muito a Papai e que sempre me pediu notícias dele e suas. (JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947)

(263) *Diga* ao Antonio a nossa tristeza pelo desaparecimento da D. Angelina. (AM. Rio de Janeiro, 01.10.1945)

Construções do imperativo verdadeiro com *ausência de pronome ou de SN*:

(264) Podes reformar o Directorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer *ve si* o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data)

(265) *Imagina*, agora, Agenor em que condições vou ficar seduzido sem ter quem olhe para os meus pequenos e ainda com genros duvidosos!... (RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913)

Construções do imperativo supletivo com *ausência de pronome ou de SN*:

(266) Logo que Você possa ir ao Vargas, *avise*. (JCL. Belo Horizonte, 21.06.1941)

(267) *Imagine*, titia, que há poucos dias, o tio do Ivan que mora no Rio, comprou um apartamento na Praia de Botafogo [...]. (MAVP. Campanha, 29.10.1953)

Dessa maneira, uma vez abordada a correlação entre as formas imperativas e o tipo, posição e pessoa do pronome, passa-se à distribuição dos dados do imperativo de 2SG em função do número de sílaba dos verbos.

3.2.1.6. O número de sílabas do verbo nas construções imperativas de 2SG

Os dados de imperativo das missivas mineiras foram codificados de acordo com o número de sílabas que o verbo da forma imperativa possui quando está em sua forma não finita. O controle dessa variável tem como objetivo medir a influência que verbos monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos podem ter sobre a expressão variável do imperativo de 2SG (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo). A hipótese de Scherre (2000, p. 1339) é a de que, enquanto as formas infinitivas monossilábicas tendem a favorecer a manifestação do imperativo relacionado ao indicativo, as formas infinitivas polissilábicas, por outro lado, promoveriam a expressão do imperativo associado ao subjuntivo. A atuação do número de sílabas dos verbos sobre as formas imperativas pode ser averiguada na tabela (08).

NÚMERO DE SÍLABAS	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
Monossílabo (<i>dar, ver, ser, crer, ir</i>)	3/42 (7%)	39/42 (93%)	42/388 (11%)
Dissílabo (<i>pedir, fazer, mandar</i>)	33/167 (20%)	134/167 (80%)	167/388 (43%)
Trissílabo (<i>responder, aceitar, receber</i>)	36/152 (24%)	116/152 (76%)	152/388 (39%)
Polissílabo (<i>comunicar, recomendar</i>)	1/27 (4%)	26/27 (96%)	27/388 (7%)
TOTAL	73//388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (08): Distribuição das formas imperativas em função do número de sílabas do verbo

Os dados expostos possibilitam comprovar parcialmente a hipótese levantada por Scherre (2000, p. 1339). Os verbos polissílabos de fato promoveram a ocorrência do imperativo supletivo (96%, 26 oco) sobre o imperativo verdadeiro (4%, 1 oco⁴⁸). Todavia, diferentemente do que se supunha, os verbos monossílabos também propiciaram a emergência do imperativo supletivo (93%, 39 oco) em detrimento do imperativo verdadeiro (7%, 3 oco). Esses índices confirmam em parte os resultados de Diniz (2018, p. 94) com base nas missivas cariocas, uma vez que, mesmo apresentando, tal como nesta pesquisa, uma maior quantidade de imperativo supletivo com verbos monossílabos (57%, 57 oco), houve a prevalência, ainda que por poucos dados, do imperativo verdadeiro com verbos polissílabos (53%, 31 oco). De (268) a (281), foram selecionadas ocorrências de verbos monossílabos e polissílabos para ilustrar esses números.

Construções do imperativo verdadeiro com verbo monossílabo:

(268) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, vem desde já [...]. (AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944)

(269) Podes reformar o Directorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer ve si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data)

(270) Está-se tambem duplicando a instalação. Vê que não é possível deposito. (JP. Caeté, 13.07.1900)

Construções do imperativo supletivo com verbo monossílabo:

(271) Quanto ao outro, “[inint.] of man’s Knowledge”, que é [inint.], será remetido diretamente pelo [inint.]. Leia-o cuidadosamente o Dr Mario leu-o e caiu de queixo [...]. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

(272) Quando puder, escreva para mim e dê notícias suas e dos amigos sinto falta de todos. (CDA. Rio de Janeiro, 04.11.1936)

(273) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e vá a sebo com sua historia de amor à paz (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

(274) Não dê muita importancia do amante. E escrevei-me uma carta cheia de noticias. (CDA. Rio de Janeiro, 01.06.1938)

(275) P.S.- Se vir, leia, no “Diário Carioca”, um conto meu, “Execução pela Alvorada”, a ser publicado domingo, 30, e mande dizer o que acha, tim-tim por tim-tim. (OLR. Rio de Janeiro, 28.01.1949)

Construção do imperativo verdadeiro com verbo polissílabo:

(276) Imagina, agora, Agenor em que condições vou ficar seduzido sem ter quem olhe para os meus pequenos e ainda com genros duvidosos!... (RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913)

⁴⁸ Essa única ocorrência pode ser vista no exemplo (276) com seu fac-símile na imagem (14) para verificação do dado na respectiva carta.

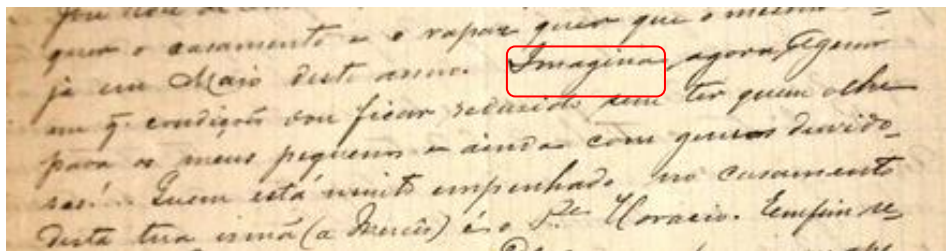


Imagem (14): Carta de RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913

Construções do imperativo supletivo com verbo polissílabo:

(277) Agradeça por mim as bondosas Nêne e Giomar tudo que 15 tem feito por voce. (MRVL. s/ local, s/data)

(278) Velho Murilo: Escreva, não se desestimule com o meu silêncio. (OLR. Rio de Janeiro, 01.09.1948)

(279) Imagine que Haroldo está á sua Espera – segundo me disse Pina Monaco - para inaugurar uma limousine comprada de fresco [...]. (HL. Rio de Janeiro, 14.05.1930)

(280) Acredite tambem que o governo não fez esforço (com a intensidade possível para vencer) e o partido cattolico será esmagado na proxima eleição. (JP. s/local, s/ data)

(281) Mande notícias, conte planos de trabalho, [inint.] o guia de Diamantina? E apareça de vez em quando pelo Rio e procure este velho poeta que não se cansa de lhe querer bem (nem seria possível). (CDA. Rio de Janeiro, 25.04.1954)

Além de verbos monossílabos e polissílabos, foram codificados dados de formas imperativas que em sua versão não finita constituem verbos dissílabos e trissílabos. O mapeamento dessas formas possibilitou perceber que o imperativo associado ao subjuntivo suplantou o imperativo relacionado ao indicativo em contexto tanto de verbos dissílabos (verdadeiro: 20%, 33 oco; supletivo: 80%, 134 oco) quanto de verbos trissílabos (verdadeiro: 24%, 36 oco; supletivo: 76%, 116 oco). De (282) a (291), são expostos alguns dados para exemplificar essas ocorrências.

Construções do imperativo verdadeiro com verbo dissílabo:

(282) Manda-me dizer quanto precisa de dinheiro para poderes vir as ferias. (RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913)

(283) Lembra seu Pae que no dia 28 acabou o mez della [...]. (MRVL. s/ local, 02.02.1946)

(284) Pede ao João para madar-me uma biographia sobre as aguas mineiras [...]. (JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927)

Construções do imperativo supletivo com verbo dissílabo:

(285) Compre uma para criança de 9 ou 10 anos para durar até elle crescer mais. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

(286) Se tiver interêsse em alguma outra obra, mande-nos dizer, que teremos muito prazer em lhe enviar. (CLB. Santiago, 19.07.1967)

Construções do imperativo verdadeiro com verbo trissílabo:

(287) *Recebe* lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos 55 das meninas. (L. Thebas-MG, 24.01.1925)

(288) Se quiseres poderás voltar no outro dia. Eu avisarei por telegrama. *Desculpa* o cumprimento da carta. Ao menos verás que as ideias aqui fructificação logo, e não se-transformão em conversa fiada. (JP. Caeté, 28.01.1901)

(289) Ao Christian, *tramsmitte* um saudoso abraço e mil saudades, dizendo-lhe que, volente Deo, brevemente lhe escreverei. (FBN. s/ local, 1911)

Construções do imperativo supletivo com verbo trissílabo:

(290) *Procure*-o na Secretaria do Capanema, secção de Demographia e faça a entrega solenemente. (AR. Belo Horizonte, 13.01.1931)

(291) Peça sempre a Deus que nos ampare e *receba* meu grande abraço carinhoso e amigo. (MJLB. Lambari, 25.06.1951)

Desse modo, uma vez examinada a atuação do número de sílabas do verbo em sua forma não finita sobre as construções imperativas, procede-se à avaliação do papel da polaridade da estrutura em relação à expressão variável do imperativo.

3.2.1.7. A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG

As construções imperativas foram mapeadas de acordo com a polaridade da sentença em que se manifestam. O intuito dessa análise é demonstrar quantitativamente a influência que uma sentença afirmativa ou uma sentença negatiiva exerce sobre a expressão do imperativo seja com formas indicativas (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), seja com formas subjuntivas (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*). A hipótese, com base nos estudos de Scherre (2004, p. 8; 2007, p. 207) em sincronias do PB atual, é a de que construções afirmativas tendam a impulsionar a expressão do imperativo verdadeiro enquanto as construções negativas tendam a propiciar a emergência do imperativo supletivo. A ação da polaridade de estrutura sobre as formas imperativas pode ser examinada na tabela (09).

POLARIDADE DA ESTRUTURA	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
POLARIDADE AFIRMATIVA (Sentença afirmativa)	71/360 (20%)	289/359 (80%)	360/388 (93%)
POLARIDADE NEGATIVA (Negação pré-verbal)	2/28 (7%)	26/28 (93%)	28/388 (7%)
TOTAL	73/388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (09): Distribuição das formas imperativas em função da polaridade de estrutura

As hipóteses levantadas por Scherre (2004, p. 8; 2007, p. 207) a respeito do efeito da polaridade da sentença sobre a construção imperativa não foram totalmente atestadas a partir desses números. Embora a polaridade negativa da estrutura, ainda que com um pequeno número de dados (7%, 28 oco), tenha favorecido preferencialmente, como se estipulava, o imperativo com forma de subjuntivo (93%, 26 oco) ao imperativo com forma de indicativo (7%, 2 oco), a polaridade afirmativa da estrutura, diferentemente do esperado, acionou um número expressivo de ocorrências com o imperativo associado ao subjuntivo (80%, 289 oco) e não ao indicativo (20%, 71 oco). Esses resultados não corroboram completamente os estudos de Diniz (2018, p. 102) sobre essa variável, uma vez que, nas cartas cariocas, apesar da predominância do imperativo supletivo nas sentenças de polaridade negativa (96%, 94 oco), houve um alto grau de variação entre as formas do imperativo verdadeiro (46%, 283 oco) e as formas do imperativo supletivo (54%, 338 oco) em sentenças de polaridade afirmativa. Diante disso, de (292) a (306), são expostos dados que exemplificam o imperativo de 2SG nas cartas mineiras em função da polaridade da sentença.

Construções imperativas com forma indicativa em sentença com polaridade afirmativa:

(292) *Lembra* me especialmente á Maria do Carmo. (AL. Ibiracy, 04.09.1931)

(293) *Manda-me* jornais. (AR. Belo Horizonte, 15.01.1930)

(294) *Recebe* lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos 55 das meninas. (L. Thebas-MG, 24.01.1925)

(295) *Abraça* por mim a tia Sinhá e as meninas. (L. Thebas-MG, 24.01.1925)

Construções imperativas com forma subjuntiva em sentença com polaridade afirmativa:

(296) *Diga-lhe* tambem que o 4º vol. dos documentos hollandêses irá breve... Lembranças a todo. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1937)

(297) Esse nosso amigo suggeriu-lhe consultar o Eduardo Rabello, mas creio que ele [inint.] não foi. *Guarde* reserva disso para não alarmar ninguém. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

(298) *Vejà* se Você mande a ordem por escrito. [...] Murilo, *compreenda-me*, sim? [...] *Resolva*, hoje, sim? (WM. s/ local, s/ data)

(299) *Abençõe* a afilhada grata que lhe quer muito bem. (CLB. Lambari, 20.04.1950)

Construções imperativas com forma indicativa em sentença com polaridade negativa:

(301) Não *fica* mal commigo não vir? Eu comprei para meo bem hoje um relógio d. ouro e uma pulseira com brilhante. (JP. Rio de Janeiro, 02.12.1890)

(302) [...] não *deves* apertal-o, quando tenha de continuar seja somente 2 oras de estudo para elle não se aborrecer. (MBCS. São João, 09.07.1903)

Construções imperativas com forma subjuntiva em sentença com polaridade negativa:

(303) [...] não *estude* de mais, pois até no Seminário ha tempo de recreio [...]. (PTM. Baldim, 15.06.1918)

(304) ha tempos que não te escrevo mas nunca *reparaes* pois não tenho idéas para escrever mais [...]. (OAAP. Lagoa Santa, 28.02.1918)

(305) Nelson meu filho, não *faças* extravagância, nem trabalhe com excessos, pois Deus te dará sempre com que passar decentemente. (MBCS. São João, 03.12.1903)

(306) Peço-te não lebares a mal a minha demora e te responder. Não *reparaes* a dadiva. Sim? (ANI. São João Nepomuceno, 15.03.1912)

Na análise dos dados de imperativo de 2SG em relação à polaridade da sentença, três deles se destacaram pela sua forma *sui generis*. Trata-se de três ocorrências com formas imperativas associadas ao subjuntivo em uma carta de *tu* em posição de sujeito que apresentam polaridade negativa. Essas ocorrências podem ser observadas em (307).

(307) Nelson meu filho, não faças extravagancia, nem *trabalhe* com excessos, pois Deus te dará sempre com que passar decentemente; não *estrague* tua saude e nem te *exponha* a este sol ardente [...]. (MBCS. São João, 03.12.1903)⁴⁹

Esses dados chamam atenção, uma vez que, ao representarem uma variação distante da norma-padrão e diferente da encontrada na maioria das formas analisadas, demonstram como o contexto de carta pessoal permite a expressão da informalidade em questão do imperativo de 2SG (MARCUSCHI, 2001; GALVÃO *et* SILVA, 2012; ELPASS, 2012). As formas verbais *trabalhe*, *estrague* e *exponha*, embora formalmente idênticas à expressão do imperativo supletivo em contexto *você-sujeito*, encontram-se em uma estrutura de polaridade negativa de uma carta de *tu-sujeito*, situação que impulsionaria a ocorrência das formas *trabalhes*, *estragues* e *exponhas*, mantendo correlação com o verbo *faças* situado anteriormente. Nesse caso, o missivista, mesmo sendo um mineiro culto, não se deixou influenciar pela norma-padrão, promovendo a emergência de um imperativo supletivo (próprio de *você-sujeito*) com uma sentença negativa em contexto de *tu-sujeito*, caso que ratifica a atuação da informalidade no gênero carta pessoal.

Dessa maneira, uma vez abordada a influência, em termos percentuais, da polaridade da estrutura na expressão variável do imperativo de 2SG, passa-se à análise das formas imperativas em função dos padrões sintáticos das sentenças.

⁴⁹ O fac-símile dessa ocorrência constitui a imagem (12) que ilustra construção imperativa antecedida de clítico *te* no exemplo (236), presente na seção (3.2.1.5).

3.2.1.8. Os padrões sintáticos das construções imperativas de 2SG

As ocorrências de imperativo nas cartas mineiras foram controladas segundo os padrões sintáticos das sentenças. Essa análise tem com intuito medir a atuação das orações encaixadas (completivas, relativas ou adverbiais) e não encaixadas (isoladas, coordenadas, matrizes) sobre a manifestação binária do imperativo (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo). As hipóteses, à luz de Silva (2017, p. 49) com base em Câmara Jr. (1979, p. 132), são as de que haja um número maior de ocorrências imperativas em sentenças não encaixadas comparativamente a sentenças encaixadas e de que, enquanto as sentenças não encaixadas ativem a expressão do imperativo verdadeiro, as sentenças encaixadas promovam a emergência do imperativo supletivo. A relação entre os padrões sintáticos e as formas imperativas de 2SG pode ser visualizada na tabela (10).

TIPOS DE PADRÕES SINTÁTICOS (ORAÇÕES)	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
NÃO ENCAIXADAS MATRIZES ISOLADAS/COORDENADAS	22/128 (17%)	106/128 (83%)	
	50/258 (19%)	208/258 (81%)	386/388 (99%)
	72/386 (18%)	313/386 (82%)	
ENCAIXADAS	1/2 (50%)	1/2 (50%)	2/388 (1%)
TOTAL	73/388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (10): Distribuição das formas imperativas em função dos padrões sintáticos das sentenças

A análise da tabela (10) possibilita afirmar que as hipóteses de Silva (2017, p. 49) e Câmara Jr. (1979, p. 132) sobre a atuação dos tipos de sentença sobre o imperativo de 2SG não foram integralmente comprovadas. As orações não encaixadas de fato se mostraram um contexto altamente propulsor para as ocorrências dos dados de imperativo (99%, 386 oco), haja vista o parco número de ocorrências de formas imperativas em orações encaixadas (1%, 2 oco). Todavia, diferentemente do estipulado, as orações não encaixadas não impulsionaram a manifestação do imperativo verdadeiro (18%, 72 oco), mas sim do imperativo supletivo (82%, 313 oco), e as orações encaixadas apresentaram tão somente dois dados: um de imperativo verdadeiro (50%, 1 oco) e um de imperativo supletivo (50%, 1 oco)⁵⁰. Analisando

⁵⁰ Essas ocorrências podem ser vistas nos exemplos (322) e (323) com seus fac-símiles nas imagens (15) e (16) para verificação dos dados na respectiva carta.

especificamente as ocorrências entre as orações não encaixadas, percebe-se uma predominância do imperativo com formas do subjuntivo sobre o imperativo com formas de indicativo tanto nas orações matrizes (supletivo: 83%, 106 oco; verdadeiro: 17%, 22 oco) quanto nas orações isoladas/coordenadas (supletivo: 81%, 208 oco; verdadeiro: 19%, 50 oco), o que atesta a alta produtividade do imperativo supletivo na amostra analisada, que nesse fator predominou em todos os contextos. Esses dados, embora com índices percentuais diferentes, dialogam com os estudos de Diniz (2018, p. 117) com base nas cartas cariocas, uma vez que, tal como nas missivas mineiras, o imperativo com forma de subjuntivo prevaleceu em todos os tipos de oração: matrizes (63%, 259 oco), isoladas/coordenadas (57%, 180 oco) e encaixadas (75%, 3 oco). De (308) a (323), são expostas ocorrências que exemplificam os padrões sintáticos das sentenças imperativas.

Construções imperativas com forma indicativa em oração matriz:

(308) [*Dize* ao J. Carlos]_{MATRIZ} [que apreciei escrever a peça de ontem.]_{COMPLETIVA} (MJLB. Lambari, 04.08.1941)

(309) [*Recebe* nesta carta o coração]_{MATRIZ} [que neste mundo só tem amado a você]_{RELATIVA} e a você amará para sempre. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

(310) No dia 1º ou 2 do próximo mez de Julho mando-te a conducção a Ilhéos [em todo o caso *escreve-me*]_{MATRIZ} [(se hou-ver tempo)]_{ADVERBIAL INTERCALADA} [primeiro]_{MATRIZ}. (RAAP. Ibertioga, 15.06.1907)

Construções imperativas com forma subjuntiva em oração matriz:

(311) [*Avis*e ao Delzo]_{MATRIZ} [que, sob registro nº 29.018, mandeia casimira hontem]_{COMPLETIVA}, seguindo pelo Bento 300\$000. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1937)

(312) [*Abençõe* a afilhada grata]_{MATRIZ} [que lhe quer muito bem.]_{RELATIVA} (CLB. Lambari, 20.04.1950)

(313) Esse nosso amigo suggeriu-lhe consultar o Eduardo Rabello, mas creio que ele [inint.] não foi. [*Guarde* reserva disso]_{MATRIZ} [para não alarmar ninguém.]_{ADVERBIAL} (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

Construções imperativas com forma indicativa em oração isolada/coordenada:

(314) Saudades a todos. [*Pede* a bençãam a Papai a Mamãe;]_{ISOLADA} Beijos do irmão muito affectuoso José Carlos (JCL. s/ local, 04.09.1924)

(315) Termino porque Helvina está impertinente com um mesmo tumor no ouvido. [*Recebe* lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos das meninas.]_{ISOLADA} [*Abraça* por mim a tia Sinhá e as meninas.]_{ISOLADA} (L. Thebas-MG, 24.01.1925)

(316) [*Beije* em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá]_{COORDENADA} [e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto]_{COORDENADA} (PP. s/ local, 14.05.1955)

(317) [*Manda* os trastes da Estação para a Casa das lages]_{COORDENADA} [e *manda* um carpinteiro para armal-os.]_{COORDENADA} (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891)

Construções imperativas com forma subjuntiva em oração isolada/coordenada:

(318) [*Mande*, pois, carta urgente nesse sentido.]_{ISOLADA} Iremos ainda este mês, si Deus quizer! (AR. Belo Horizonte, 13.01.1936)

(319) Quanto falta ainda? [*Reserve-me* um vidro da loção.]_{ISOLADA} Quero vêr si fui ao menos com os 6 ao do fim do cabelo que ainda restam [...]. (AR. Belo Horizonte, 01.11.1937)

(320) [No tocante ao livro, *mande-me* instruções meticolosas]_{COORDENADA} por que, dentro do possível, a parte material corresponda á literaria e artistica. (PP. s/ local, 12.12.1924)

(321) [Não *repare* aletra e os erros,]_{COORDENADA} pois não tenho costumes de escrever. (JP. Nossa Senhora do Porto, 10.01.1868)

Construção imperativas com forma indicativa em oração encaixada:

(322) [Assim solicito a Vossa Excelência, respeitosamente,]_{MATRIZ} [se *digne* conceder-lhe licença, por tempo ainda indeterminado]_{COMPLETIVA}, com autorização para celebrar, para que êle permanecer aqui no Rio e submeter-se ao tratamento especializado que lhe é indicado. (AAP. Rio de Janeiro, 29.12.1947)

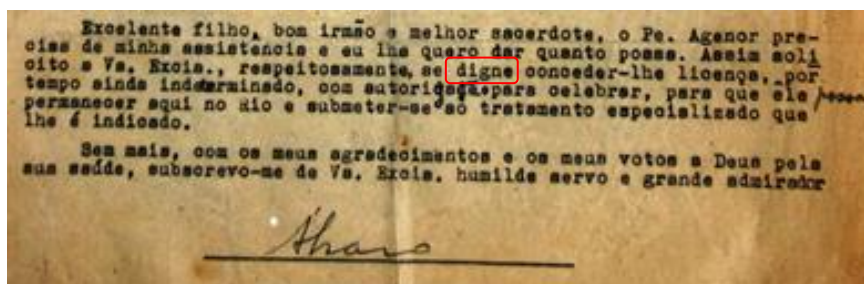


Imagem (15): Carta de AAP. Rio de Janeiro, 29.12.1947

Construção imperativa com forma subjuntiva em oração encaixada:

(323) [Peço-te encarecidamente]_{MATRIZ} [*lembra-te* sempre de mim e dos meus em tuas fervorosas orações]_{COMPLETIVA}, pois tenho certesa que Deus ouvirá os teus rogos e concertará a minha vida trabalhosa e cheia de contrariedades e dissabores de toda ordem. (FAPJ. Caeté, 03.07.1917)

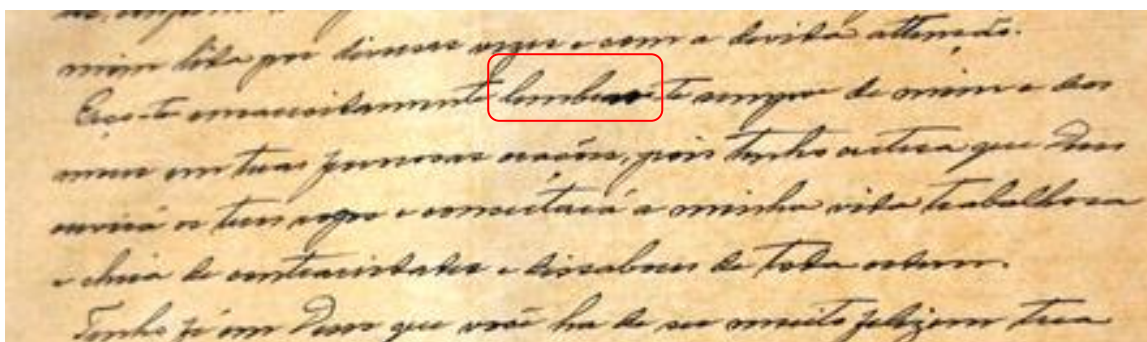


Imagem (16): Carta de FAPJ. Caeté, 03.07.1917

Dessa maneira, apresentada a ação em termos quantitativos dos padrões sintáticos sobre a expressão binária do imperativo de 2SG, procede-se à análise da distribuição das formas imperativas em função do tipo de verbo.

3.2.1.9. Os tipos de verbos nas construções imperativas de 2SG

As ocorrências do imperativo encontradas no *corpus* foram mapeadas segundo o tipo sintático-semântico dos verbos, cf. a proposta de Castilho (2014, p. 593-595). O controle dessa variável tem como objetivo, com base na noção de frequência proposta por Bybee (2003, p. 64), verificar a atuação dos verbos (*token frequency*) e dos tipos de verbos (*type*

frequency) em relação ao imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*) e ao imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*) nas cartas mineiras. Segundo Castilho (2014, p. 593-595), os verbos podem ser do tipo movimento/direção, do tipo transferência, do tipo comunicação, do tipo criação/produção, do tipo complemento final ou do tipo aproximação/união/semelhança. A distribuição quantitativa dos tipos de verbos em correlação com as formas imperativas pode ser averiguada na tabela (11).

TIPOS DE VERBOS	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG		
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
MOVIMENTO	1/14 (7%)	13/14 (93%)	14/388 (4%)
TRANSFERÊNCIA	29/123 (23%)	94/123 (77%)	123/388 (32%)
COMUNICAÇÃO	14/88 (16%)	74/88 (84%)	88/388 (23%)
CRIAÇÃO	25/129 (19%)	104/129 (81%)	129/388 (33%)
COMPLEMENTO FINAL	3/13 (23%)	10/13 (77%)	13/388 (3%)
APROXIMAÇÃO	-	11/11 (100%)	11/388 (2.5%)
OUTROS	1/10 (10%)	8/10 (90%)	10/388 (2.5%)
TOTAL	73/388 (19%)	315/388 (81%)	388/388 (100%)

Tabela (11): Distribuição das formas imperativas em função dos tipos de verbo

A interpretação dos dados permite afirmar que, quanto à frequência do tipo de verbo (*type frequency*), em todos os contextos o imperativo supletivo suplantou o imperativo verdadeiro. No caso dos verbos de movimento, houve apenas 1 oco⁵¹ (7%) de imperativo verdadeiro e 13 oco (93%) de imperativo supletivo, já com os verbos de transferência, foram mapeadas 29 oco (23%) de imperativo verdadeiro e 94 oco (77%) de imperativo supletivo, percentuais idênticos aos verbos de complemento final, entre os quais foram codificadas 3 oco (23%) de imperativo verdadeiro e 10 oco (77%) de imperativo supletivo. No caso dos verbos de *comunicação*, foram identificadas 14 oco (16%) de imperativo verdadeiro e 74 oco (84%) de imperativo supletivo, índices semelhantes aos dos verbos de criação, em que foram registradas 25 oco (19%) de imperativo verdadeiro e 104 oco (81%) de imperativo supletivo, mas diferentes aos dos verbos de aproximação, para os quais não foram registradas ocorrências de imperativo verdadeiro, apenas 7 oco (100%) de imperativo supletivo. Por fim,

⁵¹ Essa única ocorrência pode ser vista no exemplo (324) com seu fac-símile na imagem (17) para verificação do dado na respectiva carta.

também foram mapeados outros verbos que não se enquadram na classificação proposta por Castilho (2014, p. 593-595), entre os quais registrou-se 1 oco⁵² (10%) de imperativo verdadeiro e 9 oco (90%) de imperativo supletivo. Diferentemente desta pesquisa, Diniz (2018, p. 111), ao analisar os tipos de verbos nas cartas cariocas, valeu-se da proposta de classificação de Garcia (2004). Nas missivas cariocas, mesmo com uma concorrência na distribuição geral dos dados entre verbos do tipo ativo (51%, 372 oco) e verbos do tipo relacional (49%, 360 oco), o imperativo associado ao subjuntivo foi quantitativamente mais produtivo que o imperativo relacionado ao indicativo nos dois casos: 56%, 210 oco e 64%, 232 oco, respectivamente. De (324) a (362), selecionam-se alguns dados para ilustrar as ocorrências dos tipos de verbo analisados nesta pesquisa.

Construção do imperativo verdadeiro com verbo do tipo movimento:

(324) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, vem desde já; se não, espera que a nova tribu Delio – Celina volta, o que se dará dentro de poucos dias. Para nós, em qualquer hipótese, é um prazer ter-te aqui; tu resolverás. (AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944)

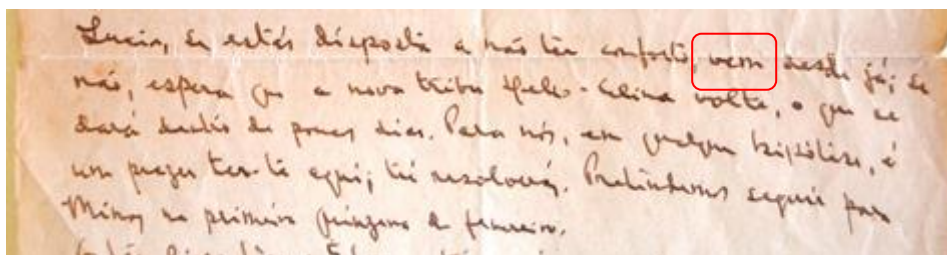


Imagem (17): Carta de AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944

Construções do imperativo supletivo com verbo do tipo movimento:

(325) Si houver demorar na remessa por caminhão, venha por trem. (AR. s/ local, 16.06.1936)

(326) Não vaije de noite por que pode lhe fazer mal em noites frias e acontecer alguma coisa (PTM. Baldim, 15.06.1918)

(327) Appareça por aqui. Hoje escrevi para Georgina para saber suas noticias. (RAAP. Belo Horizonte, 03.04.1924)

Construções do imperativo verdadeiro com verbo do tipo transferência:

(328) Espero ser sempre honrado com tuas gentis e amáveis cartinhas. Aceita um abraço deste Teu tio e muito Amigo, Francisco Alves Pinto. (FAPJ. Caeté, 19.08.1917)

(329) Manda os trastes da Estação para a Casa das lages e manda um carpinteiro para armal-os. (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891)

(330) Recebe nesta carta o coração que neste mundo só tem amado a você e a você amará para sempre. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891)

⁵² Essa única ocorrência pode ser vista no exemplo (358) com seu fac-símile na imagem (18) para verificação do dado na respectiva carta.

Construções do imperativo supletivo com verbo do tipo transferência:

(331) Com Tereza e filhos, aceite muitas saudades e votos de feliz 65. (HL. Belo Horizonte, 06.07.1965)

(332) Vou vêr si acho. Me mande resposta urgente. Diga a P. Carneiro que ali é o seguinte e vá a sebo com sua historia de amor à paz (AR. Belo Horizonte, 05.11.1935)

(333) Receba a expressão da minha estima, com os melhores cumprimentos. (HL. s/ local, s/ data)

Construções do imperativo verdadeiro com verbo do tipo comunicação:

(334) Dize ao J. Carlos que apreciei escrever a peça de ontem. (MJLB. Lambari, 04.08.1941)

(335) A 26 saíio d'aqui o gogo com as loucas que estou com medo cheguem quebradas em grande parte, pela inexperiencia do acondicionador. Avisa-me do desastre [...]. (JP. Caeté, 05.03.1905)

(336) Agenor, quanto antes dos dentes fala ao Excelentíssimo Director ou Superior, neste sentido [...]. (RAAP. Lagoa Santa, 30.10.1912)

Construções do imperativo supletivo com verbo do tipo comunicação:

(337) Diga ao Liffert que 'soccer' (k) é também a pronuncia adoptada na Inglaterra. (AR. Belo Horizonte, 07.03.1940)

(338) Avise ao Delzo que, sob registro nº 29.018, mandeia casimira hontem, seguindo pelo Bento 300\$000. (AR. Belo Horizonte, 05.11.1937)

(339) Pergunte a Inizuca, se ella poz na minha mala o broche que ella disse-me que comprou para Esther [...]. (MRVL. s/ local, 23.12.1944)

Construções do imperativo verdadeiro com verbo do tipo criação:

(340) Escreve-me sempre e sempre, o que muito prazer darás ao teu velho pai. (RAAP. Lagoa Santa, 21.07.1917)

(341) Helena de Barros é o nome da sua sobrinha. Desculpa a carta escripta assim aos trambulhões. (JP. Ouro Preto, 04.03.1890)

(342) E não poderás vir por essa ocasião? [...] Faze um sacrifício, e vens. (RAAP. Lagoa Santa, 21.07.1917)

Construções do imperativo supletivo com verbo do tipo criação:

(343) Escreva-me a respeito. (JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947)

(344) Caso Você não queira falar-lhe, provoque um encontro d'elle com o Baêta, deixando-os a sós para que o Baêta lhe fale novamente. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

(345) Faça o itinerario dos dous viajantes que devem sahir cobrando as assignaturas do Movimento. (JP. S/local, 29.01.1891)

Construções do imperativo verdadeiro com verbo do tipo complemento final:

(346) Lembra me especialmente á Maria do Carmo. (AL. Ibiracy, 04.09.1931)

(347) Lembra seu Pae que no dia 28 acabou o mez della. (MRVL. s/ local, 02.02.1946)

(348) Peço-te encarecidamente lembra-te sempre de mim e dos meus em tuas fervorosas orações [...]. (FAPJ. Caeté, 03.07.1917)

Construções do imperativo supletivo com verbo do tipo complemento final:

(349) Compre uma para criança de 9 ou 10 anos para durar até elle crescer mais. Lembre a Papae [inint.] para o Capa. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937)

(350) O Arthur recebeu carta minha? Diga-lhe (não se *esqueça*) que já lhe respondi, e que espero tenha elle procurado o Ezequiel para pagar a metade, [...]. (AR. Belo Horizonte, 13.01.1936)

(351) *Recomende*-nos a José Carlos a Antônio Joaquim e Lúcia Afonso Avila e Lais (que ainda não conhecemos pessoalmente) e demais amigos comuns. (MM. Roma, 17.05.1959)

(352) Quanto ao Thesouro do Estado fale ao Augusto d. Lima para se entender com o Doutor Augustinho Carneiro que eu não conheço pessoalmente e nem sei que relações você mantém com o mesmo: não *descuides* disto. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891)

Construções do imperativo supletivo com verbo do tipo aproximação:

(353) *Ame*, bom Rubião, que só amar faz bem às almas [...]. (OLR. Rio de Janeiro, 28.01.1949)

(354) Mande detalhes escabrosos ou não acerca do caso e *conte*, desde já, com a nossa comum solidariedade. (OLR. Rio de Janeiro, 28.01.1949)

(355) se lhe parecer razoável, *junte* ao cartão uma palavrinha sua a êle, que queria muito a Papai e que sempre me pediu notícias dele e suas. (JCL. Rio de Janeiro, 09.10.1947)

(356) Querido Waldyr, Preciso de um grande favor se: *procure* pessoalmente, por gentileza, o Professor Santa Cruz, na Livraria Duas Cidades [...]. (HL. s/ local, s/ data)

(357) E você, quando vem? Caso surja por aqui, *telefone* para o Comité: 22-6294. (AGF. Rio de Janeiro, 04.05.1955)

Construção do imperativo verdadeiro com outro tipo de verbo:

(358) Não *fica* mal commigo não vir? Eu comprei para meo bem hoje um relógio d. ouro e uma pulseira com brilhante. (JP. Rio de Janeiro, 02.12.1890)

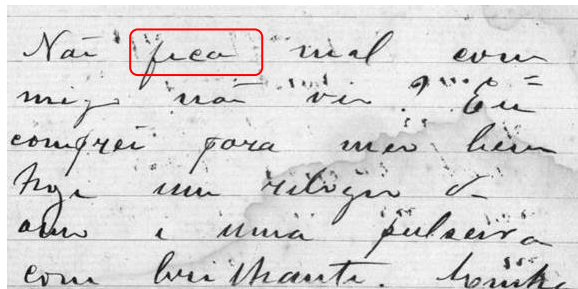


Imagem (18): Carta de JP. Rio de Janeiro, 02.12.1890

Construções do imperativo supletivo com outro tipo de verbo:

(359) Mas *considere* que o nosso maior commercio é ainda menos homem, e que estes na sua quasi [inint.] nos desapontam ou nos ofendem. (CDA. Rio de Janeiro, 04.08.1936)

(360) *Esteja* certo: os trabalhos mineiros levarão a S.P uma bonita mensagem. (HL. Belo Horizonte, 15.06.1982)

(361) *Seja* feliz E receba as saudações de sua colega H.L. (HL. s/ local, 05.02.1977)

(362) *Tenha* a bondade de mandar-me noticias de Mandinha, quem muito me recommendo. (FAPJ. Caeté, 14.10.1916)

Tendo em vista essa seleção de ocorrências, apresenta-se na tabela (12) uma síntese da frequência de cada verbo (*token frequency*) na amostra analisada em uma divisão por tipo (*type frequency*), com o intuito de verificar a diversidade e a reincidência de cada verbo que se deixou expressar pelo imperativo de 2SG nas cartas mineiras.

SÍNTESE DOS TIPOS DE VERBOS NAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG						
MOVIMENTO 14/388 (4%)	TRANSFERÊNCIA 123/388 (32%)	COMUNICAÇÃO 88/388 (23%)	criação 129/388 (33%)	COMP. FINAL 13/388 (3%)	APROXIMAÇÃO 11/388 (2,5%)	OUTROS 10/388 (2,5%)
5 verbos	16 verbos	19 verbos	49 verbos	4 verbos	6 verbos	7 verbos
aparecer (2)	aceitar (41)	abençoar (4)	abraçar (5)	descuidar (1)	amar (1)	considerar (1)
ir (2)	apresentar (2)	agradecer (1)	acreditar (2)	esquecer (2)	contar (1)	deixar (1)
sair (1)	conceder (1)	avisar (7)	animar (1)	lembrar (6)	dar (2)	estar (1)
viajar (1)	dar (10)	comunicar (1)	apertar (1)	recomendar (4)	juntar (1)	ficar (1)
vir (8)	deixar (1)	consolar (1)	aproveitar (1)		procurar (4)	passar (1)
	despachar (2)	consultar (3)	arranjar (2)		telefonar (4)	ser (3)
	entregar (1)	contar (2)	beijar (3)			ter (2)
	enviar (5)	conversar (1)	brincar (1)			
	guardar (1)	ditar (1)	cansar (1)			
	mandar (23)	dizer (33)	caprichar (1)			
	reservar (1)	falar (5)	chorar (1)			
	passar (1)	informar (2)	clamar (1)			
	receber (30)	julgar (2)	comprar (2)			
	transmitir (2)	olhar (3)	compreender (2)			
	trazer (1)	perguntar (3)	concluir (1)			
	voltar (1)	relevar (1)	consentir (2)			
		reparar (4)	corrigir (1)			
		tocar (1)	crer (2)			
		ver (13)	desculpar (19)			
			desestimular (1)			
			dispor (2)			
			duvidar (1)			
			entender (1)			
			escolher (1)			
			escrever (20)			
			esperar (1)			
			estragar (1)			
			estranhar (1)			
			estudar (1)			
			expor (1)			
			fazer (13)			
			guardar (1)			
			honrar (1)			
			imaginar (6)			
			incomodar (1)			
			ler (4)			
			paralisar (1)			
			pedir (10)			
			pensar (1)			
			perdoar (2)			
			provocar (1)			
			publicar (1)			
			rasgar (1)			
			resolver (1)			
			sofrer (1)			
			trabalhar (1)			
			tratar (1)			
			usar (1)			
			verificar (1)			

Tabela (12): Distribuição dos verbos por tipo nas construções imperativas de 2SG nas cartas mineiras

A relação de frequência entre verbo (*token frequency*) e tipo (*type frequency*) pode ser bastante diversa na manifestação do imperativo de 2SG, como mostram os dados da tabela (12). Quanto à ocorrência de cada tipo, enquanto os verbos do tipo criação (33%, 129 oco) e do tipo transferência (32%, 123 oco), seguidos com uma pequena margem pelo tipo comunicação (23%, 88 oco), predominaram no *corpus*; os verbos do tipo movimento (4%, 14 oco), complemento final (3%, 13 oco), aproximação (2,5%, 11 oco) e outros (2,5%, 10 oco) não obtiveram uma produtividade significativa. Em relação à multiplicidade de verbos por tipo, os verbos de criação mostraram mais diversos com 49 verbos diferentes, seguidos por uma ampla vantagem pelos verbos de comunicação (19 verbos) e de transferência 16 (verbos), que, por sua vez, foram mais variados que os verbos de outro tipo (7 verbos) e que os verbos de aproximação (6 verbos), movimento (5 verbos) e complemento final (4 verbos). Por fim, no tocante à ocorrência de um mesmo verbo, o verbo *aceitar* mostrou-se o mais produtivo de todos com 41 oco, seguido, nessa ordem, pelos verbos *dizer* (33 oco), *receber* (30 oco), *mandar* (23 oco), *escrever* (20 oco) e *desculpar* (19 oco).

A repetição desses verbos pode ser explicada pela relação que mantêm com a macroestrutura textual do gênero carta pessoal, que, cf. Paredes Silva (1988, p. 77 *apud* Rumeu, 2008, p. 73), apresenta cabeçalho, contato inicial, núcleo e saudação final. Nas missivas mineiras analisadas, a escolha dos escreventes por verbos, como *aceitar*, *mandar*, *receber*, *escrever* e *desculpar*, destacou-se significativamente no momento de despedida da saudação final. Caso semelhante ocorreu nas pesquisas de Silva (2017) e Silva (2018) sobre a produtividade das formas imperativas em relação às partes constitutivas do gênero, nas quais o imperativo de 2SG mostrou-se proeminente por meio de expressões formulaicas na seção de saudação final das cartas pessoais. Essa repetição nas missivas mineiras pode ser analisada, então, como uma característica própria deste gênero textual, no qual algumas expressões consagradas deixam-se expressar pelo imperativo de 2SG em determinadas seções que compõem as cartas pessoais. De (363) a (367), são expostos alguns dados, com os seus respectivos fac-símiles nas imagens de (19) a (23), que contemplam a frequência de alguns verbos localizados na saudação final.

Construção imperativa com verbo *aceitar* em saudação final:

(363) *Aceite*, portanto, meus abraços e os de Lucia. (CLB. Lambari, 23.10.1924)

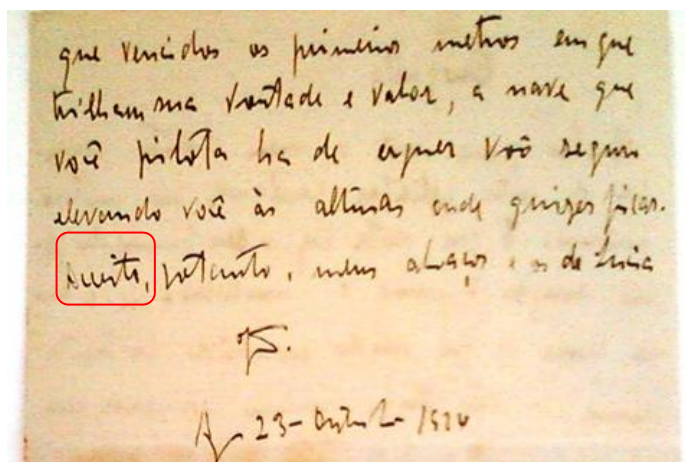


Imagem (19): Carta de CLB. Lambari, 23.10.1924

Construção imperativa com o verbo *mandar* em saudação final:

(364) *Mande* notícias do meu caro Fernando. Lembranças às meninas, suas e minhas. (AM. Rio de Janeiro, 01.10.1945)

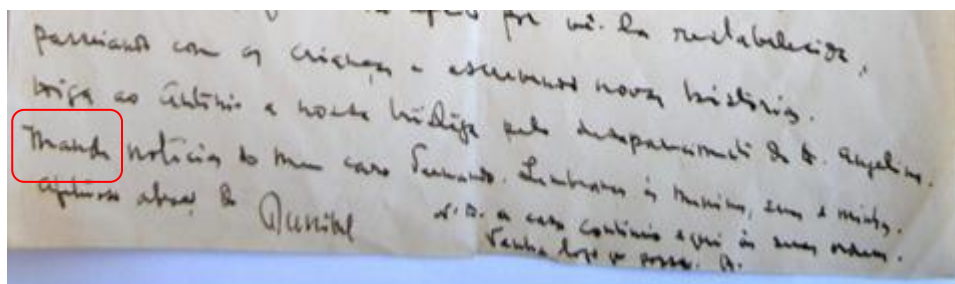


Imagem (20): Carta de AM. Rio de Janeiro, 01.10.1945

Construção imperativa com verbo *receber* em saudação final:

(365) Saudade as meninas e com o nosso querido Antonio. *Receba* o abraço fraternal do Anibal. (AM. Rio de Janeiro, 13.12.1945)

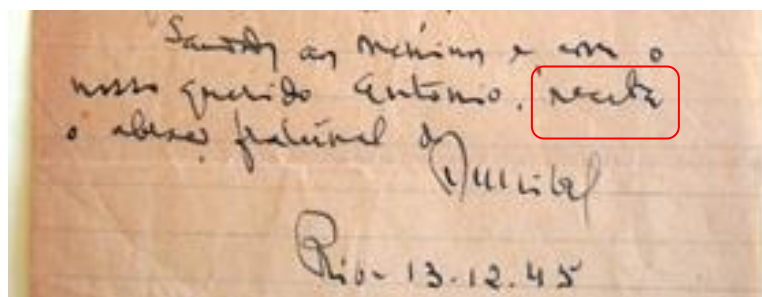


Imagem (21): Carta de AM. Rio de Janeiro, 13.12.1945

Construção imperativa com o verbo *escrever* em saudação final:

(366) Muito trabalho? *Escreva*, quando puder. (CDA. Rio de Janeiro, 09.10.1952)

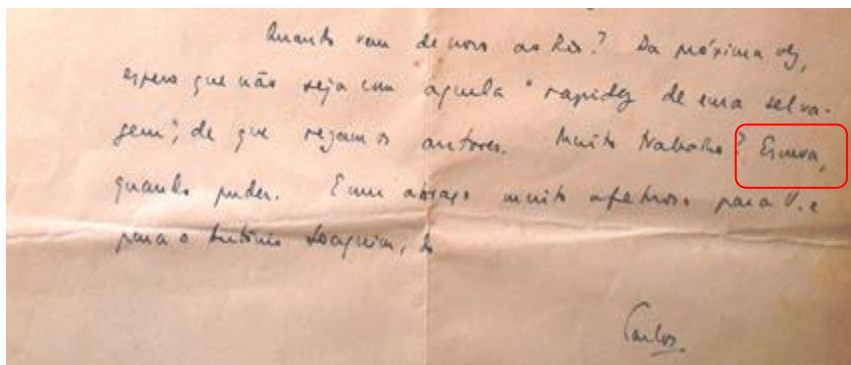


Imagem (22): Carta de CDA. Rio de Janeiro, 09.10.1952

Construção imperativa com o verbo *desculpar* em saudação final:

(367) *Desculpe* os erros e a caligrafia. (ESM. Boa Vista, 03.09.1918)

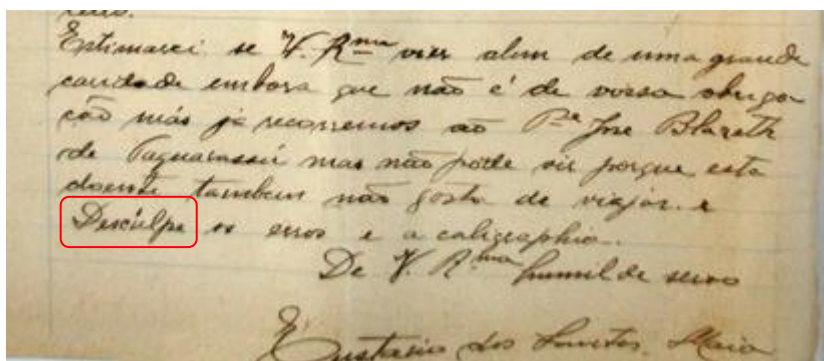


Imagem (23): Carta de ESM. Boa Vista, 03.09.1918

A análise da tabela (12) também possibilita observar que alguns verbos encontram-se localizados em mais de um tipo. Esse é o caso do verbo *dar*, classificado ora como de transferência, ora como de aproximação; do verbo *deixar*, que se apresenta como de transferência e do tipo “outros”; do verbo *guardar*, encontrado entre os verbos do tipo transferência e do tipo criação; do verbo *passar*, presente na categoria dos verbos do tipo transferência e do tipo “outros”; bem como do verbo *contar*, localizado na lista dos verbos do tipo comunicação e do tipo aproximação. De (368) a (377), são apresentadas e analisadas à luz de Castilho (2014, p. 593-595) as ocorrências que levaram a essa dupla classificação.

Construção imperativa com o verbo *dar* do tipo transferência:

(368) Raul *dê* por nós muitas recomendações aos teus companheiros. (V. Belo Horizonte, 30.11.1931)

Construção imperativa com o verbo *dar* do tipo aproximação:

(369) Lucy como vai? A moça é tímida, *dê* um jeito de puxar por ela, saia um pouco de sua casmurrice [...] se está casmurro (não sei se está), e *dê* uns empurrões nela, que precisa de patrono. (OLR. Bruxelas, 30.07.1959)

Em (368) o verbo *dar* é do tipo transferência por envolver um sujeito que desloca uma informação (recomendações) a alguém. Em (369), diferentemente, o verbo é do tipo aproximação, haja vista ligação metafórica proposta pelo escrevente a dois indivíduos.

Construção imperativa com o verbo *deixar* do tipo transferência:

(370) Quanto aos livros do Manual do Vinicultor, *deixe-os* na typographia até que eu chegue. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891)

Construção imperativa com o verbo *deixar* do tipo outros:

(371) Como você anda ocupado e eu estou deliciosamente à toa, aguardo o seu sinal. *Deixe* por em instante a burocracia! (OLR. Rio de Janeiro, 09.01.1957)

Em (370), o verbo *deixar* classifica-se como de transferência, haja vista que um objeto (livros) desloca-se de um ponto a outro por alguém. Já em (371), *deixar* não se enquadra nas classificações propostas.

Construção imperativa com o verbo *guardar* do tipo transferência:

(372) *Guarda* na geladeira. (AR. Belo Horizonte, 05.07.1960)

Construção imperativa com o verbo *guardar* do tipo criação:

(373) *Guarde* reserva disso para não alarmar ninguém. Escreva-me para o [inint.] cujo endereço o Albano tem. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936)

Nesses casos, enquanto em (372), o verbo *guardar* é de transferência, por representar um elemento (objeto nulo) mudado de um ponto a outro por um indivíduo, em (373) o verbo é de criação por envolver a produção de uma entidade (segredo) através do processo verbal.

Construção imperativa com o verbo *passar* do tipo transferência:

(374) Podes reformar o Directorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer ve si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-*passa* um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data)

Construção imperativa com o verbo *passar* do tipo outros:

(375) E não *passa* muito tempo sem escrever ainda que seja c/ exercício térmico, na expectativa dos momentos mais graves, em que a poesia se torna dominadora. (HL. s/ local, s/ data)

Em (374), o verbo *passar* é identificado como do tipo transferência já que se percebe um elemento (telegrama) em passagem de um lugar a outro pela ação de um sujeito. Em (375), de modo diferente, *passar* é do tipo “outros” por não se encaixar nas classificações propostas.

Construção imperativa com o verbo *contar* do tipo comunicação:

(376) Mande notícias, *conte* planos de trabalho, [inint.] o guia de Diamantina? (CDA. Rio de Janeiro, 25.04.1954)

Construção imperativa com o verbo *contar* do tipo aproximação:

(377) Mande detalhes escabrosos ou não acerca do caso e *conte*, desde já, com a nossa comum solidariedade. (OLR. Rio de Janeiro, 28.01.1949)

Nessas ocorrências, ao passo que em (376) o verbo *contar* classifica-se como de comunicação, dado que evidencia a transferência de uma informação de um sujeito a outro, em (377) o verbo identifica-se como de aproximação já que colabora para a união entre indivíduos.

Um aspecto que se destacou na análise verbos mapeados nas cartas mineiras foi a constante utilização de estruturas perifrásticas pelos escreventes na expressão do imperativo de 2SG. Castilho (2014, p. 447-452) discute o estatuto das perífrases, admitindo que, em alguns casos, os verbos podem combinar entre si formando uma estrutura perifrástica, composta por um verbo auxiliar flexionado (especificador) e um verbo auxiliado pleno (núcleo) em sua forma não finita. Na análise dos tipos de verbos, foram mapeadas perífrases de infinitivo com especificadores de modo, que adicionam nuances de sentido ao verbo pleno por meio do processo de modalização. Nesse caso, embora a marca formal do imperativo esteja no verbo auxiliar, os aspectos sintático-semântico responsáveis pela classificação de tipos residem no verbo pleno. De (378) a (387), são elencados alguns dados que confirmam a diversidade de itens (*token frequency*) e tipos (*type frequency*) que expressam o imperativo em estruturas perifrásticas.

Construções imperativas com o verbo *querer* em estrutura perifrástica:

(378) Queira aceitar recommendações nossas. (RAP. Caeté, 05.04.1915) – *verbo do tipo transferência*

(379) Queira você por mim transmittir ao Doutor Gorceix o meu desvanecimento pela sua visita á fabrica que eu desejo tão demorada quanto seja possível. (JP. Caeté, 30.12.1904) – *verbo do tipo transferência*

(380) Queira abençoar a afilhada que lhe quer muito bem. (CLB. Lambari, 15.07.1947) – *verbo do tipo comunicação*

(381) Por obsequio, queira me informar onde fôra editado o seu livro intitulado [...]. (AGN. Silvestre Ferraz, 03.06.1948) – *verbo do tipo comunicação*

(382) Queira diser ao Olyntho, que não deiche de nos escrever de 15 em 15 dias. (ME. Lagoa Santa, 18.10.1916) – *verbo do tipo comunicação*

Construções imperativas com o verbo *deixar* em estrutura perifrástica:

(383) Você não deixe de vir aqui passar uns dias connosco. (FAPJ. Caeté, 02.08.1913) – *verbo do tipo movimento*

(384) Você deseja lhe de arranjar-se mais qualquer para o envio. Não deixe de ir ver o Axel Munthe. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937) – *verbo do tipo comunicação*

Construções imperativas com o verbo *mandar* em estrutura perifrástica:

(385) *Manda* o Raymundo *despachar* o meu clach como encommenda pela estrada de ferro veio a casaca e elle não veio elle. (JP. Ouro Preto, 09.11.1890) – *verbo do tipo transferência*

(386) *Manda-me dizer* quanto precisa de dinheiro para poderes vir as ferias. (RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913) – *verbo do tipo comunicação*

(387) Quando eu te telegraphar você *manda fazer* a mudança será uns dous dias antes de eu chegar. (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891) – *verbo do tipo criação*

Uma vez analisadas as construções imperativas de 2SG em correlação com a frequência de cada verbo (*token frequency*) e com cada tipo de verbo (*type frequency*), prossegue-se com a descrição dos resultados neste caso voltados para as variáveis independentes extralinguísticas.

3.2.2. O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição das variáveis independentes extralinguísticas

Dedica-se esta seção à descrição e à análise dos resultados gerais das variáveis independentes extralinguísticas que podem condicionar o estatuto variável do imperativo de 2SG, a saber, (a) o período das cartas, (b) o subgênero de cada missiva (amorosa, amistosa, familiar), (c) o gênero e (d) a faixa etária do escrevente.

3.2.2.1. O período das cartas

Ao mapear as formas imperativas do *corpus* quanto às datas em que as missivas foram escritas, foram encontrados 359 dados⁵³. Essa análise tem o intuito de averiguar a distribuição das formas imperativas associadas ao indicativo e ao subjuntivo distribuídas ao longo das décadas de 1860 a 1990 a fim de comparar esses resultados com os dados de Rumeu (2016, p. 324) e Diniz (2018, p. 122) em relação a esse fator. A distribuição do imperativo de 2SG em função do tempo pode ser analisada, em termos percentuais, no gráfico (04), e, em números absolutos, na tabela (13).

⁵³ Os 359 dados analisados em relação ao tempo foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388 oco) mediante subtração dos dados de missivas nas quais as datas não foram identificadas (29 oco).

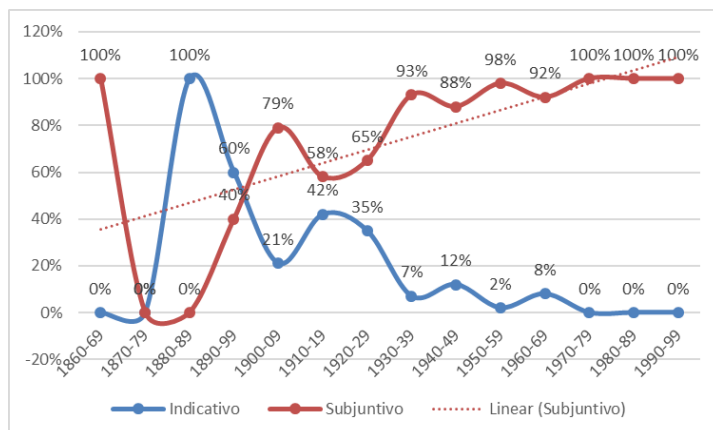


Gráfico (04): A distribuição das formas imperativas em função do tempo nas cartas mineiras (1860-1999)

EIXO DO TEMPO														
CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS	1860-69	1870-79	1880-89	1890-99	1900-09	1910-19	1920-29	1930-39	1940-49	1950-59	1960-69	1970-79	1980-89	1990-99
SUBJUNTIVO	3	0	0	15	27	28	11	68	45	59	12	14	6	1
INDICATIVO	0	0	1	23	7	20	6	5	6	1	1	0	0	0

Tabela (13): Distribuição das ocorrências das formas imperativas em função do tempo (1860-1999)

Esses dados permitem afirmar que o imperativo com formas supletivas prevaleceu na maior parte do tempo na amostra em análise, fenômeno visivelmente perceptível no gráfico (04) pela linha de tendência vinculada às formas subjuntivas que mostra uma trajetória ascendente. Ainda que o imperativo associado ao subjuntivo tenha predominado, é relevante notar uma acentuada concorrência entre as formas verdadeiras e supletivas nas décadas de 1890 a 1920. Se inicialmente (1890-1899) as formas indicativas (60%, 23 oco) superavam com pequena margem quantitativa as subjuntivas (40%, 15 oco), em seguida (1900-1999) as subjuntivas (79%, 27 oco) mostraram-se mais numerosas que as indicativas (21%, 7 oco), para logo depois (1910-1920), as formas indicativas (42%, 20 oco) voltarem a concorrer sutilmente com as subjuntivas (58%, 28 oco) e, a partir de então, serem ultrapassadas pelas formas subjuntivas até o fim do período analisado, a ponto de, a partir da década de 1970, só se registrarem na amostra dados de imperativo supletivo. Esses índices dialogam com os resultados obtidos por Rumeu (2016, p. 324) e Diniz (2018, p. 122), na medida em que nas cartas cariocas, ainda que com índices quantitativos diferentes, houve uma intensa concorrência entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo entre as décadas de 1870 e 1920 com consolidação das formas do imperativo associado ao subjuntivo nas décadas posteriores, indicando possivelmente a inserção do *você* no sistema pronominal (Rumeu, 2019, p. 34).

A fim de localizar no tempo os vestígios do *imperativo abraileirado* (forma imperativa associada ao indicativo em contexto de *você-sujeito*, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121) nas cartas mineiras, 250 formas imperativas⁵⁴ foram correlacionadas ao contexto de sujeito das cartas e distribuídas ao longo das décadas de 1890 e 1980⁵⁵. A distribuição das formas imperativas associadas ao indicativo e ao subjuntivo em função do sujeito das cartas no eixo do tempo pode ser verificada na tabela (14).

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)						
EIXO DO TEMPO	CARTAS DE TU- SUJ.		CARTAS DE VOCÊ- SUJ.		CARTAS MISTAS (TU/VC)	
	IND.	SUBJ.	IND.	SUBJ.	IND.	SUBJ.
1890-1899	3/4 (75%)	1/4 (25%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)	12/18 (33%)	6/18 (67%)
1900-1909	3/12 (75%)	9/12 (25%)	-	5/5 (100%)	2/8 (25%)	6/8 (75%)
1910-1919	10/14 (71%)	4/14 (29%)	-	3/3 (100%)	4/5 (80%)	1/5 (20%)
1920-1929	1/1 (100%)	-	2/3 (67%)	1/3 (33%)	-	-
1930-1939	3/9 (33%)	6/9 (67%)	1/49 (2%)	48/49 (98%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)
1940-1949	1/1 (100%)	-	3/40 (8%)	37/40 (92%)	2/2 (100%)	-
1950-1959	-	-	1/58 (2%)	57/58 (98%)	-	-
1960-1969	-	-	-	6/6 (100%)	-	-
1970-1979	-	-	-	7/7 (100%)	-	-
1980-1989	-	-	-	1/1 (100%)	-	-

Tabela (14): Distribuição das formas imperativas em função do sujeito das cartas no eixo do tempo (1890-1989)

⁵⁴ Os 250 dados analisados ao longo do tempo em função do sujeito das cartas foram obtidos com base no número total de ocorrências (388 oco), do qual foram subtraídos os dados de cartas nas quais as datas não foram identificadas (29 oco) e os dados de cartas que apresentaram outra forma nominal de tratamento (114 oco). Entre esses dois fatores excluídos, havia 5 oco em comum que devem ser contabilizadas uma só vez.

⁵⁵ O período 1890-1989 foi selecionado nesse caso uma vez que em 1860-1869 e 1990-1999 os dados mapeados pertenciam a cartas com outra forma nominal de tratamento (FNT) e em 1870-1879 não foram registrados dados de imperativo na amostra.

A tabela (14) possibilita localizar os vestígios do *imperativo abasileirado* nas cartas mineiras ao longo do período analisado nas formas imperativas indicativas tanto nas cartas de *você-sujeito* exclusivo quanto possivelmente nas cartas mistas, de *tu/você-sujeito*. Nas cartas de *você* em posição de sujeito, foram mapeados 1 oco de *imperativo abasileirado* em 1890-1899, 2 oco em 1920-1929, 1 oco em 1930-1939, 3 oco em 1940-1949 e 2 oco em 1950-1959, totalizando 9 oco. Nas cartas de mistas, com *tu* e *você* na posição de sujeito, as ocorrências de *imperativo abasileirado* parecem ter sido numericamente superiores: 12 oco em 1890-1899, 2 oco em 1900-1909, 4 oco em 1910-1919, 1 oco em 1930-1939 e 2 oco em 1940-1949, resultando no total de 21 oco possíveis. A primeira ocorrência de *imperativo abasileirado* no período selecionado pode ser vista no exemplo (388) com seu respectivo fac-símile na imagem (24).

(388) Recebeu o berço? Como é que você diz que eu não lembro do nosso bemsinho? Tudo que eu digo para a minha negra também pertence a elle e por isso lembrando a todo o momento de ti, minha Helena, eu lembro do nosso bemsinho. *Manda* o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro veio a casa-ca e elle não veio elle. (JP. Ouro Preto, 09.11.1890) – carta de *você-suj*

Recebeu o berço? Como é que você diz que eu não lembro do nosso bemsinho? Tudo que eu digo para a minha negra também pertence a elle e por isso lembrando a todo o momento de ti, minha Helena, eu lembro do nosso bemsinho.

Manda o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro; veio a casa-ca e elle não veio elle. Minha

Imagem (24): Carta de JP. Ouro Preto, 09.11.1890

De (389) a (394), são selecionados outros dados como possíveis vestígios do *imperativo abasileirado* ao longo do tempo, contemplando cada década analisada.

(389) Se quiseres poderás voltar no outro dia. Eu avisarei por telegramma. *Desculpa* o cumprimento da carta. Ao menos verás que as ideias aqui fructificão logo, e não se-transfor-mão em conversa fiada. (JP. Caeté, 28.01.1901) – *carta mista*

(390) [...] queixa-se de que você não lhe escreve. *Aceita* lembrança de minha família e de mais alguns parentes e pessoas de nossa amisade. (FAPJ. Caeté, 14.10.1917) – *carta mista*

(391) *Recebe* lembranças do Barbosa Regina, Levy e muitos beijinhos das meninas. *Abraça* por mim a tia Sinhá e as meninas. (L. Thebas-MG, 24.01.1925) – *carta de você-sujeito*

(392) No maes *aceita* de seus irmãos muitos recomendações e uma carrada de abraços de sua Irma Stella. (S. Belo Horizonte, 18.01.1932) – *carta de você-sujeito*

(393) Lucia, se estás disposta a não ter conforto, *vem* desde já; se não, *espera* que a nova tribu Delio – Celina volta, o que se dará dentro de poucos dias. (AM. Rio de Janeiro, XX.01.1944) – *carta mista*

(394) Beije em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto. (PP. s/ local, 14.05.1955) – *carta de você-sujeito*

Desse modo, discutidas as ocorrências das formas imperativas em função das datas, procede-se à análise do imperativo de 2SG em relação ao subgênero das cartas pessoais.

3.2.2.2. Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar

As ocorrências de imperativo de 2SG foram analisadas em relação ao subgênero das cartas pessoais com o intuito averiguar a distribuição do imperativo em função das cartas amorosas, amistosas e familiares. A hipótese, à luz de Pereira (2012, p. 68, 134) e de Silva (2013, p. 20-21), é a de que as cartas amorosas favoreçam o imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai*), enquanto as cartas amistosas e familiares impulsionem o imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá*). A organização dos 274 dados⁵⁶ em relação ao subgênero das cartas conjugado à posição de sujeito pode ser vista na tabela (15).

⁵⁶ Os 274 dados analisados em relação ao subgênero das cartas correlacionados à posição de sujeito foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388) mediante subtração dos dados daquelas missivas com outra forma nominal de tratamento na posição de sujeito (114).

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG: SUBGÊNEROS DAS CARTAS PESSOAIS					
SUJEITO NAS CARTAS	FORMAS	AMOROSA (8 CARTAS)	AMISTOSA (76 CARTAS)	FAMILIAR (118 CARTAS)	TOTAL (202 CARTAS)
CARTAS DE TU-SUJ.	INDICATIVO	3/4 (75%)	1/2 (50%)	19/42 (45%)	48/274 (18%)
	SUBJUNTIVO	1/4 (25%)	1/2 (50%)	23/42 (55%)	
CARTAS DE VOCÊ-SUJ.	INDICATIVO	1/2 (50%)	1/103 (1%)	7/86 (8%)	191/274 (70%)
	SUBJUNTIVO	1/2 (50%)	102/103 (99%)	79/86 (92%)	
CARTAS MISTAS (TU/VC)	INDICATIVO	4/4 (100%)	10/18 (56%)	7/13 (54%)	35/274 (13%)
	SUBJUNTIVO	-	8/18 (44%)	6/13 (46%)	
TOTAL		Ind: 8/10 (80%) Sub: 2/10 (20%)	Ind: 12/123 (10%) Sub: 111/123 (90%)	Ind: 33/141 (23%) Sub: 108/141 (77%)	274/274 (100%)

Tabela (15): Distribuição das formas imperativas em função do sujeito e do subgênero das cartas

Os dados permitem confirmar a hipótese de Pereira (2102, p. 68, 134) e de Silva (2013, p. 20-21) em relação a esse contexto. Enquanto nas missivas amorosas, houve predominância do imperativo verdadeiro (80%, 8 oco) sobre o supletivo (20%, 2 oco); nas missivas amistosas e nas missivas familiares, houve prevalência do imperativo supletivo (amistosa: 90%, 111 oco; familiar: 77%, 108 oco) sobre o imperativo verdadeiro (amistosa: 10%, 12 oco; familiar: 23%, 33 oco). Esses resultados dialogam parcialmente com os dados de Diniz (2018, p. 130) com base nas cartas cariocas, nas quais, embora o imperativo supletivo, tal como se supunha, tenha predominado nas cartas de amistosa (96%, 120 oco), houve, contrariando as expectativas, uma concorrência entre o imperativo supletivo e o imperativo verdadeiro nas cartas amorosas (ind.: 47%, 18 oco; subj.: 53%, 20 oco) e familiares (ind.: 47%, 266 oco; subj.: 53%, 302 oco).

Além de permitir a visualização da distribuição geral dos dados da expressão variável do imperativo em relação ao subgênero das missivas, a tabela (15), ao cotejar esse fator com o contexto de sujeito das cartas, possibilita a observação da influência da tradição gramatical na escrita mineira. Nesse sentido, tendo em perspectiva que a tradição licencia o imperativo verdadeiro apenas em contexto de *tu-sujeito* e o imperativo supletivo somente em contexto de *você-sujeito*, analisa-se a concorrência entre as formas do imperativo verdadeiro e as formas do imperativo supletivo nos subgêneros das missivas. Enquanto o imperativo associado ao subjuntivo mostrou-se mais produtivo que o imperativo ligado ao indicativo nas cartas com

você-sujeito tanto de amistosa (99%, 102 oco) quanto familiares (92%, 79 oco); o imperativo do indicativo superou percentualmente o imperativo do subjuntivo nas cartas amorosas com *tu-sujeito* (75%, 3 oco). Assim, pode-se afirmar que a influência da tradição gramatical foi expressiva nessas missivas, considerando que, nesse caso, a distribuição complementar entre as formas imperativas e a referência de sujeito de 2SG foi respeitada. Todavia, nos outros contextos, a informalidade parece ter guiado a escrita mineira, uma vez que houve uma intensa concorrência entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo, contrariando a prescrição da norma. Essa alternância pode ser comprovada nas cartas com *tu-sujeito* amistosas (ind.: 50%, 1 oco; subj.: 50%, 1 oco) e familiares (ind.: 45%, 19 oco; subj.: 55%, 23 oco); nas cartas com *você-sujeito* amorosas (ind.: 50%, 1 oco; subj.: 50%, 1 oco); e nas cartas com *tu/você-sujeito* amistosas (ind.: 56%, 10 oco; subj.: 44%, 8 oco) e familiares (ind.: 54%, 7 oco; subj.: 46%, 6 oco). Desse modo, a depender a existência ou não de uma correlação entre as construções imperativas e a referência discursiva de sujeito de 2SG, pode-se atestar uma maior ou menor atuação da tradição gramatical nos subgêneros das cartas.

Para além de possibilitar a observação da influência da norma-padrão nas missivas, a tabela (15), ao expor a correlação entre os sujeito e subgênero das cartas, permite também mapear os rastros do *imperativo abraileirado* (forma imperativa do indicativo em contexto de *você-sujeito*, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121) nas missivas mineiras. Nesse sentido, identifica-se possivelmente um total 30 oco *abraileiradas* de imperativo nas cartas com *você-sujeito* e com *tu/você-sujeito* distribuídas entre as amorosas (16%, 5/30 oco), as amistosas (36%, 11/30 oco) e as familiares (48%, 14/30 oco). Ainda que as amostras não apresentem equanimidade em números absolutos, percentualmente é possível perceber um gradualismo crescente na expressão do *imperativo abraileirado* nas cartas amorosas (16%), amistosas (36%), e familiares (48%) nessa ordem. Assim, uma vez que o *abraileiramento* do imperativo pode ser concebido como um indício do vernáculo dos escreventes na medida em que não é preconizado pela tradição gramatical, admite-se afirmar que os traços de informalidade que constituem a expressão do vernáculo dos escreventes mostraram-se mais evidentes a princípio nas cartas familiares, em seguida, nas cartas amistosas e, por fim, nas cartas amorosas. De (395) a (400), são elencados alguns vestígios em potencial do *imperativo abraileirado* em função do subgênero das cartas.

Construções de *imperativo abrasileirado* em carta com *você-sujeito*:

(395) *Manda* o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro veio a casaca e elle não veio elle. (JP. Ouro Preto, 09.11.1890) – *carta amorosa*

(396) Beije em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto. (PP. s/ local, 14.05.1955) – *carta familiar*

(397) No maes *aceita* de seus irmãos muitos recomendações e uma carrada de abraços de sua Irma Stella. (S. Belo Horizonte, 18.01.1932) – *carta amistosa*

Construções de *imperativo abrasileirado* em carta com *tu/você-sujeito*:

(398) Quando eu te telegraphar você *manda* fazer a mudança será uns dous dias antes de eu chegar. (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891) – *carta amorosa*

(399) *Olha* Calogeras, isso d. codigos d. autonomias, d. leis eleitoraes d. grossa discurseira com soberbas figuras d. rettorica, não vale dous caroches. (JP. Caeté, 25.02.1905) – *carta familiar*

(400) *Manda-me* dizer quanto precisa de dinheiro para poderes vir as ferias. (RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913) – *carta amistosa*

Dessa forma, uma vez analisadas as ocorrências da expressão do imperativo em relação ao subgênero das cartas, procede-se, na próxima seção, à abordagem das formas imperativas em função do gênero e da idade do missivista.

3.2.2.3. O gênero e a faixa etária do escrevente

As construções imperativas das cartas mineiras foram codificadas em relação ao gênero do escrevente (homem ou mulher), uma vez que esse fator pode determinar a opção do missivista por formas do imperativo verdadeiro ou por formas do imperativo supletivo. A hipótese em relação ao gênero dos missivistas, à luz de Cardoso (2009, p. 84), é a de que, enquanto os homens tenham preferência pelo imperativo supletivo, as mulheres façam a opção pelo imperativo verdadeiro. A distribuição dos 274 dados⁵⁷ de imperativo de 2SG em função do gênero dos escreventes correlacionados ao contexto discursivo de sujeito das cartas pode ser observada na tabela (16).

⁵⁷ Os 274 dados analisados sobre o gênero do escrevente correlacionados ao sujeito das cartas foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388) mediante subtração dos dados daquelas missivas com outra forma nominal de tratamento na posição de sujeito (114).

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG: GÊNERO DOS MISSIVISTAS				
SUJEITO NAS CARTAS	FORMAS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
CARTAS DE TU-SUJ.	INDICATIVO	18/30 (60%)	5/18 (28%)	48/274 (18%)
	SUBJUNTIVO	12/30 (40%)	13/18 (72%)	
CARTAS DE VOCÊ-SUJ.	INDICATIVO	3/155 (2%)	6/36 (17%)	191/274 (70%)
	SUBJUNTIVO	152/155 (98%)	30/36 (83%)	
CARTAS MISTAS (TU/VC)	INDICATIVO	20/29 (69%)	1/6 (17%)	35/274 (13%)
	SUBJUNTIVO	9/29 (31%)	5/6 (83%)	
TOTAL		Ind: 41/214 (19%) Sub: 173/214 (81%)	Ind: 12/60 (20%) Sub: 48/60 (80%)	274/274 (100%)

Tabela (16): Distribuição das formas imperativas em função do sujeito das cartas e do gênero dos missivistas

À primeira vista, os dados da tabela (16) podem levar ao entendimento de que houve uma equanimidade percentual na utilização das formas imperativas homens (indicativo: 19%, 41 oco; subjuntivo: 81%, 173 oco) e mulheres (indicativo: 20%, 12 oco; subjuntivo: 80%, 48 oco). Esses números parecem ocorrer devido à falta de equilíbrio numérico entre as amostras por gênero do missivista, realidade muito comum em pesquisas históricas, tendo em vista a dificuldade de encontrar testemunhos que se preservaram ao longo do tempo. Ainda assim, consciente do alcance limitado das generalizações em vista dessa questão, os números da tabela (16), ao cotejar o contexto de sujeito das cartas com a variável gênero, permitem confirmar em parte a hipótese de Cardoso (2009, p. 84) sobre a utilização das formas imperativas pelo gênero masculino e pelo gênero feminino. Nas cartas mineiras, as mulheres, diferentemente do estipulado, optaram pelas formas subjuntivas em todos os contextos: nas cartas de *tu-sujeito* (72%, 13 oco), nas cartas de *você-sujeito* (83%, 30 oco) e nas cartas *tu/você-sujeito* (83%, 5 oco). Entrementes, os homens, como se supunha, escolheram as formas subjuntivas nas cartas de *você-sujeito* (98%, 152 oco), todavia, contrariando as expectativas, selecionaram as formas indicativas nas cartas de *tu-sujeito* (60%, 18 oco) e nas cartas de *tu/você-sujeito* (69%, 20 oco). Esses índices concordam parcialmente com os resultados de Diniz (2018, p. 124), uma vez que nas cartas do Rio de Janeiro, em contexto de *tu-sujeito*, prevaleceu o imperativo verdadeiro (homens: 70%, 88 oco; mulheres: 69%, 73 oco); em âmbito de *você-sujeito*, predominou o imperativo supletivo (homens: 83%, 147 oco; mulheres: 89%, 119 oco) e, em caso de *tu/você-sujeito*, houve uma acentuada concorrência entre o imperativo verdadeiro (homens: 48%, 29 oco; mulheres: 43%, 56 oco) e o imperativo

supletivo (homens: 52%, 31 oco; mulheres: 57%, 75 oco). De (401) a (412), abordam-se algumas ocorrências que ilustram o uso das formas imperativas por homens e mulheres.

Construções imperativas utilizadas por homens em cartas de *tu-sujeito*:

(401) *Faz* paralisar todas as medidas para o Serro. (JP. s/local, s/ data) – *imperativo verdadeiro*

(402) *Tenha* a bondade de mandar-me notícias de Mandinha, quem muito me recommendo. (FAPJ. Caeté, 14.10.1916) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por homens em cartas de *você-sujeito*:

(403) Beijei em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [inint.] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto (PP. s/ local, 14.05.1955) – *imperativo brasileiro*

(404) *Diga* a Papae que vou entender-me com o Frederico sobre os cobres aqui deixados [...]. (AR. Belo Horizonte, 06.01.1937) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por homens em cartas de *tu/você-sujeito*:

(405) *Clama* aos que amão por que as almas eleitas somente podem amar assim [...]. (JP. Caeté, 29.12.1896) – *imperativo brasileiro*

(406) Elle te-escreverá e você *extranhe* na resposta que o mesmo começasse a negociar assim. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por mulheres em cartas de *tu-sujeito*:

(407) *Dize* ao J. Carlos que apreciei escrever a peça de ontem [...]. (MJLB. Lambari, 04.08.1941) – *imperativo verdadeiro*

(408) Raul *dê* por nós muitas recomendações aos teus companheiros [...]. (V. Belo Horizonte, 30.11.1931) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por mulheres em cartas de *você-sujeito*:

(409) Machado e meus filhos muito te recommenda e *aceita* um abraço de sua irmã que muito te estima (OAAP. Lagoa Santa, 28.02.1918) – *imperativo brasileiro*

(410) Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma casa do Chile para você. *Mande* dizer-nos. (AVP. Santiago, 06.11.1962) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por mulheres em cartas de *tu/você-sujeito*:

(411) *Lembra* me especialmente á Maria do Carmo. (AL. Ibiracy, 04.09.1931) – *imperativo brasileiro*

(412) A lembrança de Caio está guardada para quando fôr á Simão, *diga* a elle que não se esqueça da Dindinha que tanto o âma. (MBCS. s/ local, 17.05.1903) – *imperativo supletivo*

A distribuição das formas imperativas em função do gênero dos missivistas correlacionado à referência de sujeito de 2SG na tabela (16) admite a possibilidade de apreensão da influência da tradição gramatical sobre os missivistas mineiros. Assim, considerando que as gramáticas normativas prescrevem o *tu-sujeito* para o imperativo verdadeiro e o *você-sujeito* para o imperativo supletivo, tecem-se reflexões sobre a atuação da norma na expressão do imperativo pelos escreventes masculinos e femininos. Nesse sentido,

pode-se afirmar que as mulheres mineiras deixaram-se guiar pela norma-padrão de modo mais evidente no contexto das cartas de *você-sujeito*, em que houve a prevalência do imperativo supletivo (83%, 30 oco), manifestando “desvios” mais expressivos nas cartas de *tu* como *sujeito*, nas quais o imperativo supletivo predominou (72% 13 oco). Entrementes, os homens mineiros mostraram-se mais influenciados pela tradição tanto nas cartas com *tu* quanto nas cartas com *você* na referência de sujeito, nas quais predominaram, respectivamente, o imperativo verdadeiro (60% 18 oco) e o imperativo supletivo (98%, 152 oco). Essas considerações permitem afirmar que, na escrita mineira, no âmbito das formas imperativas, as missivistas femininas, uma vez mais influenciadas pela tradição gramatical somente no contexto de cartas de *tu-sujeito*, parecem ter sido guiadas pela informalidade de modo mais significativo, “desviando-se” mais do que os missivistas masculinos. Assim, levando em conta que, cf. Scherre (2007, p. 212), a expressão variável do imperativo não é um fenômeno socialmente marcado, esses resultados evidenciam a confirmação do *Paradoxo do gênero*, segundo o qual as “mulheres desviam menos das normas linguísticas do que os homens quando os desvios são publicamente proibidos, mas desviam mais do que eles quanto os desvios não são proibidos” (LABOV, 2001, p. 367, *apud* SCHERRE *et al.*, 2011, p.16).

Além de possibilitar a observação da influência da tradição sobre dados de imperativo em relação ao gênero, a tabela (16) permite a visualização dos rastros de *imperativo abasileirado* empregados por escreventes masculinos e femininos nas missivas mineiras. Enquanto nas cartas de *você-sujeito*, foram registradas 9 oco possíveis de *imperativo abasileirado*: 3 oco (33%) de homens e 6 oco de mulheres (66%); nas cartas de *tu/você-sujeito*, foram identificadas 21 oco possíveis desse fenômeno: 20 oco de homens (95%) e 1 oco de mulheres (5%). Desse modo, ao analisar esses números, embora se perceba em linhas gerais uma maior produtividade do *abasileiramento* do imperativo entre os homens (77%, 23 oco) do que entre as mulheres (23%, 7 oco), é bastante significativo que em contexto de *você-sujeito* as mulheres (66%, 6 oco) estejam à frente dos homens (33%, 3 oco) na condução do fenômeno. Essa situação parece confirmar a tese de que as mulheres tenderiam a incorporar formas inovadoras em um processo de mudança linguística sem estigma social (LABOV, 2001 *apud* BERGS, 2012, p. 89), dado que, cf. Scherre (2007, p. 212), o *imperativo abasileirado* consiste em uma construção sem rechaço na sociedade. De todo modo, uma vez analisada a distribuição das formas do imperativo de 2SG em função do gênero do escrevente, prossegue-se com análise da expressão variável tendo em vista a faixa etária do missivista.

Os dados de imperativo presentes na amostra foram mapeados de acordo com a idade do signatário da carta, seja ele um missivista jovem (14 a 30 anos), adulto (31 a 50 anos) ou idoso (mais de 50 anos). Esse controle tem como intuito verificar a atuação da faixa etária do indivíduo sobre a expressão binária do imperativo (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo). A hipótese, cf. Scherre (2007, p. 207) é a de que, enquanto os adultos e idosos optem pelas formas supletivas do imperativo, os jovens optem pelas formas verdadeiras desse modo verbal. A organização dos 241 dados⁵⁸ de imperativo tendo em vista a idade dos missivistas em correlação com o contexto discursivo de sujeito de 2SG pode ser analisada na tabela (17).

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG: FAIXA ETÁRIA DOS MISSIVISTAS					
SUJEITO NAS CARTAS	FORMAS	JOVENS	ADULTOS	IDOSOS	TOTAL
CARTAS DE TU- SUJ.	INDICATIVO	9/17 (53%)	5/6 (83%)	8/18 (44%)	48/241 (18%)
	SUBJUNTIVO	8/17 (47%)	1/6 (17%)	10/18 (56%)	
CARTAS DE VOCÊ-SUJ.	INDICATIVO	1/49 (2%)	2/76 (3%)	1/40 (2%)	191/241 (70%)
	SUBJUNTIVO	48/49 (98%)	74/76 (97%)	39/40 (98%)	
CARTAS MISTAS (TU/VC)	INDICATIVO	6/13 (46%)	13/16 (81%)	2/6 (33%)	35/241 (13%)
	SUBJUNTIVO	7/13 (54%)	3/16 (19%)	4/6 (67%)	
TOTAL		Ind: 16/79 (20%)	Ind: 20/98 (19%)	Ind: 11/64 (17%)	241/241 (100%)
		Sub: 63/79 (80%)	Sub: 78/98 (81%)	Sub: 53/64 (83%)	

Tabela (17): Distribuição das formas imperativas em função do sujeito das cartas e da idade dos missivistas

Apesar da relativa equivalência em termos percentuais de utilização das formas imperativas por jovens (indicativo: 20%, 79 oco; subjuntivo: 80%, 63 oco), adultos (indicativo: 19%, 20 oco; subjuntivo: 81%, 78 oco) e idosos (indicativo: 17%, 11 oco; subjuntivo: 83%, 53 oco) provavelmente em decorrência da falta de equilíbrio numérico entre as amostras, a interpretação da tabela (17) permite confirmar, mesmo que parcialmente, a hipótese de Scherre (2007, p. 207) sobre a influência da faixa etária na expressão variável do

⁵⁸ Os 241 dados analisados em relação à faixa etária do escrevente em cotejo com o sujeito das cartas foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388 oco) mediante subtração dos dados tanto de missivas com outra forma nominal de tratamento na posição de sujeito (114 oco) quanto de missivas em que a idade dos escreventes não pode ser aferida (65 oco). Entre esses dois fatores excluídos, havia 32 oco em comum que devem ser contabilizadas uma só vez.

imperativo. Entre os escreventes mineiros jovens, diferentemente do estipulado, houve uma intensa concorrência entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo nas cartas de *tu-sujeito* (ind.: 53%, 9 oco; subj.: 47%, 8 oco) e nas cartas de *tu/você-sujeito* (ind.: 46%, 6 oco; subj.: 54%, 7 oco), com pequena vantagem de favorecimento das formas indicativas no primeiro caso e das formas subjuntivas no segundo. Além disso, nas cartas de *você-sujeito*, houve uma predominância praticamente absoluta do imperativo supletivo (98%, 48 oco) sobre o imperativo verdadeiro (2%, 1 oco). Entre os indivíduos adultos, como esperado, o imperativo supletivo (97%, 74 oco) superou quantitativamente o verdadeiro nas cartas de *você-sujeito*, entretanto, nas cartas de *tu-sujeito* (83%, 5 oco) e nas cartas de *tu/você-sujeito* (81%, 13 oco), houve prevalência do imperativo verdadeiro em detrimento do imperativo supletivo. Por fim, entre os missivistas idosos, tal como se especulava, o imperativo supletivo suplantou o imperativo verdadeiro tanto nas cartas de *você-sujeito* (ind.: 98%, 39 oco; subj.: 2%, 1 oco) quanto nas cartas de *tu/você-sujeito* (ind.: 67%, 4 oco; subj.: 33%, 2 oco), todavia, contrariando as expectativas, nas cartas de *tu-sujeito* houve uma significativa alternância entre as formas indicativas (44%, 8 oco) e subjuntivas (56%, 10 oco) do imperativo. Esses dados não corroboram totalmente a pesquisa de Diniz (2018, p. 129) com base nas missivas cariocas, uma vez que seus resultados indicam para uma prevalência do imperativo verdadeiro em cartas de *tu-sujeito* assinadas por adultos (71%, 115 oco) e idosos (79%, 34 oco) e em cartas de *tu/você-sujeito* de escreventes idosos (69%, 42 oco); para uma expressiva concorrência entre as formas subjuntivas e indicativas nas cartas de *tu-sujeito* (52%, 13 oco) e de *tu/você-sujeito* (58%, 19 oco) subscritas por jovens; e para uma predominância do imperativo supletivo nas cartas de *tu/você-sujeito* de missivistas adultos (71%, 68 oco) bem como nas cartas de *você-sujeito* assinadas por jovens (71%, 72 oco), adultos (93%, 152 oco) e idosos (95%, 36 oco). De (413) a (430), são elencados alguns dados que exemplificam a utilização das formas imperativas pelos mineiros jovens, adultos e idosos.

Construções imperativas utilizadas por jovens em cartas de *tu-sujeito*:

(413) *Recebe* nesta carta o coração que neste mundo só tem amado a você e a você amará para sempre. (JP. Rio de Janeiro, 14.02.189) – *imperativo verdadeiro*

(414) [...] ha tempos que não te escrevo mas nunca *reparaes* pois não tenho idéas para escrever mais [...]. (OAAP. Lagoa Santa, 28.02.1918) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por jovens em cartas de *você-sujeito*:

(415) *Manda* o Raymundo despachar o meu clach como encomenda pela estrada de ferro veio a casaca e elle não veio elle. (JP. Ouro Preto, 09.11.1890) – *imperativo abasileirado*

(416) *Procure-o* na Secretaria do Capanema, secção de Demographia e faça a entrega solenemente. (AR. Belo Horizonte, 13.01.1931) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por jovens em cartas de *tu/você-sujeito*:

(417) Quando eu te telegraphar você *manda* fazer a mudança será uns dous dias antes de eu chegar. (JP. Rio de Janeiro, 15.02.1891) – *imperativo abraileirado*

(418) Recebida a encomenda, *mande-me* com urgencia amostra do papel e material necessario e tambem a quantidade precisa para eu despachar logo. (JP. Rio de Janeiro, 25.10.1891) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por adultos em cartas de *tu-sujeito*:

(419) *Recebe* abraços e bençãos de Mamãe, assim como a expressão da affectuosa amizade de sua irmã Henriqueta (HL. Lambari, 10.04.1933) – *imperativo verdadeiro*

(420) *Tenha* a bondade de mandar-me noticias de Mandinha, quem muito me recommendo. (FAPJ. Caeté, 14.10.1916) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por adultos em cartas de *você-sujeito*:

(421) [...] só estão desocupadas duas casas de Vivalde em toda a cidade. Vai à parte uma encomenda: *abraça e beija* a mana muito amiga [...]. (MJLB. Lambari, 01.12.1944) – *imperativo abraileirado*

(422) Esse nosso amigo suggeriu-lhe consultar o Eduardo Rabello, mas creio que ele [inint.] não foi. *Guarde* reserva disso para não alarmar ninguem. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por adultos em cartas de *tu/você-sujeito*:

(423) Chorar! é bom chorar meo amigo, *chora* o anjo da tua existencia que se-foi para a tua alma não sei que grosseira consolação inventaria senão esta [...]. (JP. Caeté, 29.12.1896) – *imperativo abraileirado*

(424) Você não *deixe* de vir aqui passar uns dias connosco. (FAPJ. Caeté, 02.08.191) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por idosos em cartas de *tu-sujeito*:

(425) *Desculpa* este meu modo franco, que nada afinal tem com você. (RAAP. Lagoa Santa, 08.03.1917) – *imperativo verdadeiro*

(426) [...] acho que está muito novinho é uma pena, coitadinho, *deiche* ele brincar mais 2 annos. (MBCS. São João, 09.07.1903) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por idosos em cartas de *você-sujeito*:

(427) *Lembra* seu Pae que no dia 28 acabou o mez della. (MRVL. s/ local, 02.02.1946) – *imperativo abraileirado*

(428) Elvina já melhorou? *Faça* uma visita por mim. (MRVL. s/ local, 08.02.1951) – *imperativo supletivo*

Construções imperativas utilizadas por idosos em cartas de *tu/você-sujeito*:

(429) *Manda-me* dizer quanto precisa de dinheiro para poderes vir as ferias. (RAAP. Lagoa Santa, 08.06.1913) – *imperativo abraileirado*

(430) *Mande-me* diser como vai de can-didatura, pois estou ansiosa por saber se você tem esperança de entrar na chapa do Governo [...]. (MBCS. s/ local, 17.05.1903) – *imperativo supletivo*

Levando em consideração que a distribuição complementar das formas imperativas em função do contexto de sujeito de 2SG prevê, segundo a tradição gramatical, que o imperativo verdadeiro realize-se com *tu-sujeito* e que o imperativo supletivo expresse-se com *você-sujeito*, é possível tecer considerações acerca da atuação da norma sobre os escreventes segundo sua faixa etária com base nos índices da tabela (17). Nesse sentido, os jovens (98%, 48 oco) e os idosos (98%, 39 oco) parecem se conduzir pela tradição gramatical de modo mais expressivo somente nas cartas de *você-sujeito*, em que as formas subjuntivas predominaram, desviando-se mais intensamente da norma-padrão nas cartas de *tu-sujeito*, em que houve uma acirrada concorrência entre as formas imperativas nos dois casos (jovens: 53%, 9 oco de ind. e 47%, 8 oco de subj.; idosos: 44%, 8 oco de ind. e 56%, 10 oco de subj.). Diferentemente dos jovens e idosos, os adultos deixaram-se guiar predominantemente pela norma tanto nas cartas de *tu-sujeito* quanto nas cartas de *você-sujeito*, nas quais prevaleceram, respectivamente imperativo verdadeiro (83%, 5 oco) e o imperativo supletivo (97%, 74 oco). Desse modo, pode-se afirmar que, nas cartas mineiras analisadas, a norma-padrão atuou de maneira mais intensa sobre a escrita dos adultos do que as dos jovens e dos idosos, uma vez que esses últimos apresentaram mais traços de informalidade na expressão do imperativo.

Além de possibilitar a reflexão em relação à influência da norma sobre os escreventes, a tabela (17), ao organizar os dados quanto à referência de sujeito de 2SG, viabiliza a identificação de possíveis vestígios do *imperativo abasileirado* nas cartas de *você-sujeito* e de *tu/você-sujeito* em função da faixa etária. Enquanto nas cartas com *você* exclusivo em posição de sujeito, registraram-se 4 oco possíveis de *abasileiramento* do imperativo: 1 oco de jovens (25%), 2 oco de adultos (50%) e 1 oco de idosos (25%); nas cartas mistas, com *tu* e *você* na referência de sujeito, encontraram-se 21 oco prováveis desse fenômeno: 6 oco de jovens (28%), 13 oco de adultos (62%), 2 oco de idosos (10%). Em números absolutos, das 25 oco de possíveis indícios do *imperativo abasileirado*, 7 oco (28%) referem-se aos indivíduos jovens, 15 oco (60%) vinculam-se aos escreventes adultos e 3 oco (12%) relacionam-se aos missivistas idosos. Dessa maneira, nota-se uma alta produtividade do *imperativo abasileirado* na escrita de missivistas jovens e principalmente de escreventes adultos, fenômeno que parece indicar, assim como nas cartas cariocas (DINIZ, 2018, p. 129), o avanço do processo de implementação dessa inovadora construção imperativa no PB.

Entre os dados mapeados por faixa etária, destacaram-se algumas ocorrências de formas imperativas em cartas escritas por uma criança. Trata-se de 3 oco que, por situarem-se em missivas com outra forma nominal de tratamento, não entraram na quantificação do fator

faixa etária do escrevente em correlação com o contexto discursivo de sujeito. Diante da escassez de amostras históricas para apreensão de fenômenos linguísticos, uma carta escrita por mãos infantis ainda no século XIX merece ser destacada. Desse modo, de (431) a (433), expõem-se essas ocorrências, acompanhadas pelos seus respectivos fac-símiles nas imagens (25) e (26), para análise.

(431) Não *repare* aletra e os erros, pois não tenho costumes de escrever. (JP. Nossa Senhora do Porto, 10.01.1868)

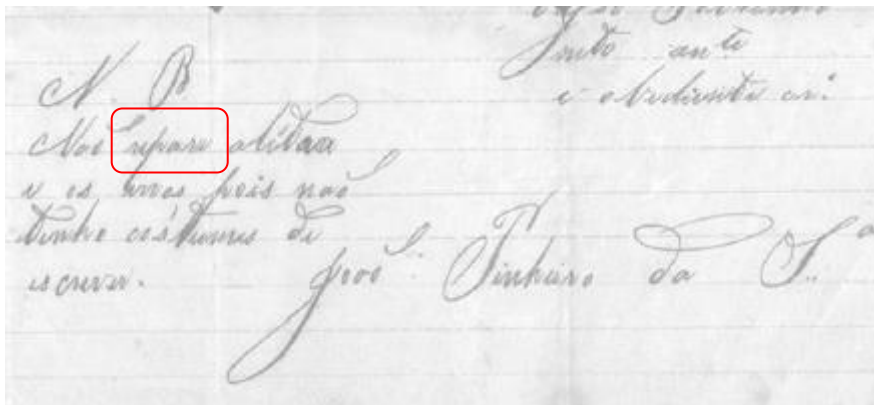


Imagem (25): Carta de JP. Nossa Senhora do Porto, 10.01.1868

(432) não *julge* Vossa merce entereceiras estas exprecões, a franqueza hé quem as dita [...]. (JP. Ouro Preto, 21.12.1869)

(433) [...] *Enviime* outra de amizade e benevolencia e todos os meos dezejos ficarão satisfeitos. (JP. Ouro Preto, 21.12.1869)

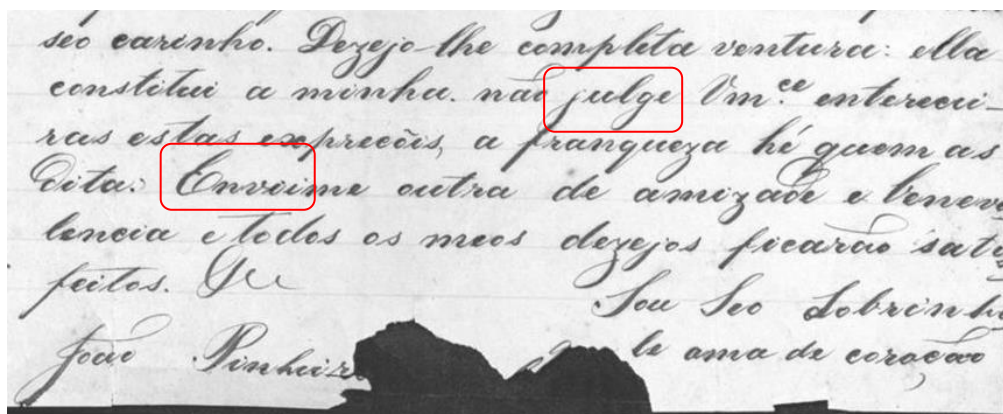


Imagem (26): Carta de JP. Ouro Preto, 21.12.1869

Esses dados de imperativo encontram-se em cartas assinadas pelo ilustre João Pinheiro na época em que tinha 8 e 9 anos, respectivamente. Em linhas gerais, por meio dos aspectos paleográficos, é válido ressaltar que a caligrafia, com uma significativa demonstração de evolução de definição e contorno entre um ano e outro, revela uma intimidade do missivista com a cultura escrita mesmo sendo uma criança brasileira no século XIX. Especificamente no tocante ao imperativo, as formas encontradas nas cartas estão vinculadas ao subjuntivo, sendo

que (431) e (432) pertencem a polaridade negativa e (433) à polaridade afirmativa. Ressalta-se ainda que, enquanto (433) manifesta-se com o *me* em posição enclítica e (431) precede uma elisão artigo-substantivo *aletra*, (432) está antecedita pelo arcaico *Vossa Mercê*, forma que cedeu lugar ao inovador *você* na referência de 2SG. Desse modo, as cartas do infante João Pinheiro evidenciam aspectos significativos para análise da escrita mineira de uma criança brasileira do século XIX.

Assim, uma vez finalizada a análise pormenorizada dos resultados relacionados a todas as variáveis independentes testadas (linguísticas e extralinguísticas) como contextos de expressão das construções imperativas de 2SG, procede-se à síntese do capítulo.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

O capítulo promoveu a descrição e a análise dos 388 dados da expressão variável do imperativo encontrados nas missivas mineiras oitocentistas e novecentistas que compõem o *corpus* da pesquisa. Nesse processo, tomando como variável dependente a expressão binária do imperativo de 2SG (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) os resultados gerados pela rodada inicial do Programa GoldVarb foram analisados em função das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que contextualizaram, em termos de índices percentuais, a aplicação dessa regra variável. Nesse sentido, as formas imperativas foram mapeadas em função do sujeito de 2SG; do paralelismo formal e semântico; do paralelismo fônico; do tipo de pronome átono; do tipo de conjugação do verbo; do número de sílabas do verbo em sua forma não finita; da polaridade da estrutura (negativa ou afirmativa); do padrão sintático da sentença; do tipo de verbo; do período das cartas, do subgênero da missiva (amorosa, amistosa, familiar); e, por fim, do gênero e da faixa etária do escrevente.

A distribuição geral das ocorrências do imperativo de 2SG demonstraram a prevalência das formas supletivas (81%, 315 oco) sobre as formas verdadeiras (19%, 73 oco). Esse resultado pode ser explicado pela influência da tradição gramatical sobre os escreventes (escritores mineiros legítimos representantes da norma culta) cf. verificado na análise da referência de sujeito de 2SG das missivas. Nesse contexto, pôde-se constatar uma quantidade expressiva de dados em cartas de *você-sujeito* (50%, 191 oco), que acompanham a produtividade do imperativo supletivo, na medida em que a gramática normativa prescreve, nesse caso, a utilização de *você* como referência de sujeito. Todavia, embora os missivistas mineiros tendam a ser guiados pela norma, atestou-se uma significativa concorrência entre as

formas indicativas e subjuntivas do imperativo em cartas de *tu-sujeito* e de *você/tu-sujeito*, contexto que tendeu a permitir a detecção de possíveis rastros do *imperativo abasileirado* da amostra (8%, 30 oco).

A análise das formas imperativas em função do paralelismo formal e semântico comprovou as hipóteses de Scherre (1998, 2007) e de Cardoso (2009) relacionadas a esse fator, uma vez que, em contexto do paradigma de *você*, a forma supletiva predominou (92%, 52 oco) e em contexto do paradigma de *tu*, a forma verdadeira prevaleceu (59%, 44 oco). Entretanto, as hipóteses de Scherre (2004, p. 15-23) quanto ao tipo de conjugação verbal das formas imperativas não foram totalmente validadas, dado que, embora os verbos de 2ª e 3ª conjugações tenham impulsionado o imperativo supletivo (2ª conj.: 88%, 130 oco; 3ª conj.: 77%, 18 oco), os verbos da 1ª conjugação, contrariando a hipótese, não favoreceram o imperativo verdadeiro (33%, 50 oco) e sim, o imperativo supletivo (77%, 164 oco).

O mapeamento das construções imperativas em correlação com o paralelismo fônico confirmou parcialmente as hipóteses de Scherre (1998, p. 67; 2004, p. 18; 2007, p. 207) em relação a essa variável. Tal como estipulado, houve produtividade do imperativo supletivo com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta] (74%, 121 oco), verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações (90%, 9 oco), verbos irregulares com oposição mais marcada (90%, 94 oco) e verbos irregulares com oposição menos marcada (100%, 15 oco). Entretanto, contrariando as expectativas, o imperativo verdadeiro não prevaleceu com verbos de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] (25%, 10 oco) e com verbos de paradigma especial (18%, 10 oco). De maneira análoga, as hipóteses de Scherre (2000, p. 1348; 2007, p. 212) e de Scherre (2007, p. 212) quanto ao tipo, posição e pessoa dos pronomes foram parcialmente atestadas. Tal como se supunha, a presença do pronome (82%, 65 oco), independentemente de sua posição, e a presença de pronome em posição enclítica (78%, 51 oco) acionou uma maior produtividade do imperativo supletivo. Entretanto, diferentemente do esperado, a presença do pronome em próclise exerceu efeito categórico sobre o imperativo supletivo (100%, 14 oco).

A codificação das ocorrências de imperativo de 2SG em relação à quantidade de sílabas do verbo não atestou integralmente as hipóteses levantadas por Scherre (2000, p. 1339) para esse fator, uma vez que, conforme se previa, os verbos polissílabos impulsionaram o imperativo supletivo (96%, 26 oco); no entanto, contrapondo as estimativas, os verbos monossílabos não fomentaram o imperativo verdadeiro (7%, 3 oco). De modo semelhante, as hipóteses de Scherre (2004, p. 8; 2007, p. 207) quanto à polaridade da estrutura também

foram comprovadas em parte, já que, embora, como se conjecturava, o imperativo supletivo tenha prevalecido em sentenças negativas (93%, 26 oco); o imperativo verdadeiro, diferentemente do previsto, não predominou nas sentenças afirmativas (20%, 71 oco). Em relação aos padrões sintáticos das construções imperativas, as hipóteses de Silva (2017, p. 49) com base em Câmara Jr. (1979, p. 132) também não foram integralmente confirmadas, na medida em que, apesar da prevalência quase total das formas imperativas em sentenças não encaixadas (isoladas, coordenadas, matrizes) tal como conjecturava-se (99%, 386 oco), contrariando as suposições, essas orações não impulsionaram o imperativo verdadeiro (18%, 71 oco).

Na análise dos tipos de verbos (*type frequency*) em função das formas imperativas, observou-se uma predominância do imperativo supletivo independentemente do tipo: verbos de movimento (93%, 13 oco), verbos de transferência (77%, 94 oco), verbos de comunicação (84%, 74 oco), verbos de criação (81%, 104 oco), verbos de complemento final (77%, 10 oco), verbos de aproximação (100%, 11 oco), outros tipos de verbo (90%, 8 oco). Em relação à distribuição geral dos verbos (*token frequency*) nas cartas mineiras, atestou-se que os verbos do tipo *criação* foram os mais frequentes (33%, 129 oco) e diversificados (49 verbos) e que o verbo *aceitar* do tipo *transferência* foi o mais produtivo (41 oco).

A distribuição das construções imperativas ao longo do tempo (1860-1999) atestou a preponderância do imperativo supletivo em quase todos os anos. É válido ressaltar, entretanto, a concorrência entre as formas verdadeiras e supletivas entre as décadas de 1890 e 1920 (1890-1899: 60% de ind., 40% de subj.; 1900-1999: 21% de ind., 79% de subj; 1910-1920: 42% de ind., 58% de subj.) bem como o rastreamento de vestígios do *imperativo abrasileirado* ao longo das décadas nas cartas de *você-sujeito* (1890-1899: 1 oco, 1920-1929: 2 oco, 1930-1939: 1 oco, 1940-1949 3oco, 1950-1959: 2 oco) e nas cartas de *tu/você-sujeito* (1890-1899: 12 oco, 1900-1909: 2 oco, 1910-1919: 4 oco, 1930-1939: 1 oco 1940-1949: 2 oco).

A análise das ocorrências imperativas em função do subgênero das cartas atestou satisfatoriamente as hipóteses de Pereira (2012, p. 68, 134) e de Silva (2013, p. 20-21) relacionadas a esse fator. Tal como se conjecturava, houve maior produtividade do imperativo verdadeiro (80%, 8 oco) nas missivas amorosas e maior manifestação do imperativo supletivo nas missivas amistosas (90%, 111 oco) e familiar (77%, 108 oco). É importante destacar que, ao cotejar o subgênero das cartas com a referência de sujeito de 2SG, percebeu-se que, em alguns casos, as missivas parecem ter recebido uma maior influência da informalidade por

conta do alto nível de alternância entre as formas indicativas e subjuntivas nas cartas amistosas de *tu-sujeito* e de *tu/você-sujeito*, nas cartas familiares de *tu-sujeito* e de *tu/você-sujeito* bem como nas cartas amorosas de *você-sujeito*. Além disso, esse cruzamento de fatores permitiu a apreensão de possíveis vestígios *imperativo abasileirado* nos subgêneros das cartas (amorosas: 16%, 5/30 oco; amistosas: 36%, 11/30 oco; familiares: 48%, 14/30 oco).

A identificação das formas imperativas em função do gênero do missivista permitiu comprovar parcialmente a hipótese de Cardoso (2009, p. 84) sobre a utilização das formas imperativas por escreventes do sexo masculino e do sexo feminino. Os homens, de acordo com o previsto, optaram quase que exclusivamente pelo imperativo supletivo nas cartas *você-sujeito* (98%, 152), mas não nas cartas de *tu-sujeito* (40%, 12 oco) nem de *tu/você-sujeito* (31%, 9 oco). Entrementes, as mulheres, contrariando as expectativas, selecionaram o imperativo supletivo em todos os casos: nas cartas de *tu-sujeito* (71%, 13 oco), nas cartas de *você-sujeito* (83%, 30 oco) e nas cartas *tu/você-sujeito* (83%, 5 oco). É válido ressaltar ainda que a interseção entre gênero do missivista e referência de sujeito nas cartas possibilitou atestar que, nas missivas mineiras, as mulheres conduziram-se pela informalidade de modo mais expressivo que os homens, confirmando a atuação do *Paradoxo do gênero* (LABOV, 2001, p. 367) e foram as que mais promoveram o *abasileiramento* do imperativo nas cartas de *você-sujeito* (66%, 6 oco), comprovando a tese sobre o uso de formas inovadoras pelo gênero feminino em uma mudança linguística sem estigma social (LABOV, 2001).

A codificação dos dados de imperativo de 2SG em função da faixa etária do escrevente não confirmou totalmente a hipótese de Scherre (2007, p. 207) relacionada a esse fator. Não houve predominância do imperativo verdadeiro entre os jovens como se estipulava, porém cabe salientar a intensa concorrência entre as formas imperativas em suas cartas de *tu-sujeito* (ind.: 53%, 9 oco; subj.: 47%, 8 oco) e de *tu/você-sujeito* (ind.: 46%, 6 oco; subj.: 54%, 7 oco). Essas concorrências indicam que os jovens mineiros tendem a deixar-se conduzir pela informalidade, haja vista a não observância da distribuição complementar entre as formas imperativas e a referência de sujeito de 2SG preconizada pela tradição gramatical. Além disso, a análise da faixa etária em cotejo com a posição de sujeito das cartas indicou a existência de possíveis vestígios do *imperativo abasileirado* na escrita principalmente de jovens (28%, 7 oco) e adultos (60%, 15 oco), cenário que parece evidenciar o avanço de uma mudança em curso no PB.

Assim, uma vez descritos e analisados os resultados gerais da amostra, examinando a atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação da regra variável, prossegue-se com a descrição dos resultados, mas avança-se, já que se passa, no capítulo 4, aos resultados estatisticamente relevantes.

4. O IMPERATIVO EM INVESTIGAÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Neste capítulo, examina-se o mapeamento das ocorrências de imperativo de 2SG identificados nas missivas mineiras históricas (século XIX e XX) com base na rodada de análise multivariacional do programa de cômputo dos dados GoldVarb (Pacote de Programas VARBRUL – VARiABLe RULe – adaptado ao ambiente Windows). Nesta rodada (*binomial varb, Up and Down*), a partir da escolha de um valor de aplicação da variável dependente (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo), o programa gera os resultados em pesos relativos que indicam a probabilidade da aplicação da regra variável. Como valor de aplicação da regra, considera-se o imperativo verdadeiro (*forma indicativo*), que, com *input* inicial 0.188, parece coerente, por sua vez, com o percentual de 19% (73 oco) das construções imperativas com formas indicativas. Essa opção justifica-se pelo intuito de apreensão dos rastros do *imperativo abasileirado* nas missivas mineiras que originaram o *corpus*. Nesse caso, os resultados são lidos de forma que quanto maior o peso relativo (> 0.500), maior a possibilidade de ocorrência das formas do imperativo verdadeiro e, quanto menor o peso relativo (< 0.500), menor a possibilidade de manifestação do imperativo verdadeiro.

Os pesos relativos estão relacionados aos grupos de fatores que o GoldVarb elegeram como relevantes para aplicação da regra variável nos moldes das seleções *stepping up* (geração dos grupos de fatores estatisticamente relevantes) e *stepping down* (geração dos grupos de fatores estatisticamente irrelevantes). No nível *stepping up*, observaram-se os seguintes contextos expostos como estatisticamente relevantes na ordem de escolha do programa, cf. o quadro (14).

GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS
1. O paralelismo formal e semântico
2. O sujeito pronominal de 2SG (cartas de <i>tu</i> exclusivo, cartas de <i>você</i> exclusivo, <i>cartas de tu/você</i> (misturas))
3. O subgênero da carta pessoal
4. A polaridade da estrutura imperativa
5. O paralelismo fônico

Quadro (14): Grupo de fatores selecionados pelo programa de regra variável (Varb)

O paralelismo formal e semântico (1º), o contexto de sujeito de 2SG (2º), o subgênero da missiva (3º), a polaridade da construção imperativa (4º) e o paralelismo fônico (5º) foram apurados na rodada número 49 (*Best stepping up run: #49*) cujo *input* final foi 0.062. O

logaritmo de verossimilhança (*log likelihood*) foi de -108.059 e o nível significância (*significance*) da rodada em questão (*Best stepping up run: #49*) foi de 0.008, ambos indicando a confiabilidade dos resultados das construções imperativas associadas ao indicativo. No estágio *stepping down*, foram eliminados os grupos (1º) tipo de verbo, (2º) tipo de pronome átono, (3º) faixa etária do escrevente, (4º) padrão sintático da sentença, (5º) tipo de conjugação verbal, (6º) número de sílabas do verbo, (7º) gênero do escrevente e (8º) período de tempo, nessa ordem.

Diante dessas informações, considerando que os resultados em termos quantitativos (absolutos e percentuais) foram minuciosamente apresentados no capítulo 3, procede-se à descrição e à análise, em termos probabilísticos, dos resultados estatisticamente relevantes gerados pelo Goldvarb tendo em vista os pesos relativos relacionados ao indicativo nas construções imperativas de 2SG. Mantendo correlação com o capítulo 3, opta-se, neste caso, pela apresentação inicialmente das variáveis linguísticas e, posteriormente das variáveis extralinguísticas. Desse modo, os fatores são discutidos na seguinte ordem: (a) o sujeito pronominal de 2SG (*tu, você, tu/você*), (b) o paralelismo formal e semântico, (c) o paralelismo fônico, (d) a polaridade da estrutura imperativa, (e) o subgênero da carta pessoal.

4.1. O sujeito nas construções de imperativo de 2SG

A referência de sujeito de 2SG das cartas foi a segunda variável relevante cf. índices percentuais e pesos relativos expostos na tabela (18).

SUJEITOS PRONOMINAIS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS/(%)	PESOS RELATIVOS
Cartas de <i>tu</i> e <i>você-sujeito</i> (cartas mistas)	21/35 (60%)	0.903
Cartas de <i>tu</i> exclusivo	23/48 (48%)	0.821
Cartas de <i>você-sujeito</i> exclusivo	9/191 (5%)	0.312
TOTAL	53/274 ⁵⁹ (19%)	

Tabela (18): O efeito do sujeito pronominal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

⁵⁹ Os 274 dados analisados em relação ao subgênero das cartas correlacionados à posição de sujeito foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388) mediante subtração dos dados daquelas missivas com outra forma nominal de tratamento na posição de sujeito (114).

As cartas mistas (de *tu/você* em posição de sujeito de 2SG), foram o primeiro grupo selecionado na rodada do fator. Trata-se de um contexto altamente produtivo para a expressão do imperativo com forma indicativa haja vista o peso relativo de 0.903. O segundo contexto, cartas de *tu-sujeito* exclusivo, também constitui um fator que impulsiona as formas do imperativo verdadeiro com peso 0.821. Apenas as cartas de *você-sujeito* exclusivo não se mostraram propulsoras para as formas verdadeiras do imperativo tendo em vista o peso relativo de 0.321, parecendo favorecer, portanto, as construções imperativas com forma supletiva. Esse índice revela a influência da norma-padrão sobre os escreventes (escritores mineiros cultos), que prescreve o uso *você* como referência de sujeito tão somente para o imperativo associado ao subjuntivo. Além disso, considerando que *o imperativo abrasileirado*, nos termos de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121) constrói-se com forma indicativa em contexto de *você-sujeito*, os índices da tabela (18) indicam rastros desse traço linguístico do PB mais vigorosos nas cartas mistas com índice probabilístico de 0.903 e, nas cartas de *você-sujeito*, ainda que com menos vigor (0.312).

Analisado o contexto de sujeito de 2SG das cartas em relação à aplicação da regra variável, segue-se à abordagem do efeito do paralelismo formal sobre a expressão do imperativo verdadeiro.

4.2. O paralelismo formal e semântico nas construções de imperativo de 2SG

O paralelismo em termos formais e semânticos, relacionado ao contexto que antecede as formas imperativas, constituiu o primeiro fator gerado como relevante para análise pelo Goldvab cujos índices percentuais e probabilísticos estão sumarizados na tabela (19).

PARALELISMO FORMAL		CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
		OCORRÊNCIAS/(%)	PESOS RELATIVOS
1ª OCORRÊNCIA	Primeira ocorrência	4/23 (17%)	0.148
PARADIGMA DO VOCÊ (2SG)	Precedida por <i>você-sujeito pleno</i>	11/65 (7%)	0.694
	Precedida por <i>você não-sujeito</i> (<i>de você, para você, com você</i>)	-	-
	Precedida por formas pronominais de 3SG (<i>se, o/a, lhe, seu/sua</i>)	3/80 (4%)	0.196
	Precedida por formas imperativas no subjuntivo	8/102 (8%)	0.395
PARADIGMA DO TU (2SG)	Precedida por <i>tu-sujeito</i> (nulo ou pleno)	11/16 (69%)	0.751
	Precedido por <i>tu não-sujeito</i> (<i>de ti, para ti, contigo</i>)	2/3 (67%)	0.788
	Precedida por formas pronominais de 2SG (<i>teu/tua</i>)	22/41 (54%)	0.810
	Precedida por formas imperativas no indicativo	9/15 (60%)	0.814
PARADIGMA DA 2PL	Precedida por formas do paradigma de <i>vocês</i> (<i>seus, lhes, de vocês</i>)	2/7 (29%)	0.837
	Precedida por formas do paradigma de <i>vós</i> (<i>vos, vossos, vossas, convosco</i>)	1/9 (11%)	0.387
TOTAL		73/388 (19%)	

Tabela (19): O efeito do paralelismo formal sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

No paralelismo formal, os contextos mais produtivos para a manifestação do imperativo verdadeiro foram os do paradigma de *tu* quando precedido por formas imperativas no indicativo (0.814); formas pronominais *te, teu/tua* (0.810); *tu não-sujeito* (0.788); *tu-sujeito* (0.715). Destaca-se, entretanto, o alto índice de peso relativo associado às formas imperativas precedidas pelo paradigma de *vocês* (0.837), evidenciando uma alta produtividade do imperativo verdadeiro nesse contexto. O paradigma de *você* mostrou-se pouco influente no acionamento das formas indicativas nos contextos precedidos por formas do imperativo no subjuntivo (0.397) e por formas pronominais *se, o/a, lhe seu/sua* (0.196), nos quais os pesos relativos foram inferiores a 0.500. Entretanto, salta aos olhos o fato de o *você* sujeito-pleno mostrar-se com peso relativo de 0.694 como uma possível evidência desse contexto como

propulsor das construções de imperativo associado ao indicativo, o que não só parece evidenciar vestígios históricos do *imperativo abraçileirado*, mas também prenunciar, de certa forma, o quão essa forma é atualmente profícua no PB. Por fim, percebe-se que, tanto em posição de primeira ocorrência (0.148) quanto precedido por formas do paradigma de *vós* (0.387), há baixa probabilidade de o imperativo se evidenciar com forma indicativa. Esses dados corroboram as hipóteses sobre esse fator levantadas por Scherre (1988, *apud* SCHERRE, 1998, p. 301, 385), na medida em que a alta produtividade do imperativo verdadeiro no paradigma de *tu* evidencia a tendência à harmonia e à similaridade entre tais formas linguísticas.

Assim, examinado a aplicação da regra variável segundo o paralelismo formal, segue-se à abordagem da atuação do paralelismo fônico sobre a expressão do imperativo associado ao indicativo.

4.3. O paralelismo fônico nas construções de imperativo de 2SG

O paralelismo em termos fonéticos, cujos números em termos quantitativos e probabilísticos estão em síntese na tabela (20), foi o quinto fator selecionado na rodada *stepping up*.

PARALELISMO FÔNICO	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS/(%)	PESOS RELATIVOS
Verbo regular de 1ª conj. com vogal precedente [+aberta]={fala/fale, olha/olhe, espera/espere}	10/40 (25%)	0.564
Verbo regular de 1ª conj. com vogal precedente [-aberta]={vira/vire, use/usa, imagina/imagine}	42/163 (26%)	0.647
Verbos regulares de 2ª e 3ª conjugações {come/coma, abre/abra}	1/10 (10%)	0.377
Verbos irregulares com oposição mais marcada {faz/faça, traz/traga, diz/diga, vê/veja, sê/seja}	10/104 (10%)	0.249
Paradigma especial {esqu[ε]ce / esqu[e]ça, c[ɔ]rre / c[o]rra}	10/56 (18%)	0.549
TOTAL	73/388 (19%)	

Tabela (20): O efeito do paralelismo fônico sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

Os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [–aberta] representam o contexto mais provável para a manifestação do imperativo verdadeiro das missivas mineiras (0.647). Já os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] (0.564) e os verbos de paradigma especial (0.549) apresentam-se como contextos que indicam concorrência na aplicação da regra variável com relativo favorecimento do imperativo verdadeiro, haja vista os pesos relativos próximos a 0.500. Por fim, os verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação (0.377) e irregulares com oposição mais marcada (0.249) constituem os contextos com menor projeção de produtividade do imperativo com forma indicativa. Esses resultados confirmam parcialmente as hipóteses de Scherre (2004, p. 18; 2006, p. 13; 2007, p. 207), uma vez que, como estipulado, os verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação e os verbos irregulares com oposição mais marcada não impulsionaram o imperativo verdadeiro bem como os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] e os verbos de paradigma especial levaram a uma relativa proeminência do imperativo verdadeiro. Todavia, contrariando a hipótese, os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [–aberta], que deveriam impulsionar o imperativo com forma subjuntiva, foram, nesse caso, os de maior potencial para a manifestação do imperativo com forma indicativa.

Esse cenário deve-se possivelmente à correlação entre as formas verbais e os contextos de sujeito de 2SG nas cartas mineiras, tendo em vista que, enquanto as cartas de *você-sujeito* exclusivo impulsionam o imperativo supletivo, as cartas de *tu-sujeito* exclusivo e as cartas mistas (*tu/você-sujeito*) favorecem o imperativo verdadeiro. A fim de comprovar essa tese, foram analisados 274 dados⁶⁰ de formas imperativas em função do paralelismo fônico em correlação com o contexto de sujeito de 2SG das cartas. Ao cotejar esses dois grupos de fatores, percebeu-se, independentemente da posição de sujeito das cartas, uma baixa incidência do imperativo com forma indicativa em verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação e em verbos irregulares de oposição mais marcada, totalizando, respectivamente 1/7 oco (14%) e 8/72 oco (11%) dessas formas verbais com imperativo verdadeiro, índices que ratificam as conjecturas em relação a esses verbos. Além disso, notou-se uma prevalência do imperativo com forma indicativa em verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] nas cartas de *tu/você-sujeito* (80%, 4/5 oco) bem como em verbos de paradigma especial tanto nas cartas de *tu-sujeito* (71%, 5/7 oco) quanto nas cartas de *tu/você-sujeito* (67%, 2/3 oco), resultado que coaduna as expectativas sobre esses verbos, ainda que em pesos relativos tenha

⁶⁰ Os 274 dados analisados em relação ao paralelismo fônico correlacionado à posição de sujeito foram obtidos a partir do número total de ocorrências (388) mediante subtração dos dados daquelas missivas com outra forma nominal de tratamento na posição de sujeito (114).

havido uma expressiva concorrência nesses contextos. Por fim, observou-se uma proeminência do imperativo com forma indicativa em verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta] nas cartas de *tu-sujeito* (67%, 10/15 oco) e nas cartas de *tu/você-sujeito* (62%, 13/21 oco), dados que contrariam as hipóteses mas que parecem explicar a probabilidade de o imperativo verdadeiro ocorrer com esses verbos.

Desse modo, uma vez abordada a influência do paralelismo formal sobre a expressão do imperativo de 2SG com forma indicativa, procede-se à análise do efeito do paralelismo formal sobre a aplicação da regra variável.

4.4. A polaridade estrutural das construções imperativas de 2SG

A polaridade da sentença (afirmativa ou negativa), quinta variável estatisticamente relevante escolhida pelo programa, apresenta os números sintetizados na tabela (22) tendo como parâmetro o imperativo verdadeiro.

POLARIDADE DA ESTRUTURA	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS/(%)	PESOS RELATIVOS
POLARIDADE AFIRMATIVA (Sentença afirmativa)	71/360 (20%)	0.542
POLARIDADE NEGATIVA (Negação pré-verbal)	2/28 (7%)	0.101
TOTAL	73/388 (19%)	

Tabela (21): O efeito da polaridade da estrutura sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

A polaridade afirmativa da sentença indica um contexto de concorrência na expressão das construções imperativas com uma tênue propensão à forma indicativa, haja vista que o peso relativo relacionado a essa variável seja 0.542. A polaridade negativa não se apresenta como um contexto propulsor para a ocorrência do imperativo verdadeiro, tendo em vista o peso de 0.101 atribuído nesse caso. Apesar da não prevalência do imperativo verdadeiro, em termos percentuais, nas sentenças afirmativas (20%, 71 oco), esses índices atestam a hipótese de Scherre (2004, p. 8; 2007, p. 207) em torno desse fator, uma vez que as sentenças afirmativas, embora responsáveis por deflagrar a eleva alternância entre as formas imperativas, constituíram um fator relativamente propulsor do imperativo verdadeiro. Nesse

caso, os missivistas, embora tendam a se conduzir pela tradição gramatical, segundo a qual em sentenças afirmativas só seria possível o imperativo verdadeiro, parecem também ser influenciados pela informalidade própria do gênero carta pessoal dada a expressiva concorrência entre as formas indicativas e subjuntivas do imperativo nesse contexto.

Assim, investigada a atuação do paralelismo fônico na manifestação da regra variável, procede-se à análise da influência do subgênero das cartas sobre as formas do imperativo verdadeiro.

4.5. Os subgêneros das cartas: amorosa, amistosa e familiar

O subgênero das cartas pessoais mineiras (amorosa, amistosa e familiar), único fator extralinguístico dessa rodada, foi o terceiro relevante mapeado pelo Goldvarb. Os dados absolutos e percentuais, incluindo os pesos relativos relacionados à regra de aplicação, encontram-se sumarizados na tabela (23).

SUBGÊNEROS DAS CARTAS PESSOAIS MINEIRAS	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG (INDICATIVO)	
	OCORRÊNCIAS/ (%)	PESOS RELATIVOS
Amorosa	9/12 (75%)	0.886
Amistosa	17/176 (10%)	0.347
Familiar	47/200 (24%)	0.607
TOTAL	73/388 (19%)	

Tabela (22): O efeito do subgênero das cartas sobre as construções imperativas de 2SG associadas ao indicativo

O imperativo verdadeiro apresenta vigorosa probabilidade de expressar-se preferencialmente nas missivas amorosas (0.886). Ainda que com um peso menor, as formas verdadeiras também mostram-se relativamente produtivas nas missivas familiares (0.607). Entretanto, em missivas amistosas (0.347), o imperativo verdadeiro tende a não ser propulsionado. Esses índices confirmam as hipóteses de Pereira (2012, p. 68, 134) e Silva (2013, p. 20-21), uma vez que as cartas amorosas, ainda que com uma parca quantidade de dados (9 oco, 75%), constituíram um contexto produtivo para o imperativo com forma do indicativo. Retomando a correlação entre subgênero da carta e referência de sujeito de 2SG, esses resultados parecem evidenciar, cf. Pereira (2012, p. 134) para o contexto de intimidade das cartas amorosas que acionam o *tu* como como forma tratamental. Entre as 4 oco de

construções imperativas nas cartas amorosas de *tu-sujeito*, 3 oco (75%) expressaram-se por forma indicativa, preservando a relação prescrita pela tradição gramatical entre o imperativo verdadeiro e o contexto de *tu* na posição de sujeito.

Desse modo, apresentada a influência do subgênero das cartas sobre as formas do imperativo verdadeiro, segue-se à síntese do capítulo.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

O capítulo promoveu a análise da aplicação da regra variável (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) em função dos fatores estatisticamente relevantes gerados pelo programa Goldvarb. Tomando como parâmetro o imperativo de 2SG com formas de indicativo, os pesos relativos associados a cada fator foram devidamente discutidos com o intuito de depreender a probabilidade de expressão das formas imperativas associadas ao indicativo em cada contexto. Na tabela (24) estão expostos os resultados mais expressivos em termos dos pesos relativos dos grupos de fatores selecionados.

GRUPO DE FATOR	CONTEXTO	PESO RELATIVO
SUJEITO DE 2SG DAS CARTAS	Carta de tu/você-sujeito	0.903
	Carta de tu exclusivo	0.821
PARALELISMO FORMAL	Paradigma de vocês: imperativo precedido por formas de 2PL (seus, lhes, de vocês)	0.837
	Paradigma de tu: imperativo precedido por formas imperativas no indicativo	0.814
	Paradigma de tu: imperativo precedido por formas pronominais de 2SG (<i>teu/tua</i>)	0.810
	Paradigma de tu: imperativo precedido por <i>tu</i> não-sujeito (<i>de ti, para ti, contigo</i>)	0.788
	Paradigma de tu: imperativo precedido por <i>tu-sujeito</i> (nulo ou pleno)	0.751
	Paradigma de você: imperativo precedido por <i>você-sujeito pleno</i>	0.694
PARALELISMO FÔNICO	Verbo regular de 1a conj. Com vogal precedente [-aberta]={ <i>vira/vire, use/usa, imagina/imagine</i> }	0.647
	Verbo regular de 1a conj. Com vogal precedente [+aberta]={ <i>fala/fale, olha/olhe, espera/espere</i> }	0.564
	Paradigma especial { <i>esqu[ε]ce / esqu[e]ça, c[ɔ]rre / c[o]rra</i> }	0.549
POLARIDADE DA ESTRUTURA	Polaridade afirmativa	0.542
SUBGÊNEROS DAS CARTAS PESSOAIS	Amorosa	0.886
	Familiar	0.607

Tabela (23): O efeito dos fatores estatisticamente relevantes para a aplicação do imperativo de 2SG associado ao indicativo⁶¹

O programa de cômputo dos dados selecionou, como fatores relevantes, os seguintes contextos: o paralelismo formal e semântico, o sujeito pronominal de 2SG (*tu, você, tu/você*), o subgênero da carta pessoal, a polaridade da estrutura imperativa e o paralelismo fônico, nessa ordem. De um modo geral, as hipóteses levantadas para cada variável foram infirmadas. Cabe, então, sintetizar algumas considerações. Houve uma alta produtividade do imperativo verdadeiro nas cartas de *tu/você-sujeito* (0.903), indicando a possível existência de rastros do *imperativo abasileirado* nesse contexto. Além disso, as construções imperativas com indicativo mostraram-se altamente prováveis no paradigma de *tu* (0.814, 0.810, 0.788, 0.751),

⁶¹ Mantendo correlação com a ordem de apresentação dos fatores utilizada no capítulo, optou-se por exibir na tabela (24) inicialmente os fatores linguísticos e posteriormente os extralinguísticos.

confirmando a atuação do paralelismo formal e semântico. Entretanto, contrariando essa influência, salta aos olhos a probabilidade de ocorrência do imperativo verdadeiro precedido de *você-sujeito pleno* (0.694). É importante ressaltar também que, no paralelismo fônico, embora os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta] (0.564) e os verbos de paradigma especial (0.549) tenham conduzido as construções imperativas a uma concorrência entre as as formas imperativas com relativo favorecimento ao imperativo verdadeiro, os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta] representam o contexto de maior potencial para a manifestação do imperativo com forma indicativa (0.647). Além disso, a polaridade afirmativa, embora não tenha prevalecido na amostra com formas indicativas (20%, 71 oco), mostrou-se um contexto estatisticamente relevante para a expressiva concorrência entre o imperativo verdadeiro e o supletivo com relativo favorecimento da forma indicativa (0.542). Por fim, é importante salientar que, nos subgêneros das missivas, as cartas familiares (0.607) e sobretudo as cartas amorosas (0.886) demonstraram um alto potencial para deflagração do imperativo com forma indicativa, situação que parece estar relacionada à preferência por *tu* como forma tratamental em contextos de intimidade.

Assim, uma vez descritos e analisados os resultados relacionados aos fatores estatisticamente relevantes na aplicação da regra variável com forma do imperativo verdadeiro, prossegue-se, enfim, com as considerações finais.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Esta pesquisa abordou o estatuto variável do imperativo de 2SG (imperativo verdadeiro *versus* imperativo supletivo) na escrita mineira culta dos séculos de XIX e XX com base em missivas históricas disponíveis em acervos públicos. Nesse sentido, as formas imperativas mapeadas no *corpus* foram analisadas, em termos quantitativos e probabilísticos, em função de variáveis linguísticas e extralinguísticas com o intuito de apreender o nível de influência dos fatores na variação.

Consciente de que esta pesquisa avança nos estudos sociolinguísticos sobre a variação do imperativo de 2SG no PB, leva-se em conta, entretanto, algumas limitações. Não se abordou com profundidade, a distribuição das formas imperativas em função de fatores essencialmente pragmáticos, como os níveis de força ilocucionária cf. o estudo de Faraco (1982), ou como as relações de poder e solidariedade cf. o trabalho de Cardoso (2012). Essas abordagens podem ser bem-vindas em estudos posteriores.

Além disso, antes de tecer as principais considerações sobre a pesquisa, é necessário ressaltar o alcance das generalizações. Tendo em vista se tratar de um trabalho com *corpora* históricos, nem sempre é possível, como neste caso, manter a equanimidade da amostra para análise da distribuição das formas imperativas em correlação com fatores como o sujeito da carta, o tempo, o subgênero da missiva bem como o gênero e a faixa etária do escrevente. Assim, resguardados os limites deste estudo, retomam-se as questões propostas nas considerações iniciais.

(a) O imperativo supletivo (associado ao subjuntivo) seria de fato a construção predileta dos missivistas nos séculos XIX e XX tendo em vista não ser essa a opção dos mineiros na atualidade, cf. Scherre (2007, p. 192)?

No mapeamento das construções imperativas de 2SG, entre os 388 dados, foram identificadas 73 oco (19%) de imperativo verdadeiro e 315 oco (81%) de imperativo supletivo, confirmando a hipótese da produtividade do imperativo supletivo nas cartas mineiras. Nesse caso, ainda que na atualidade o imperativo verdadeiro predomine na fala dos mineiros cf. Scherre (2007, p. 192), ao recuar no passado não foram essas as construções mais produtivas. A prevalência do imperativo associado ao subjuntivo parece estar relacionada à atuação da norma-padrão sobre os mineiros. Tendo em vista a alta produtividade das construções imperativas em cartas de *você-sujeito* (50%, 191 oco) e que a tradição gramatical prescreve o *você* como sujeito do imperativo com forma supletiva, é possível admitir que os

mineiros, escritores cultos, em sua maioria tenderam a se guiar pela norma-padrão na manifestação das construções imperativas.

(b) O *imperativo abasileirado* (forma de indicativo em contexto de *você-sujeito*, cf. PAREDES SILVA *et al.* 2000, p. 121) já estaria prenunciado em vestígios na escrita mineira culta tendo em mente que os escreventes tenderiam a privilegiar o imperativo supletivo?

Na análise dos dados em função do contexto de sujeito de 2SG das cartas, foram encontradas construções imperativas associadas ao indicativo em cartas de *você-sujeito* (5%, 9 oco) e em cartas de *tu/você-sujeito* (60%, 21 oco), confirmando a hipótese de que o *imperativo abasileirado* estaria prenunciado nas cartas mineiras do século XIX e XX. Ainda que o imperativo supletivo tenha prevalecido (81%, 315 oco) na amostra, haja vista a influência da norma-padrão sobre os escreventes, destaca-se que esse efeito parece não ter exercido uma atuação categórica, tendo em vista a existência dos vestígios do processo de *abasileiramento* do imperativo que reflete a fala mineira atual: forma imperativa com indicativo em contexto de *você-sujeito* cf. Scherre (2007, p. 192, 201). Além disso, salta aos olhos que as missivas de alternância entre *tu* e *você* como sujeito tenham sido profícuas para a concorrência entre as formas imperativas com prevalência do imperativo verdadeiro (60%, 21 oco), consistindo, assim, em um contexto produtivo para o *imperativo abasileirado*.

Tomando as formas verdadeiras como parâmetro, a expressão variável do imperativo de 2SG em função dos fatores considerados estatisticamente relevantes permitem algumas generalizações.

(a) As cartas de *tu/você-sujeito* mostram-se como um contexto altamente provável para a ocorrência do imperativo verdadeiro (60%. 21 oco, 0.903), não gratuitamente foi esse o condicionamento mais produtivo para a emergência do *imperativo abasileirado*, cf. Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), uma vez que favorece o acionamento de formas imperativas com indicativo em contexto de *você-sujeito*.

(b) A antecedência por formas do paradigma de *tu* (0.814, 0.810, 0.788, 0.751) consolidou-se como um fator propulsor para o imperativo verdadeiro, evidenciando a atuação do paralelismo formal e semântico na variação. Todavia, contrapondo essa influência, destaca-se o potencial para ocorrência do imperativo verdadeiro antecedido por *você-sujeito* pleno (0.694), cenário que parece evidenciar que os mineiros nem sempre se guiaram pela norma-padrão, segundo a qual o *você* é licenciado tão somente para o imperativo supletivo.

(c) Os verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta], contrariando a hipótese de Scherre (2004, p. 18; 2006, p. 13; 2007, p. 207) apresentaram-se como o condicionamento de maior produtividade para a manifestação do imperativo verdadeiro (26%, 42 oco, 0.647). Essa contradição pode ser justificada pela significativa expressividade desses verbos com forma imperativa associado ao indicativo em cartas de *tu-sujeito* exclusivo e em cartas de *tu/você-sujeito*, contextos em que o imperativo verdadeiro mostra-se proeminente.

(d) A polaridade afirmativa da sentença, embora quantitativamente não tenha predominado na amostra com o imperativo verdadeiro (20%, 71 oco), acionou uma alta concorrência entre o imperativo verdadeiro e o supletivo com relativa propensão às formas indicativas (0.542). Esse resultado infirma a hipótese de Scherre (2004, p. 8; 2007, p. 207), uma vez que esse contexto, apesar da elevada alternância entre as formas indicativas e subjuntivas do imperativo, favoreceu ainda que minimamente a expressão do imperativo verdadeiro. Nesse sentido, os escreventes mineiros, mesmo tendendo a se orientar pelo viés normativista, que prescreve o uso de sentenças afirmativas apenas com imperativo verdadeiro, parecem também se guiar pela informalidade própria do gênero carta pessoal.

(e) As cartas amorosas (75%, 9 oco, 0.886) constituíram um fator altamente provável para a emergência do imperativo verdadeiro, atestando as hipóteses de Pereira (2012, p. 68, 134) e de Silva (2013, p. 20-21). Esse resultado pode ser explicado pela relação de intimidade travada nesse contexto que, ao eleger o *tu* como a forma preferencial de tratamento, aciona, seguindo os preceitos da tradição gramatical, o imperativo com forma indicativa.

Em suma, essa dissertação estudou o estatuto variável do imperativo de 2SG nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas. Na análise, atestou-se a predominância das formas imperativas supletivas (associadas ao subjuntivo) sobre as formas imperativas verdadeiras (associadas ao indicativo). Essa prevalência está relacionada à alta produtividade de cartas com *você* na referência de sujeito que acionou a concordância com o imperativo supletivo, seguindo os preceitos da gramática normativa, indicando, portanto, que os mineiros, escritores legítimos representantes da norma culta, deixaram-se guiar pela tradição gramatical. Todavia, essa influência não impediu a emergência do *imperativo abasileirado*, cujos rastros fazem-se presentes nas cartas de *você-sujeito* exclusivo e nas cartas mistas (*tu/você-sujeito*), evidências que denunciam um processo de mudança em curso no PB, ratificando o caráter heterogêneo das línguas naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACIOLI, V. L. C. **A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos**. Recife: UFP/Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1994.
- AGUILLAR, R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indianos del siglo XVI. In: OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (ed.) **Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII**. Tübingen: Narr. 1998.
- ANDRADE, R. V. **Os salões municipais de belas artes e emergência da arte contemporânea em Belo Horizonte: 1960-1969**. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História da Arte) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- BAKHTIN, M. 2000. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, [1961] 2009.
- BERGE, D.; CASTRO, L. G. **Ars Latina: curso prático da língua latina**. Petrópolis: Vozes, 1946.
- BERLINCK, R. A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, 2017
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: BRIAN, D. Joseph; RICHARD, D. Janda (eds), *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003, p. 602-623.
- BYBEE, J. L. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford handbook of construction grammar**. Oxford University Press, 2013.
- CABRAL, C. A. (Org.). **Mares interiores: correspondência de Murilo Rubião e Otto Lara Resende**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Padrão. 1976.
- CAMPBELL, L. **Historical linguistics**. Cambridge, MIT Press, 2000.
- CARDOSO, B. O imperativo gramatical brasileiro em Santa Catarina: uma análise laboviana dos fatores internos. **Working Papers em Linguística**, v. 16, n. 1, p. 142-156, 2015.
- CARDOSO, D. B. B. O imperativo gramatical no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 317-240, 2006.
- CARDOSO, D. B. B. **Variação e Mudança no Português Brasileiro: gênero e identidade**. Tese (Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília) - UNB, Brasília, 2009.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014 [2010].
- CASTRO, I. Enquanto os escritores escreverem. In: **Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina**. Campinas: UNICAMP. Vol I - Conferências Plenárias, 1992.

- CASTRO, I. O retorno à filologia. In: PEREIRA, C. da C.; P. R. D. PEREIRA (Orgs.) **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CAVALCANTE, M. C. B. **Situação comunicativa**. Belo Horizonte: UFMG, 2014 (Glossário CEALE - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores).
- CHOMSKY, N. **The logical structure of linguistic theory**. Cambridge, MA: Mimeo MIT. 1955.
- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos. 2007.
- CORRÊA, D. **Sete Lagoas: Biografias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2010.
- COSTA, A. C. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. **Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944**. Natal: EDUFRN, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1985] 2007.
- CUNHA, E. **Programa especialista**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <www.linkedin.com/in/edsoncunha>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- DINIZ, J. S. **A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX**. 2018. 159 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- DUARTE, C. L. **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Autêntica, 2018.
- ELSPASS, S. The Use of Private Letters And Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012. p. 156-169.
- EVANGELISTA, E. M. **Fala, Vitória!** A variação do imperativo na cidade de Vitória/ES e sua posição no cenário nacional. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. 2010.
- FARACO, C. A. **The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion**. Tese de doutorado. University of Salford, 1982
- FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARIA, E. **Gramática superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [1958] 1995.
- FARIA, I. H. O uso da linguagem. In: MATEUS, M. H. M *et al.*. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006. p.55-84.

FAVARO, G. S. **Estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria**. Tese de Doutorado – Unesp/Araraquara, 2016.

FIGUEIREDO, R. **A alternância tu e você em cartas familiares e amorosas novecentistas**. Monografia de fim de curso de Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2013.

FIORIN, J. L. Língua e história em Saussure. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 21, n. 34, 2014.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. **Manual para normalização de publicação técnico-científica**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

GALVÃO, M. A. M.; SILVA, L. A. Notas sobre a amizade: um estudo acerca do envolvimento interacional em cartas pessoais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 2, p. 309-341, 2012.

GARCIA, A. S. Uma tipologia semântica do verbo no Português. **SOLETRAS**, Ano IV, Nº 08. São Gonçalo: UERJ, 2004.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial. 2007

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2014.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell. 2012, p. 63-79.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** (conciso). São Paulo: Moderna, 2011.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (ed.): **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**, Salvador: EDUFBA, 2006.

KOCH, P. Urkunde, Brief und öffentliche Rede. Eine diskurstraditionelle Filiation im Medienwechsel, **Das Mittelalter** 3, p. 13-44, 1998.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Sprache der Nähe** – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. **Romanistisches Jahrbuch** 36, 1985. p.15-43.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Schriftlichkeit und Sprache. In: GÜNTHER, H.; LUDWIG, O. (ed.) **Writing and Its Use. An Interdisciplinary Handbook of International Research**, vol. 1. Mouton de Gruyter: Berlin, 1994. p. 587-604.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. **Word**, v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963.

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, v. I.

LABOV, W. **Principles of Linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001. v. 2.

LOBO, T. C. F. Arquivos, acervos e reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; SOLEDADE, J. (Orgs.) **Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias [online]**. Salvador: EDUFUBA, 2009.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S F & VIEIRA, S. R. (Orgs). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. In: **Linguística**. 2011, v.25, p. 30-65.

LOPES, C. R. S.; VIANNA, J. B. S. A competição entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

LUZ, R. D. **O tratamento na produção epistolar de João Pinheiro da Silva**: análise sociopragmática de *tu x você* e respectivas formas gramaticais. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATTOS E SILVA, R V. Orientações atuais da Linguística Histórica brasileira. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. 3, 1999.

MEGALE, H.; CAMBRAIA, C. N. Filologia portuguesa no Brasil. **DELTA [online]**. 1999, vol.15, n.spe, pp.01-22. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000300001>.

Milroy, J. **Linguistic variation and change**. Oxford: Blackwell, 1992.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto. 2004.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa, p. 63-80, 2003.

PAIXAO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. In: PFEIFER, C.; NUNES, J. H. (Orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem*: linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes, 2006, v.3, p. 11-48.

PAREDES SILVA, V. L. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado), 1988.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G.; RIBEIRO, T. Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo. **Revista Gragoatá**. UFF, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.

PEREIRA, R. O. **O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RAVIZZA, J. P. **Gramática latina**. 9. ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, José Olympio. 2011 [1972].

ROJO, R. H. R. **Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In.: MEURER, J.L., BONINI, A. e MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. New York. 2010 [1982]. 159

RUMEU, M. C. B. **A implementação do *você* no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel**, 2008, 276 f. 2008. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RUMEU, M. C. B. **Língua e sociedade: a história do pronome *você* no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

RUMEU, M. C. B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 19, p. 310-341, 2016.

RUMEU, M. C. B. A inserção do *você* no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. **LaborHistórico**, v. 5, n. Especial 1, p. 15-38, 2019.

RUMEU, M. C. B.; CARVALHO, L. F. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 25, n. 44, p. 391-409, 2018.

SAMPAIO, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995[1916].

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P. A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, M. (org.) **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 217-251.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, D. E. G.; LARA, G. M. P. & MAGAZZO, M. A. (orgs.) **Estudos de Linguagem – Inter-relações e Perspectivas**. Campo Grande, Editora da UFMS. 2003. p. 177-191.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso - o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Org.). **O Português do Brasil - Perspectivas da pesquisa atual**. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana - Vervuert, 2004, v. 1, p. 231-260. 160

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito**. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**. 2007, v.51, n. 1, p. 189-222.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil –uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2007. p.306-319.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**, 2012. v. 04, p. 01-32.

SCHERRE, M. M. P. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. **Papers in sociolinguistics. N.WAVE-26 à l'Université Laval. Québec: Nota Bene**, p. 63-72, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; OLIVEIRA, H. R.; FREITAS, V. A. L.; JESUS, E. T.; DIAS, J. G. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)**, Florianópolis, 2000. p.1333-1347.

SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. **História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica**. *Jornal Finos Leitores*: <http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp>, 2007.

SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, D. B. B.; LUNGUINHO, M. V. S.; SALLES, H. M. M. L. Reflexões sobre o imperativo em Português. São Paulo: **DELTA**, 2007. v.23, n.spe, p. 193-241.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação lingüística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, 2011.

SCHERRE, M. M. P.; TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C. Variação e mudança na fala e na escrita: caminhos e fronteiras. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 8, n. 10.1, p. 87-106, 2014.

SCHILLING-ESTES, N. Constructing ethnicity in interaction. **Journal of Sociolinguistics** 8, 2004.

SCHIFFRIN, D. Tense variation in narrative. **Language**, LSA, 57(1):5-62, mar, 1981.

SEARLE, J. R. **Speech acts: An essay in the philosophy of language**. Cambridge university press, 1969.

SILVA NETO, S. **História da língua portuguesa**, v. 3, [1957] 1986.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SILVA, A. G. Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX. **LaborHistórico**, v. 4, n. 2, p. 81-91.

SILVA, E. N. **Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro.** Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, E. N. **Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre.** Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, V. **Murilo Mendes: da história satírica à memória contemplativa.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX.** Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

VALE, L. V. P. **Concepções estéticas em Aníbal Machado:** a originalidade criadora em seus contos. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics.** University of Texas Press. 1968.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português.** Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, v. 6, n. 1.5, 1975 [1938].